

Marmelópolis

EM BUSCA DE NOSSAS

Raízes

Alzília Alves

Ana Flávia Coura



Marmelópolis

Em busca de nossas raízes

Alzília Alves
Ana Flávia Coura



Prefeitura Municipal de Marmelópolis

Proibida a reprodução total desta obra. No entanto, a mesma pode ser reproduzida em parte, desde que citadas a fonte e autoras.

Capa

Juliano José da Silva (desenhos)
José Renato Ribeiro (foto)
Antonio Miguel Evair da Mota (diagramação)

Revisão

Ana Flávia Ribeiro Coura
Antonio Miguel Evair da Mota

Diagramação

Antonio Miguel Evair da Mota

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pinto, Alzília Antônia Alves
Marmelópolis: Em busca de nossas raízes / Alzília Antônia Alves
Pinto, Ana Flávia Ribeiro Coura. – 1. ed. – Atibaia, SP : Gavioli Edições, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-65-84606-06-7

1. História do Brasil 2. Marmelópolis (MG) - Aspectos culturais 3. Marmelópolis (MG) - Aspectos econômicos 4. Marmelópolis (MG) - Aspectos sociais
5. Marmelópolis (MG) - História I. Coura, Ana Flávia
Ribeiro. II. Título.

23-145037

CDD-981.51

Índices para catálogo sistemático:

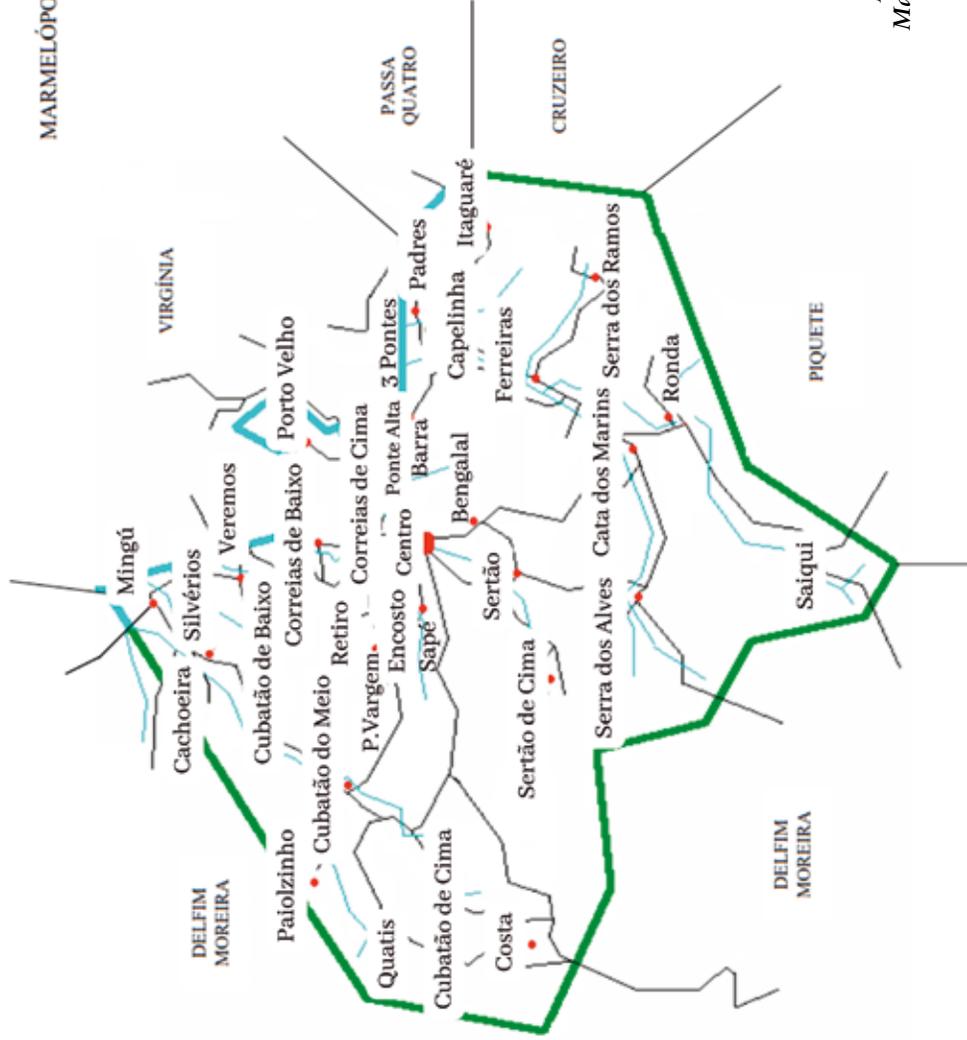
1. Marmelópolis : Cidade : Minas Gerais : História 981.51

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

*“Quando uma história é contada, não é esquecida.
Ela se torna outra coisa, a memória de quem éramos,
a esperança de quem podemos nos tornar”
(Tatiana de Rosnay)*



MARMELÓPOLIS-MG



Mapa confeccionado por
Márcio Aurélio Ribeiro Coura

Marmelópolis 60 Anos

Em Busca de Nossas Raízes

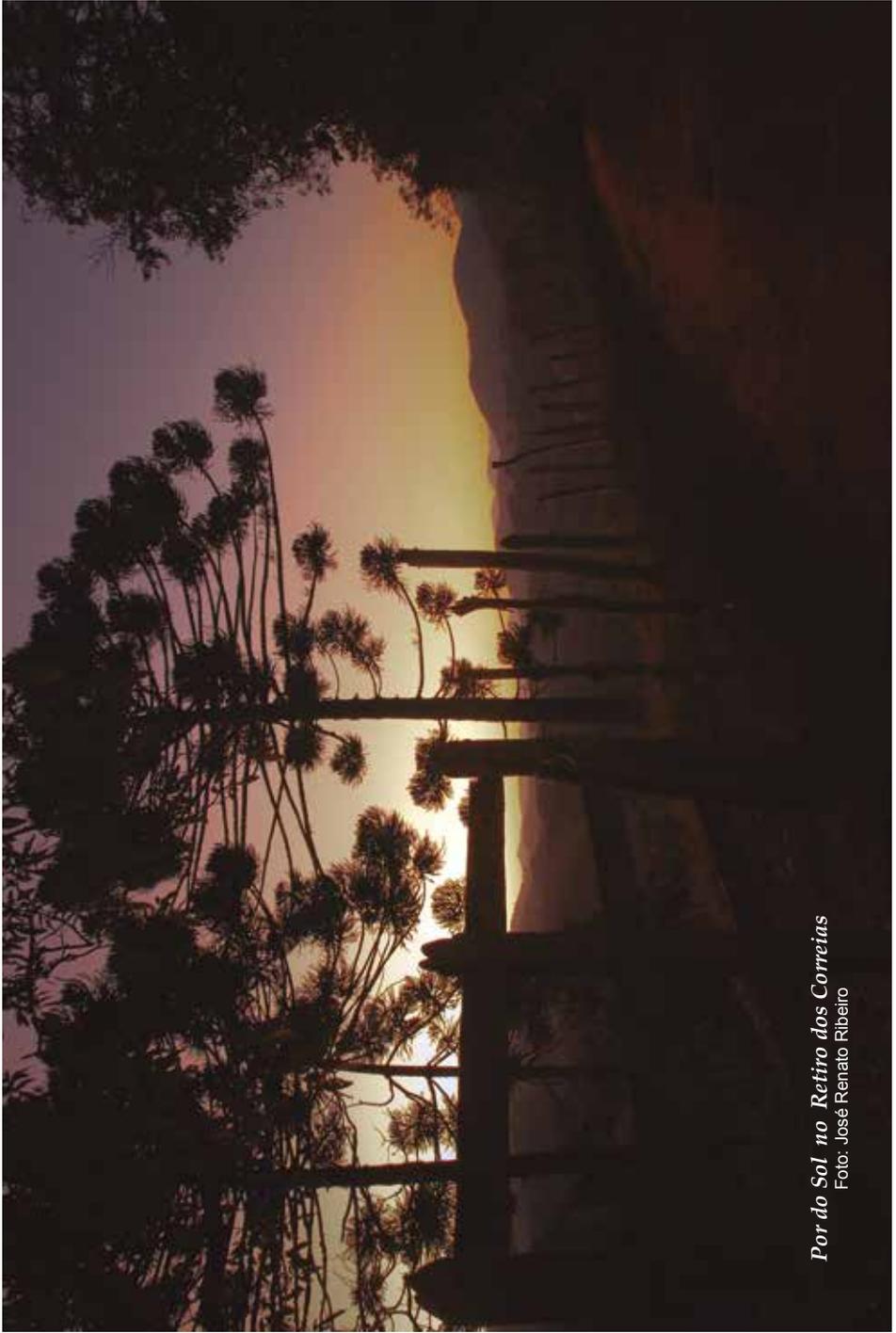
A mais frondosa árvore pode exibir linda folhagem, flores coloridas e perfumadas, frutos saborosos e suculentos, mas esconde aquilo que a fez crescer, aquilo que lhe deu segurança, que a manteve firme no solo durante as fortes ventanias; nem sempre as raízes se apresentam a nós com toda a sua importância. Por vezes é preciso o esforço de descer, de sujar as mãos na terra, afastar as pedras para vislumbrar os rebentos de onde “as histórias” se desenvolvem.

Essa difícil tarefa da descida, da busca pelas raízes, foi exercida com muito esmero pelas autoras que nos brindam com narrativas pitorescas colhidas cuidadosamente em longas conversas e fecundas entrevistas com aqueles que transmitem oralmente os contornos das nossas raízes. Os registros das lembranças e o recompor das memórias, foram configurando um rico material que possibilitará às futuras gerações melhor entender sua história, pois quando resgatamos nossas raízes resgatamos um pedaço de nós mesmos.

Sabemos que todo esforço jamais dará conta de desvelar cada fato e cada canto da nossa história, cada pessoa traz o infinito dentro de si e ao se relacionar com o outro em cada época vai recriando um novo mundo. Partindo disso o livro não contém todas as histórias ou todas as pessoas que são importantes para mim ou para você, mas acreditamos que esse trabalho é só um início, continuaremos compondo e contando nossa história, buscando reconexão com nossas raízes e, certamente, permitindo que alarguemos o significado de pertença e de legado.

Desejo que a leitura desse livro e a apreciação das imagens te permitam a descida às raízes da história dessa terra especial e desse povo simples e fagueiro.

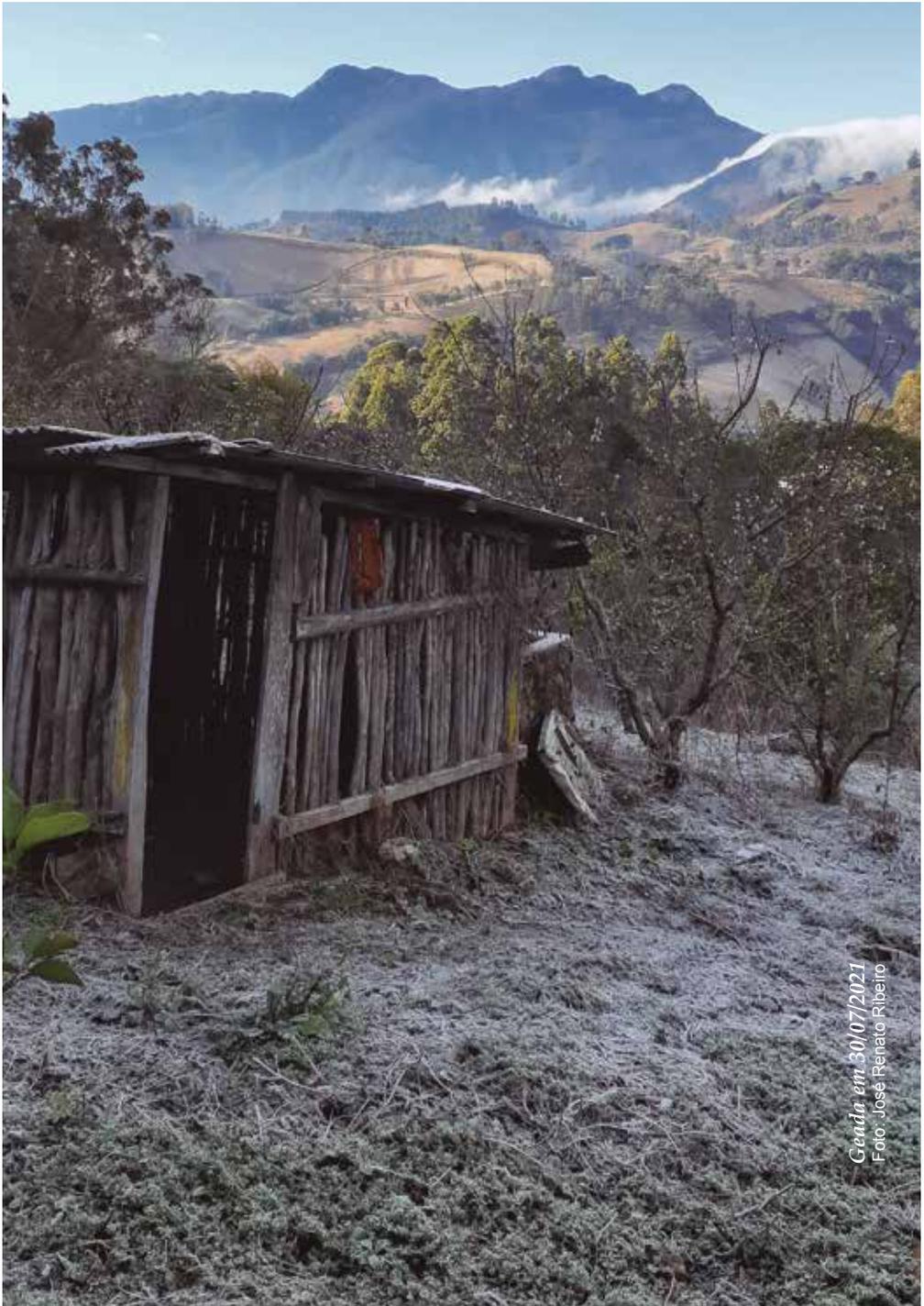
Juliano José da Silva
Secretário de Cultura e Turismo
Marmelópolis - MG



Por do Sol no Retiro dos Correias
Foto: José Renato Ribello

Sumário

Marmelópolis 60 anos	5
Sumário.....	7
Apresentação	9
Capítulo 1 Dados Geográficos	11
Capítulo 2 A origem	15
Capítulo 3 Origem dos nomes dos bairros.....	35
Capítulo 4 Plantio e desenvolvimento do marmelo	49
Capítulo 5 Instalação das fábricas	53
Capítulo 6 O trabalho.....	79
Capítulo 7 Emancipação política	101
Capítulo 8 Cultura religiosa	119
Capítulo 9 Educação.....	145
Capítulo 10 Instituições, associações e espaços públicos ..	155
Capítulo 11 Símbolos Municipais.....	169
Capítulo 12 Acontecimentos marcantes	173
Capítulo 13 Esportes.....	185
Capítulo 14 Festas	195
Capítulo 15 Causos e lendas	207
Capítulo 16 Marmelo: da escassez à produção atual	215
Capítulo 17 Natureza	219
Capítulo 18 Entrevistados e colaboradores	225
Referências Bibliográficas.....	235



Geada em 30/07/2021
Foto: José Renato Ribeiro

Apresentação

Com esta obra pretendemos resgatar um pouco da memória do nosso povo de Marmelópolis, para que as novas e futuras gerações possam conhecer e divulgar sua história. Aqui os fatos são narrados de maneira simples, baseados em depoimentos ou sustentados por documentos.

Vale lembrar que a História do nosso município vem sendo escrita, diariamente, desde os primórdios de sua fundação, por todas as pessoas que viveram e vivem neste lugar, que lutaram e lutam pelas causas e conquistas desta cidade.

Decorridos tantos anos, muitos fatos sem registros se perderam, tendo ficado por tempos, apenas na memória das muitas pessoas que já se foram. Investigar, resgatar e atualizar todos os acontecimentos e mudanças representaria, dentro das nossas possibilidades, algo praticamente impossível. Porém não nos faltaram esforços para apresentar, nestes escritos, considerações e relatos que possibilitem a outras pessoas dar continuidade ou ampliar a concepção do que seja a história de Marmelópolis.

Esperamos que as leitoras e os leitores possam se envolver com este trabalho, que foi realizado com muita dedicação, carinho e amor a esta região. Manifestamos nossa preocupação em escrever com objetividade e veracidade, embora saibamos que falhas involuntárias possam ocorrer, às quais antecipamos nossos pedidos de desculpas, mais ainda, de perdão.

Agradecemos ao atual Prefeito Camilo Alberto Ribeiro da Silva (2017-2020/2021-2024), pela confiança a nós atribuída, por seu apoio e incentivo, e por nos oferecer as condições necessárias à realização de tão honrosa tarefa. Não poderíamos deixar de estender estes agradecimentos à Secretaria de Educação e Cultura, aos funcionários das repartições públicas que nos atenderam e a todas as pessoas que gentilmente colaboraram, fornecendo-nos dados, informações, fotografias, identificações e depoimentos valiosos. A todos a nossa sincera gratidão.

E com alegria apresentamos às leitoras e leitores o resultado desta histórica e emocionante missão.

As autoras.



Lobo Guarani - Bairro Sapé
Foto: José Renato Ribeiro

Capítulo 1

Dados Geográficos



A cidade de Marmelópolis está localizada na região sul do estado de Minas Gerais. Tem altitude de 1.277 metros, área de 108,1 km² e contingente populacional de cerca de 3.169 habitantes, conforme censo demográfico do IBGE, de 2022. Possui como limites geográficos os seguintes municípios: Delfim Moreira (MG), Virgínia (MG), Passa Quatro (MG), Piquete (SP) e Cruzeiro (SP).

O município de Marmelópolis situa-se na região da Serra da Mantiqueira. Esta é uma cadeia montanhosa com cerca de 500 km de extensão, que se estende por três estados brasileiros: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em alguns pontos esta serra forma uma divisa natural entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, como é o caso de Marmelópolis, que tem como coordenadas geográficas 22°27'2" de latitude sul e 45°9'54"

Foto: José Renato Ribeiro



de longitude oeste, estando próxima a grandes elevações como o Pico dos Marins (2.422m) e o Pico do Marinzinho (2.393m).

O município tem a totalidade do seu território pertencente à APA (Área de Proteção Ambiental) Serra da Mantiqueira e integra o Circuito Turístico Caminhos da Mantiqueira, abrigando, inclusive, duas RPPN's (Reserva Particular do Patrimônio Natural), a Pedra Montada e a Kahena.

Possui um clima Tropical de Altitude, com invernos secos e frio rigoroso. Apresenta, inclusive, temperaturas negativas nas madrugadas mais frias, quando seus campos, algumas vezes, amanhecem cobertos de geada, devido à redução do volume das chuvas, normalmente durante o outono, entre o fim de março e o fim de junho. Os verões são suaves, amenizados pela altitude da Serra da Mantiqueira e pela alta pluviosidade da estação.

Cortado pelos rios Lourenço Velho, do Sertão, do Cubatão, da Cata dos Marins, do Sapé, do Paiolzinho, do Itaguaré, da Ronda, da Serra dos Ramos, da Serra dos Alves e do Saiqui, o município possui várias cachoeiras. As águas geladas desses rios favorecem a criação de trutas.

O solo é fértil, arenoso, argiloso, calcário ou húmífero. A terra argilosa predomina nas montanhas e a terra húmífera nos lugares mais baixos. A terra calcária e arenosa fica na serra do Cubatão e às margens do

rio Lourenço Velho. Extrai-se, também, a argila vermelha, que é usada na fabricação de tijolos para construção civil.

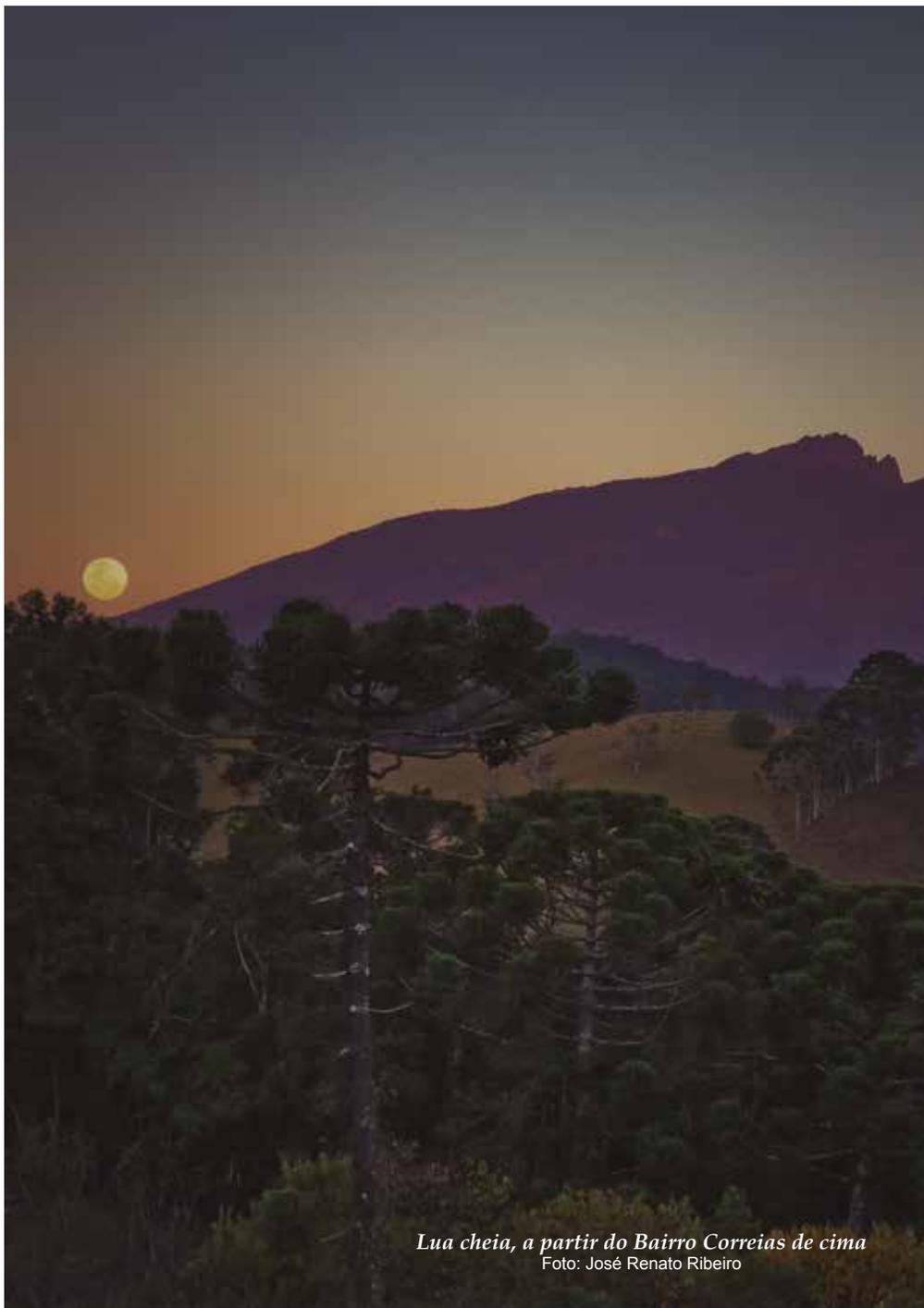
A vegetação local é composta por florestas nativas, pastagens, matas e lavouras comerciais e de subsistência. Nas pastagens destacam-se o capim gordura e as gramíneas, enquanto nas matas tem-se eucaliptos, araucárias, videiras, ipês, guatambus, jacarandás, maçarandubas, quaresmeiras, cedros, candeias, entre outras. As lavouras de subsistência são compostas por plantação de milho, feijão, legumes e verduras. As lavouras comerciais são as de marmelo, pêssego, ameixa, batata, tomate, morango, etc.

Os bairros que formam a zona rural do município são: Barra dos Marins, Bengalal, Cachoeira, Capelinha dos Marins, Cata dos Marins, Correias, Cubatão, Itaguaré, Mingu, Padres, Paiolzinho, Ponte Alta, Porteira da Vargem, Porto Velho, Quatis, Retiro, Ronda, Saiqui, Sapé, Serra dos Alves, Serra dos Ramos, Sertão, Silvérios e Veremos. Na zona urbana temos os bairros São José, Santa Rita, Olaria e Turma (também chamado de Santana).

Entre os pontos turísticos destacam-se, entre outros, a Cachoeira do Cubatão, Cachoeira Santa Bárbara, Cachoeira dos Padres, Cachoeira do Mingu, Pedra Montada e o Pico dos Marins, localizado na divisa entre Minas Gerais e São Paulo.



Foto: José Renato Ribeiro

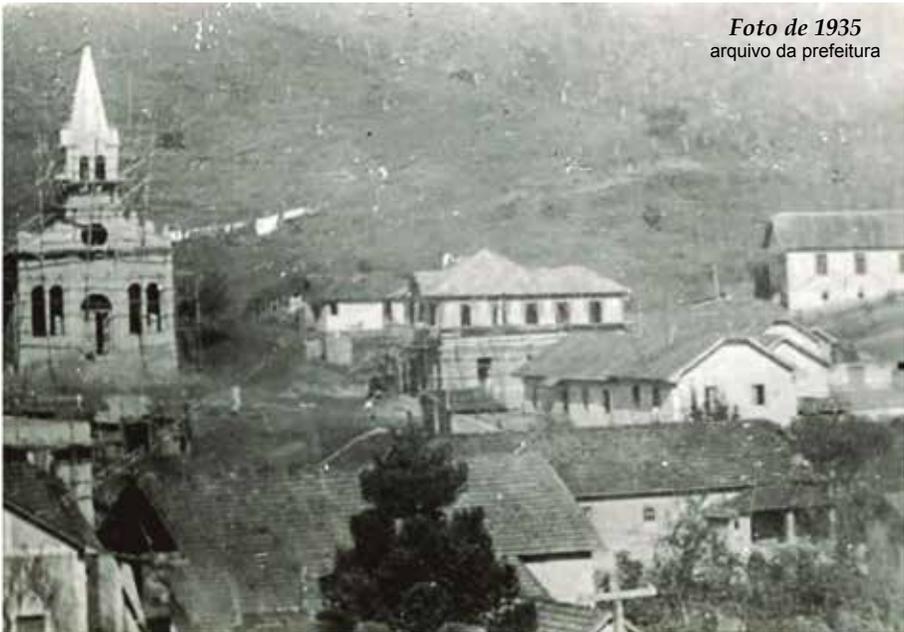


Lua cheia, a partir do Bairro Correias de cima

Foto: José Renato Ribeiro

Capítulo 2

A origem



Antecedentes Históricos

De acordo com o Histórico de Marmelópolis, publicado em um Dicionário Escolar pela Prefeitura Municipal em 1994, “antes da chegada do homem branco na região, vivia por aqui a tribo dos índios Timbiras”. Tal informação ainda não pôde ser comprovada, uma vez que até o momento não foram encontrados vestígios capazes de confirmar que os indígenas que habitaram este território fossem desta etnia, já que estes eram predominantes no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins. No

entanto, outras etnias habitaram a região e podem ter passado pelas terras da atual Marmelópolis.

Segundo estudos de um de nossos entrevistados, o historiador Gustavo Uchôas Guimarães em “Um resgate da história indígena Sul Mineira - Presença indígena no município de Virgínia”, dentre as populações indígenas sul-mineiras podemos destacar: os Puris, cuja palavra significa “homens ousados”; os Cataguás, palavra que significa “gente boa”; os Abatinguaras, na região de confluência dos rios Grande e Sapucaí, que significa “devoradores de gente branca”; os Mandiboias, na região do rio Verde que significa “os cobra enrolados”; os Moropaks, na região do rio Sapucaí, que significa “gente esperta”; além dos povos Lopo, Guanhões, Caxinés, Puri-mirins e Mariquilás, todos nas elevações da Serra da Mantiqueira.

Muitos desses povos eram semi-nômades, ou seja, migravam de tempos em tempos. A partir do século XVIII esses povos indígenas, culturalmente distintos entre si, foram afetados pela crescente povoação colonial do sul de Minas Gerais, em razão da descoberta do ouro. Os Carijós (“Descendentes dos Anciãos”) foram trazidos para essa região por pioneiros e acabaram por constituir a população indígena que contribuiria para a ocupação humana desse espaço. Todos esses grupos humanos deixaram marcas que colaboram para uma melhor compreensão dos comportamentos e relacionamentos atuais.

Um dos aspectos que nos remetem às influências indígenas dessa região e que passou a incorporar a cultura regional é a fala, com características e nuances do dialeto caipira. Tal dialeto começou a se formar durante o movimento que ficou conhecido como “Bandeiras”, no século XVII, e que foi responsável por difundir a mescla de contribuições portuguesas e indígenas, principalmente por São Paulo, Minas Gerais e áreas rurais do Centro e Oeste do Brasil. Tem-se, como exemplo, o “r” retroflexo, (puxar o “r” no meio da palavra) e o rotacismo (troca do “l” pelo “r”), além da supressão de consoantes finais e troca do “lh” por “i”.

Outrossim, tem-se as denominações geográficas de localidades próximas, tais como Caetê (que significa mata primitiva), Muquém (que significa carne preparada na brasa) e Jacu (nome de um pássaro). Ainda sob a força dos costumes herdados dos indígenas, a título de exemplos, há o uso de plantas para efeitos curativos e o sistema de plantio praticado por pequenos agricultores (extração de ervas daninhas e arbustos por carpina ou queima, no preparo do solo para o plantio).

A configuração da formação cultural conta com algumas lendas sobre os indígenas da região, que muito contribuem para enriquecer a nossa cultura. Uma destas é “A Lenda do Gigante Adormecido”, escrita por Marcos A. Melo e pode ser acessada pelo link <https://nativo-puri.blogspot.com/2018/03/a-lenda-do-gigante-adormecido.html> (visitado em 10/07/2022):

“Era uma vez, repousando entre os braços maternos da Serra da Mantiqueira, um vale maravilhoso habitado por uma tribo dos índios Puri. O nome puri significa “gente mansa, pacífica”, e, em harmonia com tal nome, eles viviam ali em plena paz uns com os outros e com a natureza.

No centro da aldeia ficava uma grande pedra, considerada sagrada pelos puris. Chamavam-na “iñan”. E não poderia ser mais simbólico, pois “iñan” significa “mãe”. Sobre a pedra-mãe costumavam abater suas caças e preparar seus alimentos, e ao redor dela se reuniam para comer e festejar. Também nas reuniões da assembleia indígena, o velho cacique sentava sobre a pedra sagrada e de lá, com sua notória sabedoria adquirida no decurso de muitas épocas, aconselhava acerca das questões trazidas pelo povo.

Foi numa dessas reuniões que o cacique, o qual há muitas luas andava calado e pensativo, revelou à tribo o motivo de sua grande preocupação: tendo conversado com respeitadas irmãs de outras tribos, tomara conhecimento de uma grande ameaça que pairava sobre o vale. Tratava-se de uma cruel e desconhecida tribo, que vinha causando terror por onde passava. Era uma gente de pele branca e hábitos bárbaros, que abria caminho derrubando árvores e queimando as matas. Poluíam com seus lixos os rios, e, aos animais, matavam não só para comer, mas às vezes por puro prazer. Muitas tribos numerosas dotadas de poderosos guerreiros já haviam sido dizimadas pelos invasores. Em seu avanço indomável em busca de ouro e riquezas, inevitavelmente chegariam ao lar da pequena e indefesa tribo Puri.

Os índios não dormiram naquela noite. Acostumados a encarar de frente todos os perigos das matas, intimidavam-se agora prestes a enfrentar um bicho novo e atemorizante. Um bicho feroz e voraz chamado bandeirante.

Poucas luas depois, a profecia se concretizou. Eles vieram com suas armas poderosas, carregando um grande baú recheado de ouro

e diamantes, o qual, na sua insaciável ganância, só queriam aumentar mais e mais.

Aos indefesos nativos, a bandeira escravizou, e para as minas levou, obrigando-os a trabalhar na extração de ouro para abastecer seu tesouro.

O líder dos bandeirantes era mais cruel do que todos os outros. Os índios o chamaram Ponã, que na língua puri significa onça, o bicho mais traiçoeiro da mata. Enquanto os demais forasteiros estavam apenas cegados pela cobiça do ouro, este um parecia mesmo gostar de fazer maldades. Ria-se ao assistir os nativos serem punidos por qualquer rebeldia, gargalhava ao ver os índios velhos se encurvarem sobre o peso das picaretas, divertia-se com o desespero das índias chorando o castigo de seus curumins fraquinhos e a perda de seus maridos, tombados pelo cansaço. E, sem nada poder fazer para se livrar, os índios resignavam-se em orar ao seu deus sol e à deusa lua. Clamavam ao raio e ao trovão.

Um dia, Ponã, o bandeirante mal, tentou castigar um curumim faminto que lhe roubara um pedaço de carne, mas o indiozinho correu tanto e foi parar nos recônditos da mata, onde ninguém nunca havia ido. Lá, o espantado curumim deparou com um índio gigante, que dormia despreocupado deitado à sombra da serra. O curumim pisou num galho seco e o gigante acordou.

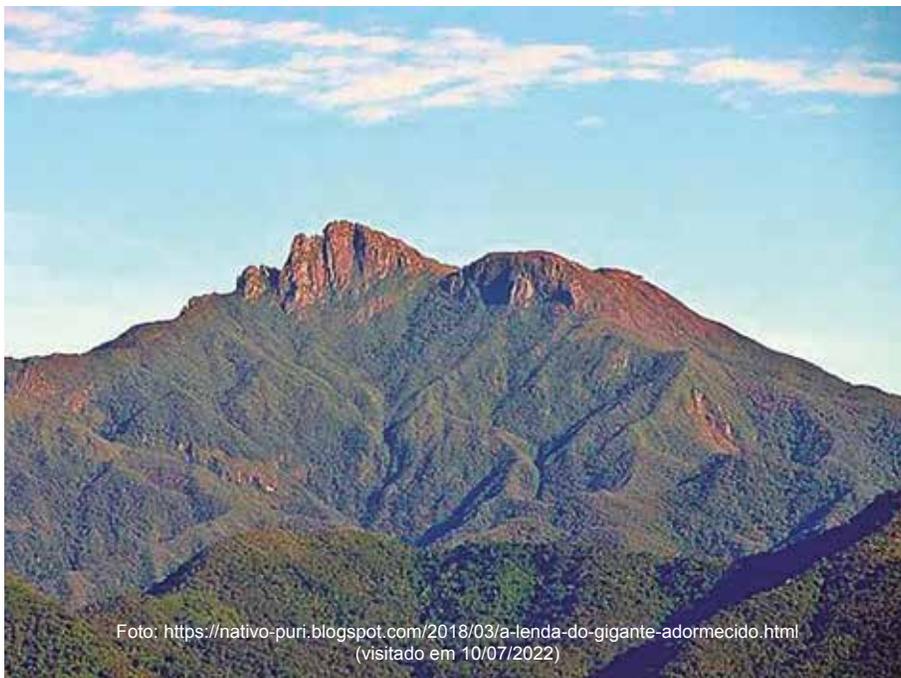
— Que fazes nos meus domínios, ó pequenino?

O gigante não parecia mal. O curumim contou-lhe a desgraça de seu povo, mas aquele se mostrou indiferente ao seu sofrimento.

— Sou o último remanescente de minha tribo — respondeu o gigante — há muito vivo aqui, na montanha, escondido e só. As questões alheias não me interessam. Agora vá embora, pois não quero perder minha paz.

Mas o curumim derramou uma lágrima tão pura que o coração do gigante se enterneceu. Colocando o indiozinho sobre o ombro direito, saiu marchando rumo ao acampamento dos bandeirantes determinado a acabar com a razão do seu choro.

Os invasores tremeram as pernas quando o viram, foi uma correria só. Mas, parecendo temer mais os gritos furiosos de seu líder do que o próprio gigante, pegaram suas espingardas, como Ponã lhes ordenava, e puseram-se a disparar contra o oponente, em direção a sua cabeça



enorme. Ignorando os tiros, o grandalhão arrancou uma árvore e com ela golpeou Ponã, que foi arremessado longe e, quando caiu, não levantou mais.

Bastou derrubar o líder e lá se foi a coragem dos expedicionários. Na pressa de fugir, deixaram para trás até o baú do tesouro, pois suas vidas valiam mais do que o ouro.

Libertos do cativo, os puris convidaram seu salvador a ir com eles até a aldeia. Lá, em homenagem ao novo amigo, ofereceram um grande banquete que durou muitos dias e noites. E ao redor da iñan, a pedra-mãe, dançavam a dança dos puris, cantando a derrota do homem branco e louvando a coragem do seu gigante herói. Chamaram-no Lakaré Xatã, que significa braço amigo.

Entre as comemorações, o velho cacique decidiu esconder o tesouro, pois outros poderiam vir a sua procura. O gigante se ofereceu para a tarefa. Já caía a noite quando Lakaré Xatã penetrou na mata escura levando o pesado baú. Os índios esperaram até alta madrugada, mas de lá ele não voltou mais.

Na manhã seguinte, a serra estava mais linda do que nunca, mas nela havia algo diferente: em certo ponto, a Mantiqueira agora exibia os contornos perfeitos da silhueta de um homem, um homem imensamente grande, um gigante, deitado tão tranquilamente como o mais dócil puri.

Alguns índios diziam que o gigante fora ferido pelos tiros, sim (só não se viu o sangue devido à enorme distância entre sua cabeça e o chão), e que fora embora para que seus amigos puris não o vissem morrer. Mas tombou lá na serra, onde seu corpo, em vez de se decompor, virou rocha instantaneamente, desenhando na montanha um novo e perene contorno. Outros afirmavam, no entanto, que o Lakaré Xatã partira ileso, ansioso de voltar a sua existência solitária. Mas, diante da ameaça do ataque de outros bandeirantes, sua preocupação com os novos e diminutos amigos o fez ficar. Deitou-se sobre a serra, e lá passou a dormir o sono imenso dos gigantes, pronto a despertar quando novamente os índios e a mata corressem perigo.

E, desde aquele episódio (...) a aldeia passou a se reunir todas as noites ao redor da pedra-mãe, onde os índios mais velhos não se cansam de contar aos indiozinhos a história de seu gigante amigo, para não deixar morrer a memória daquele ser especial. A cada noite em que a história era contada, os curumins iam dormir sonhando com aquela tamanha aventura, e, ao acordar, de manhã, ao canto dos pássaros, olhavam enternecidos para a serra, onde, entre as fendas e picos, para sua surpresa e deleite, por um breve instante, o Gigante Adormecido parecia sorrir.

O tesouro continua lá até hoje, no Vale do Gigante, escondido em algum lugar.”

A presença indígena nos limites do município de Marmelópolis é um tópico que merece ser investigado, dada a sua relevância para uma maior compreensão da formação desta povoação. A partir de dados e análises sobre aspectos étnicos, sociais e históricos, é possível deduzir que o domínio de Marmelópolis foi habitado, ou ao menos serviu de passagem para povos indígenas que tiveram sua trajetória interferida pelos colonizadores.



*Dona Juvina, descendente de indígenas,
conforme relato de Felomena G. da Fonseca*
(foto do arquivo da família de D. Felomena)

A pesquisa sobre a presença indígena no município de Marmelópolis necessita, entre outras ações, de um número maior de entrevistas com pessoas capazes de fornecer informações e pistas para a cognição deste acontecimento. Alguns relatos abrem possibilidades para novas buscas e estudos específicos, dentre eles destaca-se a narrativa de Terezinha Ribeiro Borges, que se declara descendente de indígenas. Segundo ela, seu bisavô era indígena e se chamava Adão. Dona Terezinha tem aproximadamente 80 anos e sempre viveu no bairro Capelinha dos Marins. Outro entrevistado, o Sr. José Carlos de Moraes, de 67 anos, nascido e

criado no bairro Serra dos Ramos, afirma ser bisneto de um indígena conhecido por Pachico. Sua mãe guardava algumas cuias e gamelas de madeira feitas por ele. Na sua propriedade, em um dos pontos mais altos, há uma gruta onde supostamente viveu a tribo indígena da qual ele é descendente. A entrevistada Sra. Felomena Gonçalves da Fonseca, nascida em 1938, também afirma que sua avó materna (mãe de sua mãe Juvina) era indígena.

Como consequência da colonização, os indígenas foram vencidos pelas conquistas bandeirantes, mas sua natureza de força e coragem está enraizada nos seus descendentes, como afirma Heitor Nunes de Souza no “Esboço Histórico de Itanhandu e Itamonte”, página 18 “(...) raça cujo sangue quente e forte restam as pulsações de muitos corações, através de gerações várias de notáveis brasileiros.”

A Origem

Para compreender a origem do município de Marmelópolis, precisamos nos ater ao período colonial, mais especificamente à época dos bandeirantes. A denominação bandeirante foi dada aos sertanistas que, a partir do século XVI, penetraram o interior do Brasil em busca de ouro e prata, além da caça e captura de indígenas para serem usados como mão de obra em lavouras e garimpo. As expedições bandeirantes tiveram grande importância para o povoamento do território brasileiro, pois ao longo dos caminhos percorridos e abertos pelos pioneiros surgiram várias aldeias e, nestas, as atividades econômicas expandiram-se rapidamente.

Nesse contexto, o rio Santo Antônio foi uma importante via de acesso das bandeiras que cruzavam o território das Minas Gerais, durante a era do ouro, iniciado no final do século XVII. Seu leito foi utilizado por bandeirantes como via de penetração em busca do ouro e, aos poucos, os exploradores foram povoando as suas margens.

De acordo com o livro “Construtores de nossa história” da Secretaria Municipal de Educação de Delfim Moreira, sob coordenação de Edméia Guimarães Alkmin, há algumas divergências nos estudos quanto à responsabilidade atribuída ao desbravamento das terras do município vizinho, o atual Delfim Moreira. As primeiras entradas são atribuídas, por alguns estudiosos, ao bandeirante Manoel de Borba Gato. Outros conferem estas ações ao sertanista Miguel Garcia Velho. Ambas as incursões, porém, levaram ao descobrimento do ouro na região. Pouco a pouco, vários arraiais foram se formando. Os habitantes de um desses arraiais adotaram Nossa Senhora da Soledade como padroeira local. Este lugarejo foi prosperando e, em 1762, foi elevado à Freguesia de Nossa Senhora da Soledade de Itajubá, e posteriormente, em 1938, tornou-se o município de Delfim Moreira. Vale lembrar que a palavra Itajubá é de origem Tupi e significa queda d’água, sendo literalmente traduzida como “o rio das pedras que do alto cai” (cascata, cachoeira).

É para esta região que, no início do século XIX, vieram os portugueses Antônio José Ribeiro e sua esposa Dona Ana Inácia Ribeiro, juntamente com seus filhos Rita e Manoel Ribeiro de Carvalho.

Antônio José Ribeiro veio de Portugal para fazer parte da cavalaria de D. Pedro II. Recebeu o título de Alferes da Cavalaria, quando foi chefiar as forças armadas no Rio Grande do Sul. Ganhou do Imperador um quinhão de terra no atual estado de Minas Gerais, que se iniciava na serra (após a atual cidade de Delfim Moreira) e seguia as águas vertentes até onde se localizava o mosteiro, descia até encontrar o rio, atualmente denominado de Rio Lourenço Velho e voltava até a serra inicial.

O Alferes veio do Rio Grande do Sul, juntamente com sua família e uma comitiva de 50 escravos, com a finalidade de tomar posse da área que lhe foi concedida, e se instalou, inicialmente, no Vale do Paraíba, no município de Areias. O grupo trouxe consigo animais, ferramentas, utensílios e seus santos de devoção.

Com o desejo de encontrar ouro em suas terras, subiram a serra e estabeleceram-se em um ponto que foi denominado de Cubatão, onde construíram uma fazenda. O ouro foi encontrado e garimpado no leito de um rio próximo. Este rio corta o lugar onde hoje é o bairro Cata dos Marins. O ouro garimpado era levado em lombos de burros para o Rio Grande do Sul, viagem que demorava cerca de três meses. Além do garimpo, os escravos cuidavam de lavouras para subsistência como milho, feijão e fumo, além de criar porcos e gado bovino.

O português Antônio José Ribeiro trouxe também sua irmã para a região. Esta teve uma filha chamada Maria Albertina, que se casou com Manoel Fortes, natural de Areias-SP. O casal herdou as terras do atual Cubatão. Eram chamados de Papai Fortes e Mariquinha. Tiveram onze filhos: Carlos, Euclides, Benedita, Elisa, José, Homero, Mário, Izabel, Eupídia, Olinto e Maria Aparecida.



Foto: arquivo da família de Benedito Ribeiro Fortes



José Ovídio Veremos, Sebastião Veremos, Manoel Veremos, Luiz Veremos e Maria Virgínia da Conceição.

Foto: arquivo da família de Célia Ribeiro

nio Gonçalves Wenceslau Ribeiro e Maria Virgínia da Conceição. O casal teve 11 filhos: Joaquim, João, Francisco, Manoel, Luiz, José Ovídio, Sebastião, Antônio, Rita, Ludovina e Maria da Conceição, todos com o sobrenome Gonçalves Ribeiro. Eram conhecidos, porém, como família Veremos. Foram grandes empreendedores e personagens relevantes para a história local. Destacamos o Sr. José Ovídio que se casou com Maria Aparecida Fortes (filha de Manoel Fortes e Maria Albertina, primordiais na construção do bairro Cubatão). Também o Sr. Luiz, conhecido por Luiz Veremos, sócio da primeira fábrica do povoado de Queimada.

Manoel Fortes carregava suas tropas com queijo e frango para vender no Vale do Paraíba. Ao retornar, as tropas vinham carregadas de sal e açúcar, além de querosene para abastecer as lamparinas. Os filhos deste casal foram personalidades importantes na construção da história de Queimada.

Outro casal importante para a compreensão da origem da formação de Marmelópolis também veio do outro lado do Atlântico. Nascidos em Tebosa (Portugal), imigraram para o Brasil em busca de ouro e pedras preciosas: Antô-



Antonio Wenceslau

Foto: arquivo da família de Célia Ribeiro



*Manoel Ribeiro de Carvalho (à esquerda)
e Dona Mariana Justina (acima)*

Fotos: arquivo da prefeitura

Manoel Ribeiro de Carvalho (1827/1895) filho do primeiro casal que veio para esta região, os portugueses Antônio José Ribeiro e Ana Inácia, casou-se com Mariana Justina de São José (1840/1920), natural de Areias, estado de São Paulo. Eles tiveram cinco filhos: José Bertolino, Antônio Bebiano, Francisco Bruno, Maria Honorata e Manoel Frederico.

Manoel Ribeiro de Carvalho roçou uma grande extensão de terra e fez uma queimada para construir sua casa nos arredores da fazenda de seu pai. Nessa queimada, além da casa para sua família, construiu um imenso paiol no terreiro e uma moradia para os escravos. Daí o nome “Queimada” ao antigo povoado, que foi crescendo em torno desta sede, exatamente no local onde atualmente está a igreja católica e o prédio da Telemig. O povoado foi elevado a distrito pela Lei nº 115 de 27/01/1954.

De acordo com o livro “Nosso elo do ouro ao marmelo” de Maria Rita Ribeiro Mizukawa “Em 1864, o Paraguai invadiu o Brasil desencadeando uma guerra entre os dois países, que durou anos e com isso, o número de soldados foi reduzindo a tal ponto que o governo teve que pedir reforços aos fazendeiros. Manoel Ribeiro de Carvalho comandou uma

tropa da região com os empregados, fazendeiros e escravos que iam se juntar com outras tropas no Rio de Janeiro e depois rumarem para a divisa em batalha. Recebeu o título honroso de Capitão Neco, nome pelo qual ficou conhecido pelo resto da vida [...] Aproximadamente entre os anos de 1869 e 1870, quando estavam em viagem de marcha às batalhas, em Cruzeiro, pararam para descansar os animais e no acampamento receberam a notícia sobre o fim da guerra [...]. Capitão Neco havia deixado o escravo de sua confiança, chamado Tibúrcio, para administrar a fazenda enquanto cumpria seu dever patriótico” (página 9).

Em sua homenagem, o trecho da rodovia MG-350 que liga o município de Marmelópolis a Delfim Moreira recebeu o nome de “Rodovia Manoel Ribeiro de Carvalho – Capitão Neco” de acordo com a Lei nº 17374/2008 de 26/03/2008.



*Acima: Tesoura de Dona Mariana.
À direita: Estribo do Capitão Neco*

Foto: José Renato Ribeiro



À esquerda e abaixo, objetos usados no cavalo do Capitão Neco

Foto: José Renato Ribeiro



Há alguns objetos pessoais deste casal de desbravadores que são muito valiosos para a história do lugar: uma tesoura de Dona Mariana, o estribo que Capitão Neco usava em suas cavalgadas, entre outros, que atualmente fazem parte do acervo particular de Luciene Aparecida Ribeiro.

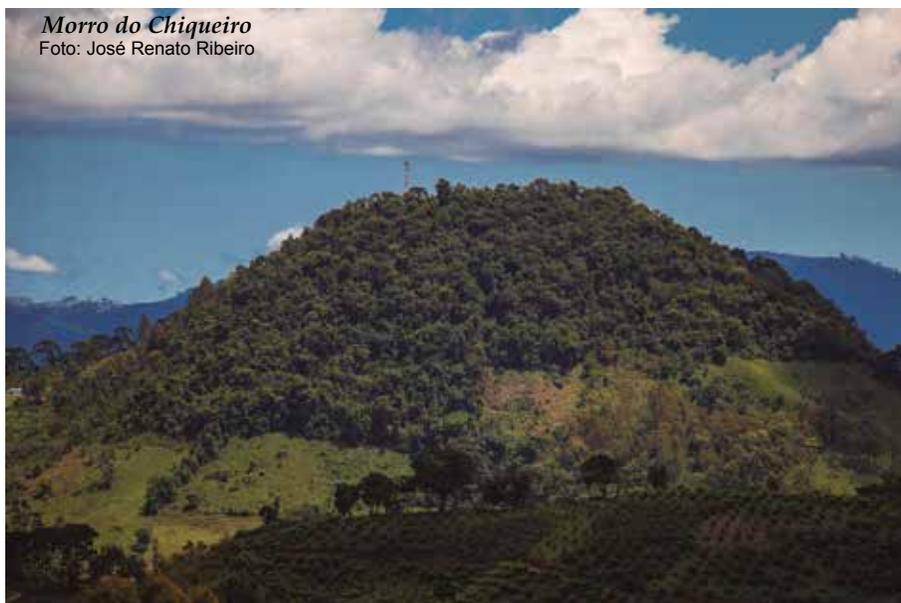
Havia na fazenda um chiqueirão, todo cercado por valas construídas pelos escravos. Os porcos-domato, que se aproximavam do local à procura de pinhões, eram capturados e não conseguiam escapar devido às valas. O local recebeu o nome de “Alto do Chiqueiro”. Após serem capturados, os porcos eram alimentados diariamente com vários jacás de milho.

Além de cuidar dos porcos, os escravos da fazenda do Capitão Neco trabalhavam na lavoura de milho, feijão e fumo. Realizavam a destala do fumo à noite e viviam em uma senzala feita de pau a pique, sem janelas e com apenas uma porta de acesso. Quando desobedeciam ou não faziam o trabalho como lhes era ordenado, eram submetidos a açoites.



Imagem trazida por eles de Portugal

Foto: José Renato Ribeiro



Morro do Chiqueiro

Foto: José Renato Ribeiro



*Chave da senzala da fazenda
do Capitão Neco*

Foto: José Renato Ribeiro

Eram administrados e vigiados por um capataz chamado Zé Tomé. Outra atividade que realizavam consistia em carregar Dona Mariana em uma liteira em seus passeios e visitas.

Em 1888, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, libertando os escravos. De acordo com o Histórico do Município, publicado em um Dicionário Escolar em 1994, dos quarenta escravos de Manoel Ribeiro de Carvalho, cinco continuaram morando em sua fazenda. São eles: Tibúrcio, Manoel João, Salvadorzinho, José Simão e Galdina. Eles passaram a viver no local como colonos e não mais como escravos. A senzala foi desativada e os recém-libertos construíram as suas casas, para que cada família pudesse viver privadamente. Seus descendentes ali cresceram, juntamente com os descendentes de Manoel Ribeiro de Carvalho e com os demais trabalhadores que vieram se agregar ao local, visando substituir o trabalho escravo.

O ex-escravo Tibúrcio era visto como um homem que gostava de ajudar a todos, era muito bondoso. Depois da sua morte, os habitantes continuavam rezando a ele pedindo ajuda nos momentos de aflição. Quanto a Manoel João, este deixou muitos descendentes, entre eles Angelina e João Beijamim dos Santos, conhecido como João Merenda, pessoas que foram muito conhecidas e queridas na cidade. João Merenda tinha grande habilidade com instrumentos musicais e durante muitos anos foi um importante membro da banda local.

A ex-escrava Galdina possuía uma habilidade ímpar de cuidar de hortas e jardins, doando verduras e flores a qualquer um que pedisse, além de ajudar as pessoas com remédios caseiros, sobre os quais tinha vasta sabedoria. Um dos entrevistados, o Monsenhor José Cata-



Monsenhor José Catarino Umbelino (à esquerda) e João Merenda (à direita)

Fotos: Arquivo das respectivas famílias

rino Umbelino, nascido em 1936, é descendente de Galdina. Nasceu em sua casa de taipa, no local onde hoje situa-se o antigo prédio da Cooperativa. Em seus relatos, conta que é neto de Galdina Tereza e Clementino Simão, sendo descende de escravizados e indígenas. Filho de Marciliana e de Joaquim Galdino, ordenou-se padre em 1978 e atuou em diversas paróquias do Brasil, além de ter sido vigário em Roma e participado de missões, na África. Em 25/10/2012 recebeu o título de Monsenhor, pelo Papa Bento XVI, em cerimônia conduzida pelo arcebispo dom Ricardo Pedro Chaves Pinto Filho. Monsenhor é o título dado a um sacerdote católico em reconhecimento aos serviços prestados à Igreja, bem como pelos seus méritos pessoais é reconhecido pelo próprio papa como exemplo de obediência às autoridades eclesiais e trabalho pastoral em benefício do povo.

Em face do exposto, pode-se concluir que a base da árvore genealógica dos marmelopenses foi sendo formada por ramificações diversas, compreendendo os descendentes dos indígenas que passaram pelo lugar, também dos ex-escravizados que decidiram ficar, dos filhos do Capitão Neco em Queimada, dos filhos de Antônio Wenceslau no Veremos e ar-

redores, dos filhos de Manoel Fortes no Cubatão, dos descendentes dos Marins nas proximidades da Serra e do Pico dos Marins, além de outras famílias que se estabeleceram no entorno como os Ramos, os Alves, os Oliveira, os Coura, os Martins, os Alcebíades, os Brito, os Diniz, os Fonseca, os Silva, os Sene, os Pereira, os Santos, os Bezerra, os Carvalho, os Souza, os Corrêa, os Mota, os Machado, os Pinto, os Freitas, os Ribeiro, os Souza, entre tantas outras.

Com o propósito de elucidar a história de Queimada, vamos nos ater aos filhos do Capitão Neco:

José Bertolino Ribeiro

Filho mais velho do Capitão Neco e Dona Mariana, era conhecido como “farmacêutico”. Preparava remédios homeopáticos, pomadas, xaropes e unguentos. Guardava os produtos que fabricava em uma caixa (vide foto a seguir). Este objeto pertence atualmente ao Sr. Lucas Rodrigues, neto de José Bertolino e encontra-se no museu do bairro dos Marins, em Piquete (SP).



Caixa de remédios do Sr. José Bertolino Ribeiro

Sua fazenda foi construída onde hoje fica o bairro Sapé. Teve duas esposas: a primeira chamava-se Ana e, segundo a tradição oral local, foi assassinada a facadas por um escravo, quando tentava defender o marido em uma briga. O casal não teve filhos.

Depois deste triste episódio, José Bertolino vendeu sua fazenda. Casou-se com Joaquina e foi morar próximo à cidade de Piquete, no atual bairro dos Marins, onde tiveram os seguintes filhos: José Damião Bertolino, João Bertolino, Eliza Bertolino, Ana Bertolino, Francisca Ribeiro (conhecida como Chiquinha), Joaquina Bertolino, Joaquim Bertolino e Manoel Bertolino.

Antonio Bebiano Ribeiro

Antonio Bebiano, como era mais conhecido, era agricultor. Casou-se três vezes, morou em diversos lugares do município terminando seus dias no bairro Sertão. De acordo com alguns depoimentos, sua terceira esposa, Rita, faleceu em uma noite trágica. Houve um grande temporal que destruiu toda a lavoura de fumo, matou as aves que havia no terreiro e quebrou as telhas das casas. Nesta noite, ela entrou em trabalho de parto e não resistiu.

Antônio Bebiano teve os seguintes filhos: Antônio Bebiano Filho, Francisco Bebiano, Joaquim Bebiano, Sebastião Bebiano, Onofre Bebiano, Ana Bebiano, Leonina Bebiano, Joaquina Bebiano, Maria do Espírito Santo, Maria Aparecida Bebiano, Tereza Bebiano, Manoel Bebiano e Benedito Ribeiro.

Francisco Bruno Ribeiro

Nasceu em 1867 e faleceu em 28/09/1944, com 77 anos de idade. Era o terceiro filho do Capitão Neco. Estudou em Delfim Moreira e foi o primeiro professor do povoado de Queimada. Seu primeiro casamento foi com Ana Virgilina. Eles tiveram os seguintes filhos: Joaquim Ribeiro de Carvalho (conhecido como Quincas Bruno), Francisco Bruno Ribeiro Filho, Sebastião Bruno Ribeiro, Manoel Maximiano Bruno Ribeiro, José Bruno, Ana, Maria Tereza e Benedita Bruno Ribeiro.

Com a segunda esposa, Maria Rita, conhecida como Marica, natural de Passa Quatro, teve os seguintes filhos: Abel Bruno Ribeiro, João Bruno Ribeiro, Silvestre Bruno Ribeiro, Mário Bruno Ribeiro, Maria Aparecida Ribeiro e Mariana Bruno Ribeiro.



Francisco Bruno Ribeiro e Maria Rita

Foto: arquivo de Ana Flávia Coura

Sua casa ficava a poucos metros da casa de seu pai. Com a morte do Capitão Neco, sua esposa, Dona Mariana, passou a morar com seu filho, Francisco Bruno, e assim permaneceu até seu falecimento em 1920. Segundo relatos, era uma mulher muito prestativa, cuidava dos doentes com remédios caseiros, além de ser excelente doceira.

Francisco Bruno era uma pessoa muito respeitada pelos habitantes da região. Tinha em sua casa uma sala onde ministrava as aulas, espaço este que também servia para a celebração de missas, crismas e catequese, pois no local ainda não havia igreja. Nesta casa também eram hospedados os missionários que por ali passavam. A casa situava-se no local onde hoje fica a residência de Gorete Bebiano.

Maria Honorata Ribeiro

Era a única filha do Capitão Neco. Nasceu em 1860 e faleceu em 1932. Casou-se com seu primo Francisco das Chagas Ribeiro (falecido em 03/01/1924) e foi morar na fazenda da Cachoeirinha, o presente de casamento dado por seu pai. Ela tinha o apelido de “Mamãe da Cachoeirinha”, pois era assim chamada pelo irmão caçula Manequinho (Manoel Frederico Ribeiro) por ser sua madrinha. E assim passou a ser chamada por todos.



Francisco das Chagas Ribeiro e Maria Honorata Ribeiro

Foto: arquivo de Ana Flávia Coura

Tiveram os seguintes filhos: Manoel Chagas, Benedito Chagas, Francisco Chagas, Joaquim Chagas, Maria Filomena e Rita Chagas.

Manoel Frederico Ribeiro

Conhecido como Manequinho, nasceu em 28/07/1879 e faleceu em 13/04/1962. Era o filho mais novo do casal e foi o administrador da fazenda do pai após a morte deste. Foi ele quem trouxe para Marmelópolis as primeiras mudas de marmelo, em 1914, dando início ao flores-

cer de uma cultura que se adaptou muito bem à região.

Manoel Frederico Ribeiro casou-se com Rosina de Almeida Ribeiro da Cunha (falecida em 12/04/1958). O casal teve os seguintes filhos: Rita Geralda, Maria José, Manoel Ribeiro da Cunha, José Santana Ribeiro (conhecido como Zé do Manequinho), João Batista Ribeiro, Ana, Maria Justina Ribeiro, Rosina Ribeiro, Andradina Ribeiro e Maria Aparecida Ribeiro.

Por ser o filho mais jovem do Capitão Neco, Manequinho foi o mais lembrado pelos entrevistados, estando presente em suas lembranças da época de infância. Sua casa foi construída em 1890 e ficava próxima ao local onde hoje está o Posto de Saúde. Em sua casa, sobre o fogão à lenha, havia sempre uma esculateira (“cafeteira”) onde preparavam o café. O porão era usado por arreeiros e muladeiros, que vinham vender arreios e mulas. Nesta casa hospedavam-se padres, dentistas e demais visitantes de Queimada. Havia uma árvore de nozes no quintal, além de um belo jardim.



Manoel Frederico Ribeiro (Manequinho)

Foto: Arquivo da prefeitura



Foto da esquerda: Fonte: Arquivo da prefeitura

À direita: Pintura feita por Otávio Ribeiro da Cunha, neto do Manequinho, fotografada por Ana Flávia Coura

A família possuía um papagaio, que era a alegria da criançada. A casa foi demolida logo após a emancipação do município, para que fosse traçada a rua que, naquele exato lugar passaria, e que receberia o seu nome.

No quintal da casa havia uma grande banheira, onde se banhava o gado, visando combater carrapatos ou outras pragas. Nela o gado entra-



Foto: José Renato Ribeiro

Banheira onde se banhava o gado, na fazenda do “Dito do Zé Ovidio, no bairro Cubatão”

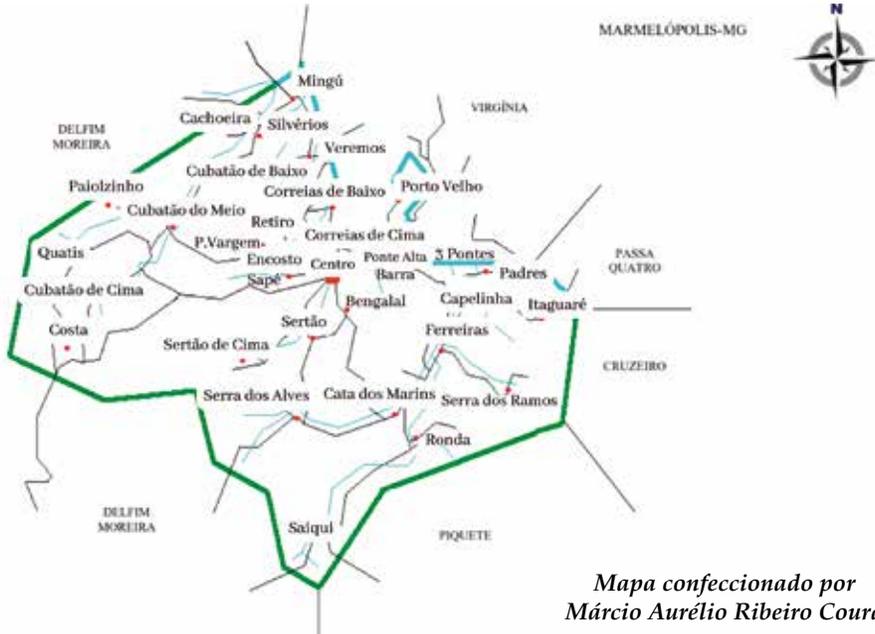
va, percorria vários metros com o corpo coberto pela água tratada com o remédio, até sair do outro lado. Esse tipo de banheira era bastante comum e eficaz para os pecuaristas da região, atualmente quase não existe mais. Uma dessas banheiras resistiu ao tempo e continua intacta, no bairro Cubatão, na fazenda do “Dito do Zé Ovidio” (Benedito Ribeiro Fortes), construída no ano de 1900, por José Cândido.



Foto: José Renato Ribeiro

Capítulo 3

Origem dos nomes dos bairros



Para se compreender a origem da nomenclatura de alguns dos bairros de Marmelópolis é necessário conhecer a chegada do português Luiz Martins, que veio para o Brasil em 1559, por ordem de D. João III, com o intuito de examinar metais. Inicialmente teria chegado à Bahia, onde recebeu autorização para a sua atividade, em seguida acompanhou Braz Cubas em suas expedições.

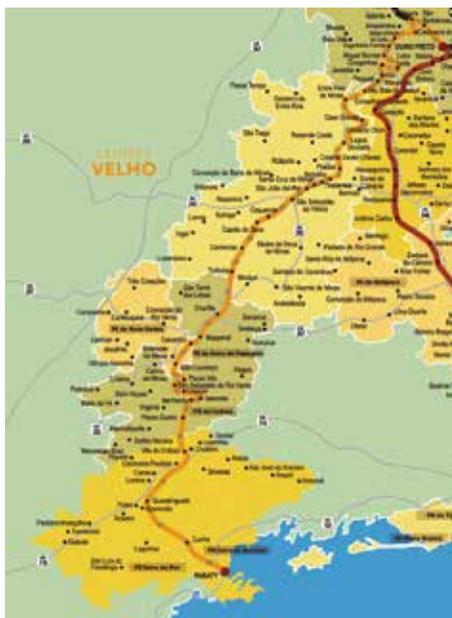
De acordo com a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, de 1914, na página 22 “Passando por terras de Braz Cubas (Mogy das Cruzes), desceram pelo Parahyba, guiados pelos nativos, até a paragem da Cachoeira, onde encontraram o caminho que atravessava do litoral para serra acima, e, tomando por este caminho (a pé), subiram a serra de Jaquamimbaba (Mantiqueira)...”

Interessante destacar que o termo Jaquamimbaba era o nome pelo qual os povos indígenas chamavam a serra, na perspectiva da encosta paulista, palavra que em tupi significa “esconderijo das onças”. A encosta mineira era conhecida como “amanti-kir”, que quer dizer “serra que chora”, nome que deu origem à atual denominação da Serra da Mantiqueira.

Segundo o jornalista Rodrigo Nunes, Braz Cubas e Luiz Martins, desbravando a Mantiqueira, saíram pelo Vale do rio Paraíba até chegarem à região hoje denominada de Pico do Marins. Depois de dois anos de expedição, Braz Cubas adoeceu e retornou à Europa, com boa quantidade de ouro e de prata. Luiz Martins permaneceu no Brasil e deu continuidade as suas atividades. Devido à frequência com que passava em um certo trecho da serra, nomearam essa área com o seu sobrenome: Martins.

Anos mais tarde os tropeiros que transportavam mercadorias do sul de Minas Gerais para o porto de Paraty, no Rio de Janeiro, ao passarem por essas imediações com seu linguajar próprio, e não articulando com exatidão a palavra Martins, pronunciavam “Marins”. Devido ao uso frequente desse nome pelos passantes, a região passou a ser conhecida como Marins. Assim originaram-se os nomes de alguns pontos da serra e arredores: Pico dos Marins, Capelinha dos Marins, Cata dos Marins e Barra dos Marins, todos devido à presença marcante de Luiz Martins.

Tal caminho percorrido pelos tropeiros no transporte de mercadorias, hoje é conhecido como “Caminho Velho da Estrada Real” ou “Caminho do Ouro”, o primeiro trajeto determinado pela Coroa Portuguesa ligando Ouro Preto a Paraty, com 710 Km de extensão, passando por Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.



<https://guiadaestrada.com.br/caminho-velho-estrada-real/> (visitado em 05/01/2023 às 14:40)

Capelinha dos Marins

De acordo com relatos orais, o bairro Capelinha foi onde se formou o povoado mais antigo do atual município de Marmelópolis. Um lugar onde havia fartura de água e de matas, além de uma perspectiva muito bonita da serra, local escolhido por alguns desbravadores para se fixarem. Os que ali permaneceram formaram famílias, construíram suas casas e ergueram uma pequena capela para realizarem as suas orações. O local era bastante percorrido por bandeirantes e, devido à distância até as cidades e às dificuldades de abastecimento, os primeiros moradores organizaram também uma pequena casa comercial (venda), construída de pau a pique. Paulatinamente, outras famílias foram chegando e estabelecendo novas habitações nas proximidades. Esses moradores se reuniam nos fins de semana para orar na pequena capela. Combinavam entre si: “Vamos à Capelinha”, e assim o bairro foi denominado como Capelinha dos Marins.

O pequeno povoado cresceu e prosperou. Porém, com o passar do tempo, uma junção de fatores religiosos e econômicos fez com que os habitantes fossem migrando para áreas próximas, como a Queimada.

Atualmente o bairro possui uma escola municipal, uma igreja evangélica Assembleia de Deus, uma igreja evangélica Congregação Cristã no Brasil, um laticínio e um pequeno museu de propriedade do Sr. Amauri Ramos.

Cata dos Marins

Antônio José Ribeiro, colonizador dessa região, construiu sua fazenda nas terras do atual Cubatão. Embrenhando-se pelas matas, juntamente com seu filho Manoel Ribeiro de Carvalho e seus escravos, encontraram ouro no leito de um rio, aos pés da Serra da Mantiqueira. Os escravos passaram a garimpar o minério e a estocá-lo, até reunir determinada quantidade, que depois seria transportada para o Rio Grande do Sul. Esses escravos ficavam alojados na senzala da fazenda de Manoel, em Queimada. Saíam de madrugada para “catar ouro” no rio, e assim o lugar passou a ser chamado de “Cata”, hoje Cata dos Marins.

Barra dos Marins

A palavra barra designa uma formação geológica, um banco de sedimentos de origem fluvial que se deposita por ação das correntes de água, devido à acumulação de material de aluvião. É provável que o local, hoje denominado Barra dos Marins, tenha recebido esse nome devido à presença de tais sedimentos (areia, cascalho e lama) no leito e nas margens do rio, atualmente chamado de Rio Lourenço Velho. O primeiro morador do local foi o Sr. Antônio Cipriano. Mais tarde, parcelas de terra foram sendo adquiridas por novos proprietários e pequenos sítios foram se formando às margens do rio.

Padres

Antes da colonização pelos bandeirantes europeus, vários pontos dessa região foram habitados por povos indígenas. Tendo conhecimento da existência desses grupos, alguns padres vinham do Rio de Janeiro, a capital do país na época, visando catequisar esses habitantes. Hospedavam-se em uma fazenda, de onde saíam durante a semana para explorar as redondezas, em busca de indígenas para serem convertidos à fé católica. Aos fins de semana celebravam a Santa Missa, para a qual eram convidados todos os habitantes dos arredores. As pessoas que iam participar da missa diziam que estavam indo para “os padres”. Por esse motivo o bairro recebeu o nome de Padres. Nesse bairro fica um dos mais belos pontos turísticos do município de Marmelópolis, a “Cachoeira dos padres”, com nove quedas d’água, porém, normalmente, somente as três últimas são acessadas pelos visitantes. Sendo uma das atrações naturais preferidas pelos turistas, a Cachoeira dos Padres lhes oferece uma visão espetacular.

Ronda

A produção de ouro garimpada na Cata dos Marins era armazenada no próprio local, até atingir a quantidade necessária para ser transportada ao Rio Grande do Sul, por tropas de muares. A fim de evitar que o ouro fosse saqueado, os escravos eram escalados em grupos para montar guarda e vigiar os arredores, na tentativa de impedir a aproximação de estranhos. Eles diziam “vamos fazer a ronda” e ficavam em locais

estratégicos, de onde podiam ter visão privilegiada do espaço a ser protegido. Por esse motivo o lugar passou a ser chamado de Ronda. Nesse bairro fica um importante ponto turístico do município: a Cachoeira Santa Bárbara.

Sertão

Em Guaratinguetá, no estado de São Paulo, vivia o senhor Antônio Rodrigues Coura, primo do quinto presidente do Brasil, Francisco de Paula Rodrigues Alves. Antônio era administrador de uma fazenda cujo proprietário era um português de sobrenome Lemes. Era chamado de Antônio Lemes devido ao sobrenome do patrão. Sendo funcionário de confiança, o senhor Antônio Lemes atendia muitas pessoas que negociavam na propriedade, além de percorrer a região para comercializar a produção da fazenda. Em um desses encontros de negócios, conheceu o senhor Francisco das Chagas Ribeiro, casado com Maria Honorata Ribeiro (filha de Capitão Neco). Esse casal morava no bairro Cachoeirinha, pertencente ao município de Virgínia. Antônio Lemes tornou-se grande amigo de Francisco das Chagas. Tal relação levou a um casamento entre seus filhos: Francisco Rodrigues Coura, conhecido por Chico Lemes (1870/1953) e Maria Filomena Ribeiro (1880/1955). O novo casal recebeu de presente de casamento uma significativa faixa de terras, ainda pouco explorada, nas imediações de Queimada. Para designar essas terras, ainda não cultivadas e de difícil acesso, usavam o termo Sertão. Nesse lugar construíram sua casa, formaram família e transformaram as terras em uma fazenda bastante produtiva. Seus descendentes herdaram a alcunha Lemes e o bairro passou a ser conhecido como Sertão dos Lemes.

Um dos filhos de Chico Lemes e Maria Filomena, foi Francisco de Paula Rodrigues, conhecido por Chiquinho Lemes, casado com Maria Margarida Fonseca (Dona Mariquinha) fundador da fábrica Sertaneja.

Correias

As terras desse local foram preparadas com o uso de boiadas de arado para a prática da agricultura. As condições do solo e a tecnologia precária tornavam o trabalho um tanto difícil. Muitas vezes as cangalhas (ou cangas) se quebravam, devido ao intenso esforço dos animais, e por isso o lugar era conhecido como Sítio Quebra Canga. Visando tornar o

trabalho menos penoso, os condutores das boiadas buscavam meios de reforçar tais implementos, para isso usavam o couro bovino. Cortavam o couro cru em tiras (correias), que eram molhadas e usadas para revestir as cangalhas. Quando estas secavam, formavam correias endurecidas que tornavam as cangalhas mais resistentes. Só assim os trabalhadores conseguiam cumprir, em menos tempo, as duras tarefas. Devido a essa prática, passaram a chamar o local de Correias.

Saiqui

A caça era costume entre os habitantes da região, tanto pelo lazer quanto pela melhoria da alimentação das famílias. Um pouco acima do local denominado de Ronda, havia uma floresta com larga diversidade de animais, o que atraía os caçadores. Entre as espécies mais comuns naquele espaço havia o saigui, uma espécie de macaco silvestre.

Os desvios nas pronúncias de diversas palavras eram comuns entre os habitantes locais, que se referiam ao animal como saigui ou saiqui. Pequenos grupos de caçadores se reuniam para ir à mata, e como este era o animal mais abundante por lá, a floresta ficou conhecida como Saiqui, dando origem ao nome do bairro.

Alguns caçadores construíram ranchos nessas terras para facilitar o acampamento nas caçadas. Com o passar do tempo e com o fim do garimpo na região, o local passou a ser fonte de extração de madeira e de bambu para a fabricação de jacás e balaios, instrumentos essenciais ao trabalho dos tropeiros. Atualmente determinados locais do bairro são usados como pontos de apoio, outros como vias de acesso, pelos montanhistas que desejam acampar no Pico dos Marins ou por turistas que querem apreciar a vista do Morro do Careca, importante ponto turístico da cidade.

Quatis

A Sra. Maria Albertina, sobrinha do Alferes Antônio José Ribeiro, e seu esposo Manoel Fortes, herdaram uma extensão de terras no local onde hoje se denomina Cubatão. Lá o casal instalou a sede de sua fazenda e tiveram filhos. Mais tarde, cada filho recebeu dos pais uma faixa de terras, nos domínios da propriedade, para trabalhar

para si mesmos. Era hábito comum entre os irmãos e demais moradores da região a caça de animais existentes nas matas do local. Entre as variedades que lá se encontravam, as presas mais visadas eram o quati, o jacu e o inhambu. Nas matas herdadas por Homero, filho de Manoel Fortes, havia fartos bandos de quatis. Quando os homens queriam caçar essa espécie, diziam “vamos aos quatis”, e assim o bairro ficou conhecido por Quatis. A palavra quati é derivada do termo tupi akwa’tim, que significa “nariz pontudo”, fazendo referência ao focinho alongado desse animal.

Cubatão

De acordo com a etimologia afro-árabe “cubata” significa rancho, com o aumentativo português “ão” formou-se a palavra Cubatão, que significa rancho grande. A palavra Cubatão ainda pode significar “pequeno morro ao pé de uma cordilheira”. Atualmente esse bairro é dividido em três partes: Cubatão de Cima, Cubatão do Meio e Cubatão de Baixo.

Os fundadores de Cubatão foram o Sr. Manoel Fortes, sua esposa e filhos. No início, a principal atividade econômica da família era a lavoura de milho. Nos períodos de colheita os paióis ficavam repletos de espigas, o que garantia a base do sustento das famílias durante o ano todo. Havia vários monjolos e moinhos na região. Produzia-se farinha, fubá e canjiquinha, alimentos muito consumidos naquela época. Também cultivavam o tabaco.

Mais tarde foi chegando o marmelo. Ao perceber que a produção da fruta era rentável, as famílias foram cultivando seus próprios marmelais e a cultura se expandiu rapidamente. Havia também lavouras de pêssego e ameixa, praticamente sem o uso de agrotóxicos. Depois vieram as lavouras de batata, eucalipto e, atualmente, o local é produtor de morango. A extração do pinhão por catação, nos meses de março e abril, também contribuiu para a economia local.

O bairro Cubatão também já foi produtor de carvão. Ainda existem sinais dos fornos que foram construídos para queimar a madeira. Em um ponto do Cubatão de Cima, chamado de Pedra Preta, existiu um campo de futebol onde jogava o “time dos carvoeiros”. Outra atividade econômica

relevante no passado desse bairro foi a mineração de areia branca, utilizada na fabricação de vidro.

A produção de leite é muito importante para esse bairro. No passado, quando colhiam a roça de milho, costumavam soltar o gado para pastar na palhada (o que sobrava da lavoura), com isso minimizavam a preocupação com o trato para os animais, além de produzirem leite e carne de melhor qualidade. Atualmente, quase toda a produção leiteira da região é vendida para os laticínios do próprio bairro. No Cubatão de Baixo há um laticínio de propriedade do Sr. Rodrigo Uchôas, onde se fabrica queijos de excelente qualidade, que são comercializados sob a marca Sonata. No Cubatão de Cima há o laticínio Alto da Serra, de propriedade do Sr. Cássio Pierre de Castro, cuja produção é vendida nos municípios vizinhos.

Veremos

Antônio Gonçalves Wenceslau Ribeiro possuía uma ampla extensão de terras nos arredores do povoado de Queimada, com cerca de mil alqueires. As terras abrangiam parte do que hoje são os bairros São José da Mantiqueira, Mingu, Cachoeira, Fazendinha e Morangal. A sede de sua fazenda situava-se onde hoje é o bairro Veremos. Havia na região um fazendeiro que ameaçava invadir as terras de Antônio. O proprietário aguardava pelo pretense invasor dizendo “veremos se ele será capaz de invadir as minhas terras”. Devido a esse discurso, várias vezes repetido, ele ficou conhecido como Antônio Veremos, seus filhos herdaram a alcunha e o local onde ficava a sede da fazenda se tornou o Bairro Veremos. Os filhos de Antônio Veremos foram personagens importantes na construção da história de Queimada, destacando-se pelo espírito empreendedor.

Silvérios

O local recebeu esse nome devido ao seu primeiro morador: Benedito Silvério Alves. Este era natural de Dom Viçoso e ainda jovem veio para essa região, onde conquistou terras, aproximadamente 100 alqueires. Nesse lugar constituiu família e seus descendentes construíram casas ao redor da sede da fazenda, formando um pequeno povoado.

Encosto

Nome dado ao local onde Manoel Frederico Ribeiro, o Manequinho, soltava as suas novilhas. Encosto se referia a uma faixa de campo, utilizada para a pastagem do gado, durante certo período do ano. Este espaço era cercado de vegetação nativa e possuía apenas um acesso. Nesse local a água formava poças junto à margem do córrego.

Sapé

O bairro Sapé recebeu esse nome devido à presença da planta sapê, utilizada na cobertura das casas de pau a pique, construídas pelos primeiros habitantes da Queimada.

A palavra sapê (ou sapé) deriva do termo tupi ssa'pé, que significa "o que alumia", fazendo referência a sua fácil queima. A planta sapê (*Imperata brasiliensis*) é uma gramínea mal aceita pelo gado como alimento. Porém, seus caules, após serem secos, eram muito utilizados para a construção de telhados de casas rústicas e sua utilização foi de grande importância para os primeiros habitantes locais.

Porteira da Vargem

Os primeiros moradores do bairro foram as famílias de José Acelino da Silva, Vicente Ambrósio e "Zé Velho", cujas casas eram grandes e construídas de pau a pique.

O relevo do bairro é bastante montanhoso, no entanto, na faixa que pertencia ao Sr. José Acelino, havia uma vargem (planície), na qual foi construída uma grande porteira, daí o nome do bairro "Porteira da Vargem".

Com o passar do tempo o número de moradores aumentou e, no período mais intenso da produtividade de marmelo, o bairro chegou a ser um grande produtor da fruta. Havia nesse local um campo de futebol, onde os homens jogavam contra os times de outros bairros ou de municípios vizinhos, o que tornava o bairro bastante animado e atrativo, inclusive com festas. Porém os visitantes tinham que se deslocar, a pé ou a cavalo, pois lá ainda não havia estradas abertas. Atualmente não há moradores nesse bairro e as poucas casas que ainda existem são utilizadas pelos proprietários apenas para passar os finais de semana.

Paiolzinho

A produção de tabaco era comum em toda a região. Após a colheita, as folhas deviam ficar protegidas do sol, do vento e da chuva. Portanto era preciso armazenar em um local coberto.

Sebastião Fortes construiu em sua fazenda um paiol para armazenar as suas colheitas de fumo. Os trabalhadores deviam retirar os talos das folhas (a destala), colocá-las de molho e transformá-las em rolo, para enfim enrolar o fumo em corda. Ao se dirigirem para o trabalho diziam “vamos ao paiolzinho”. E assim o local recebeu esse nome.

Ponte Alta

Antigamente o rio que corta o bairro era chamado de “Córrego do Monjolo”. Era bem mais profundo e volumoso e possuía boa quantidade de peixes. Quando chovia intensamente, ocorriam fortes enchentes que inundavam suas margens e arrastavam árvores e animais. As pontes, todas feitas de madeira, eram destruídas pelas correntezas.

Então decidiram construir uma ponte bem alta, a mais alta da Queimada, considerando-se o espaço entre ela e as águas do rio. Essa ponte permitia a passagem dos tropeiros e de outros caminhantes, de uma margem a outra do rio. Daí o nome do bairro “Ponte Alta”.

O primeiro morador do bairro foi o Sr. José Bernardino, que construiu uma casa de pau a pique com aproximadamente 30 metros de comprimento. Essa casa situava-se no local onde hoje está a capela de Santana. Mais tarde sua fazenda foi vendida para ao Sr. João Joaquim de Marins, um dos primeiros proprietários de caminhão da região. Depois foram chegando outros moradores que deram origem à atual população do bairro.

Porto

A palavra “porto” pode significar, por metáfora, um local onde alguém pode descansar e se sentir seguro, um refúgio ou abrigo. E é justamente esse significado que deu nome ao bairro do Porto, pois na época da profusão do marmelo na região, os tropeiros que vinham de

longe para trazer mercadorias até as fábricas, costumavam fazer parada em um grande rancho que havia no bairro. Lá eles descansavam, alimentavam-se e dormiam, para, no dia seguinte, retornarem ao seu lugar de origem.

Os primeiros habitantes do bairro foram o Sr. Domingos Gonçalves Fonseca e sua esposa, Dona Maria Ribeiro (filha de Rita, irmã do Capitão Neco). Esse casal teve seis filhos. Uma das filhas, Maria José do Carmo, casou-se com José Gomes e tiveram duas filhas, Helena e Maria. Helena teve 23 filhos e Maria teve 22, de modo que todos os atuais moradores do bairro são descendentes dessa família.

Retiro

O bairro Retiro recebeu esse nome porque o seu primeiro habitante era conhecido como “Mané Retiro”. Depois foram chegando outras famílias, até que o bairro chegou a ter doze casas habitadas.

Alguns ex-moradores relatam que no lugar havia vestígios de sepulturas, que acreditavam ser de escravos. Contam ainda que seus antepassados diziam que, em um determinado local do bairro, foi enterrado um pote com ouro. Isso, porém, nunca foi comprovado.

Atualmente existe no bairro apenas uma casa com moradores, a família de Marlene Diniz Gonçalves Ribeiro e Antonio Adenilson Ribeiro, mais conhecido como “véio”.

Serra dos Ramos

Os primeiros habitantes desse ponto da serra foram Avelino Ramos e José Ramos. Seu sobrenome foi a razão da denominação do lugar. Nesse local encontra-se um importante ponto turístico da região, a Pedra Montada.

Vivia nesse bairro o Sr. Hideki Maeda, considerado “o guardião da Serra da Mantiqueira”, personagem muito carismático e gentil, que deixou um importante legado para a região. Foi ele o responsável pela abertura da tradicional travessia Marins/Itaguaré e também da trilha que leva ao Pico Marinzinho. O Sr. Maeda construiu uma pousada e criou um museu em sua propriedade, onde mantinha vivos diversos fatos históricos do montanhismo brasileiro. Possuía grande conhecimento da biodiversidade local.

Hoje o bairro conta com um relevante atrativo, a Pousada do Djalma Ramos, local que recebe turistas nos fins de semana, visitantes que vêm para admirar as muitas belezas naturais e apreciar o clima frio da Serra da Mantiqueira, principalmente nos meses de inverno.

Serra dos Alves

Esse bairro assim foi denominado porque grande parte de suas terras pertenciam e eram cultivadas pelos irmãos que traziam o sobrenome Alves: Antônio Alves, João Alves e Luiz Alves. Na atualidade, as principais atividades econômicas do lugar são a pecuária e a agricultura, principalmente a plantação de eucaliptos.

Mingu

No passado o bairro Mingu era chamado de Olaria, pois lá havia um local onde se fabricava telhas. Nesse lugar havia uma fazenda, com sede construída de pau a pique, onde morava um senhor conhecido como “Zé Mingu”. Com a desativação da olaria, o bairro passou a ser chamado de Mingu, em homenagem a esse respeitado fazendeiro. De sua fazenda restaram apenas as ruínas, que ainda podem ser vistas.

Atualmente existem cerca de dez casas habitadas no bairro e as atividades econômicas predominantes são a agricultura e a pecuária. Ultimamente tem-se observado o investimento em plantações de laranja.

Bengalal

O Bairro Bengalal recebeu esse nome porque nesse local podia se encontrar a cana-da-índia, planta apropriada para se fabricar bengalas. Ainda hoje, alguns pés dessa espécie de bambu aparecem em alguns pontos.

A pequena população do bairro teve início quando uma filha dos proprietários desse sítio, Mariazinha, casou-se com Joaquim Ribeiro da Fonseca, mais conhecido como Joaquim Português. O gentílico “português” veio de seu pai, um imigrante vindo de Coimbra, Portugal. Esse gentílico acompanhou as gerações e perdura até os dias atuais. Após o casamento, Mariazinha e Joaquim foram morar no sítio herdado e tiveram

vários filhos. Uma das filhas do casal, Maria do Espírito Santo, morreu por complicações no parto deixando 8 filhos, entre os quais uma menina de doze anos, Francisca Ribeiro de Freitas, que ficou responsável por cuidar dos sete irmãos menores. A menina recebeu muita ajuda de sua avó Mariazinha, na criação de seus irmãozinhos. Em sua juventude Francisca conheceu Domingos Ribeiro de Freitas, natural de Virgínia-MG, com quem se casou. Este trouxe sua mãe, Dona Rosa Galdina de Jesus, para viver com eles no Bengalal.

A família de Joaquim Português e seus descendentes costumavam se reunir diariamente para rezar o terço. Hoje o bairro é pouco habitado, possui apenas quatro casas com moradores, uma capela ainda inacabada, além de uma bela gruta, com a imagem de Nossa Senhora das Graças, que recebe visita de alguns devotos.

Cachoeira

A palavra cachoeira é derivada do latim *coctionis*, que significa “fervura”, dando a ideia de água fluindo em bolhas. A cachoeira se forma no rio quando o leito cai repentinamente, causando uma grande queda de água. A comunidade de Cachoeira tem esse nome devido à bela cachoeira ali formada pelas águas que vêm do rio do Cubatão.

Itaguaré

O bairro recebeu esse nome por se localizar nas proximidades do Pico do Itaguaré, bela formação rochosa situada na Serra da Mantiqueira, com 2.308 metros de altitude, na divisa entre Minas Gerais e São Paulo. O nome Itaguaré é de origem indígena que significa “Pedra Sagrada” ou “Pedra Rachada”. É também conhecido como “o gigante adormecido” devido à semelhança que o pico tem com o rosto de uma pessoa deitada.

Turma

A primeira fábrica de polpa de marmelo do povoado foi a Fábrica União. Um dos sócios dessa fábrica, o Sr. Luiz Veremos, construiu um baracão nas proximidades desta, para abrigar os trabalhadores, que vinham de municípios vizinhos, na época da safra anual da fruta. Esses trabalha-

dores eram chamados de “a turma do Luiz Veremos” e, assim, o local passou a ser chamado de Turma. Aos poucos, algumas casas foram surgindo ao redor desse barracão, até que se formou um pequeno aglomerado de residências. O campo de futebol do povoado de Queimada foi construído ali perto e era onde os trabalhadores passavam seus momentos de lazer aos finais de semana, realizando partidas de futebol, enquanto as crianças se divertiam brincando nas águas do estreito rio que corta o local. Atualmente o bairro está integrado ao centro do município e é também conhecido por bairro Santana.

Olaria

O local recebeu esse nome porque ali foi construída a primeira olaria de Queimada, cujos proprietários eram Manoel Cunha e Sebastião Bruno. Essa olaria fabricou tijolos e telhas para inúmeras construções do distrito. Mais tarde outra olaria foi construída no bairro, na propriedade do Sr. Joaquim Ribeiro da Fonseca que funcionou durante vários anos. O bairro Olaria faz parte da zona urbana do município.

São José

O Bairro São José faz parte da zona urbana do município e se localiza entre o centro da cidade e o bairro Sertão. Nesse bairro será construída a capela de São José, cuja imagem foi doada por Isabel Melo e se encontra guardada na residência do Sr. Itúbio Vitorino. O terreno para a construção da capela foi doado por José Domingos da Fonseca e por Maria Dionise Alves Ribeiro.

Santa Rita

O bairro Santa Rita faz parte da zona urbana do município, localiza-se entre o centro da cidade e o bairro Ponte Alta. É onde funcionou, por muitos anos, a Fábrica Santa Rita, de propriedade do Sr. Evaristo Gomes e posteriormente dos irmãos Rubens e Saliman Rezeck.

Neste bairro encontra-se a sede da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

Capítulo 4

Plantio e desenvolvimento do marmelo



A chegada e o desenvolvimento do marmelo no município

As principais atividades econômicas do município de Marmelópolis sempre giraram em torno da agricultura e da pecuária. Inicialmente, houve no setor agrícola, a cultura do tabaco. O plantio, a colheita e a destala das folhas de fumo eram feitos, principalmente, pelos escravos das fazendas que, não raro, sofriam punições caso não concluíssem a tarefa diária.

Em 1914 as primeiras mudas de marmelo foram trazidas para o lugar. Manoel Frederico Ribeiro (filho de Capitão Neco) e Sebastião Cunha, seu cunhado, visitaram uma propriedade localizada no Córrego Alegre, município de Delfim Moreira, pertencente ao Sr. Francisco de Paula Vicen-

te Azevedo, conhecido como Barão de Bocaina, um fazendeiro que iniciou o cultivo de diversas árvores frutíferas europeias no Brasil. Dessa fazenda Manoel Frederico trouxe para a Queimada algo em torno de 200 mudas de marmelo, que haviam sido trazidas de Portugal, e as plantou nas proximidades de sua casa. Estas foram bem cuidadas e começaram a produzir em poucos anos. Esses marmeleiros experimentais tiveram êxito e sua produção era transportada por tropas de muareas até a fábrica Colombo, em Delfim Moreira, através de uma trilha estreita e escorregadia, pois ainda não havia melhor via de acesso (estradas) no local. O segundo pomar da fruta foi cultivado por Francisco Bruno Ribeiro e o marmelal seguinte por Francisco Rodrigues Coura, no Sertão.

Origem e expansão do marmelo

Alguns autores citam o marmeleiro como originário da Pérsia (atual Irã), no Oriente Médio, onde preconiza o seu cultivo em tempos bastante remotos. Ainda hoje existem formas selvagens de marmeleiros, tanto naquele país como em áreas situadas nas proximidades dos mares Negro e Cáspio, o que torna mais fundamentada a hipótese da sua região de origem.

Na região de Cidônia, situada na Ilha de Creta, na Grécia, o marmelo foi cultivado por povos primitivos, razão pela qual esse fruto era conhecido pelos romanos como “maçã da Cidônia”. Na literatura da Grécia Antiga, o marmelo era tido como símbolo de fecundidade, com o qual os atenienses homenageavam a deusa do amor e da beleza, Afrodite (Vênus na mitologia romana). Em algumas regiões do Sul da Grécia, Itália e França, o marmeleiro encontra-se bastante disseminado, crescendo espontaneamente, como que fugindo à civilização e indicando a sua boa capacidade de adaptação. O marmeleiro (*Cydonia oblonga* Mill) foi uma das primeiras plantas introduzidas no Brasil. Os colonizadores de Martim Afonso de Souza, aportados em São Vicente em 1532, trouxeram do Reino, dos Açores e da Madeira, em Portugal, a cana de açúcar, a videira, a romãzeira, o citrus, o marmeleiro e muitas outras espécies úteis que vicejaram além mar.

Desse modo, por todo o final do século XVI e atravessando os seguintes, até o fim do período colonial, a marmelada representou importante produto de exportação, principalmente através do Porto de Santos, tornando-se significativa fonte de renda também nos tempos do Império.

Os marmelais prosperaram em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, disseminando-se, mais tarde pelos estados nordestinos e do sul do país. O marmelo, então abundante nos meses de janeiro e fevereiro, era facilmente encontrado e adquirido a preços irrisórios. Nessas condições, tinha largo consumo na cozinha doméstica, onde, talvez por influência dos imigrantes, passou a ser usado tanto para o preparo da marmelada, como de outros saborosos quitutes caseiros, tais como geleias, tortas, compotas, cristalizados e sopas.

O marmelo formou extensas culturas comerciais no sul do estado de Minas Gerais. As maiores foram financiadas pelas grandes firmas produtoras de marmelada. Somente nos arredores da região do Sul de Minas cultivaram-se cerca de dois milhões de marmeleiros, dos quais seiscentos mil ficavam em Marmelópolis.

Infelizmente, após tão longo período de prosperidade, sobreveio o ataque de uma insidiosa moléstia, conhecida pelo nome de “requeima”, a qual, em pouco tempo, alastrou-se, tomando conta dos marmelais. Culturas florescentes foram aniquiladas ou tornaram-se praticamente improdutivas. Não tardou, porém, para que a tecnologia agrônômica, em uma expressiva demonstração de suas possibilidades, viesse em auxílio dos fruticultores. Após cuidadosos estudos, a ciência pôde indicar-lhes os meios eficazes de combater terrível moléstia. Aplicados tais meios, a cultura foi, aos poucos, se reestabelecendo e recuperando o tempo perdido.

São várias as doenças e pragas que atacam o marmeleiro. Das doenças parasitárias, entretanto, a que para Marmelópolis teve realmente reflexo econômico foi a Entomosporiose, sendo conhecida pelos fruticultores locais como ferrugem, requeima, mela ou crestamento de folhas. Apresenta-se com os seguintes sintomas:

Nas folhas:

Pequenas manchas, mais ou menos arredondadas e de cor avermelhada, dentro delas aparecem pequeninas crostas pretas, formadas pelas frutificações do parasita e facilmente visíveis com uma lente comum de bolso. Gradativamente vão aumentando de diâmetro, tomando conta de toda a superfície da folha, perdendo a cor verde e ficando como se estivesse enferrujada.

Nos frutos:

Pequenas manchas pretas, ligeiramente deprimidas, que aumentam de diâmetro e reúnem-se, dando ao marmelo mau aspecto, prejudicando o seu bom desenvolvimento e causando nele deformações ou rachaduras, onde penetram outros parasitas que concorrem para o seu rápido apodrecimento.

Nos galhos:

Pequeninos cancos ou feridas, dificilmente visíveis a olho nu, mas que constituem o principal foco de infecção de um ano para o outro.

A estomoporiose é facilmente combatida nos marmeleiros bem cultivados, que anualmente recebem tratamentos culturais indispensáveis com pulverizações de Calda Bordalesa, que é composta por 1Kg de sulfato de Cobre, 1Kg de Cal Virgem e 100 litros de água. Essa pulverização é essencial para a lavoura e precisa ser realizada anualmente para evitar que o fungo nela impregne, comprometendo a colheita.



Foto. José Renato Ribeiro

Quando tratados adequadamente, os marmelais do município de Marmelópolis apresentavam uma produtividade admirável. No período de florada os vales e montanhas se enchiam de flores, proporcionando um magnífico espetáculo. Muitas árvores ficavam exageradamente carregadas de frutas, algumas precisavam ser escoradas com varas de bambu para suportar o peso de sua produção para não se quebrar. Houve casos de uma única fruta pesando dois quilos. A paisagem se transformava e era dominada por um belíssimo tom amarelado. O deslumbramento da frutificação anunciava aos marmelistas, tropeiros e operários que haveria muito trabalho pela frente.

Capítulo 5

Instalação das Fábricas



Fábrica Ribeiro Sene e Cia Ltda, de propriedade do Sr. João Ribeiro de Sene, também conhecida como “Fábrica do Joãozinho”

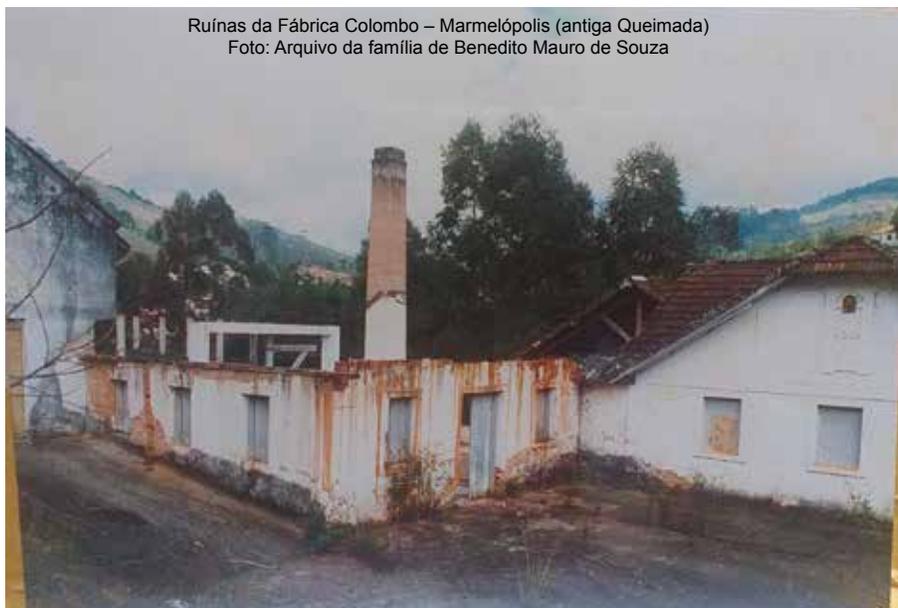
Fábrica União / Colombo

Por volta de 1935 a produção de marmelo em Queimada já era bastante significativa. O crescente volume das colheitas fez surgir a necessidade da instalação de uma fábrica no local. O aumento da produtividade dos marmelais, associado à precariedade dos caminhos, tornava o transporte das frutas até Delfim Moreira lento e exaustivo. Com o olhar posto no futuro, Luiz Gonçalves Ribeiro (Luiz Veremos), produtor da região, viajou ao Rio de Janeiro buscando, na matriz da fábrica Colombo, uma sociedade que implantasse uma filial no povoado. Tendo conseguido o almejado acordo, fundou a primeira fábrica local. Tornaram-se seus sócios o Sr. Ferrão (comerciante local) e o Sr. Albano de Oliveira (representante da marca Colombo). Devido a essa associação, o estabelecimento recebeu inicialmente o nome de Fábrica União.

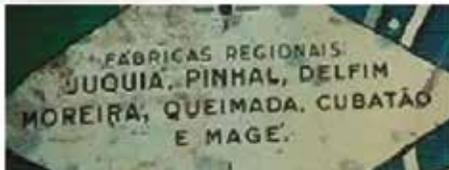
Para preparar o terreno onde a fábrica seria construída, a terra escavada era retirada em couros, que eram arrastados por juntas de bois. As pedras eram puxadas em zorras, equipamento rudimentar feito com troncos de madeira e puxado por animais.

A caldeira, que seria usada no cozimento do marmelo, foi transportada por ferrovia, do Rio de Janeiro a Delfim Moreira. Em seguida foi levada para a Queimada, puxada por onze juntas de bois, passando pelos caminhos do Rosário, Cata dos Marins e Sertão, até chegar ao destino, no Distrito de Queimada. A realização deste percurso demorou exatamente um mês para se concluir. Em muitos dos trechos era necessário que se abrisse caminho com o uso de enxadas, para que as juntas conseguissem passar. Uma dessas juntas pertencia ao Sr. João Crisóstomo de Oliveira, conhecido como João Bias. Os animais desse colaborador tinham os seguintes nomes: Maranhão, Segredo, Negrinho, Pombinho, Rouxinol e Boneco. A chegada da caldeira na Queimada foi motivo de alegria e comemorações. Esse acontecimento renovou os ânimos e as expectativas desses ousados e valentes precursores da indústria no local.

Parte da estrutura da fábrica era feita de madeira e parte de tijolos. As primeiras máquinas usadas eram movidas por rodas d'água. As embalagens (latas de vinte quilos), utilizadas para armazenar a polpa cozida, eram inicialmente manufaturadas na própria fábrica, em um setor denominado estamparia. A União gerou, logo no início, empregos para aproximadamente 70 pessoas. Anos depois essa fábrica foi adquirida pela Indústria Colombo.



Lata de marmelada produzida pela Fábrica Colombo (objeto do acervo particular de Ana Flávia Coura)



A Confeitaria Colombo foi fundada em 1894, no Rio de Janeiro (então capital do Brasil), pelos imigrantes portugueses Joaquim Borges de Meireles e Manuel José Lebrão. Seu nome homenageia o navegador Cristóvão Colombo. Lebrão marcou sua época por ter lançado a frase: “O freguês tem sempre razão”. Em 1920 fundou uma firma de doces com o mesmo nome da confeitaria. A marmelada, que até então era trazida de Portugal, passou a ser fabricada no Brasil.

Para se fabricar a marmelada na quantia desejada, a fábrica Colombo precisou buscar a polpa da fruta onde ela era produzida, igualmente em grande quantidade. Neste contexto, a Colombo adquiriu a pequena fábrica União de Queimada, ampliou-a e reformou suas instalações. A reforma foi necessária devido à deterioração da madeira pelas chuvas e, à medida em que as safras de marmelo se avolumavam, a construção precisou ser totalmente feita de alvenaria. Os tijolos e as telhas eram produzidos em uma olaria, criada por Manoel Cunha e Sebastião Bruno, sendo este auxiliado pelos filhos Manoel e Luiz. Esta olaria se localizava no caminho do bairro Encosto. Uma outra olaria foi construída, ali nas proximidades, pelo Sr. José Bedeco. Os senhores José Santana Ribeiro e Oswaldo Melo participaram da construção da fábrica, respectivamente como pedreiro e mestre de obras.

A Colombo enviava para o Rio de Janeiro a massa cozida da polpa de marmelo, envasada em latas, para que naquela cidade o doce “marmelada” fosse produzido e comercializado. Nas imagens a seguir, ruínas



Foto: Arquivo de Francisco Sérgio Ribeiro

da fábrica Colombo e uma lata de marmelada da década de 1930, onde aparece o nome do lugar “Queimada”.

O Sr. Noé Corrêa foi um funcionário essencial para a filial da Colombo em Queimada. Nascido em 1925, no município de Passa Quatro-MG, perdeu o pai quando criança e foi enviado a um orfanato, juntamente com seu irmão José. Nesse lugar os irmãos passaram por muitas dificuldades e, após vários anos vivendo em condições desfavoráveis, decidiram fugir. José partiu sozinho para o Rio de Janeiro e Noé seguiu para a Queimada, onde foi acolhido pelo Sr. Chiquinho



Foto: Arquivo de Francisco Sérgio Ribeiro

Lemes, que lhe ofereceu o primeiro emprego. Algum tempo depois, trabalhou com o Sr. Luiz Veremos, gerente da Fábrica Colombo e, após conseguir a sua própria casa, casou-se com Francisca Ribeiro de Oliveira.

Em sua residência,



Foto: Arquivo de Francisco Sérgio Ribeiro

Noé ofereceu hospedagem a um senhor conhecido como Carlos Alemão, mecânico, que havia sido contratado para trabalhar por algum tempo na filial da Fábrica Colombo. Uma sólida e duradoura amizade surgiu entre eles. Vislumbrando dias vindouros, Alemão transmitiu ao amigo os seus conhecimentos de mecânica, preparando-o para o ofício, tão escasso naquele lugar. Após a sua partida, a Colombo chamou Noé para substituí-lo. Mais tarde, Noé passou a prestar serviços mecânicos para todas as demais fábricas que foram surgindo no distrito. Consertava caldeiras, máquinas e outros equipamentos, além dos implementos agrícolas dos produtores rurais, principalmente as “bombas”. Quando a fábrica Colombo foi vendida para outra indústria, a Cica, Noé foi enviado para trabalhar na matriz, no Rio de Janeiro. Porém, após alguns meses, decidiu retornar à Queimada, para ficar junto da esposa e dos filhos e abrir a sua própria oficina mecânica.

Além do trabalho na oficina, Noé ajudou a abrir estradas e participou da emancipação política do município. Foi pai de duas filhas e quatro filhos. Ensinou o seu ofício aos filhos, que o realizam casualmente. O filho mais novo, Toninho, porém, mantém a profissão de mecânico como sua atividade principal, mantendo vivo o legado do Sr. Noé Correa.

CICA

Rapidamente o número de marmeleiros do lugar foi aumentando e elevou-se para 600 mil pés. Além da extraordinária produção da fruta, a construção da estrada de Queimada a Delfim Moreira (1944-1946) também favoreceu a chegada de outras fábricas, que fizeram concorrência para a Colombo.

Essas novas fábricas pagavam uma pequena diferença a mais aos produtores, dando mais valor não só ao peso do fruto, como também ao seu transporte. Com isso, a produção da Colombo diminuiu consideravelmente, causando, em pouco tempo, prejuízos a essa fábrica, de modo que ela foi vendida em 1968, para uma companhia chamada CICA.

A Companhia Industrial de Conservas Alimentícias, popularmente denominada de CICA, foi a maior multiprodutora agrícola brasileira. A empresa foi fundada em 1941, na cidade de Jundiá-SP, produzindo molho de tomate, molho de pimenta, maionese, marmelada e goiabada. Apesar de muito lucrativa e tendo filiais em diversos lugares do Brasil, faliu em 1985. (Pesquisa realizada em 23/08/2022 às 20:12 Companhia Industrial de Conservas Alimentícias – wikipédia.org)

A CICA comprou a Fábrica Colombo e ampliou as instalações. O trabalho nela exercido era praticamente o mesmo, porém as latas para o armazenamento da massa de marmelo deixaram de ser produzidas no local e passaram a ser compradas prontas. Essa indústria pagava melhor preço aos produtores, além de comprar a produção de massa de outras fábricas de Queimada e arredores.



Um dos principais funcionários da CICA foi o Sr. José Narciso de Souza, conhecido como Zeca, que prestou serviços à empresa por dez anos, até o seu falecimento. Depois o cargo foi assumido por seu filho, Benedito Mauro de Souza, que continuou trabalhando até o fechamento total da instalação, em 1989.



Símbolo da CICA, na praça

Foto: arquivo da prefeitura

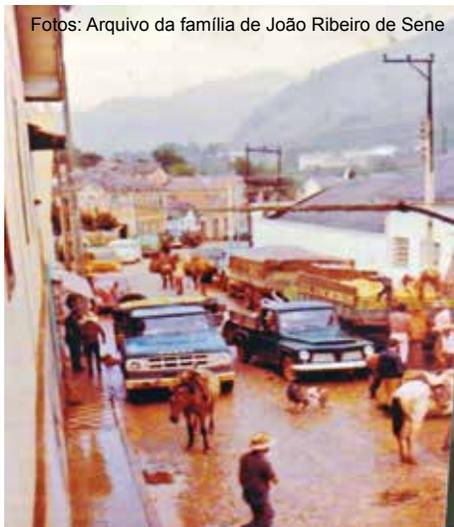
Durante anos, até 1984, a companhia manteve o monopólio da fabricação de polpa de marmelo. Em 1985 foi desativada e o prédio passou a servir apenas como depósito de patrimônio (carrinhos, caldeira, etc), até que todo o maquinário fosse levado para a sede em Jundiáí, em 1989. A casa da fábrica, onde morava o sócio da União, o Sr. Luiz Veremos, foi construída em 1945. Depois residiu nela o Sr. Zeca. Atualmente quem vive nessa casa é o Sr. Benedito Mauro com sua família.



Foto: da família de Benedito Mauro de Souza

A CICA após a sua desativação. Nesta imagem pode-se ver um uma escavação no chão. É o exato lugar onde ficava o gerador, com uma turbina movida a água, que produzia energia elétrica para a fábrica.

Fotos: Arquivo da família de João Ribeiro de Sene

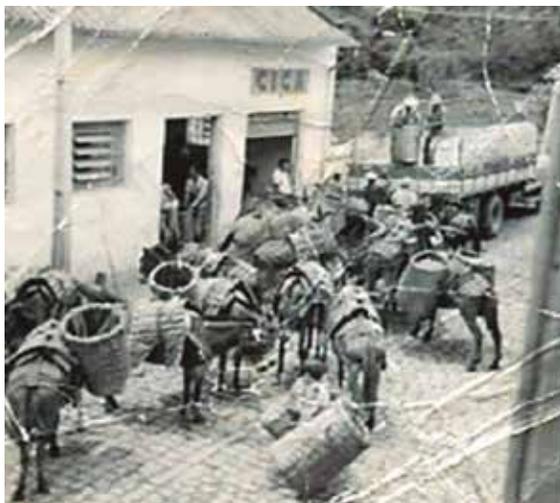


Movimentação de caminhões durante a colheita do marmelo

Eis algumas imagens da CICA, no ano de 1971, em pleno funcionamento, quando a produção atingia 80 mil latas de massa por safra. Toda a produção era levada para Jundiáí. Nessa época o principal transportador das latas de polpa era conhecido por Sabino.

A chaminé da fábrica possuía trinta e cinco metros de altura e era um símbolo da grandiosidade da CICA. Outro símbolo da fábrica era uma estrutura construída na praça ao lado, que remetia às patas de um elefante. Esse local era utilizado para a realização de cerimônias cívicas.

Em 1986 o padre Geraldo Barbosa de Mendonça foi nomeado vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora da Soledade, de Delfim Moreira, tornando o responsável pela comunidade católica de Marmelópolis. Como ainda não era paróquia, a Igreja Nossa Senhora Aparecida era uma capela. Observando a inexistência de um espaço para cerimoniais e entretenimento na cidade, decidiu pedir aos responsáveis pela fábrica a cessão de um de seus galpões para sediar tais eventos. Neste local foram realizadas festas da padroeira da cidade, festas de escola,



Movimentação de tropas em frente à fábrica

Foto: Arquivo da família de João Ribeiro de Sene

quadrilhas, gincanas, missas, desfiles de miss, almoços comunitários e outros festejos e atividades.

Em 1992 a prefeitura comprou a estrutura física da Cica, que foi demolida visando a ampliação da praça. Na parte inferior desse espaço foi construído o prédio do Programa de Saúde da Família (PSF) e na parte superior criou-se uma nova praça.

Industrializadora de Frutas Cubatão

A fábrica do bairro Cubatão foi fundada e construída por meio de uma parceria entre o Sr. José Ovídio e a empresa Colombo, por volta de 1940. José Ovídio foi um dos maiores produtores de marmelo da região. Em 1968, essa fábrica foi vendida a três sócios: o Sr. Expedito Magalhães Ribeiro, o Sr. Cícero e o Sr. Antônio Fortes. Anos depois, o Sr. Expedito continuou as atividades como único proprietário, tendo encerrado o funcionamento em 1986.



Parte da polpa produzida nessa fábrica, durante a gestão do Sr. Expedito, era vendida para a Fábrica Sete Estrelas LTDA, fundada em 1938, na cidade de São Paulo. Outra parte era vendida para a fábrica Paoletti (Companhia Industrial e Mercantil Paoletti S.A.), popularizada no Brasil pela marca Etti, uma das maiores indústrias alimentícias do país, fundada por Carmello Paoletti em 1954.

Nos arredores da Fábrica do Cubatão havia aproximadamente 32



***Expedito Magalhães Ribeiro
e esposa, Marta Cardoso Ribeiro***
Foto: Arquivo da família



***Benedito Ribeiro Fortes
e esposa, Benedita de Fátima Fortes***
Foto: Arquivo da família

casas de colonos, que trabalhavam tanto nas lavouras de marmelo, como na atividade fabril. Somente nessa fábrica a produção chegou a atingir 40 mil latas de massa por safra e seus proprietários mantinham, em média, 120 funcionários.



Atuais ruínas da fábrica Industrializadora de Frutas Cubatão

O Sr. Benedito Ribeiro Fortes orgulhosamente conta que toda a área ao redor de sua fazenda era repleta de plantação de marmelo, que o trabalho era árduo e constante, porém compensador. Gastava em torno de 80 sacos de sulfato para “curar” a plantação e colhia-se em média quatrocentos mil quilos de marmelo, por safra.

No período do ciclo do marmelo havia comerciantes que viajavam por diversos lugares e passavam por essa região, oferecendo seus produtos. Um destes era o Sr. Antônio Paiva, que com seus cargueiros, carregados com barris feitos de madeira e cheios de cachaça (cerca de 50 litros por barril), vendia a bebida aos fazendeiros locais. No fim das safras, aconteciam animadas comemorações regadas à “pinga do Antônio Paiva”.

Peixe

A Fábrica Peixe, uma das maiores potências industriais do Brasil na primeira metade do século XX, foi fundada em 1898, com o nome de Indústria Alimentícia Carlos de Brito S.A. Fábrica Peixe, no município de Pesqueira, em Pernambuco. Surgiu da iniciativa de uma doceira chamada Dina da Conceição. Esta senhora alterou a receita da goiabada, doce escuro e açucarado, de difícil corte, que era vendido em caixas de madeira. Aperfeiçoou o ponto de preparação do doce e deu-lhe coloração encarnada, além de um paladar mais agradável. Quando foi trabalhar na casa de



Fábrica Peixe - bairro Sertão

Maria da Conceição Cavalcanti de Brito, a dona Yayá, mulher do capitão Carlos Frederico Xavier de Brito, apresentou-lhe a sua nova receita. Dona Yayá resolveu investir na produção da goiabada caseira e em 1898 fundou a Fábrica Peixe, de Pesqueira. (Pesquisado em Toada para a Fábrica Peixe – Meus Sertões - meussertoes.com.br - acesso em 10/06/2022)

A atividade de fabricação do doce e também do extrato de tomate tinham caráter inicialmente artesanal. Logo houve a difusão dos produtos em todo o estado de Pernambuco e, em seguida, as vendas estenderam-se para outros estados, tornando necessária a aquisição de máquinas de funilaria para o preparo das embalagens. Os produtos passaram então a ser vendidos em latas. Em 1920, com a morte do fundador da fábrica Peixe, seu filho Manuel Britto deu continuidade à empresa. Na década de 1930, as Indústrias Peixe expandiram sua produção para os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Foram adquirindo outras fábricas, mobilizando maiores investimentos e fabricando outros tipos de produtos, como a marmelada. (Pesquisado em “Marmelada de tomate: as relações de trabalho a partir do “sistema de parceria” na Fábrica Peixe - Pesqueira/Pe” - periodicos.uff.br/cantareira/article/view/42844/28067, acessado em 10 de junho de 2022).

A Peixe teve excelente cenário econômico entre as décadas de 1930 e 1950. No entanto, novas empresas começaram a surgir, em especial as indústrias alimentícias do Sul e Sudeste como a ETTI (Companhia Industrial e Mercantil Paoletti S/A) e a CICA (Companhia Industrial de Conservas Alimentícias), na década de 1940. A concorrência foi pouco a pouco se destacando, de modo que a Fábrica Peixe começou a perder mercado na Região Sudeste, instaurando-se uma crise estrutural na empresa em meados dos anos 1950.

Foi na década de 1940 que a Fábrica Peixe se instalou no bairro Sertão, em Queimada. A Peixe do Sertão era uma filial da fábrica de São Paulo, que tinha como diretora a Senhora Maria Brito. Ainda hoje, na chaminé da fábrica, estão gravadas as iniciais do nome dela (MB). No Sertão, a fábrica gerou empregos para pessoas que vinham de várias cidades. O Sr. Benedito Gaspar acompanhou a construção da Peixe desde o início. De acordo com seu filho, José Gaspar, Benedito contava que a caldeira da fábrica foi trazida de Delfim Moreira, puxada por bois, passando pelo bairro do Rosário, pela mata, pois na época ainda não havia estradas. Quando havia uma subida mais íngreme e os bois não conseguiam puxar, os boia-

deiros fincavam uma madeira no chão, prendiam uma corrente bem forte e vários homens ajudavam naquela travessia, o que chamavam de talha. Foram várias semanas até chegarem ao Sertão. Quando conseguiram chegar houve uma grandiosa festa para comemorar.

A fábrica produzia polpa para marmelada, como as demais fábricas da localidade. Comprava a safra de vários produtores da região, promovendo intensa movimentação de pessoas e de tropas, dentro e fora da edificação. Os trabalhadores faziam serões para conseguir atender à demanda. A Peixe também comprava pêssegos, nas duas primeiras semanas da safra, depois disso somente marmelo.

Para o armazenamento da massa, eram trazidas embalagens (latas) de Delfim Moreira. Estas eram transportadas por tropas de burros ou em carro de bois. Depois de preenchidas com a massa cozida da



Foto: Arquivo de Alzília Alves

polpa de marmelo, as latas eram levadas de volta, pelos mesmos meios, passando pelo Sertão de Cima, em direção ao bairro Brumado, até chegar em Delfim Moreira.

Devido às chuvas excessivas na época das safras, formava-se muita lama nas trilhas e o transporte

era bastante dificultado em razão do clima. O movimento de animais era grande, somente no bairro Sertão havia mais de 200 muares sendo utilizados para escoar a produção em cada safra.

Nos arredores da fábrica havia dois barracões e algumas casinhas, que serviam de abrigo aos funcionários vindos de outros lugares para trabalhar durante as safras. Uma delas ainda encontra-se preservada (foto nesta página).

O encarregado pelo funcionamento da Peixe do Sertão chamava-se Olímpio. Alguns homens da região também trabalharam em cargos de liderança nessa fábrica. O Sr. Genaro Machado foi pesador de marmelo por

muitos anos; o Sr. Chiquinho Lemes foi gerente por vários anos, até que se desentendeu com os proprietários e decidiu construir a sua própria fábrica. O Sr. Afonso Monteiro, um dos funcionários mais antigos, também foi gerente por anos e, quando a fábrica fechou, foi indenizado pelo tempo de serviço prestado, recebendo como pagamento o terreno onde a fábrica havia sido construída e o galpão onde ela funcionava.

Sertaneja

Francisco de Paula Rodrigues, nascido em 1897, conhecido como Chiquinho Lemes, era casado com Maria Margarida da Fonseca (Dona Mariquinha). Foi um dos pioneiros na produção de marmelo do Sertão e também trabalhou como gerente da fábrica Peixe, localizada naquele bairro. Por volta de 1951/1952, em data próxima à colheita de marmelo, devido a um desentendimento com a direção da fábrica, ficou sem ter a quem vender a sua produção.



Chiquinho Lemes era constantemente atacado por bronquite e esta situação se agravou em uma de suas viagens. Devido a isso, ficou internado em um hospital de Poços de Caldas, onde conheceu um alemão que o incentivou a construir a sua própria fábrica e se ofereceu para vender-lhe uma caldeira. E ele assim o fez. Construiu a fábrica Sertaneja, também no bairro Sertão, e começou a comprar marmelo de vários produtores. Em poucos anos ele se tornou um dos maiores produtores de marmelo do mundo.

Em um filme de 1952, elaborado pela Tamoios Filmes, o locutor comenta, em relação à Queimada que “caso interessante e pitoresco, que bem demonstra o valor de seus filhos, foi a da construção e montagem da fábrica do Sr. Francisco de Paula Rodrigues. Mobilizando todos os trabalhadores do distrito e cidades circunvizinhas, o Sr. Paula Rodrigues



Foto: Arquivo da família



Foto: Arquivo da família

À esquerda, Sr. Chiquinho Lemes e esposa, Maria Margarida da Fonseca (Dona Mariquinha) e à direita, Felipe Santolia e esposa, Ana Lúcia

conseguiu, em uma arrancada sensacional, colocar a sua fábrica em funcionamento em apenas 30 dias após o início de sua construção. Hoje, acha-se em plena forma, produzindo 580.000 quilos de massa de marmelo”. O filme pode ser acessado o link: no youtube www.youtube.com/watch?v=thKBPd_6vwc ou pelo facebook www.facebook.com/Marmelopolis/

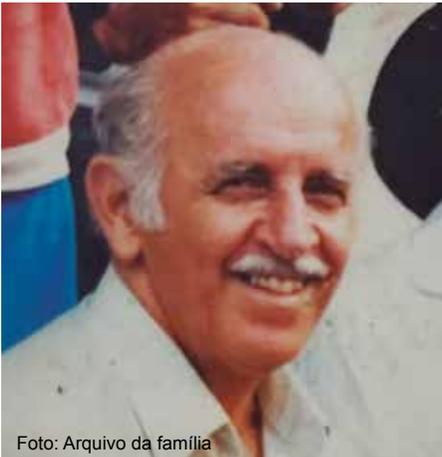


Foto: Arquivo da família



Foto: Arquivo da família

À esquerda, Tiguera (Benedito Geraldo Ferreira) e à direita, José Gaspar - administrador

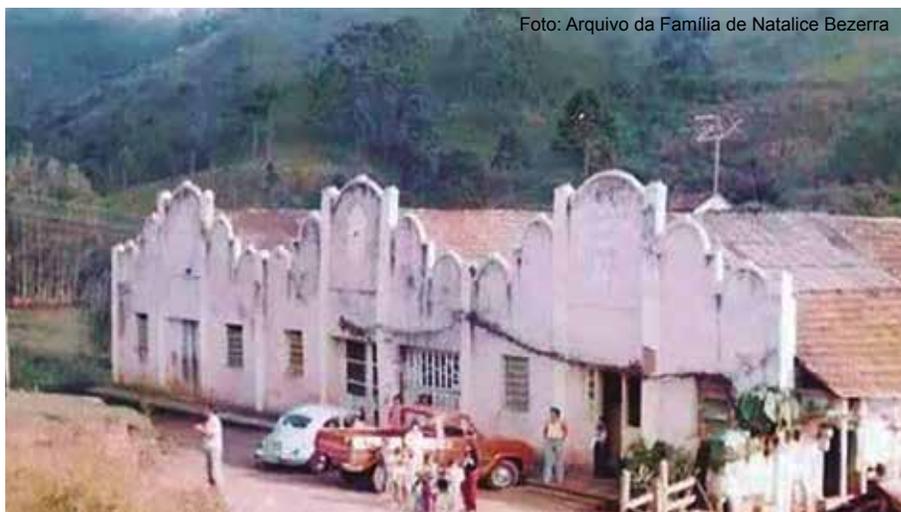
Posteriormente essa fábrica foi herdada pela filha do casal, a Sra. Ana Lúcia Ferreira Cancela e seu esposo Manoel Felipe Santolia Cancela, que passaram a administrá-la. Com o encerramento da produção de polpa de marmelo, a estrutura foi transformada em uma granja, fechada anos depois. Atualmente grande parte da construção já não existe mais.

Indústria de Polpas Delfim

Joaquim Ribeiro da Mota, conhecido como Joaquim Lourenço, foi um grande empreendedor. Deixou sua marca na política, no trabalho e na indústria de polpa de marmelo.

Joaquim Lourenço foi proprietário da fábrica “Indústria de Polpas Delfim” que recebeu esse nome porque teve como sócio o Sr. Antônio Macahiba, de Delfim Moreira, nos primeiros anos de funcionamento. Seus clientes eram sempre bem recebidos, com um “tira-gosto”, uma dose de pinga e uma boa conversa.

A fábrica funcionou de 1954 a 1986. Sua produção chegava a 120 mil latas de massa de marmelo por ano. O movimento de tropeiros era tão intenso que, em várias ocasiões, estes tinham que descarregar as frutas do lado de fora da fábrica, formando grandes montes de marmelos. Era necessário esperar que as cargas que estavam do lado de dentro fossem



Indústria de polpa Delfim – bairro Ponte Alta

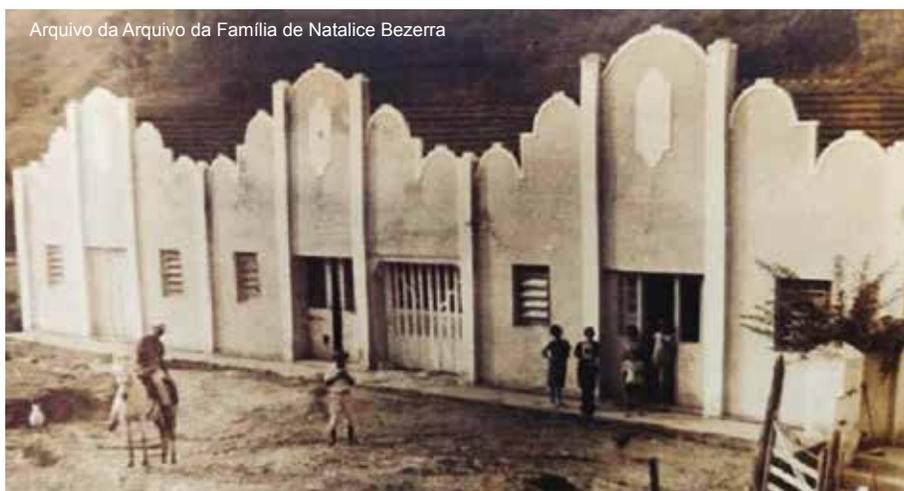
pesadas e levadas para a produção de polpa, para assim liberar espaço para a entrada de outras cargas.

A energia elétrica, produzida por um gerador, facilitava o trabalho nas noites de serão. Era preciso fazer serões constantemente para atender à demanda. A produção era vendida para a CICA/Colombo na Queimada, e para a Vera Cruz, em Itajubá.



*Recibo da pesa de marmelo em 01/02/1963
Produtor, Sr. Sebastião Coura
Funcionária, Sra. Dulce de Souza Ribeiro*

As latas para armazenar a polpa eram compradas em Santa Rita do Sapucaí. Eram levadas de trem até Delfim Moreira e de lá transportadas por tropas de muares até a Queimada. As estradas eram demasiadamente precárias e o número de caminhões bastante reduzido, de modo que o percurso com tropas, apesar de lento e árduo, ainda era a alternativa mais comum de transporte. As tropas que circulavam pelas estradas eram tantas que acabavam por





À esquerda, César Lourenço e à direita, seu irmão Jarbas

deixar o trajeto ainda mais difícil. O tráfego constante e intenso de animais sobre o solo encharcado deixava os caminhos, por vezes, intransitáveis.

Em certa ocasião uma peça da peneira da fábrica ficou danificada. A peneira era o equipamento responsável por separar a polpa das sementes. O Sr. Joaquim Lourenço saiu de madrugada, sob forte chuva, e foi a cavalo até a Barreira, na divisa com o estado de São Paulo. De lá seguiu de ônibus até chegar a São Paulo. Em pouquíssimo tempo já havia retornado com a peça. A peneira foi consertada e a produção pôde voltar ao normal.

Após sua morte, em 1983, a fábrica passou a ser administrada por seu filho Jarbas. Este é muito lembrado pela sua alegria, trabalhava cantando ou assoviando o tempo todo. Dizia “Cuidar dos marmeleiros é manter o ar que eu respiro. Me tire esta lida, me tire a vida!”

Outro filho de Joaquim Lourenço, César Lourenço Ribeiro, também foi produtor de marmelo. Em entrevista realizada por Mateus C. Ribeiro, publicada no Youtube em 2021 (<https://youtu.be/FyoZVQNoVcY>), César contou sobre sua trajetória. Após trabalhar na Coletoria de Marmelópolis por quinze anos, mudou-se da cidade. Quando se aposentou, voltou e passou a se dedicar ao cultivo do marmelo em sua fazenda, no bairro Cubatão, insistindo na preservação da agricultura local. Investiu também em apicultura, objetivando a polinização das flores dos marmeleiros. Com grande carisma César se referia a sua plantação como “a redenção da lavoura de marmelo”.

Fábrica Ribeiro Sene e Cia Ltda

A fábrica Ribeiro Sene e Cia Ltda, de propriedade do Sr. João Ribeiro de Sene, teve seu prédio construído no ano de 1955, pelos pedreiros Francisco Ribeiro da Cunha, José Ribeiro da Cunha e Benedito Ribeiro da Cunha, conhecidos respectivamente como Chico Camargo, Zezinho Camargo e Ditinho Camargo. Todo o serviço feito em madeira foi executado pelo Sr. Salvador. As telhas e tijolos utilizados na construção foram produzidos na olaria do Sr. Sebastião Bruno. A casa do Sr. João Sene, localizada no centro da cidade também foi construída na mesma época, pelos mesmos pedreiros. Como nas demais fábricas da época, a caldeira e o motor foram puxados por juntas de bois. Quem os instalou foi o alemão Carlos Green.



Sr. João Ribeiro de Sene
Foto: Arquivo da família

O Sr. Luiz Veremos, então gerente da Fábrica Colombo, foi grande incentivador para que Sr. João Sene construísse a fábrica, oferecendo-lhe sociedade. A primeira produção de polpa de marmelo dessa fábrica se deu na safra de 1956. Sua produção chegou a 60 mil latas de 20 quilos em



Foto: Arquivo da família

Fábrica Ribeiro Sene e Cia Ltda

um ano. Recebia cerca de 40 toneladas de fruta por dia, fornecidas por 200 produtores, em média.

Essa polpa era comercializada com as empresas Sete Estrelas, Bandeirantes, Bela Vista, Cica de Jundiá, Ourinhos, Mirassol, São Fidelis, Muriaé, Belo Horizonte, Poços de Caldas, Uberaba, Casas da Banha, entre outras. A fábrica possuía dois caminhões que eram utilizados para as entregas.

O Sr. João Ribeiro de Sene também ocupou o cargo de Juiz de Paz, no município de Marmelópolis, por 12 anos, realizando vários casamentos. Também foi vereador durante o mandato do prefeito Benedito Bebiano Ribeiro. Ajudou a construir o campo de futebol, cujo terreno foi doado pelo seu avô Francisco Bruno Ribeiro. Foi ainda um dos principais comerciantes do local. Participou do processo de emancipação do município, sendo amigo pessoal de Aureliano Chaves, na época deputado estadual (posteriormente governador do estado e vice presidente da República).

A Cooperativa

A fundação da fábrica, que recebeu o nome de Cooperativa Agrícola Mista dos Fruticultores, ocorreu em 1953. Um grupo de produtores, obtendo empréstimos do Banco do Brasil, associaram-se e fundaram a instituição. Os sócios cooperados tinham o compromisso de fornecer sua produção de marmelo para a fábrica e de pagar anualmente, após a safra, as parcelas do empréstimo. Somente após esse pagamento, podiam dividir o lucro entre si. Inicialmente funcionava no bairro São José da Mantiqueira (Gorda). Com a inauguração do novo prédio, na Queimada, as atividades se intensificaram. Um dos pedreiros responsáveis pela construção da edificação foi o Sr. Manoel Caio.



Residência do Sr. João Ribeiro de Sene e seu armazém, no centro da cidade



Imagem atual da fachada do prédio da antiga Cooperativa

O presidente da Cooperativa era o Sr. Juscelino Braga e o gerente, o Sr. José Marques. O Sr. Francisco Alves Ribeiro também a gerenciou por um tempo. Após anos de funcionamento, devido a problemas administrativos e financeiros, foi decretada a falência da fábrica e seu funcionamento se encerrou. Anos depois o prédio foi comprado pela Prefeitura Municipal. Atualmente os ambientes internos estão divididos entre uma oficina mecânica, um espaço destinado a lavagem de automóveis, a garagem da prefeitura, uma quadra poliesportiva e um galpão onde funciona uma confecção de roupas.

Fábrica Benato



A fábrica Benato, situada no bairro Veremos, era uma sociedade que pertencia aos irmãos Ovídio Veremos, Joaquim Veremos e Sebastião Veremos, filhos de Antônio Wenceslau, proprietário de

grande extensão de terra na região. Foi fundada em 1954 e produzia uma média anual de 200 mil quilos de massa de marmelo.

Os sócios da Benato enfrentavam grandes dificuldades para escoar sua produção, pois não havia estrada ligando o bairro Veremos à Queimada. Havia somente uma trilha, na qual se formavam atoleiros em vários trechos. Em um determinado ponto desse caminho, era necessário fazer com que as tropas atravessassem por dentro de um rio, hoje denominado Rio Lourenço Velho. Francisco de Paula Ribeiro, hoje com 89 anos de idade, filho de Joaquim Veremos, lembra-se do grande volume de água que corria nesse leito. Ele estima que atualmente a proporção desse volume chega a somente $\frac{1}{4}$ (25%) do que havia naquela época.

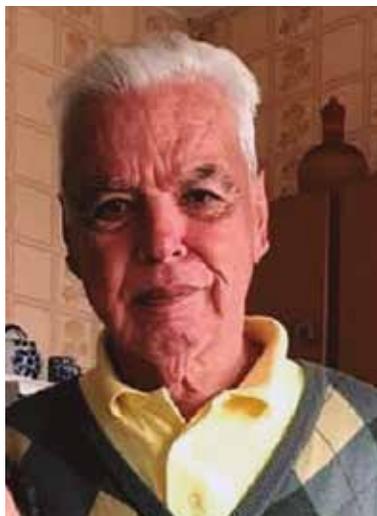
Assim como as demais fábricas, esta teve que encerrar as suas atividades. No entanto, Francisco fundou, no município de Itajubá, a Fábrica Veremos, que produziu marmelada durante muitos anos.

Fábrica Santa Rita

Evaristo Gomes, um jovem de 23 anos de idade, nascido em 1940, foi designado pelos diretores da Colombo para ser o gerente da fábrica da Queimada, ao lado de seu sogro, Luiz Gonçalves Ribeiro (Luiz Veremos). Era fácil encontrar Evaristo cavalcando de Delfim Moreira, onde residia, até a Queimada. Mesmo após a construção da estrada, continuou fazendo o percurso a cavalo, pois assim era mais fácil conseguir passagem. Muitas



Fábrica Santa Rita



*Os irmãos
Rubens
Rezeck
(à esq.) e
Saliman
Rezeck (à
dir.)*

Foto: Arquivo da família



vezes os caminhões atolavam na estrada e obstruíam o caminho. Não foram poucos os dias em que ele chegou em sua casa com as roupas cobertas de lama, devido às dificuldades do trajeto.

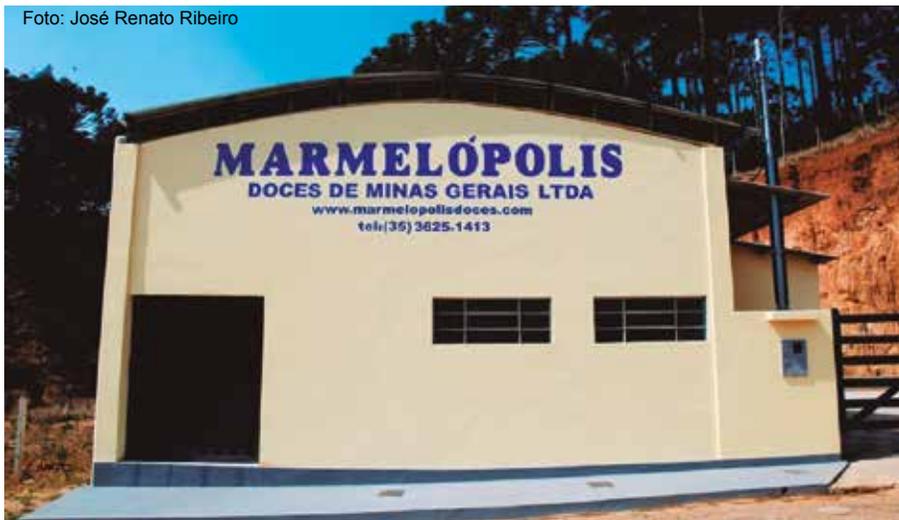
No início da década de 60, com seu espírito empreendedor, Evaristo deixou a Colombo para fundar a sua própria fábrica. Comprou um terreno do Sr. Francisco Alves Ribeiro e iniciou a construção. O prédio, erguido para a fabricação de polpa de frutas, contava com área de 765,6m². Além da fábrica e local para o armazenamento da produção, havia duas casas de alvenaria. Um dos pedreiros responsáveis pela obra foi o Sr. José Brito.

Em 1965 foi fundada a Firma Santa Rita Indústria de Conserva de Frutas Ltda, sendo Evaristo Gomes o gerente-sócio. Por várias vezes, o Sr. Evaristo solicitou financiamento no Banco do Brasil, para então poder comprar as frutas e industrializá-las. Alguns anos depois, vendeu a fábrica para os irmãos Saliman Rezeck e Rubens Rezeck, naturais do município de Cristina-MG, netos do libanês Assad Uebe, o primeiro comerciante da Queimada.

Em 1992 a firma foi vendida para a Comércio Indústria Chiquinho Lemes Ltda, tendo como novo proprietário o Sr. Manoel Felipe Santolia Cancela. Por alguns anos funcionou com a produção de batatas fritas. Em 2011 a empresa teve sua dissolução total. Atualmente, no prédio, funciona uma confecção de roupas.

A Fábrica Marmelópolis

Foto: José Renato Ribeiro



José Sérgio da Cunha (Zequinha Camargo) trabalhou por muitos anos nas fábricas de polpa de marmelo, na época de grande produção. Quando as fábricas foram fechadas, ele continuou produzindo marmelada em sua casa e a comercializava. A pequena quantidade produzida era vendida somente no comércio local. Ele dizia que “não podia deixar morrer a tradição da nossa terra”.

Quando adoeceu e já não podia mais fazer o doce, chamou os filhos e fez um pedido: “Não deixem de fazer o doce de marmelo, não deixem acabar a tradição que deu nome a nossa cidade!”

Com isso, no ano de 2012, seus filhos decidiram construir uma pequena fábrica, da qual seriam sócios. Então, providenciaram a documentação e patentearam a marca. Começaram a produzir o doce, com marmelos cultivados no município, comprando a fruta de alguns produtores locais como o Sr. Itúbio e o Sr. Darci.

Atualmente a fábrica pertence às filhas de Zequinha, Magna e Mônica, e Moisés, irmão delas, é quem produz os doces. Ele conta que a produção anual já chegou a 25 mil quilos, mas que no último ano foi reduzida para cerca de 9 mil quilos. A polpa de marmelo tem validade longa, de até 5 anos, desde que corretamente armazenada, em latas rigorosamen-



te lacradas. Desse modo, pode-se guardar a matéria-prima de um ano para outros, sem fazer uso de conservantes químicos.

Hoje, além da tradicional marmelada, a fábrica produz o doce de abóbora em duas versões, a geleia de marmelo com laranja, a marmelada cremosa e a bananinha. Além de produzir os doces, Moisés os distribui em casas comerciais da região, do Vale do Paraíba e

do litoral de São Paulo. A maior dificuldade encontrada pelos irmãos é, que por ser um produto artesanal e natural, o custo é mais alto e a sua comercialização requer maior cautela. Mesmo assim, por se tratar de um pedido do pai, jamais pensaram em desistir.

Graças à persistência do Sr. Zequinha e de seus descendentes, a tradição continua viva.

Capítulo 6

O trabalho



Fotos: arquivo da família de João Ribeiro de Sene

Interior da fábrica Sene, com soldados lacrando as latas de massa ainda quentes

O trabalho proveniente do marmelo

As atividades associadas ao marmelo exigiam dedicação constante e demandavam grandes esforços por parte de todos os que se dispunham a realizá-las. No auge da produção, o Distrito de Queimada era bastante movimentado e recebia trabalhadores de várias cidades vizinhas. Homens, mulheres e até mesmo crianças chegavam para trabalhar nas plantações e nas fábricas.

No período anterior à colheita certos cuidados se faziam necessários. Os pomares precisavam ser “curados” para evitar a entrada de pragas. Para a realização desse tratamento, eram necessários equipamentos específicos. Alguns produtores utilizavam uma bomba manual de pulverização, que era levada nas costas. Outros utilizavam um equipamento



*Acima, equipamento de pulverização restaurado
À direita, pulverizador que pertenceu ao Sr.
Geraldo Ramos e hoje se encontra no museu de
seu filho, Amauri Ramos.*

maior e mais pesado para pulverizar as plantações. O Sr. Luiz Bruno Ribeiro fabricou esses equipamentos durante anos. Um destes foi restaurado por Otávio Cunha e continua em perfeitas condições de funcionamento.

Nas plantações, os marmelos maduros eram derrubados das árvores usando-se varas de cana-da-índia. Depois eram amontoados no chão e em seguida colocados em cestos de bambu (balaios). Algumas pessoas se especializaram na confecção desses cestos para vendê-los aos produtores e aos donos das fábricas. Os balaios eram pequenos e muito úteis na catação dos frutos, nos marmelais. Os maiores eram os jacás, sempre vendidos aos pares, prendiam-se em cangalhas e serviam para transportar cargas de grande volume e peso, carregadas por burros e mulas. Osvaldo Amâncio de Oliveira (nascido em 1938), confecciona essas peças até os dias atuais. Conta que vendeu inúmeros balaios e pares de jacás para os produtores e tropeiros, nos períodos das grandes safras. Saudosamente relata que aprendeu a profissão com o Sr. José Isaías (Zé Zaía), que foi um estimado cesteiro e excelente serrador de madeira.



Foto: José Renato Ribeiro

*Osvaldo Amâncio de Oliveira na
prática de seu essencial artesanato*

Os jacás eram preenchidos com marmelos e transportados por tropas até as fábricas. Cada tropa possuía em média cinco a sete burros e mulas. O animal que seguia na frente era comumente chamado de Mula de Guia. Era treinado para obedecer ao tropeiro e guiar os demais animais pelos caminhos. Possuía um arreamento especial adornado com fitas, geralmente vermelhas, e um peitoral que trazia cerca de seis a dez sinos de metal, além de um “canecão”, nome dado a uma campainha, grande e retangular, que ficava no centro do peitoral. O último animal da tropa era chamado de burro de coice, e sempre levava um pequeno cesto vazio para os marmelos que iam caindo pela estrada.

Não raro as tropas eram formadas por animais da mesma cor e com nomes iniciados pela mesma letra. Em 1958, os animais que compunham uma das tropas do Sr. Sebastião Rodrigues Coura, conhecido como Tião Lemes, eram assim chamados: Paraná, Penacho, Pavão, Paraguai, Palácio e Pedrão. Todos eram da cor preta.

Margarida Ribeiro (Margarida Alípio), hoje com 90 anos de idade, foi tropeira durante muitos anos, transportando marmelo para a Colombo, Cica, Fábrica do Cubatão, Peixe e outras. Ela se recorda das dificuldades que enfrentava para atravessar os caminhos e atoleiros, para descarregar sozinha jacás com até 100 quilos de marmelo. Conta que, em período de enchente, chegou a atravessar sua tropa pelo rio Lourenço Velho, com a água cobrindo até a metade dos jacás. Seus animais eram assim chamados: Rodeio, Semblante, Marinheiro, Faceiro, Faxina e Baronesa.

Havia tropeiros que vinham de outras cidades com até 30 muares para carregar as cargas de marmelo. As tropas maiores proporcionavam



Foto: Arquivo arquivo de Ana Flávia Coura

Tropa pertencente a Antônio Beraldo Ribeiro

diversão às crianças, que corriam ao lado dos animais pedindo marmelo aos tropeiros e imitando os toques das sinetas. Quando uma tropa se aproximava do povoado, as pessoas ficavam observando pelas janelas, para admirar a habilidade dos trabalhadores com o manejo dos animais.

Cada animal carregava em média duzentos quilos de marmelo. Chegavam tão exaustos nas fábricas que os tropeiros precisavam descarregar-los rapidamente, para que eles não se deitassem no chão.

O período de safras coincidia com a estação das chuvas. Todos os caminhos eram de terra, formava-se muita lama e barreiros devido ao intenso pisoteio das tropas. Era comum os animais ficarem atolados no barro e, devido ao excesso de peso que carregavam, tinham dificuldade para se soltarem. Alguns se desequilibravam durante o esforço e acabavam caindo, deitando a cabeça no lamaçal. Por vezes se sufocavam e morriam, sem que os tropeiros tivessem tempo de salvá-los.

As fábricas tinham a função de transformar o marmelo em polpa de fruta cozida. As tropas se enfileiravam em suas entradas. Primeiramente o marmelo era pesado, ainda dentro dos jacás, em uma grande balança e depois despejados em um silo. O trabalho de anotar a pesagem normalmente era realizado por mulheres. Depois os marmelos eram carregados para um tabuleiro, onde se realizava a triagem e a limpeza, serviço feito por mulheres e adolescentes que consistia na retirada das impurezas das frutas. Após essa limpeza manual, os marmelos eram levados para um tanque de lavagem e posteriormente para um triturador, que esmagava as frutas dando a elas o aspecto de massa. Em seguida essa massa era cozida em grandes tachos de cobre e o produto seguia para a peneira de despolpa, para depois ser levado a um depósito apropriado. A polpa, então cozida, era armazenada em latas de 20 quilos, que possuíam um orifício na parte superior onde era soldado um disco. As latas eram esterilizadas a 80°C, depois resfriadas e por fim empilhadas.

O número de acidentes de trabalho ocorridos nos períodos de safras, de que se tem conhecimento, foi pequeno, tanto nas plantações quanto nas fábricas. Sebastião Coura (1936/2021) relatava alguns desses acidentes, porém sem precisar a data em que estes ocorreram. Contava que em certa ocasião uma mangueira de vapor de uma das fábricas escapou e queimou as costas de um operário. Outro fato por ele lembrado foi sobre um empregado que estava limpando as tampas soldadas nas latas e, após ingerir um pouco daquela massa ainda quente, teve graves ferimentos na boca. Francisco de Paula Rodrigues Batista, por sua vez, conta que o Sr. João Ribeiro,

funcionário de uma das fábricas, caiu dentro de um tacho cheio de latas imersas em água quente para esterilização, foi socorrido rapidamente, porém sofreu várias queimaduras nas costas. O acidente mais grave ocorrido foi com o primeiro caminhão



da Queimada. José Santana Ribeiro dirigia o veículo, carregado de latas de massa de marmelo, quando este tombou na estrada, entre a Queimada e Delfim Moreira, no bairro Sapé. O caminhão ficou bastante danificado, mas felizmente o motorista e outras cinco pessoas que viajavam na carroceria sobreviveram. As latas de massa se espalharam pela estrada. O Sr. Antônio, filho do motorista, confirmou esse fato e completou dizendo que havia uma criança entre os cinco “caroneiros”. Contou ainda que “o caminhão capotou e bateu em uma árvore de cedro, foi retirado por boiadas e a carroceria precisou ser refeita”.

Muitas famílias trabalhavam unidas, com a colaboração de todos os seus membros, tanto nas lavouras como nas fábricas. As relações de trabalho eram boas em sua maioria, embora alguns patrões fossem bastante exigentes. Alguns se incomodavam com os frequentes “namoricos” entre os tropeiros e as moças que trabalhavam no interior das fábricas.

O trabalho das mulheres era essencial no dia a dia dos períodos de safra, pois elas se revezavam cozinhando para alimentar os trabalhadores, até mesmo nas noites em que havia serões. Algumas exerciam funções no interior das fábricas, outras trabalhavam nas lavouras, ajuntando os marmelos. As crianças também colaboravam na “cata e recata” das frutas, mas, sempre que possível, também brincavam e se divertiam. Entre as brincadeiras prediletas na lavoura estava a escalada dos montes de marmelo, para depois descê-los escorregando.

Ao findar as safras, alguns produtores faziam festas, com churrasco e bebidas, para comemorar o sucesso da empreitada.

Construção Civil

O trabalho dos pedreiros e dos oleiros teve grande importância para o crescimento da Queimada. A construção de fábricas, igrejas, casas e demais edificações só foi possível devido ao empenho e à responsabilidade de homens que, literalmente, construíram a cidade.

Manoel Cunha e Sebastião Bruno foram sócios em uma olaria, criada por eles mesmos. Produziam tijolos e telhas francesas, em grandes quantidades, para atender à demanda. Os filhos de Tião Bruno, Luiz e Manoelzinho, auxiliavam no trabalho, engraxando as prensas onde as telhas eram moldadas. Eram eles também que queimavam e empilhavam essas telhas. A argila utilizada para a fabricação dos tijolos era retirada no bairro Encosto. Havia ainda outra olaria, pertencente à família do Sr. José Bedeco, que também fornecia bastante material para as construções locais.

O trabalho das olarias consistia em prender uma cangalha a um animal (burro ou mula), que tracionava um tonel (pipa), misturando a argila. Em seguida esse barro era acomodado em formas salpicadas com areia, que eram levadas ao sol. Após a secagem os tijolos eram queimados em uma caieira à lenha e quando resfriados, eram empilhados para a venda.

Os materiais produzidos nas olarias foram fundamentais para as construções que estruturaram a Queimada. Dentre os vários pedreiros que atuaram no lugar, os irmãos José Camargo, Francisco Camargo e Benedito Camargo são sempre lembrados pelos moradores mais antigos. Entre suas tantas construções está a bela igreja católica, situada no centro da cidade. A Sra. Ana Maria de Oliveira Martins, filha de José Camargo, expressa-se com sabedoria “mesmo com tamanha escassez de recursos que havia naquela época, eles fizeram uma arquitetura tão perfeita!” O Sr. José Camargo foi o fundador da Congregação Mariana na Queimada, constituída por um grupo numeroso de homens que se reuniam para rezar em determinados dias da semana. Para se identificar como membro da congregação, cada homem usava sobre o peito uma fita azul (como um colar), com uma medalha na extremidade.

O Sr. Manoel Caio trabalhou na construção das duas escolas situadas no centro da cidade, bem como na Fábrica Cooperativa. Ele se recorda de que os materiais de construção eram transportados por tropas, uma delas pertencente ao Sr. Antônio Alves de Moraes, o Nico. Lembra-se dos companheiros de profissão, o Sr. José Brito, o Sr. Sebastião Brito e muitos outros.



Foto: José Renato Ribeiro

Maria Rezeck Uebe, filha do primeiro comerciante da Queimada, Assad Uebe

a pique, que se tornou a primeira casa comercial da Queimada, situada no local onde hoje está o Mini Mercado São Jorge.

Uma das filhas do Sr. Assad, Maria Rezeck Uebe (atualmente com 99 anos de idade), entrevistada em junho de 2022, recorda-se com saudade da força empreendedora de seu pai, que se beneficiou da oportunidade de trabalho no local onde se sentiu acolhido e onde encontrou uma chance de prosperar. Emociona-se ao lembrar das visitas às casas dos amigos Manequinho e Francisco Bruno. Dona Maria teve filhos, também empreendedores, como seu pai o fora. Dois deles tornaram-se sócios em uma das fábricas

Comércio

A atividade comercial local foi determinante para o desenvolvimento da Queimada. Em 1912 Assad Uebe e sua esposa Tamena Rezeck vieram do Líbano para o Brasil, em uma longa e difícil viagem de navio. Após percorrer alguns lugares do sul de Minas, o Sr. Assad chegou à Queimada, por intermédio de alguns amigos que havia conhecido em suas andanças. Foi muito bem recebido pelos habitantes do lugar e, ao perceber a necessidade de se criar um ponto de comércio que atendes-se a população local, decidiu se fixar. Construiu uma ampla estrutura de pau



Assad Uebe e família, o primeiro comerciante local

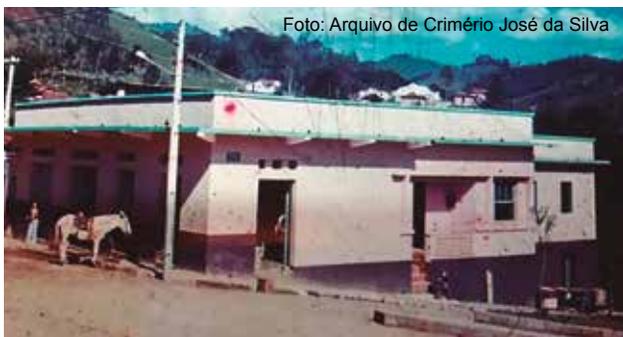
Foto: Arquivo da família

de polpa de marmelo, a Fábrica Santa Rita. Eram eles Saliman Rezeck e Rubens Rezeck.

Tempos depois outros comerciantes instalaram “vendas” na Queimada. O Sr. Ferrão, fabricante de doces

artesanais, vendia sua produção em seu armazém, no local onde hoje está a Merceria C. A. Silva. Mais tarde vendeu esse ponto ao Sr. Abel Delfim, que manteve o estabelecimento em funcionamento por vários anos. Anos depois o local se tornou um bar, tendo como proprietário o Sr. Amado Acelino. No terraço desse bar os jovens realizavam “bailinhos” nos fins de semana.

No ano de 1943 o Sr. Roberto Musa Costa abriu a firma Roberto Musa Costa e Cia Ltda de Secos e Molhados, e com ela atendeu a população por vinte e cinco anos. Seu comércio ficava próximo ao local onde atualmente funciona o Restaurante Di Minas. O Sr. Roberto contou com a dedicação de vários funcionários: Carlos Acelino, Luiz Bruno, Zecão, Valdomiro Lemes, Zé do Raul e outros que aprenderam a profissão e mais tarde se tornaram também empreendedores. No encerramento anual de trabalho, o comerciante costumava premiar o servidor que mais havia se destacado nas vendas. Consequentemente os funcionários trabalhavam motivados e o comércio prosperava. Contudo não era fácil manter um comércio em funcionamento. O investimento precisava ser alto, era necessário manter um farto estoque, principalmente em relação às principais mercadorias, pois na estação chuvosa as estradas se tornavam intransitáveis, inviabilizando a reposição de provimentos. Outrossim, o lucro das vendas só entrava no fim das safras de marmelo, quando a maioria dos fregueses quitava suas dívidas. Esses fregueses eram, grosso modo, produtores ou empregados na cultura do marmelo. Compravam a crédito durante o ano e só conseguiam pagar as dívidas quando também eram pagos. Mesmo faceando tais adversidades, o armazém do Sr. Roberto se mantinha sempre abastecido e oferecia grande diversidade de produtos, até mesmo tratamentos homeopáticos. O filho do Sr. Roberto Costa, Sérgio



Bar do Amado Acelino

Roberto Costa, descreve em seu livro “Homenagens Póstumas” por meio de versos, o comércio de seu pai:

*(...) Venda bonita e ampliada
Vendia a prazo e a vista,
Mil e um produtos sortidos:
Ferragens, chapéus, tecidos,
Cereais, bebidas, louças,
Vários modelos de roupas,
Aviamentos, sapatos,
E remédio até pra ratos...
De cigarro a balas Chita,
Não faltava nem uma fita.
Eram produtos variados
Entre secos & molhados.
De arreamentos e espora
A casimira Aurora;
De ferraduras e cravos
A até açúcar mascavo;
De variados alimentos
A múltiplos condimentos;
Da perfumaria cheirosa
À banha em lata cremosa...” (p. 12)*

Outro valoroso comerciante local foi o Sr. Antônio Teixeira que, além de ser açougueiro, vendia remédios e vacinas para animais, principalmente bovinos. Percorria os bairros a cavalo atendendo a todos com suas mercadorias. Seu açougue funcionava no porão de sua casa, sendo a construção original preservada até os dias atuais (residência de Dona Geralda Teixeira, ao lado da casa paroquial).

O Sr. João Ribeiro de Sene também foi influente comerciante local por longos anos. Seu armazém funcionava embaixo de sua residência, ao lado da praça da cidade. No presente ele se recorda, com contentamento, da honestidade de sua freguesia, em maioria produtores de marmelo



Foto: Arquivo Márcio André Ribeiro

Sr. Luiz Bruno

Francisco Bruno Ribeiro, é comerciante há quase cinquenta anos e atualmente possui um bar. Saudosamente ele se lembra do grande movimento dos tempos de outrora.

O Sr. Luiz Bruno e seu irmão Zecão também mantiveram uma respeitável casa de comércio por muitos anos. O estabelecimento oferecia diversidade de mercadorias, sendo que de um lado ficavam os produtos de mercearia e do outro os artigos de loja como roupas, tecidos, calçados, aviamentos, brin-

que compravam “fiado” durante o ano inteiro e pagavam toda a dívida, tão logo a safra terminasse. As compras eram anotadas em pequenas cadernetas para o controle do freguês. No local atualmente funciona um bar, administrado por um de seus filhos, o Seninho.

O Sr. José Raimundo Ribeiro da Mota (entrevistado em junho de 2022) vem trabalhando como açougueiro há 52 anos. Recordase das dificuldades enfrentadas no início de seu ofício, quando os animais (bovinos e suínos) eram abatidos à margem do rio. Atualmente o seu açougue é o mais antigo da cidade.

O Sr. Benedito Ribeiro da Fonseca (Dito do Tião), neto de



Foto: Arquivo Márcio André Ribeiro

Armazém de Luiz Bruno e Zecão

quedos e demais itens. Inicialmente funcionava onde hoje está o bar do Dito do Tião. Em seguida passou para uma construção maior, ao lado. No início o comércio tinha como sócio o Sr. Carlos Acelino, depois este deixou a sociedade.

Com o passar do tempo Carlos Acelino decidiu se separar dos sócios e iniciar seu próprio negócio, formando nova sociedade, desta vez com o Sr. Nelson Torres (Nelsão) e Sr. Dito do Tião. O novo comércio passou a funcionar no local onde hoje está a farmácia do Bruno. Posteriormente Carlos comprou o ponto comercial do Sr. Amado Acelino, onde estabeleceu um armazém de notável reputação na região.

O Sr. Francisco Lemes Simões, conhecido em todo o município e arredores como “Chico Galo” é atualmente o comerciante com maior tempo de profissão do lugar (aproximadamente 56 anos). Trabalhou por seis anos na padaria do Sr. Nego Padeiro, em época que ainda não havia energia elétrica e a massa de pão era feita manualmente, demandando grande esforço. Anos depois passou a usar um motor, movido à gasolina, que fazia funcionar o cilindro (máquina utilizada para sovar a massa). O forno, construído com tijolos, era aquecido pela queima da lenha e os pães eram nele introduzidos e retirados com o auxílio de uma pá. Aos 26 anos de idade comprou a padaria do Sr. Nego Padeiro (local da atual Estilo Modas) e anos mais tarde construiu uma nova padaria. Seus filhos e netos deram continuidade ao trabalho e, na atualidade, são os responsáveis pela fabricação e comercialização da produção. O Sr. Francisco continua administrando a firma e diz com satisfação “todas as decisões passam pelas minhas mãos”.

Muitos dos comerciantes mais antigos são lembrados e citados ainda hoje: Isaac, Hélio Lemes, Dito Lobo, Nego Padeiro, Irene, Zé Julinho, Zé Britinho, Zé Afonso, Chico Lebre, João Bezerra, João Lemes, Amauri, Nelsão, Afonso Silvério, Dona Alvarina e tantos outros que, com seu trabalho, contribuíram para o desenvolvimento do distrito de Queimada e do município de Marmelópolis. Em seu livro “De bar em bar” Sérgio Roberto Costa faz homenagem a muitas dessas pessoas:

*“Bar do Dito do Tião Bruno
É dos amigos o rumo
Das festas de aniversário*

*Programadas em calendário.
Costume tradicional
De organização anual,
Acontece há muito tempo
Com “big... big” em cada evento”. (p. 23)*

*“Quando caía a noitinha
Chegava nossa turminha
Pras partidas de sinuca
E brincadeiras caducas.
Era no bar do Dinaldo (...)
De tarde, o terceiro andar
Fervia com o bilhar (...)
Porém o interessante
Era que a cada instante,
Não importava a idade
- E era só felicidade (...)” (páginas 17 e 18)*



*João Bezerra e seu filho, João Marcos,
no Bar do João Bezerra*

*“O bar do Paulão
Uma tradição (...)
O dono não para!
Também coisa rara
Não ter uma piada
Sempre engraçada (...)” (p. 30 e 32)*

*“(...) Joãozinho era um empreendedor
De grande visão e muito valor!
Do armazém no centro da Queimada,
À fábrica de polpas afamada (...)
Durou enquanto se colheu marmelo (...)
E, hoje, só funciona o bar do Seninho (...)
Atende a todos, com atenção e carinho (...)” (p. 45, 46 e 47)*

Pecuária de Leite

O gado leiteiro esteve presente na história de Marmelópolis desde o início da sua colonização. Foi chegando aos poucos e logo ocupou praticamente todas as fazendas da região.

No passado a alimentação bovina consistia apenas em pastagens e a ordenha manual era, até então, a única maneira de se extrair o leite. Ainda hoje o leite é tirado manualmente pela maioria dos pecuaristas, embora algumas fazendas já estejam se inovando com a implantação de ordenha mecânica. A maior parte da

produção é vendida nos laticínios locais para a fabricação de queijos. Em relação à nutrição bovina nos dias atuais, a pastagem natural não é mais suficiente e a alimentação dos rebanhos necessita ser enriquecida.

Margarida Ribeiro conta que quando adolescente, na propriedade de sua família, tirava setenta litros de leite por dia, além de cento e vinte litros em outra fazenda para a qual prestava serviço. Essa produção era acondicionada em latões e transportada até o laticínio por animais (burros e mulas) que ela própria conduzia. Hoje, aos 90 anos, ainda ordenha quando é preciso.

Assim como Margarida diversas pessoas iniciaram, em tenra idade, o trabalho com o gado leiteiro. Muitas delas passaram a vida toda nessa atividade, quase que sem descanso, uma vez que o trato do gado e a ordenha precisam ser realizados diariamente. Um outro exemplo é o do Sr. Sebastião Coura (Tiãozinho Lemes), que aos seis anos de idade começou a acompanhar o seu pai no manejo do gado e na ordenha e logo aprendeu a profissão. Quando jovem, formou seu próprio rebanho e prosseguiu nesse ramo até avançada idade, quando precisou parar para descansar. Além da lida com o gado, o Sr. Tiãozinho também foi produtor de marmelo.

O trabalho dos ordenhadores (chamados de retireiros) consistia em chegar no campo ainda de madrugada, reunir o gado no retiro, ordenhar as vacas, acondicionar o leite em latões e levar para a fábrica por transpor-

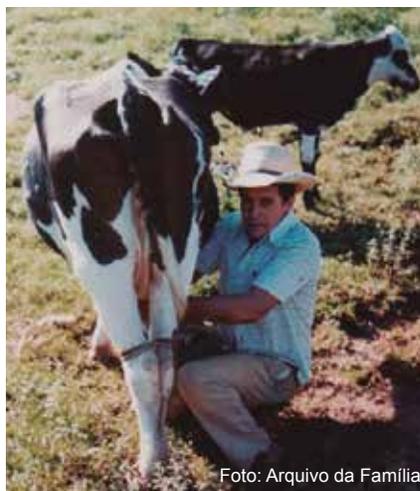


Foto: Arquivo da Família

Sebastião Coura, 1984

te animal. Todo o processo, até a entrega do produto no laticínio, precisava ser executado, no mais tardar, até as 10 horas da manhã. Além desse horário, a fábrica não recebia o leite. À tarde era preciso separar as vacas dos bezerros (apartar o gado), preparar o trato dos animais, cuidar dos pastos e somente depois podiam se dedicar às plantações.

Uma tradição local é a doação de leite uma vez ao ano, na Sexta-Feira Santa, o único dia em que os laticínios não funcionam.

Marmelópolis conta atualmente com os seguintes laticínios: “Laticínios Cubatão Ltda” e “Laticínios Alto da Serra”, ambos localizados no bairro Cubatão, “Laticínios Ferreira e Silva Ltda”, no bairro Capelinha dos Marins, “Laticínios Sibéria” no centro da cidade e “Laticínios T I” (Três Irmãos), na Cata dos Marins “Laticínios Água Boa”, no Bairro Silvérios. Há ainda os produtores que fabricam os queijos nas próprias residências, tanto para consumo próprio quanto para comercialização.

Agricultura e transporte da produção

A importância das lavouras para o município, tanto no passado como nos dias atuais, é algo incontestável. É a partir delas que se obtém o abastecimento de um dos setores basilares do comércio, o alimentício. De-las também se colhem produtos primários, utilizados como matéria prima em diversas produções (industriais e artesanais). Em suma, a agricultura é o pilar de toda a economia local.

Para se iniciar um plantio é preciso antes preparar a terra. Na Queimada vários produtores utilizavam a técnica de aração por tração animal, conhecida como bois de arado. Essa técnica consistia em revolver o solo com um instrumento de ferro pontiagudo, arrastado por bois, praticamente sem causar danos ao solo. Alguns lavradores, que plantavam em glebas menores, aravam



Foto: Arquivo da família

Rainério Corrêa (Néio), caminhoneiro

os canteiros manualmente, uma prática deveras extenuante, na qual se utilizava somente a força braçal e alguns instrumentos básicos. Após esse preparo as sementes eram lançadas, e nos meses seguintes, faziam-se necessários alguns cuidados, até que chegassem os períodos de colheitas. Os cultivos mais comuns eram os de milho, feijão e tabaco.

Com o desenvolvimento e a chegada de tecnologias mais modernas na região, o trabalho com a terra foi sendo facilitado pelo uso de tratores e outros implementos agrícolas. Houve progresso também quanto à variedade de espécies cultivadas, sendo comum nos dias atuais a produção de batata, tomate, morango, ameixa e pêsego, além da diversidade de legumes e verduras. Uma pequena fração dessa produção é vendida no comércio local enquanto a maior parte é comercializada em outros lugares, como Vale do Paraíba, São Paulo e Rio de Janeiro.

Para o escoamento da produção, o trabalho dos caminhoneiros foi e continua sendo imprescindível, levando gêneros da produção local para diversos lugares. Os caminhoneiros mais lembrados nas entrevistas feitas para este registro foram: Lucrécio Ribeiro Pereira, Adilson Ribeiro de Sales, João Ribeiro Pereira, Rainério Corrêa (Néio) e Nelson Augusto. Esses condutores também transportavam pessoas nas carrocerias, levando-as para as festas, comemorações religiosas, jogos de futebol e eventos escolares.

Artesanato

O artesanato consiste na arte e técnica do trabalho manual não industrializado, utilizando-se matérias primas naturais. Entre as tantas mostras dessa atividade, que alia a habilidade à arte, encontram-se: cestaria, entalhe, cerâmica, pintura, tecelagem, bordado, bijuteria entre tantos outros. O Brasil possui um dos conjuntos artesanais mais ricos do mundo, sendo essa forma de trabalho geradora de renda essencial para inúmeras famílias e comunidades. O artesanato está integrado ao folclore em todas as regiões do país, espelhando os costumes e as tradições de cada lugar.

Marmelópolis oferece variados tipos de artesanato, que vêm sendo produzidos há décadas, quer como forma de assegurar o sustento familiar, quer como terapia ocupacional, revelando a habilidade de seus artesãos e sendo passado de geração em geração, configurando-se como parte da herança cultural local.

Artesanato em madeira:

É uma atividade cultural centenária. Na Queimada o artesanato dessa natureza teve início a partir da “Arte Santeira”, a arte de esculpir imagens de santos em madeira. Os escravos do Capitão Neco já entalhavam tais imagens, sendo que algumas delas encontram-se em excelente estado de conservação, guardadas em um oratório também de madeira entalhada, todos ricamente detalhados. Essas relíquias são verdadeiras obras de arte.



Foto José Renato Ribeiro

Mais tarde outras pessoas também se dedicaram a esse ofício. Exemplo desses profissionais foi o Sr. Luiz Ribeiro de Sene, que possuía uma oficina em sua casa onde elaborava utensílios domésticos em madeira, fabricava e consertava móveis tais como mesas, cadeiras, bancos, cômodas e outros. Creumo Corrêa também possuía muita habilidade em produzir objetos decorativos usando madeira.

Atualmente o Sr. Osmar Cosme dos Santos tem produzido diversas peças artesanais em madeira. Ele relata que descobriu essa habilidade por curiosidade, utilizando sobras de madeira. Começou a confeccionar algu-

mas peças, foi se aprimorando, adquiriu ferramentas e máquinas e hoje produz diversos objetos como gaiolas, porta-condimentos, amassador de latinhas e de pinhão, porta chaves, carrinhos e uma simpática miniatura de cozinha mineira, sua criação mais elogiada.

Artesanato Têxtil:

Entre os tipos de artesanato, o têxtil é um dos mais populares na maioria das regiões do país. Caracteriza-se pelo uso de linhas, fios ou tecidos. Em Marmelópolis são inúmeras as pessoas que se dedicaram a esse tipo de artesanato, desde tempos distantes, confeccionando belíssimas peças em crochê, tricô, bordado, ponto cruz e tantos outros, até a época atual.

Em Marmelópolis muitas meninas costumavam praticar a técnica do crochê desde muito novas, sendo comum crianças de nove ou dez anos já confeccionando suas primeiras peças. Dona Luzia Aparecida Fortes lembra-se de ter aprendido a arte aos doze anos de idade. Conta que sua madrinha desmanchava sacos “de telinha vermelha” para conseguir as fibras com



as quais pôde ensiná-la. Usavam lamparina para iluminar a casa à noite, pois durante o dia precisava ajudar seu pai com os serviços das lavouras, no bairro Cubatão do Meio, onde a família morava. A prática constante a tornou exímia crocheteira. Quando se casou, as vendas dos seus trabalhos permitiram que ela ajudasse o esposo com as despesas da casa.

Houve uma época em que um membro da igreja evangélica Cristã do Brasil, conhecido como “Irmão Pigatti” entregava grande quantidade de cones de linha para as crocheteiras do município. Elas confeccionavam em crochê as peças solicitadas (trilhos de mesa, colchas, toalhas e roupas). Um mês depois ele recolhia os trabalhos e pagava às mulheres o valor combinado. Levava toda a produção para ser vendida em São Paulo e outras cidades.

Outras pessoas também se dedicaram ao comércio de peças de crochê produzidas no lugar. A Sra. Edna Joana Andriotti Dolfini pertencia à Pastoral do Mundo do Trabalho, na cidade de Pirassununga-SP. Conheceu Marmelópolis a convite do Padre Geraldo Barbosa. Decidiu então fazer algo em prol das crocheteiras criando, em 1986, a ACAM (Associação de Crocheteiras de Marmelópolis). Fornecia linhas para que as artesãs pudessem confeccionar as peças e pagava um valor maior pela mão de obra. As peças eram vendidas em Pirassununga. No ano de 1999 ganhou destaque em uma reportagem da então revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração (hoje revista de Nossa Senhora), intitulada “As crocheteiras de Marmelópolis”. A associação permaneceu até o ano de 2004.

Também merecem destaque como vendedoras do crochê local Dona Alvarina, Astenil, Dona Anita, Zita Coura e Maria Cida, mulheres que garantiam o escoamento das peças que eram produzidas em quantidades significativas.

Quanto à técnica do tricô no município, esta já foi bastante produzida. Devido ao clima frio da região, algumas mulheres do local se dedicavam à confecção de casacos e suéteres em lã, os principais tipos de agasalhos de tempos atrás. Ainda hoje algumas pessoas produzem belíssimas peças em tricô artesanal, que encantam aqueles que apreciam essa arte.

Outra artesã que merece menção é Dona Maria José Ribeiro (Didi), que dedicou vários anos ao artesanato têxtil. Produzia belíssimas peças em crochê, tricô, aplicações em tecidos e, especialmente, os bordados feitos à mão. Em anos passados, devido às dificuldades para comprar artigos

de cama, mesa e banho, era costume encomendar enxovais de casamento para a Dona Didi. Ela os confeccionava com muito esmero, as peças eram todas decoradas com admirável perfeição. Suas netas Maria Aparecida Ribeiro e Rosa Aparecida Vitorino herdaram da avó esse dom especial. Ainda hoje Aparecida borda com maestria e conta que foi observando o trabalho da avó que aprendeu a arte. Rosa produz variadas peças em crochê, pintura, fuxico e lindas flores de papel e de palha de milho.



Foto: José Renato Ribeiro

Máquina de costura que Maria de Sebastiana Alves (Maria do Nico) herdou de sua avó

Relevante também foi o trabalho das talentosas costureiras marmelopolenses. No passado o comércio de roupas no município era escasso e por isso a costura artesanal era bastante requisitada. Maria Sebastiana Alves (Maria do Nico) foi costureira por muitos anos e confeccionava todos os tipos de vestimentas: vestidos de noivas, trajes sociais para desfiles de miss, roupas masculinas, tudo era feito em uma máquina manual muito antiga, herdada de sua bisavó. As peças eram costuradas durante o dia e arrematadas manualmente à noite, à luz de lamparina. Como Maria, outras costureiras ajudaram a construir a história da moda em nossa região. Alguns nomes são ainda bastante lembrados: Edna Celina da Mota, Maria da Conceição (conhecida como Aracélia), Dona Gerenita, Dona Ana do Sr. Luiz, Benedita do Bengalal, Aparecida Sene, Tereza Bebianco e tantas outras que ficaram na memória.

Artesanato em couro

O trabalho artesanal em couro é realizado desde tempos remotos e consiste na criação de grande variedade de itens usando-se peles de animais. A pele mais utilizada pelos artesãos é o couro de vaca, que pode ser entalhado, estampado, pintado, tingido e transformado nas mais variadas peças.

Em Marmelópolis, o pioneiro no trabalho com couro foi o Sr. José Acelino Filho (Zé Mané), que tinha uma selaria no quintal de sua casa e fabricava, com perfeição, arreios, selas, cabrestos e demais acessórios para a prática de cavalgadas.

Atualmente esse tipo de artesanato é praticado por três pessoas que vivem na cidade. Todos eles começaram a se interessar pelo ofício, ainda muito jovens, por curiosidade. Aos poucos foram percebendo a habilidade que possuíam e aperfeiçoaram suas técnicas, sendo instruídos pelo Sr. Zé Mané.

Reinaldo Assis dos Santos, sobrinho de Zé Mané, conta que achava muito bonito os arreios feitos pelo tio e tinha vontade de adquirir um. Como ele possuía um arreio antigo, pediu ao tio que o ajudasse a reformá-lo. Foi então que se interessou pelo trabalho, aprendeu a executá-lo,

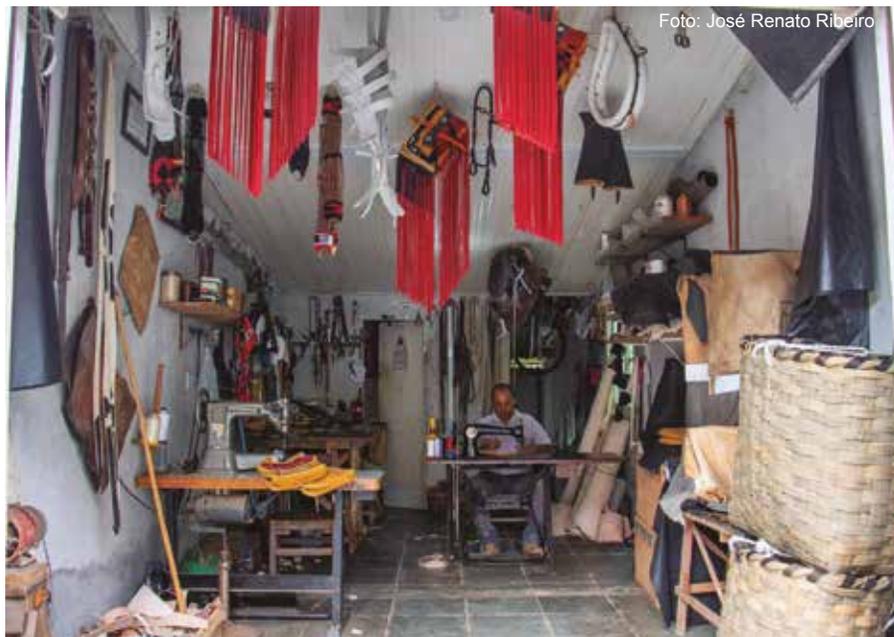


Foto: José Renato Ribeiro

comprou as máquinas que o tio usava e montou sua própria selaria. Atualmente fabrica arreios, cintos, bainhas, baldranas e realiza consertos. Hoje, além da selaria, possui uma loja de artigos de couro, calçados e roupas em estilo country.

Francisco Sérgio Ribeiro aprendeu a trabalhar com o couro cru ainda criança, fazendo chicotes, laços e cabrestos. Por volta dos 22 anos de idade aprendeu com o artesão Zé Mané a fabricar arreios e isso se tornou a sua profissão. Atualmente trabalha em sua própria selaria, fazendo produtos por encomenda, atendendo à demanda de Marmelópolis e região.

Sebastião Valdieres da Fonseca também é um talentoso artesão de artigos em couro, produzindo arreamentos completos com garupeiras, capas de chuva, paralamas e barrigueiras. Ele também aprendeu o ofício com o Sr. Zé Mané. Todo o material utilizado em sua selaria é comprado em outros lugares pois, segundo ele, “não é fácil encontrar materiais de boa qualidade para confeccionar as peças”. Valdieres se sente feliz com sua profissão. Para ele, esse é um trabalho prazeroso e criativo e ocupa todo o tempo que ele tem disponível.

No bairro Quatis há um artesão chamado Marcelo Miranda, que fabrica diversos artigos em couro: bainhas para canivetes, chicotes, cabeçadas, chaveiros e outros, tudo feito com ferramentas por ele mesmo improvisadas. Conta que aprendeu o ofício observando o seu pai no trabalho com couros.

O Sr. Antônio Raimundo Ramos, com 72 anos de idade, morador do bairro Capelinha dos Marins, é fabricante de cangalhas. A cangalha é uma armação feita de madeira, tecido e couro, usada nos lombos dos muares para prender cargas de ambos os lados. Esse tipo de equipamento foi essencial na época das grandes safras de marmelo, pois toda a produção era transportada dessa maneira.

Cestaria

A Cestaria é um tipo de artesanato bastante praticado entre os povos indígenas, desde tempos remotos, difundiu-se como herança cultural e continua sendo executada em diversas regiões do país.

Em alguns lugares do Brasil, os artesãos contam com fibras naturais de árvores nativas para a fabricação de cestos, chapéus, redes, peneiras,

adornos e uma infinidade de outras peças. Para esse tipo de artesanato pode-se utilizar bambu, cipó, vime, palha de carnaúba, palha de milho e muitas mais.

Nos tempos da Queimada, havia diversos artesãos que se dedicavam à fabricação de balaios e jacás, para possibilitar o transporte do marmelo das lavouras até as fábricas, por tropas. Nas safras de marmelo a procura por balaios e jacás era grande, como relata o Sr. Joaquim Alves de Sene, um artesão local que fabricava anualmente centenas de peças para atender à demanda. Assim como ele, muitos outros se dedicaram a essa arte, podendo ser citados como exemplos os senhores José Carlos de Moraes, Osvaldo Amâncio de Oliveira e José Francisco da Mota Filho.

Alguns desses artesãos ainda mantêm viva a arte da cestaria no município de Marmelópolis, como é o caso do Sr. Osvaldo Oliveira, que ainda fabrica balaios de diversos tamanhos, feitos com bambu. O Sr. José Francisco, mais conhecido como Zezinho Lúcio, com 84 anos de idade, morador do bairro Correias, já não usa mais o bambu, e sim um tipo de fibra reciclável, um tipo de plástico. Ele afirma que o trabalho com bambu pode ferir as mãos do artesão e com a fibra reciclável não se corre esse risco. Conta que a peça mais procurada atualmente é o balaio pequeno, utilizado na colheita de morangos. Porém ele ainda fabrica cestos de tamanhos e formas variadas, além de balaios maiores para servirem de cestos para roupas ou de ninhos para galinhas.

Seja qual for o tipo de artesanato, essa prática precisa ser valorizada e incentivada, pois ela é necessária para se manter vivas as culturas, para expressar a criatividade e retratar a identidade de cada povo.

ciente para a sua emancipação política. Os moradores do lugar ficaram entusiasmados com essa possibilidade. Na venda do Sr. Roberto Costa reuniam-se para falar de suas expectativas, bem como para sugerir possíveis nomes para a futura cidade. Realizou-se um plebiscito para escolher entre as opções apontadas: Marmelópolis e Marmelândia. À vista desses fatores, formou-se uma comissão com o objetivo de ir até a capital do estado, para solicitar ao governador Antônio de Magalhães Pinto a emancipação do distrito de Queimada, do município de Delfim Moreira. Fizeram parte dessa delegação: Joaquim Ribeiro da Mota (Joaquim Lourenço), Benedito Bebiano Ribeiro, José Ribeiro de Carvalho e entre outros para representar a população local.

Legitimando a extraordinária produção de marmelo da região, o governador atendeu à solicitação dos impetrantes. Por conseguinte, no dia 30 de dezembro de 1962, o distrito de Queimada foi desligado do município de Delfim Moreira, recebendo o nome de Marmelópolis, conforme Lei Estadual nº 2.764.

A comissão retornou exultante de Belo Horizonte e, no dia 01 de março de 1963, realizou-se a instalação do município de Marmelópolis, sendo nomeado intendente o Sr. Joaquim Ribeiro da Mota, que governou até 31 de agosto daquele ano. Estiveram presentes no ato de instalação os deputados Tancredo de Almeida Neves e Manoel Costa. Nessa cerimônia o Sr. Joaquim Ribeiro da Mota proferiu as seguintes palavras em seu pronunciamento oficial, registrado em ata pelo professor Francisco Rodrigues Coura: “Em virtude dos poderes que me foram outorgados, declaro instalado o município de Marmelópolis, com jurisdição sobre a circunscrição que tem por sede esta localidade que ora recebe os foros de cidade, com competência e atribuições que a lei lhe confere e determina”.

No termo de emancipação constam as presenças de Manoel Frederico Ribeiro, Dalmo Wilson Ribeiro, Sebastião Isaac Ribeiro, Geraldo Gomes do Carmo e José Ribeiro da Cunha. No dia 04 de março de 1963 foi lavrado o termo de compromisso e posse dos primeiros funcionários: José Rosa, chefe do serviço da Fazenda e Natalice de Jesus Ribeiro, secretária da Prefeitura Municipal.

As primeiras eleições para prefeito e vereadores foram realizadas em 30 de junho de 1963.

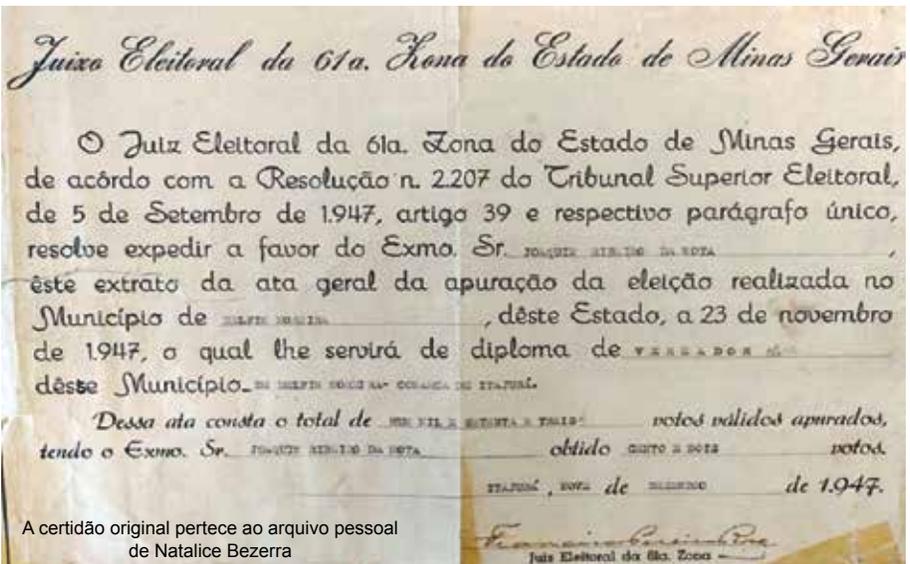
Galeria de Prefeitos e Vereadores

Gestão Provisória: 01/03/1963 a 31/08/1963

Intendente Joaquim Ribeiro da Mota



Joaquim Ribeiro da Mota, além de ter sido o primeiro intendente de Marmelópolis, foi também o primeiro vereador de Queimada, representando os interesses do povoado junto à prefeitura de Delfim Moreira. Foi eleito em 1947 com 102 votos, conforme certidão a seguir:



A certidão original pertence ao arquivo pessoal de Natalice Bezerra

1ª Gestão: 01/09/1963 a 31/01/1967

Prefeito: Dalmo Wilson Ribeiro

Vice-prefeito: Silvestre Ribeiro da Mota

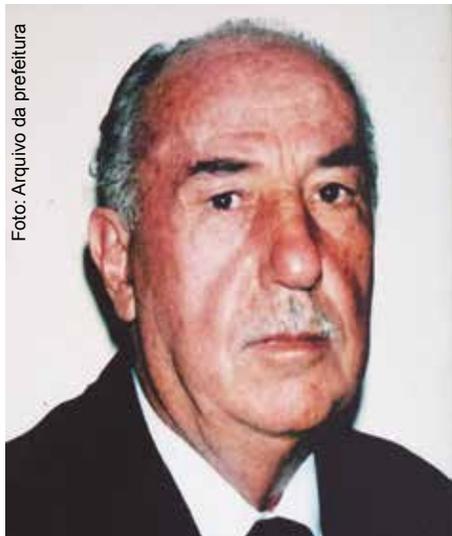


Foto: Arquivo da prefeitura

Prefeito



Foto: Arquivo da família

Vice-Prefeito

Vereadores: Luiz de Assis Ribeiro, Amado Acelino da Silva, Abel Ribeiro Fortes, Bernardino Fonseca, Eli Zaroni, Francisco Domingues Pinto, Francisco Ribeiro da Mota, Manoel Ribeiro da Fonseca e Pedro Alves de Sene.

2ª Gestão: fevereiro/1967 a 12/12/1970

Prefeito: Francisco Ribeiro da Mota

Vice-Prefeito: Amado Acelino da Silva



Foto: Arquivo da prefeitura

Foto: Arquivo da família

Prefeito

Vice-Prefeito

Vereadores: Antonio Ribeiro Coura, José Sant'Ana Ribeiro, Alfredo Luiz de Freitas, Benedito Ribeiro da Mota, Carmelo Torres da Mota, José Ribeiro Carvalho, Luiz de Assis Ribeiro, Manoel Ribeiro da Cunha, Roberto Musa da Costa e Custódio Ribeiro de Campos Filho (suplente)

3ª Gestão: fevereiro/1971 a janeiro/1973

Prefeito: Benedito Bebiano Ribeiro

Vice-prefeito: Benedito Ribeiro Mendes

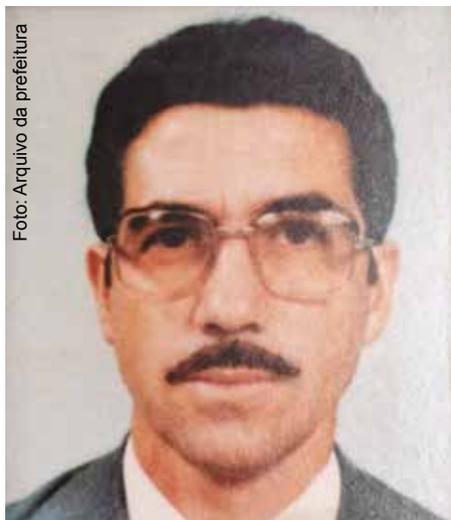


Foto: Arquivo da prefeitura

Prefeito

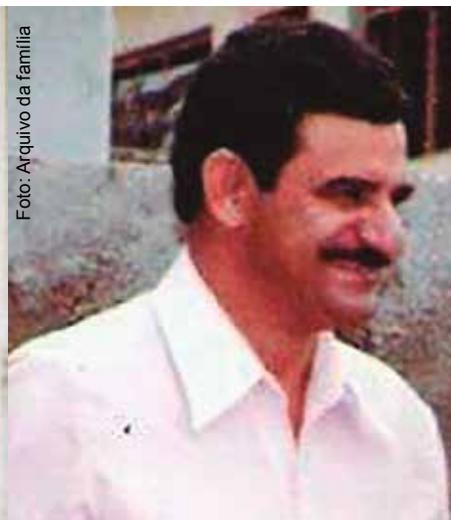


Foto: Arquivo da família

Vice-Prefeito

Vereadores: José Benedito Coura, Silvio Beraldo Ribeiro, Benedito Francisco da Mota, João Ribeiro de Sene, José Delfim, José Ribeiro Bruno, José Ribeiro Rocha, Manoel Caio da Silva e Manoel Ribeiro Fortes.

4ª Gestão: fevereiro/1973 a janeiro/1977

Prefeito: Francisco de Sales Machado

Vice-prefeito: Carlos Acelino da Silva



Foto: Arquivo da prefeitura

Prefeito

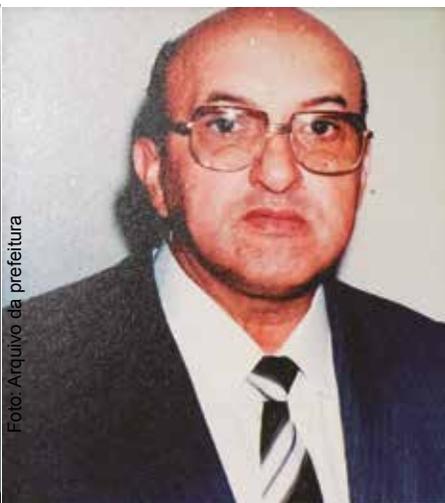


Foto: Arquivo da prefeitura

Vice-Prefeito

Vereadores: Silvio Beraldo Ribeiro, Francisco Ribeiro da Mota, Antonio Antunes Filho, José Delfim, Jose Manoel dos Santos, Josué de Araceli Silva, Manoel Ribeiro Fortes, Osvaldo Ribeiro de Miranda e Sebastião Coura.

Obs.: *Osvaldo Ribeiro de Miranda e José Sérgio Cunha afastaram-se respectivamente em 23/11/1974 à 15/01/1977 e 31/08/1977 à 05/10/1977. Ambos foram substituídos pelo Vereador Noé Corrêa de Oliveira.*

5ª Gestão: fevereiro/1978 a janeiro/1983

Prefeito: Carlos Acelino da Silva

Vice-prefeito: Francisco Ribeiro da Mota

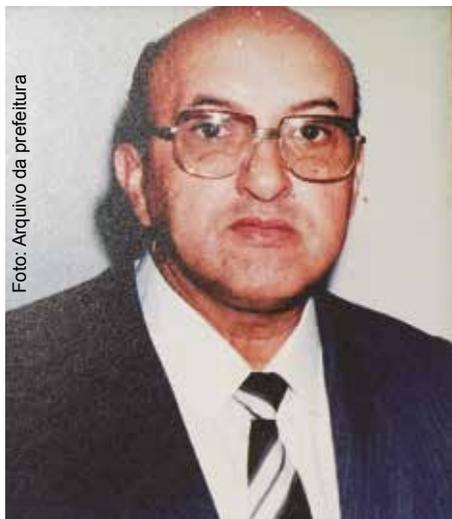


Foto: Arquivo da prefeitura

Prefeito



Foto: Arquivo da prefeitura

Vice-Prefeito

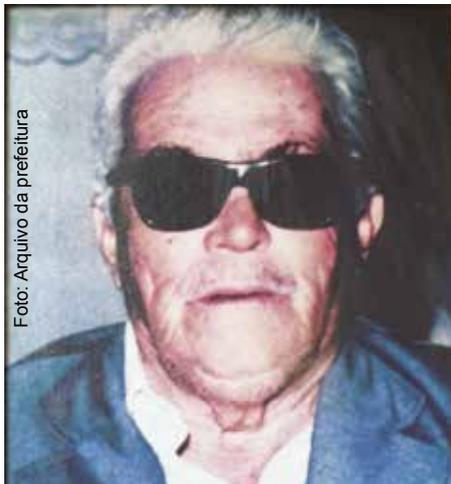
Vereadores: Acácio da Mota Santos, Antonio Antunes Filho, Benedito Francisco da Mota, João de Almeida Bezerra, Joaquim Ribeiro da Fonseca, José Manoel dos Santos, Manoel Ribeiro da Fonseca, Olivio Gaioso Fortes e Silvio Beraldo Ribeiro

6ª Gestão: fevereiro/1983 a dezembro/1988

Prefeito: Manoel Ribeiro da Fonseca - Fev/1983 a 03/09/87

Vice-prefeito: Luiz de Assis Ribeiro

Prefeito: Luiz de Assis Ribeiro 04/set/1987 a 31/dezembro/1988



Prefeito



Vice-Prefeito

Vereadores: Acácio da Mota Santos, Amauri Acelino da Silva, Antoninho Martines, Antonio Fortes, Francisco Ribeiro da Mota, José Benedito Machado Ribeiro, José Sérgio Cunha, José Vitorino de Souza, Luiz Ribeiro de Marins e Silvio Beraldo Ribeiro.

OBS: Na data de 21/03/1983, faleceu o Vereador Francisco Ribeiro da Mota, sendo substituído pelo Vereador Suplente José Vitorino de Souza.

7ª Gestão: janeiro/1989 a dezembro/1992

Prefeito: Antônio Carlos Lacerda Ribeiro

Vice-prefeito: Daniel Romualdo Ribeiro

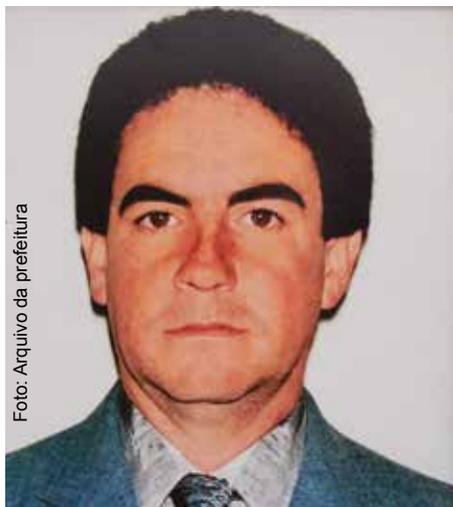


Foto: Arquivo da prefeitura

Prefeito



Foto: Arquivo da prefeitura

Vice-Prefeito

Vereadores: Rainério de Oliveira Corrêa, Amarildo dos Santos Souza, Acácio da Mota Santos, Antônio José Ribeiro Alves, Argentino Vitorino de Souza, Francisco Ribeiro Pereira, José Manoel dos Santos, Luzia Maria Bernardes e Sebastião Ribeiro de Castro

8ª Prefeito: janeiro/1993 a dezembro/1996

Prefeito: Daniel Romualdo Ribeiro

Vice-prefeito: José Vitorino de Souza



Prefeito

Vice-Prefeito

Vereadores: Argentino Vitorino de Souza, Jair Sebastião Coura, Acácio da Mota Santos, Antônio de Pádua Paiva Fortes, Antônio Fortes, Benedito Francisco Ribeiro Alves, Francisco Ribeiro Pereira, Miguel dos Santos e Rainério de Oliveira Corrêa.

9ª Gestão: janeiro/1997 a dezembro/2000

Prefeito: Antônio Carlos Lacerda Ribeiro

Vice-prefeito: Amarildo dos Santos Souza

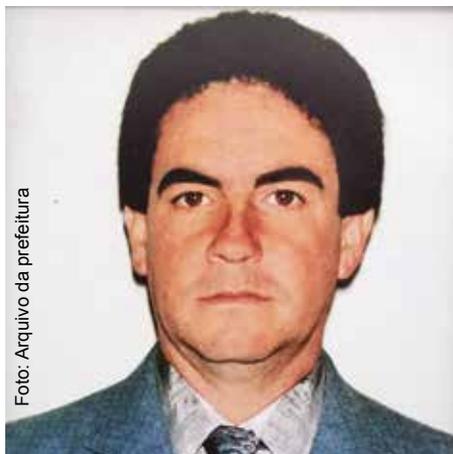


Foto: Arquivo da prefeitura

Prefeito



Foto: Arquivo da família

Vice-Prefeito

Vereadores: Joaquim Martins de Oliveira, José Carlos Ribeiro, Antonio Fortes, Francisco Lourenço Ribeiro de Carvalho, Jair Sebastião Coura, José Manoel dos Santos, José Otávio Ribeiro, Luzia Maria Bernardes e Valdete Ribeiro Pereira

10ª Gestão: Janeiro/2001 a Dezembro/2004

Prefeito: Antônio Carlos Lacerda Ribeiro

Vice-prefeito: Amarildo dos Santos Souza

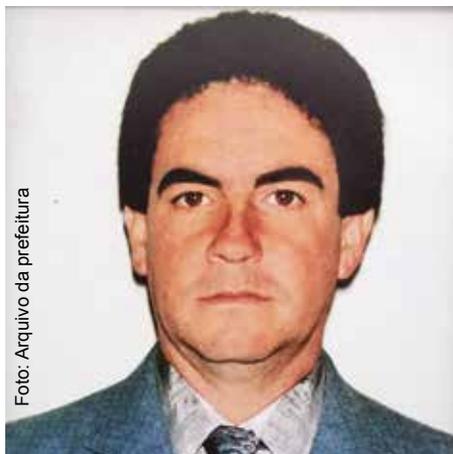


Foto: Arquivo da prefeitura

Prefeito



Foto: Arquivo da família

Vice-Prefeito

Vereadores: Rainério de Oliveira Corrêa, José Roberto de Souza, Antônio Fortes, Francisco Ribeiro Pereira, Jair Sebastião Coura, José Carlos Ribeiro, Lucenir Vitorino de Souza, Miguel dos Santos e Valdete Ribeiro Pereira.

11ª Gestão: janeiro/2005 a dezembro/2008

Prefeito: José Valmir Alves

Vice-prefeito: Cleômenes Pascoal Ribeiro



Prefeito

Vice-Prefeito

Vereadores: Antônio Sérgio, Reinaldo Francisco de Souza, Adailton Raimundo da Fonseca, Antonio Adenilson Ribeiro, Francisco Carlos Machado, Francisco de Paula Rodrigues Batista, Irineu Cortez, Jair Sebastião Coura e José Reinaldo Soares.

12ª Gestão: janeiro/2009 a dezembro/2012

Prefeito: José Valmir Alves

Vice-prefeito: Cleômenes Pascoal Ribeiro



Prefeito

Vice-Prefeito

Vereadores: Francisco de Paula Rodrigues Batista, José Carlos Ribeiro, Antonio Adenilson Ribeiro, Adailton Raimundo da Fonseca, José Geraldo Machado do Nascimento, Luzia Maria Bernardes, Ondina Maria, Osiel Paulo da Mota e Sebastião Edézio

13ª Gestão: janeiro/2013 a dezembro/2016

Prefeito: Antônio Carlos Lacerda Ribeiro

Vice-prefeito: Cléber Júlio Ribeiro

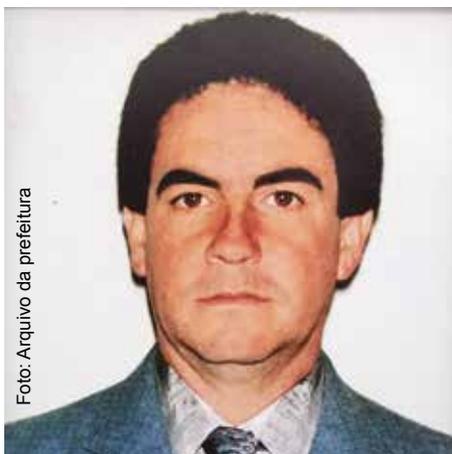


Foto: Arquivo da prefeitura

Prefeito



Foto: Arquivo da família

Vice-Prefeito

Vereadores: Arildo Raimundo Honorato, Camilo Alberto Ribeiro da Silva, Cleber Martins de Oliveira, Eliezer Miguel da Fonseca, Flávio Augusto Ribeiro, José Geraldo Machado do Nascimento, José Reinaldo Soares, Reinaldo Francisco de Souza e Valdete Ribeiro Pereira

14ª Gestão: janeiro/2017 a dezembro/2020

Prefeito: Camilo Alberto Ribeiro da Silva

Vice-prefeito: Reinaldo Francisco de Souza



Prefeito

Vice-Prefeito

Vereadores: Arildo Raimundo Honorato, Eliezer Miguel da Fonseca, Geraldo Valdemir Ribeiro, José Mauro Martins, José Reinaldo Soares, Maria Aparecida Ribeiro Alves, Marcos Antonio Rita, Rodrigo Junior Ribeiro e Sebastião Edezio.

15ª Gestão: janeiro/2021 a dezembro/2024

Prefeito: Camilo Alberto Ribeiro da Silva

Vice-prefeito: Reinaldo Francisco de Souza



Prefeito

Vice-Prefeito

Vereadores: Bruna Ritieles Fortes Miguel, Daniel Roberto de Siqueira, Geraldo Valdemir Ribeiro, José Mauro Martins, José Reinaldo Soares, João Marcos dos Santos, Maria Aparecida Ribeiro Alves, Rodrigo Junior Ribeiro e Valdete Ribeiro Pereira.

No ano de 2023, ora em curso, Marmelópolis completa 60 anos de emancipação política. Essa autonomia favoreceu o seu desenvolvimento em diversos setores: educação, saúde, habitação, transporte, comércio e agricultura, em meio a tantos outros. Escolas foram criadas, ampliadas ou reformadas; houve a criação do posto de saúde e a implantação do PSF (Programa de Saúde da Família); estradas foram abertas e pavimentadas, pontes foram construídas e a rodovia foi asfaltada, facilitando a ampliação do comércio e a infraestrutura local; uma eficaz frota de veículos foi adquirida pelo poder público; a agricultura se diversificou. Todas essas ações e outras mais ocorreram mediante um olhar coletivo e cauteloso voltado à preservação ambiental. Espera-se que a natureza continue sendo tratada como um bem inestimável pelas gerações vindouras.

Capítulo 8

Cultura Religiosa



Celebração de Primeira Eucaristia em 1955 com Padre Arlindo Giacomelli

As informações das quais se tem conhecimento, a respeito das ações que antecederam a atual composição da cultura religiosa do município de Marmelópolis, são de fato peculiares.

Ainda no século XIX, cuja data é desconhecida, foi construída uma pequena capela, de pau a pique, no bairro Capelinha dos Marins, cuja padroeira era Sant'Ana. Por esse motivo o lugar passou a ser chamado de Capelinha. O nome Marins deve-se a um dos desbravadores da Serra da Mantiqueira.



ças. Nele havia uma grande cruz (Santo Cruzeiro) feita de madeira. As sepulturas eram assinaladas por pedras. Com o passar do tempo, devido à exigência de documentação para a realização dos sepultamentos, o local foi abandonado.

O bairro possuía duas casas comerciais (vendas), escola, campo de futebol e aproximadamente 70 habitações. Os moradores cultivavam tabaco, milho e batata, além da criação de animais. Mais tarde também iniciaram o cultivo de marmelo.

A mercadoria encontrada nas vendas chegava por transporte animal, de Cruzeiro ou de Passa Quatro. À noite, o

Por volta de 1893 uma nova capela foi construída, desta vez em alvenaria. Em seu interior havia um coro, todo trabalhado em cedro e dois confessionários, além de três pequenos altares onde ficavam as imagens de Sant'Ana, São Sebastião e Santa Luzia. As missas eram celebradas em latim, com o padre de costas para os fiéis. No período em que a igreja se manteve em atividade, eram realizadas festas com procissões, leilões e vendas de assados em seu entorno.

Segundo alguns depoimentos, devido ao difícil acesso e à distância até o cemitério mais próximo, formou-se em um local próximo à capela, um pequeno cemitério, com partes separadas para o sepultamento de adultos e crian-





Foto: José Renato Ribeiro

Casa antiga do Sr. Amauri Ramos

rádio à pilha era ligado para alegrar e distrair os fregueses. Na imagem acima, casa do Sr. Geraldo Ramos, onde funcionava uma das vendas.

No ano de 1933 houve uma desavença entre alguns moradores e o Padre Delfim Ribeiro Guedes, que atendia o povoado e respondia ao Provincial dos Padres de Itajubá, o Pe. Arnaldo Geerts. No livro Trem de Manobra, o Cônego Augusto José de Carvalho, conhecido como Padre Carvalhinho, descreve o acontecido na página 62, “... lá havia estado o meu antecessor que, no cumprimento de seu dever, tinha pregado forte contra vícios, principalmente a bebedeira. Muita gente não gostou e uma turma de bagunceiros resolveu tirar desforra com o padre. Juraram vingança. Diziam que esperariam o Padre Delfim, na primeira vez que lá voltasse, com uma surra de pau e chicote (...)”. O sucessor do Padre Delfim, Padre Carvalhinho, tentou visitar o local algum tempo depois, mas foi desaconselhado pelo delegado José Brasil e por seu amigo Getúlio Ramos, a fim de evitar novas desavenças. Assim a igreja foi sendo abandonada e a construção perdeu seu cunho religioso. A construção foi demolida em 1973.

Após a desavença com o Padre Delfim, os fieis do povoado passaram a frequentar as celebrações na Queimada, ainda no interior da residência do Sr. Francisco Bruno Ribeiro. As missas, batizados e demais celebrações eram realizadas diante de um oratório feito de madeira, com imagens de santos esculpidas no mesmo material, belas peças criadas pelos escravos do Capitão Neco. Esse oratório ficava na sala de Francisco Bruno, no mesmo espaço em que ele ministrava aulas, tendo sido o primeiro professor

da Queimada. Nessa sala havia uma grande mesa de madeira com bancos, os quais tanto os alunos como os fiéis usavam para participar das aulas e das celebrações.

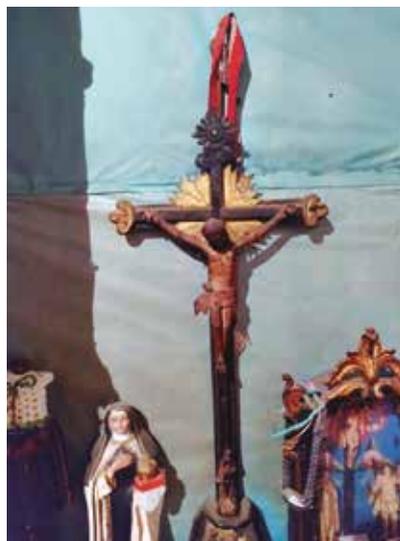
Esse mobiliário foi preservado, por muitos anos, na casa do Sr. João Bruno Ribeiro, filho de Francisco Bruno, porém já não existe mais. Resta apenas o oratório, que se encontra na sala desta casa que, atualmente, pertence a Luciene Aparecida Ribeiro, sua filha. O oratório mantém suas características originais e algumas das imagens em seu interior são da mesma época.

Em sua primeira visita à Queimada o Padre Carvalhinho foi recebido por Francisco Bruno (e seu irmão Manequinho), em sua residência. Em seu livro o padre relata que, após o almoço em que foi servido carne guardada na gordura de porco, os irmãos manifestaram o profundo desejo de construir uma igreja no local. Diante da aceitação do padre em levar tal pedido ao bispo, Chico Bruno "... com lágrimas nos olhos, correu ao oratório da família, a fim de agradecer diante da imagem de sua Padroeira, a graça que havia alcançado..." (pág. 65)

Na mesma tarde, Chico Bruno e Manequinho mandaram arrastar até a sede da fazenda um cedro, que havia sido reservado para o cruzeiro. No

*Oratório e
imagens, peças
produzidas por
escravos*

Fotos: José Renato
Ribeiro



dia seguinte três carpinteiros lavraram a madeira e um grande grupo de fiéis conduziu o Santo Cruzeiro até um terreno, nas proximidades da casa de Chico Bruno. Ainda em seu livro, Padre Carvalhinho descreve "(...) Ali plantamos a cruz. Depois celebrei a seu pé a Santa Missa. (...) Nascia naquele dia um novo arraialzinho que, em breve, seria uma vila progressista e, mais alguns poucos anos, uma cidade florescente: MARMELÓPOLIS... E eu me orgulho de ser, com meus amigos, um dos fundadores da bela cidade dos sertões da Queimada..." (pág. 66).

Matriz de Nossa Senhora Aparecida

Os irmãos Francisco Bruno e Manoel Frederico decidiram iniciar a construção da igreja por volta do ano de 1935. Para tal receberam, por doação, um terreno de Mário Bruno Ribeiro, filho de Francisco Bruno. Convidaram um conhecido mestre de obras, o Sr. José Camargo, que trabalhava em Cruzeiro (SP), para construir a igreja. Este aceitou e trouxe consigo dois irmãos para ajudá-lo, Benedito e Francisco. Um dos pedreiros a trabalhar na edificação foi José Santana Ribeiro, filho de Manoel Frederico. Os tijolos usados foram fabricados em uma olaria local (na do Manoelzinho do Tião Bruno).



Foto: arquivo da prefeitura

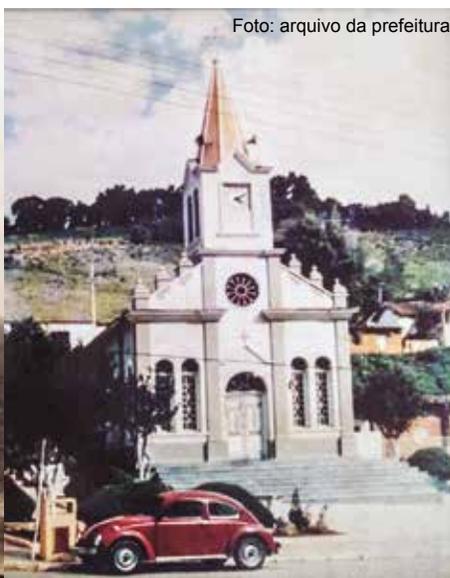


Foto: arquivo da prefeitura

À esquerda, a igreja em construção, em 1936. À direita, foto da década de 1980

Utilizando juntas de bois e zorras, escavaram e prepararam o terreno. A construção logo se iniciou, sendo concluída em 1937. Foi inaugurada com uma procissão, que levou a imagem de Nossa Senhora desde a sede da fazenda de Manoel Frederico, até a igreja recém construída.



Foto: arquivo da prefeitura

Procissão religiosa conduzindo a imagem de Nossa Senhora para a inauguração da igreja. Muitos padres assistiram a essa igreja, desde então, e cada um deixou seu legado.

O Cônego Augusto José de Carvalho (Pe Carvalhinho - 1910-1986), incenti-

vador da construção da igreja, vinha para a Queimada em seu cavalo manga larga, o “Magnata”, outras vezes em seu alazão “Rex”. Percorria os rincões da Mantiqueira à procura de pessoas doentes, procurando oferecer-lhes conforto espiritual. Em suas poucas horas de lazer gostava de caçar. Embora fosse exímio orador sacro, procurava alcançar todas as pessoas por meio de uma linguagem clara e acessível em suas homilias. Autor de alguns livros, entre os quais a autobiografia intitulada “Trem de manobra”, onde relata, entre tantas outras vivências, a sua passagem por Queimada.

O padre holandês Martinho Geers prestou assistência à Queimada durante anos, tendo iniciado essa missão provavelmente em 1940. De acordo com o Boletim Informativo da Associação dos Ex-alunos MSC (Missionários do Sagrado Coração), ano XXXIX, nº 128, de fevereiro de 2015, na página 20, ele é descrito da seguinte maneira “Bravo, enfezadinho, carinha enferrujada, enfrentou por anos a fio, com persistência e galhardia, aquelas péssimas estradinhas de roça (...) Falava o português num sotaque carregadíssimo. Gostava de tomar café puro, sem açúcar”.

O Padre Arlindo Giacomelli teve participação excepcional na solidificação da religiosidade do município, prestando assistência por anos e anos, percorrendo longas distâncias a cavalo, mais tarde em um Jeep

e posteriormente em uma Toyota. Muito querido e respeitado em toda a região, percorria os caminhos difíceis da serra, trilhando-os sob sol, chuva, frio ou poeira, e até mesmo à noite, para cumprir seus compromissos em vários municípios. Não sem razão era chamado de “O gigante da Mantiqueira”. Descendente de italianos, tinha estatura alta e imponente, sua pele era clara e seus gestos firmes. Muitas vezes se mostrava austero, mas para os que tiveram o privilégio de conhecê-lo estreitamente, Pe. Arlindo deixava transparecer a enormidade de seu coração. Via de regra era enérgico em seus sermões, mas nos aconselhamentos individuais era dócil e benevolente. Os casamentos, batizados, confissões e missas que realizou tornaram-se incontáveis. Mesmo idoso e cansado, apoiando-se em sua bengala, persistiu enquanto pode na sua missão de catequisar. Cumpriu, com excelência, os seus votos prometidos. Nascido em 22 de outubro de 1919, faleceu em 28 de julho de 2011, aos 91 anos.

O Padre Geraldo Barbosa de Mendonça trouxe ao município inovação tecnológica, realizando filmagens das missas e demais celebrações, transmissões ao vivo pela TV, usando microfone sem fio nas procissões, com alcance de longa distância, sempre auxiliado pelo amigo Dunga (Francisco Carlos Machado). Também contribuiu para a valorização do trabalho das crocheteiras, promovendo as vendas de seus produtos em outros lugares.

Na sequência a igreja contou com os seguintes padres:

- De fevereiro/1992 a dezembro/1996, e de março/1999 a fevereiro/2000 - Pe. Sebastião Xavier Peres.
- Janeiro/1997 a novembro/1998 – Pe. João Crisóstomo Neto.
- Fevereiro/2000 a março/2001 – Pe. Romeo Bortolotto.
- 2001 a 2006 – Pe. Nelson Ribeiro de Andrade – responsável pela ampliação da igreja e construção das torres laterais.
- Março/2007 a dezembro/2008 – Pe. Júlio César Machado.
- Janeiro/2009 a maio/2011 – Pe. Manoel Ferreira dos Santos Júnior (atualmente é bispo da diocese de Registro-SP).
- Junho/2011 a fevereiro/2012 – Pe. Geraldo Alves Cassiano.
- Março/2012 a agosto /2013 – Pe. João José de Almeida.
- Agosto /2013 a dezembro/2014 – Pe. Michel dos Santos.
- Fevereiro/2015 a novembro/2015 – Pe. Joaquim dos Santos Filho.

– Dezembro/2015 a junho/2019 – Pe. Rodrigo Aparecido Domingues, primeiro pároco local. Em 21 de fevereiro de 2016 a comunidade foi desvinculada da Paróquia Nossa Senhora da Soledade, de Delfim Moreira, tornando-se Paróquia Nossa Senhora Aparecida, abrangendo oito comunidades rurais e duas comunidades urbanas.

– Padre Valdair Benedito Peres, pároco atual.

A Igreja Católica de Marmelópolis já teve a honra de celebrar três ordenações sacerdotais de filhos da terra que se dispuseram a dedicar suas vidas à construção do Reino de Deus. São eles: Padre Júlio César Machado, Padre Lucemir Alves Ribeiro e Padre José Marcos do Amaral.

Jardel Luiz Ribeiro da Mota redigiu o texto intitulado “Fé de Maria, fé do povo”. Abaixo, transcrição de alguns trechos:

“Quando se busca a definição de fé, a melhor e mais sensata que encontramos é a de São Paulo na carta aos hebreus no capítulo 11: ‘A fé é a consciência do que se espera, a prova do que não se vê’ (Hb11, 1). Porém só com a definição do versículo primeiro, não compreenderemos o todo. Fé é movimento, é ação, é o que levou Abel a oferecer sacrifício, levou Abrão a sair de sua terra, levou Moisés a perseverar 40 anos no deserto, talvez essa mesma fé levou o Sr. Manoel Frederico Ribeiro, filho do então Capitão Neco, em 1935 a elevar uma capela dedicada a mãe de Deus. Se fé é busca e edificação, foi-se buscar os melhores para tal serviço, acabaram por encontrar o Sr. José Camargo na região de Cruzeiro-SP que acabou aceitando a empreitada de construir uma igreja no terreno doado por Mario Bruno Ribeiro”.

“Com duas juntas de bois iniciaram a escava do terreno, a terra retirada era depositada no ‘bota-fora’. Para construção, os tijolos foram retirados da olaria do Manoelzinho do Tião Bruno. Terra santificada pelo serviço e suor, terra do firmamento se transformou em templo santo, o templo Santo de Queimada, que após terminado em 1937, tornou-se Igreja Santa. Para tal feito, grande comemoração se fez, saindo da Fazenda do Manequinho e descendo as vielas de Queimada, com um andor de Nossa Senhora Aparecida, sendo aclamada, agora não como Padroeira e Rainha do Brasil como em 1930, mas como Padroeira de Queimada (...)”.

“O interessante sobre a fé é a disposição daqueles que tem esperança. Na Queimada, dois grupos se formaram, a Congregação Mariana movi-

mentada pelos homens e as Filhas de Maria pelas mulheres, rezavam o terço com frequência nas poucas casas do distrito e auxiliavam nas missas (...)

“Homem de grande estatura, Pe. Arlindo movimentava as celebrações e auxiliava o povo; primeiramente a cavalo depois em sua Toyota, cruzava sempre as montanhas da Mantiqueira, levando esperança e presença de pai para o nosso povo, a exemplo puro de seu mestre que cruzava as montanhas da Galileia e da Samaria espalhando as sementes do Reino, reino este que aqui chegou para um povo sofrido e trabalhador, que doava sua vida na criação de animais e na plantação de marmelo, não muito diferente do povo de Israel (...)

“No Bairro da Ponte Alta, no terreno do Joaquim Rosa, havia um tronco, uma árvore de pinho bravo, grande e resistente. Pe. Arlindo viu naquele tronco o lugar para o Sagrado ser depositado. No Éden haviam duas árvores de destaque, aqui apenas essa; nem com o fruto do bem e do mal, nem com o conhecimento, apenas com Deus habitando, tornara-se esta casa do Pão do Céu, alimento dos famintos. O tronco foi levado de caminhão para ser trabalhado, e logo depois instalado no presbitério da igreja. No centro um sacrário dourado, tampado, pois o Sagrado não se revela, logo acima entre o entrelaçar dos dois troncos rumo ao céu, um canto para uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida, esculpido a mão na madeira, e mais acima, o Cristo crucificado, sinal puro do seu último



Foto: José Renato Ribeiro

mandamento, 'amai-vos como eu vos amei', exigência de vida cristã. Mas como esse mandamento é árduo, e olhar o crucificado as vezes é difícil, olha-se um pouco mais abaixo, e Maria lá está (...)"

"Essa pequena imagem de Aparecida (...), chegou até nós por volta 1955, quando Francisco Bruno de Faria resolveu doar uma réplica da imagem original para o distrito, pediu ao Pe. Arlindo que encomendasse a imagem. Logo que chegou de Aparecida, a imagem foi depositada no centro do tronco. Réplica perfeita, de madeira talhada. É de se notar que os dois objetos de devoção são de madeira talhada, a imagem e o depósito do sacrário, talvez para nos dizer que pela fé também somos talhados durante a vida, e bem no centro, no cerne, habita o mais precioso, o sagrado do Sagrado em nós (...)"

Capela Nossa Senhora Aparecida e São Benedito

No ano de 1960 um grupo de moradores do bairro Cubatão de Cima se uniu no intuito de construir uma capela no bairro. Eram eles: Sr. Benedito Ribeiro de Castro, Sr. Vicente Pre-sintino, Sr. José Satiro, Sr. Noel Fortes e Sr. Mário Fortes. O terreno fora doado pela família da Sra. Áurea Pinto Grilo.



Foto: José Renato Ribeiro

Capela Nossa Senhora Aparecida - Cubatão de Cima

O Sr. Ditinho de Castro, insistente no objetivo de construir a capela, solicitou auxílio do Pe. Arlindo Giacomelli, vigário da região à época. No ano de 1965 foi construída a primeira capela do bairro, porém era tão pequena que o seu espaço não era suficiente para abrigar a todos. Em seu interior havia as imagens de Nossa Senhora Aparecida e de São Benedito. A catequista da época era a Sra. Benedita de Castro.

Em várias ocasiões as missas precisaram ser celebradas na escola,

ao lado da igreja, onde o Sr. Vicente Presintino improvisou um altar, um elevado de madeira para que o Pe. Arlindo pudesse celebrar, em latim e de costas para o povo, como era o costume da época.

Em 1986 foram realizadas as Santas Missões, pelos Missionários Redentoristas. Devido ao pouco espaço dentro da capela, as celebrações eram realizadas do lado de fora. O Pe. Toninho, Missionário Redentorista, incentivou os fiéis a ampliarem aquela estrutura. Tal projeto se arrastou por anos e só começou a ser executado em 1997, quando teve início a construção da atual capela do bairro.

No presente a comunidade conta com um amplo espaço ao lado da igreja, para a realização das festas tradicionais que acontecem em setembro e para demais eventos do bairro. Na comunidade ocorrem ainda o Terço dos Homens, o Terço das Mulheres, a Santa Missa mensal, a Celebração da Palavra, o Terço da Misericórdia e o Santo Rosário.

Capela Sagrada Família

A capela Sagrada Família foi construída na década de 1960, em terreno doado por Benedito Libaneo Alves, no bairro Cata dos Marins. Nessa época, o padre responsável pela comunidade era o Pe. Arlindo Giacomelli. A imagem da Sagrada Família foi doada pelo Sr. Afonso Ribeiro Alves e a construção da edificação foi liderada pelo Sr. João Ribeiro, pedreiro do bairro Sertão. A iniciativa de construir a capela foi do Sr. Olinto Ribeiro Alves (coordenador e tesoureiro da comunidade naqueles anos) e de sua



Foto: José Renato Ribeiro

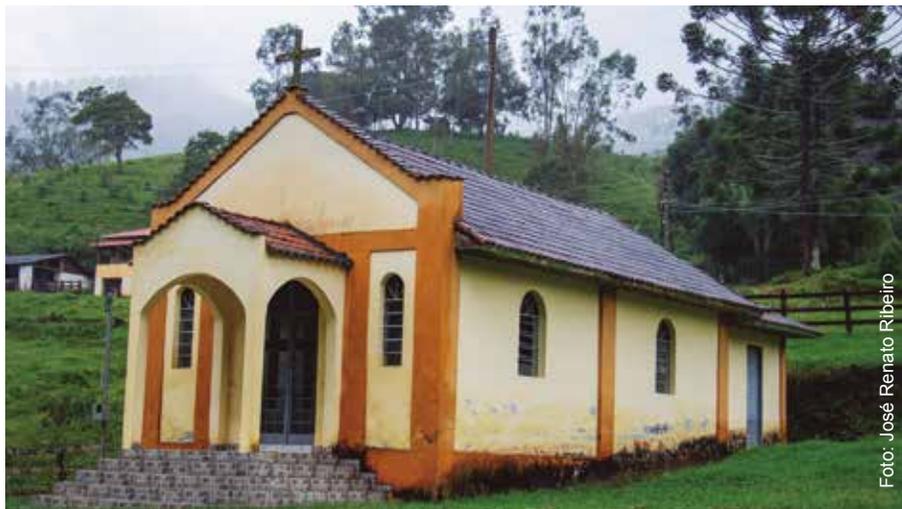
família, que sempre esteve à frente das questões religiosas no lugar.

No início a igreja era bem pequena, os fiéis se reuniam uma vez por mês para rezar o terço e para os leilões de prendas, doadas pelas famílias do bairro. A missa era celebrada na comunidade somente uma vez ao ano. Os casamentos eram realizados na igreja matriz em Marmelópolis. Os noivos, suas famílias e amigos seguiam a pé para a celebração e, quando voltavam, os parentes e demais convidados soltavam foguetes pelo caminho em homenagem ao novo casal.

Mais tarde os fiéis decidiram pela “Celebração da Palavra” aos domingos e o padre então passou a celebrar uma missa por mês na comunidade, permanecendo desse modo até os dias atuais. Com o falecimento do Sr. Olinto, sua filha Aurea Maria de Sene assumiu a coordenação da comunidade, função que exerceu por vários anos. Ao se mudar para o centro da cidade, deixou como coordenadora, em seu lugar, sua sobrinha Negilda Gonçalves Martins Alves. A festa tradicional da comunidade é realizada sempre no mês de agosto.

Capela de Santo Antônio

Localizada no bairro Cubatão do Meio, a Capela de Santo Antônio foi construída no ano de 2002, quando o vigário que assistia à comunidade era o Padre Nelson Ribeiro de Andrade. Antes disso os fiéis costumavam se reunir nas casas para rezar o Santo Terço e para celebrar as novenas de



Natal, sempre levando uma imagem de Nossa Senhora do Sagrado Coração, que havia sido doada pelo Padre Sebastião Peres. Utilizavam o espaço da Escola Municipal Euclides Fortes para ministrar a catequese de preparação para a Primeira Eucaristia.

No dia 30 de março de 1998 o Padre João Crisóstomo celebrou a primeira missa no bairro, ainda no espaço da escola, pedindo à comunidade que escolhesse um padroeiro para representá-la. O escolhido foi Santo Antônio de Pádua, visto que havia muita devoção a este santo no povoado. A partir de então passou a haver a celebração da Santa Missa no local, sempre no quarto domingo de cada mês.

O terreno para construção da capela foi doado pelo Sr. Homero Fortes Neto e sua esposa a Sra. Rosângela Ferreira Fortes. No dia 31 de março de 2002, o Padre Nelson celebrou a primeira missa no espaço onde a capela seria construída. No dia 13 de maio do mesmo ano iniciou-se o processo de construção que, com a ajuda de toda a comunidade, não demorou muito a se concretizar. No dia 30 de agosto de 2002 foi celebrada a primeira missa na Capela de Santo Antônio, pelo Padre Nelson. A imagem do padroeiro foi doada pelo casal Carmelo Donizete Ferreira e Inês de Andrade Ferreira.

Atualmente a comunidade conta também com um espaço construído ao lado da capela, para realização de festas e eventos religiosos, além da catequese. A festa tradicional da comunidade é realizada no mês de junho.

Capela Nossa Senhora de Fátima

A Igreja Católica comemora em 13 de maio o dia de Nossa Senhora de Fátima. A devoção a esta santa iniciou-se em Portugal e se espalhou por diversos países do mundo, especialmente o Brasil. Em Marmelópolis a capela de Nossa Senhora de Fátima se encontra no bairro Sertão. Foi construída no ano de 1989 pelo Sr. Marcos Antônio Coura, com o apoio da comunidade, em cumprimento a uma promessa que ele teria feito a Nossa Senhora, no ano anterior.

A realização das Santas Missões no município favoreceu a construção da capela naquele bairro. Muitos missionários se espalharam por todas as comunidades rurais, com o objetivo de anunciar o Evangelho. No Sertão, como ainda não havia igreja, as celebrações eram realizadas



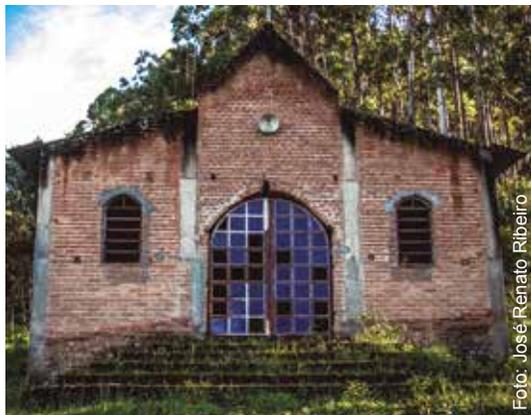
Foto: José Renato Ribeiro

no barracão da antiga Fábrica Peixe e os missionários ficavam hospedados na casa do Sr. Afonso Monteiro. Em conversas sobre a necessidade de erguerem uma igreja no lugar, os moradores tomaram conhecimento da promessa feita pelo Sr. Marcos Antônio. Assim, essas pessoas e Marcos se uniram buscando viabilizar o projeto. O terreno foi doado pelo Sr. Exedito Fonseca, que também ajudou na execução da obra. A porta da igreja foi doada pela Sra. Iracema e a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que pertencia à igreja matriz da cidade, foi doada pelo Padre Geraldo Barbosa, o vigário na época, para ser a padroeira da comunidade. Fizeram festas, pediram donativos e, com muito esforço e dedicação conseguiram construir a pequena capela que, aos poucos, foi sendo moldada até a sua forma atual.

Capela Nossa Senhora das Graças

Localizada no bairro Bengalal, a construção da Capela de Nossa Senhora das Graças teve início no ano de 2002. Na época, a família do Sr. Domingos Nogueira de Freitas e de Dona Francisca Ribeiro de Freitas costumava se reunir para rezar o rosário em casa e Dona Francisca sempre manifestava sua vontade de construir uma capela naquelas terras.

Em uma determinada noite, quando estavam fazendo suas orações em família, ela pediu a Nossa Senhora que lhes mostrasse o lugar onde a capela deveria ser construída. A noite estava clara e, ao saírem para o quintal, sentiram um agradável perfume de rosas (fenômeno que aconteceu diversas outras vezes em que se reuniram



para rezar). Dona Chica, como era conhecida, movida pela intuição, caminhava em direção a um pinheiro que havia no quintal quando viu uma luz intensa próxima à árvore. Então colocou uma pedra no exato local em que a luz apareceu, dizendo que ali deveria ser construída a capela para Nossa Senhora das Graças.

A família, cheia de entusiasmo, realizou festas e pediu auxílio nas comunidades vizinhas, para dar início às obras. Na época, o então vigário Padre Romeo, foi quem deu sugestões de como a capela deveria ser erguida. Conseguiram levantar as paredes e instalar o telhado, porém ficou faltando o acabamento. Alguns moradores do bairro se mudaram e, por falta de fiéis e de recursos, a construção foi interrompida. As bodas de ouro de Dona Francisca e Sr. Domingos foram celebradas nessa capela, mesmo inacabada. Mais tarde, quando o Sr. Domingos veio a falecer, o seu velório foi realizado na mesma capela.

Simultaneamente a essa construção e bem próxima a ela, foi estruturada uma gruta para a mesma Santa. O lugar é muito bonito e as pessoas costumam dizer que se sentem em estado de paz quando ali estão. Muitas das pessoas que vão até lá, para conhecer, visitar ou rezar, afirmam sentir perfume de rosas no local.

Capela de São Sebastião

Localizada no bairro Silvério, a Capela de São Sebastião integra também as famílias dos bairros Cachoeira e Paiolzinho. Esses fiéis costu-



mavam se reunir nas casas, desde o ano de 1975, para rezar o Santo Terço e a Novena de Natal. Foi então que começaram a sentir a necessidade de construir uma igreja onde pudessem se reunir regularmente.

Em 1984 a comunidade iniciou uma mobilização pela construção da capela. Fizeram festas para arrecadar fundos e organizaram mutirões para escavar o terreno, que fora doado pelo Sr. Sebastião Silvério. Em razão do nome do gentil doador, o padroeiro escolhido para representar a comunidade foi São Sebastião.

No dia 28 de novembro de 1984 foi celebrada a primeira missa no local da construção da capela, pelo então vigário Padre Arlindo Giacometti. Houve nesse dia uma festa, ao ar livre, com a celebração da Primeira Eucaristia de duas adolescentes do bairro e a realização de quatro batizados. O padre benzeu a pedra fundamental e a planta da igreja e, desde então, passou a celebrar missas na comunidade de dois em dois meses, com grande participação da população local.

Os responsáveis pela obra foram os pedreiros Zico Silvério, Sebastião Fortes e Norival Fortes. Todo o madeiramento da igreja foi transportado até o local por animais. Superando várias dificuldades a comunidade foi trabalhando, realizando festas e movimentos, com vistas a angariar fundos para a realização da obra. Finalmente, no ano de 1987, a construção foi concluída.

Na atualidade, a comunidade conta também com um espaço construído ao lado da igreja, para realização de festas e eventos religiosos. A

missa é celebrada nessa capela uma vez por mês e a tradicional festa de São Sebastião acontece no mês de maio.

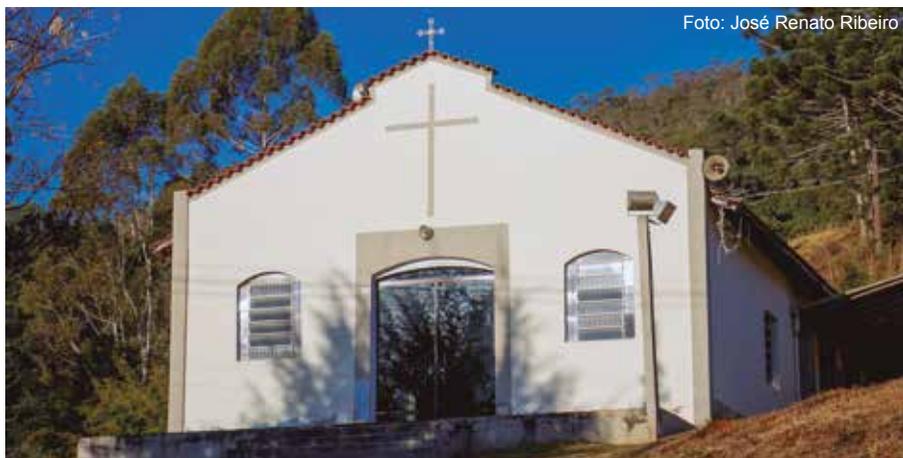
Capela de Sant'Ana

A capela de Sant'Ana, no bairro Ponte Alta, possui em seu interior uma imagem barroca de Sant'Ana, que foi trazida de Portugal em um navio, por Madre Emília.

Originalmente essa capela era localizada no bairro Capelinha dos Marins e os primeiros padres a celebrarem nessa capela eram missionários. Quando tomavam conhecimento da vinda desses padres, os católicos saíam em busca de doações, principalmente dinheiro e alimentos, para melhor acomodá-los, já que passavam vários dias atendendo confissões, fazendo benzimentos, visitas aos doentes e outras ações.

Com o fim das atividades religiosas nessa capela, passaram a usá-la para outras finalidades. O proprietário do terreno onde ela estava construída havia deixado o catolicismo e então alguns leigos resolveram retirar a imagem de Sant'Ana daquele local e construir outra capela onde pudessem continuar a devoção a ela.

Sendo a construção um processo demorado, a imagem de Sant'Ana foi levada para a Fábrica do Sr. Joaquim Lourenço, onde o Padre Arlindo celebrou uma missa. Depois a imagem passou a ser levada para as casas dos fiéis. A princípio ficou na casa do Sr. Avelino, as pessoas lá se reuniam para rezar o terço, ler a Bíblia Sagrada e compreender a Palavra.



Algum tempo depois o Sr. Avelino deixou de ser católico e a imagem seguiu para a casa do Sr. Joaquim Inácio, que igualmente renunciou ao catolicismo. E a imagem então foi levada à casa da Sra. Ana do Carmo Pinto.

Empenhada em construir a capela para aquela bela imagem, a Sra. Ana fez doação de um terreno. Foram feitas arrecadações em dinheiro e materiais de construção, possibilitando assim o início da edificação. A fim de arrecadar fundos para a finalização da obra, os devotos faziam festas anuais em louvor à Sant'Ana. Uma dessas festas foi coordenada pela família do Sr. Joaquim Martins e Dona Catarina, que se recordam com saudade de todo o trabalho que realizaram em benefício da tão necessária capela.

A respeito da imagem que se encontra na Capela de Sant'Ana, trata-se de uma relíquia. A princípio fora feita de madeira e coberta com fina camada de gesso. Era muito leve pois seu interior era oco. Devido a um acidente ocorrido há alguns anos, um incêndio na parte inferior da imagem, foi necessária sua restauração, adaptando-se um suporte de madeira em sua base, para a sua sustentação. Essa restauração foi feita no período em que o padre Michel dos Santos (MSC) prestava assistência à comunidade. Durante o processo de restauração, o padre Manoel, hoje Dom Manoel (bispo de Registro-SP), doou uma réplica, para que a capela não ficasse sem imagem. Esta se encontra agora na sacristia da mesma capela. A imagem de Sant'Ana é muito venerada pelos fiéis que a visitam.

Todos os anos é realizada a tradicional festa na comunidade. O dia dedicado à Sant'Ana é 26 julho, e é nesse mês, também, que se realizam as festividades.

Capela de Nossa Senhora do Rosário

No ano de 1932 teve início uma igreja no bairro Quatis, por iniciativa da Sra. Benedita Ribeiro de Jesus. Na época a população desse bairro precisava ir à paróquia de Delfim Moreira para participar de cerimônias religiosas. O vigário daquela paróquia era o padre Delfim Ribeiro Guedes.

Benedita havia ficado viúva por duas vezes, então pediu a esse padre que celebrasse uma missa em seu bairro, por seus maridos falecidos. O vigário, atendendo ao seu pedido, foi aos Quatis e lá celebrou a missa em uma Santa Cruz. O bairro se localiza a 18 quilômetros da cidade de Delfim Moreira. Sua população não media esforços para ir até a igreja, andando a pé ou a cavalo, em busca do alimento espiritual. Vendo a dificuldade daquele



povo e a fé que o movia, o padre doou um crucifixo e uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, ambos de madeira, medindo cerca de 52 centímetros cada, para que pudessem rezar em seu próprio distrito e bairro.

A princípio as imagens ficaram na casa de Dona Benedita. Os moradores do lugar, então, deram início à construção de uma pequena capela de madeira, onde foram realizados muitos batizados, rezas de terços e missas. A capela ficou sob cuidados de Dona Benedita por vários anos.

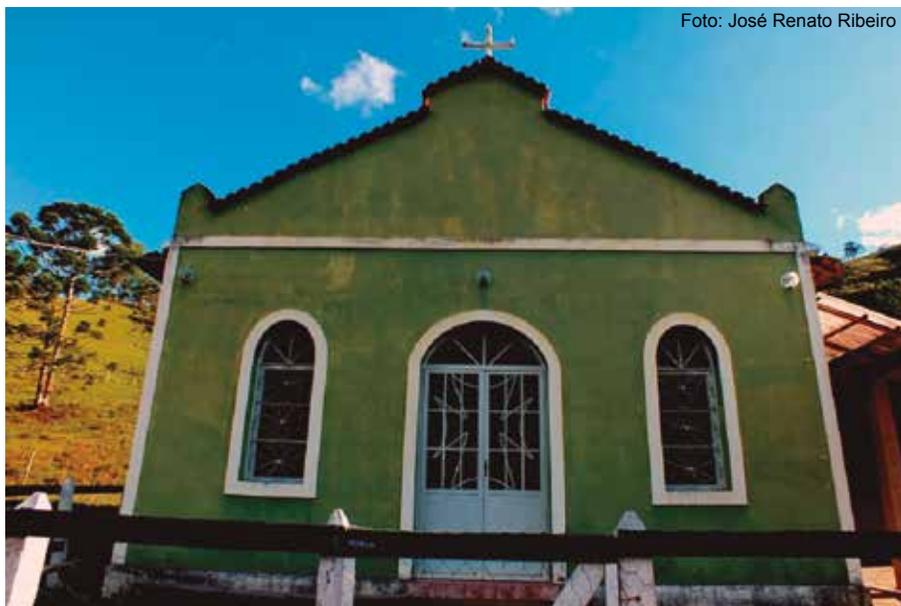
Em 1934 o padre Augusto José de Carvalho (Pe. Carvalhinho), celebrou missa nessa capelinha, hospedando-se na casa de Dona Benedita. Nos anos 1936 e 1937 outros padres também deram assistência à comunidade, realizando celebrações diversas. Foram eles: Pe. José Arlindo de Magalhães, Pe. Gustavo Moreira de Abreu e Pe. Leopoldo Van Liempt.

Dona Benedita casou-se novamente e foi morar em outro bairro, deixando a capela sob os cuidados de José Ribeiro de Miranda e sua família. As rezas de terço continuaram e também eram realizadas via sacras no tempo da Quaresma. Em 1940 o padre Martinho Geers, que assistia à região, decidiu construir no bairro uma capela maior, em alvenaria, devido ao aumento do número de fiéis. A nova igreja ficou aos cuidados da família do Sr. Vicente Ribeiro de Miranda.

O tempo passou, o povoado cresceu e novamente houve a necessidade de aumentar a igreja. Em 1955 o Pe. Arlindo Giacomelli deu início à nova construção, em um local que considerou mais adequado, um terreno doado pelo Sr. Vicente Ribeiro de Miranda. O terreno precisou ser escavado, o que foi feito por homens predispostos a colaborar, com trabalho braçal. Terminado o aplainamento do solo, um barracão foi construído a princípio. Mais tarde, em 1958, com o auxílio dos fiéis e a determinação do Pe. Arlindo, a nova capela foi concluída, mais bonita e espaçosa, a qual existe até hoje. A festa religiosa tradicional é realizada no mês de setembro.

Capela de São Lourenço

Nos tempos em que Marmelópolis era ainda distrito de Delfim Moreira, havia no atual bairro Correias de Baixo uma família de sobrenome Lourenço, que tinha o propósito de construir uma capela naquele povoado. Porém, com a emancipação do município, a chegada da energia elétrica e outras facilidades, toda a família se mudou para o centro da cidade em busca de melhores condições de vida, deixando para trás o ideal de construção da capela. Com o passar dos anos, um descendente dessa família, o Sr. Francisco Lourenço Ribeiro de Carvalho, mais conhecido como



Kiko, voltou a residir no bairro e, recordando-se do desejo de seu pai, empenhou-se na tarefa de construir uma capela no local.

No ano 2000, quando as comunidades do município eram assistidas pelo Padre Romeo Bortolotto, o Sr. Kiko o procurou para manifestar o seu desejo de construir a capela. O padre demonstrou-se bastante entusiasmado e incentivou toda a comunidade para que esse ideal fosse concretizado. Seu empenho em auxiliar àquelas pessoas era tão verdadeiro, que foi ele próprio quem esboçou a planta da igreja.

Partiram então para uma conversa com o Sr. Benedito Pascoal Ribeiro, proprietário de um terreno localizado na área central do bairro, com acesso aos bairros vizinhos, Correias de Cima e Veremos. Prontamente o Sr. Benedito Pascoal doou o espaço para a construção da capela.

O Padre Romeo se dispôs então a celebrar a primeira missa na comunidade, que se realizou na residência do Sr. Kiko. Celebrou também uma missa no Bairro Veremos, na casa do Sr. Horácio Diniz e outra no Bairro Correias de Cima, na casa do Sr. Zezinho Lúcio. Seguidamente a construção teve início e, quando sua base ficou pronta, o mesmo padre celebrou ali uma missa, lançando bênçãos em suas extremidades.

Mais tarde, com a partida do Padre Romeo, a comunidade passou a ser assistida pelo Padre Nelson Ribeiro de Andrade, que chegou no município em março de 2001, e continuou incentivando os fiéis a prosseguirem com a construção da capela.

Os moradores do bairro verdadeiramente se empenharam, dando seguimento à obra e, com a ajuda dos povoados vizinhos, arrecadaram donativos, fizeram festas, realizaram mutirões e, pouco a pouco, foram vendo o sonho se tornando realidade.

A belíssima imagem do padroeiro São Lourenço foi doada pelo casal Sr. Sebastião Coura e Dona Dulce de Souza Ribeiro Coura. Trazida da cidade de Aparecida-SP, a imagem primeiramente passou pela Igreja Matriz de Marmelópolis e, dias depois, foi levada para a capela de São Lourenço, em procissão.

A comunidade de Correias de Baixo e os bairros do entorno se beneficiam, nos dias de hoje, com uma área construída para festas e eventos religiosos, além de uma cozinha e uma ampla sala para a catequese.

A tradicional festa de São Lourenço, realizada na comunidade, acontece no mês de agosto.

Igreja Evangélica Assembleia de Deus

A Assembleia de Deus (AD) é uma associação com mais de 144 agrupamentos nacionais de igrejas autônomas, que juntas formam a maior denominação cristã evangélica pentecostal protestante do mundo. Teve seu início em Los Angeles, em 1906, e com o tempo foi se espalhando por vários países. Chegou ao Brasil em 1910, na cidade de Belém do Pará, por meio dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg.



Bairro Ponte Alta

O trabalho da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Distrito de Queimada, teve início em 1956, com a visita de missionários que evangelizavam nas casas, entre eles um pastor de Itajubá, o Sr. Luiz Faria. O primeiro culto foi realizado na residência do Sr. João Ernesto e o primeiro templo foi construído após a emancipação política, em 1967, em um terreno doado pelo Sr. João Cipriano de Marins, no bairro Ponte Alta. Sua filha Francisca Ribeiro Martins, hoje com 86 anos, contou em entrevista que foi batizada no primeiro Batismo da Igreja Assembleia de Deus, realizado na Queimada, no dia 21 de julho de 1957, no rio Lourenço Velho, onde atualmente está a ponte de cimento do Porto. Em 1968 foi construído o segundo



Bairro Sertão

templo, no bairro Capelinha dos Marins, em um terreno doado pelo Sr. Delfim Ferreira. Atualmente essa igreja pertence à Congregação Cristã no Brasil.

Em 1974 foi construída a sede da Igreja Assembleia de Deus em Marmelópolis, no bairro Santa Rita, onde hoje é o Centro Comunitário da Igreja. A atual sede foi construída



Foto: José Renato Ribeiro

Igreja Assembléia de Deus - Bairro Santa Rita

em 1999, ao lado da antiga. Hoje a Igreja conta com conjunto musical, coral, banda, grupo de jovens e vários obreiros. Também possui templos no bairro Sertão e um novo templo na Capelinha dos Marins.

Nessa congregação os batizados são realizados preferencialmente nos rios existentes no município, porém, no período das chuvas, eles são realizados em um tanque, construído dentro da igreja para essa finalidade.

A igreja também promove algumas festividades durante o ano: Festa dos Varões, Festa das irmãs do círculo de oração "Rosas de Saron", Festa do grupo de jovens "Unidos pela Fé", Festa do grupo de adolescentes e juvenis, e a Festa do aniversário da igreja, no mês de novembro.



Foto: José Renato Ribeiro

Bairro Capelinha

Congregação Cristã no Brasil

A Congregação Cristã teve origem em um pequeno grupo de evangélicos italianos, na cidade de Chicago, Estados Unidos, em 1904. No Brasil a Obra teve início em junho de 1910, em São Paulo.



Em 1978 Luiz da Costa Melo, de São Paulo, em um momento de oração sentiu que Deus lhe disse “Vá à Marmelópolis!”. Ele, porém, nunca tinha ouvido falar do lugar. Conversando com conhecidos, buscando por informações, descobriu a localização da cidade e marcou uma data para a viagem, juntamente com alguns companheiros da Congregação Cristã.

Alguns dias antes da viagem, Sr. Luiz, conhecido por Irmão Luizinho, sonhou que havia chegado em Marmelópolis e, caminhando pelas ruas, avistou uma grande mangueira carregada de frutas. Começou a colher as mangas, quando um menino se aproximou e começou a jogar pedras sobre ele.

No dia marcado viajaram para a cidade de Marmelópolis, até então desconhecida do grupo. Ao chegar, Irmão Luizinho começou a caminhar



pelas ruas até que, em determinado ponto, reconheceu o local que lhe havia sido mostrado em sonho, havia ali uma casa. Ele bateu à porta com a certeza de que aquele era o lugar para o qual Deus o havia designado. Foi atendido pelo proprietário, o Sr. José Acelino (Zé Mané).

O Irmão Luiz então explicou ao Sr. Zé Mané que fazia parte da Congregação Cristã no Brasil e que desejava lhe instruir sobre a sua Igreja. O Sr. Zé Mané lhe respondeu que era espírita, assim como seu pai, José Acelino da Silva. O insistente Irmão Luiz ofereceu-lhe o hinário da sua congregação. A esposa de Zé Mané, dona Alvarina do Espírito Santo, que era católica, percebeu que já possuía um hinário idêntico àquele que havia ganhado tempos atrás. E ambos aceitaram participar dos cultos e se converteram à Igreja Cristã.

Alguns irmãos da congregação voltaram a Marmelópolis diversas vezes para a realização de cultos. O primeiro deles se realizou numa sala lateral do local onde funcionava o bar do Amado Acelino. Algum tempo depois os cultos começaram a ser realizados no porão da casa da Dona Generoza e anos mais tarde construíram o templo da congregação.

A inauguração do templo da Congregação Cristã no Brasil em Marmelópolis aconteceu em 01 de junho de 1980. O primeiro cooperador da igreja foi João Pigatti, que ficou na função por dez anos. Porém, nesse período a obra não era oficializada. Quando o ministério foi oficializado, passou a ter um Cooperador Jovem, Crimério José da Silva, e

um Cooperador Adulto, Carlos Acelino da Silva, além do grupo de irmãs da Obra da Piedade, que prestava serviços sociais à população.

Atualmente o ministério de Marmelópolis é constituído por um Ancião, Ederson D'Avila Barcellos de Souza e um Diácono, Reinaldo Assis dos Santos. Possui também Ministérios Ordenados onde o Ancião cuida da parte da palavra, atendimento dos cultos, atendimento de Batismos e Santas Ceias e o Diácono cuida da assistência a pessoas carentes e necessitadas, que se denomina dentro da instituição como Obra da Piedade.

Também contam com dois cooperadores, Alexandre Cândido Ribeiro e Walter Raimundo Fortes, além do Cooperador de jovens Carlos Expedito da Fonseca, tendo como atribuições atender cultos, aconselhar os jovens e prover as necessidades administrativas. Desta forma auxiliam o Ancião e, juntos, formam o Conselho local.

Também contam com dois cooperadores, Alexandre Cândido Ribeiro e Walter Raimundo Fortes, além do Cooperador de jovens Carlos Expedito da Fonseca, tendo como atribuições atender cultos, aconselhar os jovens e prover as necessidades administrativas. Desta forma auxiliam o Ancião e, juntos, formam o Conselho local.

A orquestra da Congregação Cristã no Brasil é atualmente a maior orquestra de uma organização no mundo. Na Congregação de Marmelópolis conta com um maestro, dois instrutores e vários instrumentistas.

Em Marmelópolis há ainda outras igrejas evangélicas, que iniciaram o trabalho de evangelização no município recentemente. Até a finalização deste livro não foi possível obter os históricos das mesmas para publicação.

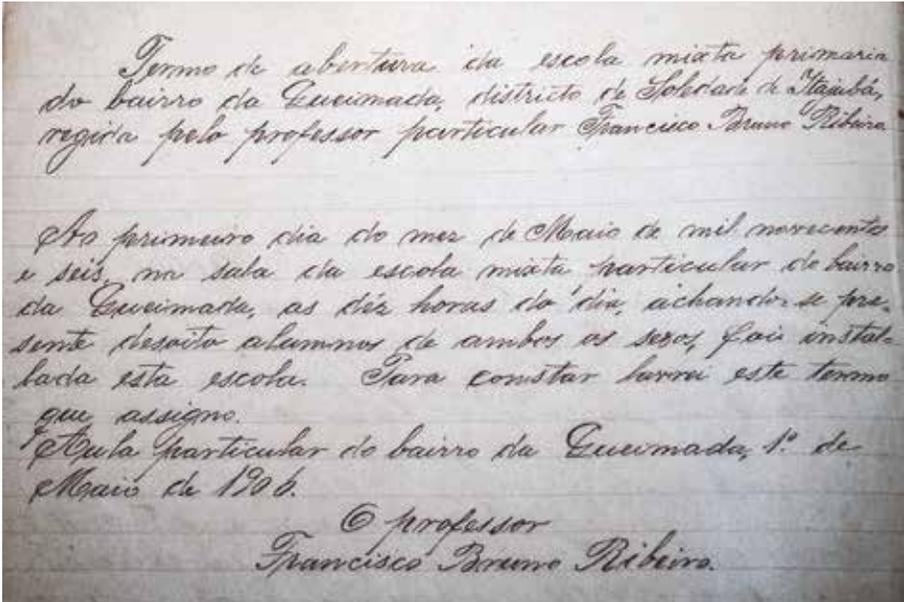
A despeito das especificidades das diversas concepções religiosas existentes no município, sua população convive de forma pacífica e respeitosa. Observa-se, no cotidiano, um comportamento coletivo de colaboração, consideração e compreensão entre as pessoas de credos diferentes.



*Congregação Cristã no Brasil -
Bairro Capelinha dos Marins*

Capítulo 9

A educação



A Educação é a mais poderosa ferramenta de transformação social. É o meio pelo qual os cidadãos desenvolvem seu senso crítico, obtêm acesso aos conhecimentos e, conseqüentemente, alcançam oportunidades que lhes promovem melhoria na qualidade de vida.

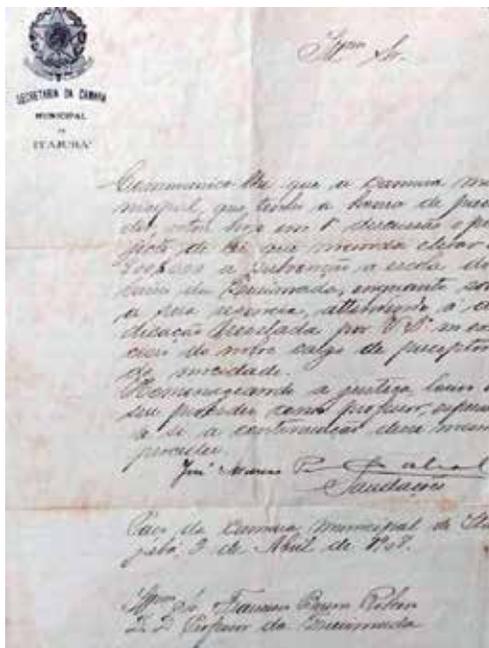
Para descrever, em parte, o que tem sido a Educação no município de Marmelópolis é necessário retroceder ao início do século XX, nos tempos da Queimada.

Francisco Bruno Ribeiro, filho do Capitão Neco e primeiro professor do povoado, era convicto do valor da Educação na vida das pessoas e, mesmo imerso em um contexto de precariedades, exerceu o seu trabalho com excelência. Por volta do ano de 1906 criou uma sala de aula em sua própria casa, para atender os primeiros alunos. Merecidamente pode ser considerado um homem à frente do seu tempo, visto que ousou tornar a educação

Documento de 02 de abril de 1908, emitido pela câmara Municipal de Itajubá ao professor Francisco Bruno Ribeiro, em homenagem ao seu trabalho.

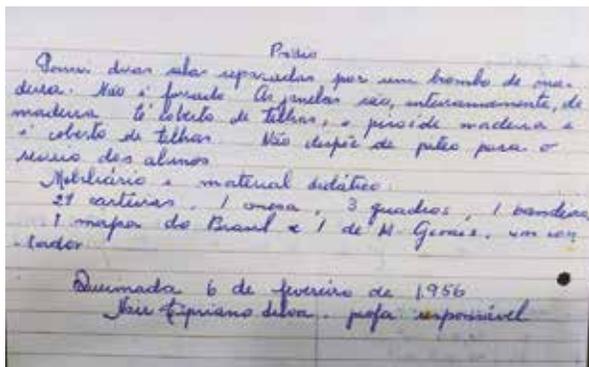
acessível às crianças do povoado, em uma época em que esta era um privilégio para poucos.

Depois dele muitos outros educadores e incentivadores da Educação contribuíram para que um ensino formal e de qualidade se tornasse realidade no lugar. Entretanto, somente cinquenta anos após as primeiras aulas de Francisco Bruno, a primeira escola regular foi implantada no distrito de Queimada, em 1956.



Escola Estadual Albano de Oliveira

No dia 1º de fevereiro de 1956 teve início a primeira escola de Queimada, com o nome de Escolas Isoladas Albano de Oliveira. O prédio cedido para a criação da instituição pertencia à Prefeitura de Delfim Moreira (local onde está o Banco Sicoob). A divisão do espaço em salas para as turmas era feita com biombos de madeira. A escola não possuía biblioteca, não oferecia merenda escolar, nem mesmo transporte para os alunos que vinham de locais mais distantes.



Documento datado de 1956 com a descrição do prédio e mobiliário

A professora Nair Cipriano da Silva ficou encarregada de dirigir a instituição, permanecendo no cargo por 33 anos, vindo a se aposentar em 1989.

A primeira professora a lecionar ao lado de Dona Nair foi a Sra. Marieta Bezerra Soares. Em 1957 os professores Francisco Rodrigues Coura, Raul Ivo Filho e Maria do Espírito Santo Costa também foram incorporados ao quadro.

Em 1958 foram admitidos os professores Aurora Bezerra, Luzia Maria de Jesus e Joaquim Silvestre. Nessa época, o prédio com apenas duas salas funcionava em três turnos e atendia 261 alunos.

ESTADO DE MINAS GERAIS
MAPA DE CONTROLE DE TEMPO DE SERVIÇO
(PERSONAL FORMALMENTE OU VARIÁVEL)

Localidade: Distrito de Queimada
Município: Delfim Moreira
Município: Delfim Moreira, Galvânia, Brumadinho

Este documento foi
Título preparado por: Nair Cipriano da Silva
Chefe de Serviço: Nair Cipriano da Silva

Nome do Servidor	cargo de destino	data de início a ser de início a posterior	data de término	tempo de serviço em anos	tempo de serviço em meses	tempo de serviço em dias	observações
Benedito Bebiano Ribeiro	Professor Leigo	Nov/1962	61				Novembro/Dezembro
Dulce de Souza Ribeiro	Jornalista Cont.	Nov/1962	61				" " "
Francisco Rodrigues Coura	Professor Leigo	Nov/1962	61				" " "
Iluína Almeida Coura	Professora Leigo	Nov/1962	61				" " "
Marieta Bezerra Soares	"	Nov/1962	61				" " "
Benedito Bebiano Ribeiro	Professor Leigo	Nov/1962	61				Ref. Novembro/Dezembro

Documento, datado de 1962, onde a escola era denominada de Escolas Isoladas de Queimada.

Em 1961 as professoras Dulce de Souza Ribeiro e Iluína Almeida Coura iniciaram sua carreira profissional nessa escola. Em 1962 o professor Benedito Bebiano Ribeiro também ingressou. Posteriormente vários outros se juntaram ao grupo.

Em 1963 o nome da instituição foi alterado para Escolas Combinadas Albano de Oliveira. Em 1964 houve nova alteração e a denominação passou a ser Escolas Reunidas Albano de Oliveira. Em 1970 passou para a esfera estadual como Escola Anexa a E.E. João XXIII de Itajubá.

No ano de 1967 a escola passou a funcionar em prédio próprio, construído em terreno doado pelo Sr. João Bruno Ribeiro, local onde hoje funciona a escola municipal.

O nome Albano de Oliveira, atribuído à única escola estadual do município de Marmelópolis, faz referência a um dos sócios da fábrica União, a primeira do povoado. O Sr. Albano de Oliveira era um imigrante português,

ESCOLAS REUNIDAS ALBANO DE OLIVEIRA
MARMELÓPOLIS — MINAS

Ficha de Matrícula

Nome do aluno _____

Data de nascimento _____ Sexo _____

Nome do pai ou responsável _____ Profissão _____

Instrução _____ Instrução _____ Instrução _____

Nome da Mãe _____ Profissão _____

Instrução _____ Instrução _____ Instrução _____

Tipo de aluno _____ Grupo Social _____ Escolaridade _____

Ano e Curso _____

Ficha de matrícula

residente no Rio de Janeiro, que chegou à Queimada como representante da Indústria Colombo. Nas poucas vezes em que visitou o povoado, viajando parte do percurso a cavalo, permaneceu por poucos dias. Mesmo passando raramente pelo distrito, Albano de Oliveira

teve notável relevância para o desenvolvimento local, não só no setor da indústria como também da educação, a qual ele incentivava veemente. Conforme informações de alguns entrevistados, esse colaborador ofertou generosa contribuição financeira para a compra do material usado na construção do prédio da escola (hoje escola municipal).

No ano de 1976 houve outra mudança de localidade da escola em Marmelópolis. Foi construído um novo prédio para abrigar a escola estadual, que atenderia o que hoje se entende por Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Essa é a única escola pertencente à esfera estadual no município até a atualidade.

O terreno do prédio da atual escola estadual foi adquirido no mandato do prefeito Sr. Benedito Bebiano Ribeiro, em 1971. O engenheiro responsável pela obra foi o Sr. Miguel Calif.

Naquele mesmo ano foi autorizada a extensão de séries, passando a funcionar até a 8ª série (chamado, à época, de ensino ginásial). Em 1980 foi autorizado o funcionamento da pré-escola e em 1995 o funcionamento do Ensino Médio.

Desde então muitos professores passaram pela escola, alguns dedicaram toda a sua vida à Edu-



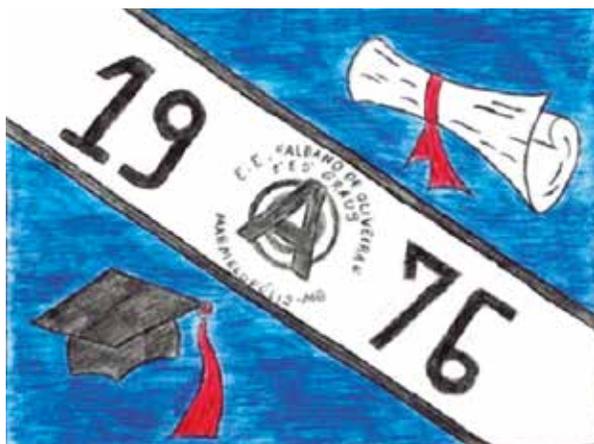
Albano de Oliveira

cação e foram lembrados por muitos dos entrevistados. Entre os nomes mais citados estão Élia Maria Pereira dos Santos, Maria Isabel da Mota Souza Acelino da Silva, Dulce de Souza Ribeiro Coura, Francisco Rodrigues Coura, Nair Cipriano da Silva Coura, Célia Maria Ribeiro, Maria Iolanda Silva Gomes, Lucimara Carvalho, entre outros.

No início dos anos 80 um grupo de professoras de Delfim Moreira passou a lecionar em Marmelópolis. Essas educadoras moravam juntas em república, inicialmente em uma casa do Sr. Joaquim Alvinho. Entre elas estavam Stela Cordeiro, Maria Olímpia e Vera Aparecida Sales. O então prefeito Francisco de Sales Machado apoiou a iniciativa das professoras recém-formadas, custeando o aluguel daquela residência.

Em 1996 um acordo entre o estado e o município transferiu a pré-escola para a esfera municipal. Em 1997 foi sancionada a Lei Municipal 516, que autorizou a municipalização do Ensino Fundamental de 1ª à 4ª séries, de modo que a partir do ano seguinte a Escola Estadual Albano de Oliveira atenderia somente os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

No ano de 2012 o Professor Sérgio Marcos Coura promoveu um concurso entre os alunos, para a criação da bandeira da E.E. Albano de Oli-



veira. O aluno Magno Gabriel Fortes Pereira, do 6º ano, foi o vencedor. A bandeira foi confeccionada nas cores azul, branco, vermelho e preto e traz o logo da escola, a data da sua fundação e dois símbolos que representam a educação. (Imagem acima)

Em ordem cronológica segue a lista de nomes de todos os gestores que dirigiram a Escola Estadual Albano de Oliveira.

1976 a 1989 – Nair Cipriano Silva Coura (em alguns momentos foi substituída pelos professores Virgílio ou Dona Dulce)

1989 a 1994 – Maria Isabel da Mota Souza Acelino da Silva

1994 a 2000 – Célia Maria Ribeiro

2000 a 2004 – José Valmir Alves

2004 a 2010 – Iara Lucy da Silva Ribeiro

2011 a 2014 – Andréia Aparecida Ribeiro

2014 a 2015 – Kely Cristina Martins Pereira Ribeiro

2016 a 2019 – Edimir Geraldo Alves

Atualmente a direção está sob responsabilidade da professora Priscila de Oliveira dos Santos Pereira, que iniciou sua gestão em 2020.

A escola é lembrada com saudoso simo pelos ex-alunos. Dentre as principais recordações destacam-se a dedicação dos professores, o trabalho das merendeiras e dos porteiros, as brincadeiras entre colegas e a formação de amizades duradouras.



Hasteamento das bandeiras – 1976

Atualmente são desenvolvidos na escola projetos como a Feira de Ciências e o Momento Cultural, que possibilitam a prática e a aplicação dos conteúdos assimilados. Os estudantes participam também dos projetos governamentais como a Olimpíada da Língua Portuguesa, Olimpíada Brasileira de Matemática (OBMEP) e Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica, obtendo resultados satisfatórios.



Professora Dona Dulce e alunos



Escola Estadual Albano de Oliveira

Escolas Municipais

A prefeitura municipal de Marmelópolis conta atualmente com uma escola no centro da cidade e algumas escolas nas áreas rurais, estando responsável pela Educação Infantil (Pré-escola) e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1° ao 5° ano).

Escola Municipal Professor Francisco Bruno Ribeiro

Com a mudança da escola estadual para o novo prédio, em 1976, o prédio antigo permaneceu inativo por alguns anos. Em 1997, as turmas de pré-escola começaram a ser atendidas nesse antigo prédio, localizado no centro da cidade. Em 1998, teve início o processo de municipalização das turmas de 1ª à 4ª séries, pelo qual os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental deixaram a Escola Estadual Albano de Oliveira e passaram a ser de responsabilidade da Prefeitura Municipal, com adjunção dos professores do Ciclo Básico de Alfabetização até 4ª série. Esses alunos também passaram a estudar nesse prédio, juntamente com a Educação Infantil. Essa escola, criada pela Lei Municipal 516 de 14/10/97, tem

seu nome em homenagem ao primeiro professor do lugar, o Sr. Francisco Bruno Ribeiro.

Os diretores que passaram por esta escola são:

1997 – José Carlos Ribeiro

1998 – Geraldo Sérgio da Silva Coura

1999 a 2000 – Paulo Roberto Hiene

2001 – Ana Flávia Ribeiro Coura

2002 a 2004 – Márcio Aurélio Ribeiro Coura

2005 a 2006 – José Carlos Ribeiro

2007 a 2008 – Célia Maria Ribeiro

2009 a 2012 – Ana Lúcia Ribeiro da Silva

2013 a 2014 – Rosilda Mariana Ribeiro Fortes

2015 a 2016 – Maria Saleti Ribeiro

2017 a 2020 – Samara Ribeiro de Carvalho

Atualmente a direção está sob responsabilidade da professora Isabel Cristina da Mota Oliveira, que iniciou sua gestão em 2021.

As escolas municipais, em parceria com a Polícia Militar, oferecem aos alunos o Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd), que



consiste em um esforço cooperativo estabelecido entre a Polícia Militar, a Escola e a Família. A missão do Proerd é preparar os estudantes para tomada de decisões e estimulá-los a conduzir suas vidas de maneira segura e saudável. O programa visa levar os jovens a ter respeito uns pelos outros além de permanecerem livres do abuso de drogas, da violência e de outros comportamentos nocivos.

Atualmente vem sendo aplicado o Projeto de Flautas, coordenado pelo professor Ronaldo Francisco da Silva Alves, que visa desenvolver a sensibilidade e a criatividade dos alunos por meio da linguagem artístico-musical, além de incentivar o gosto pela música, a socialização, o raciocínio e a percepção auditiva.

As escolas localizadas em bairros rurais, atualmente em funcionamento são:

Escola Municipal Olinto Ribeiro Alves

Localizada no bairro Cata dos Marins, suas atividades tiveram início em 1968. Em 1971 foi reconhecida oficialmente pelo então prefeito Sr. Benedito Bebiano Ribeiro, com o nome de Escola Rural Machado de Assis. Em 1996 o prefeito Sr. Daniel Romualdo Ribeiro alterou o nome da escola para Olinto Ribeiro Alves, em homenagem a um ilustre morador do bairro.

Escola Municipal Joaquim Alcebíades de Oliveira

Localizada no bairro Capelinha dos Marins, suas atividades foram iniciadas em 1996. Foi construída pelo prefeito Daniel Romualdo Ribeiro em terreno doado pelo Sr. Delfim Ferreira da Silva. Seu nome faz homenagem a um respeitado morador do bairro.

Escola Municipal Euclides Fortes

Localizada no bairro Cubatão do Meio, suas atividades foram iniciadas em 1968 e, em 1971, foi reconhecida oficialmente pelo prefeito Sr. Benedito Bebiano Ribeiro. Assim como as outras escolas, seu nome homenageia um notório morador do bairro.

Algumas escolas rurais não estão em funcionamento atualmente devido ao número insuficiente de alunos. São elas:

Escola Municipal José Ovídio Ribeiro

Localizada no bairro Cubatão de Baixo. Suas atividades tiveram início em 1970, reconhecida em 1971 pelo prefeito Benedito Bebiano Ribeiro.

Escola Municipal Manoel Ribeiro Fortes

Localizada no bairro Cubatão de Cima. Suas atividades tiveram início em 1968, reconhecida em 1971 pelo prefeito Benedito Bebiano Ribeiro.

Escola Municipal Francisco de Paula Rodrigues

Localizada no bairro Sertão. Iniciou suas atividades em 1977, construída pelo prefeito Carlos Acelino da Silva.

Escola Municipal José Ribeiro da Mota

Localizada no bairro Barra dos Marins, construída pelo prefeito Francisco de Sales Machado.

Marmelópolis não possui faculdades ou escolas técnicas, devido ao seu pequeno número de habitantes. Porém, desde o ano de 1991, a Prefeitura Municipal tem oferecido transporte gratuito para os estudantes, oportunizando aos jovens e adultos a continuidade dos estudos em outros municípios. Foram muitas as pessoas que se formaram em cursos universitários ou técnicos e muitas delas estão atuando profissionalmente no município.

Capítulo 10

Instituições, associações e espaços públicos



As instituições têm como função organizar setores da sociedade, visando atender às diversas necessidades dos indivíduos, bem como solucionar determinadas situações que permeiam o convívio social.

As associações são formadas por grupos de pessoas que se organizam em torno de objetivos comuns, sem fins lucrativos, tendo em vista o alcance de benefícios para certos nichos da comunidade.

Em Marmelópolis foram criadas algumas instituições e associações, além de espaços públicos, buscando atender demandas específicas da população.

Unidade Básica de Saúde (UBS) e Programa de Saúde da Família (PSF)

Antes da criação da Unidade Básica de Saúde (UBS) em Marmelópolis, a população recorria aos farmacêuticos e a tratamentos naturais com ervas e raízes, sempre que necessário. Muitas pessoas solicitavam também o auxílio de curandeiros e benzedeiros. Os casos de doenças mais graves eram tratados em outros municípios.

No distrito de Queimada várias pessoas atuaram, a partir do conhecimento empírico, oferecendo tratamentos naturais a quem precisasse. Dona Ana, esposa de Luiz Veremos, se valia da sua experiência com as ervas curativas, para auxiliar a todos que a procuravam. Preparava xaropes, chás e pomadas com os quais ajudou a muitos. Dona Maria Elisa Rosa (Maria do Zé Brito) também contribuiu com seus remédios caseiros para a cura de algumas doenças, principalmente as respiratórias. Até os dias de hoje a Sra. Ana Maria da Silva Alves prepara um xarope com ervas e mel, eficaz no tratamento da tosse e da bronquite, cuja receita aprendeu com Dona Maria, como relatou em entrevista. O Sr. Miguelzinho Mendes é muito lembrado por seus benzedimentos e pelo preparo de remédios naturais. A população local confiava muito em seu dom de curar e tinha por ele grande admiração. Seu Miguelzinho era tão querido que chegou a ter aproximadamente 800 afilhados entre batismos, crismas e casamentos.

Em bairros distantes o acesso às parteiras era mais difícil. Há relatos de mulheres que, já no oitavo mês de gestação, eram transportadas em cadeiras, carregadas por trabalhadores das fazendas, até Delfim Moreira ou Virgínia, onde dariam à luz. Tais percursos, se realizados a cavalo, colocaria em risco a vida da gestante e também do bebê. Mesmo com todos os cuidados possíveis para a época e o lugar,

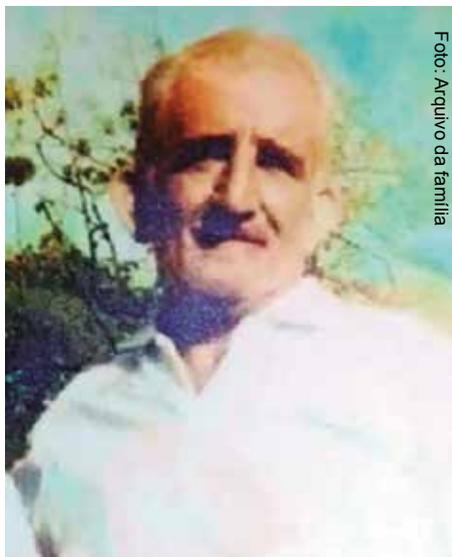


Foto: Arquivo da família

Sr. Miguelzinho Mendes

o número de mulheres que morriam no parto ou no pós-parto era alto. Por esse motivo o trabalho das parteiras era constantemente procurado e muito valorizado, a exemplo de Dona Angelina, que auxiliou muitas parturientes em Queimada.

O Sr. José Luiz foi o primeiro proprietário de farmácia em Queimada. Detinha vasto conhecimento sobre remédios e medicamentos, apesar de leigo. Sua farmácia ficava no local onde atualmente está a Loja Móveis Crimério.

Na década de 50 o Sr. Genaro Gonçalves Machado era considerado como um médico no povoado. Naqueles anos não havia atendimento médico especializado em Queimada. Seu Genaro era frequentemente procurado para resolver problemas relacionados à saúde, realizava até mesmo partos, percorrendo os caminhos até às residências mais distantes, a cavalo. Aprendeu o ofício trabalhando na farmácia do Sr. Euclides Alves, em Delfim Moreira. Depois montou sua própria farmácia em Queimada, com o nome de Farmácia Nossa Senhora Aparecida. Preparava vários remédios na própria farmácia, comprava os insumos e fazia as combinações necessárias para a produção dos medicamentos. Na ocasião, a formação profissional não era exigida. Também não havia materiais descartáveis, usava-se seringas de vidro, que precisavam ser desinfetadas juntamente com as agulhas, em água fervente. O conhecimento de Seu Genaro foi passado para seu filho Chiquito e seu neto, Dunga.



*Dr. Fuad, sua esposa, afilhada
e o Sr. João Merenda, seu funcionário de confiança*

Na década de 60 iniciou-se o atendimento médico profissionalizado em Marmelópolis. O Dr. Fuad Seraphim atendia as pessoas com zelo e paciência, realizava as consultas e distribuía medicamentos gratuitamente. Viajava para a cidade em média uma vez por semana, para visitar seu marmelal e atender à população necessitada de cuidados. Os atendimentos aconteciam no prédio onde está o Banco Sicoob. Mesmo após encerrada a sua produção marmelo, Dr. Fuad continuava a prestar atendimentos, a cada quinze dias, sem nada cobrar. Nos primeiros anos a sua assistente foi a Sra Diva. Em seguida o cargo foi assumido pela auxiliar de enfermagem Geralda Ferreira, que prestou serviços à população de Marmelópolis por 30 anos.



Foto: José Renato Ribeiro

Dona Luzia

Em 1967 o prédio da Unidade Básica de Saúde (UBS) foi construído, com o objetivo de oferecer serviços básicos de saúde à população do município. Em 1982, com a lei municipal nº 183, foi autorizada a criação da Unidade Mista de Saúde de Marmelópolis, mantida pela prefeitura municipal, com apoio do Centro Regional de Saúde de Pouso Alegre e Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. Essa unidade contou com profissionais capacitados e uma ambulância.

Muitos profissionais passaram pela instituição e tiveram atuação significativa, a exemplo do Dr. José Inácio, que atendeu a população por muitos anos. Esse médico atendia em Marmelópolis três vezes por semana e, observando a necessidade de profissionais de saúde capacitados, sugeriu ao então prefeito Manoel Ribeiro da Fonseca, a contratação de uma enfermeira para atendimentos diários. Ambos foram ao Hospital Escola de Itajubá onde o coordenador indicou a auxiliar de enfermagem Luzia Maria Bernardes. Dona Luzia, como era conhecida por todos, começou a trabalhar no município em 1984, dedicando 28 anos de sua vida

à população local. Realizou mais de 200 partos, todos registrados em seu caderno de anotações. O Dr. José Inácio lhe concedeu certa autonomia e, em companhia de Dona Geralda, cuidou da população de forma responsável e eficiente. Com elas trabalhavam ainda a auxiliar de enfermagem Lúcia e Dona Maria Lazarina Campos (Fia Galvão).

No decorrer do tempo outros médicos passaram a prestar atendimento no local. Atualmente o serviço de atendimento da UBS conta com médicos plantonistas, atendimento especializado com ginecologista, pediatra e cardiologista, além de uma equipe de enfermagem e de motoristas capacitados.

O Programa de Saúde da Família (PSF) foi instituído no município no mandato do prefeito José Valmir Alves pela lei municipal nº 680 de 2006, com o objetivo de ampliar a cobertura do serviço de saúde a toda a população. Tempos depois o nome foi modificado para Estratégia de Saúde da Família (ESF). O programa conta com uma equipe executora multiprofissional e agentes comunitários e tem seu funcionamento em um prédio público construído para esse fim.

A principal estratégia desse programa é acompanhar permanentemente a saúde dos cidadãos, amparando-se no conhecimento concreto dos hábitos alimentares, da cultura, da condição econômica e das atividades sociais da população. Atualmente o programa conta com o atendimento de dois médicos, fisioterapeutas, dentistas e psicóloga, além de uma equipe composta por enfermeiros e agentes de saúde.

Prefeitura

A palavra prefeitura é originária do latim *praefectus*, que significa “colocar a frente de”, e usada para designar a sede do poder executivo de um município, comandada por um prefeito e dividida em secretarias como educação, saúde, cultura, esporte, entre outras.

O local onde funcionou a primeira Prefeitura de Marmelópolis foi o porão da casa do José Ribeiro da Cunha, conhecido como Zé do Chico Camargo (em frente à atual padaria do Chico Galo). Depois passou a funcionar no prédio onde atualmente está o Banco Sicoob. Em seguida foi transferida para o prédio onde atualmente funciona o Destacamento da Polícia Militar. Finalmente foi instalada em prédio construído para a própria finalidade.

Câmara Municipal

A Câmara é o órgão legislativo municipal que trabalha na formulação das leis municipais e na aprovação ou veto das ações que a prefeitura deseja realizar. Cabe também a ela fiscalizar as receitas e despesas do município. Inicialmente a Câmara Municipal de Marmelópolis funcionou na parte de baixo do prédio onde atualmente está a UBS, com realização de reuniões mensais.

O Sr. Mauro Ribeiro da Mota redigia as atas das reuniões da câmara voluntariamente. Após a construção do prédio da prefeitura, a câmara passou a funcionar em uma das salas da nova edificação e o Sr. Mauro passou a ser funcionário. Ele foi até as antigas instalações, onde todos os materiais e documentos estavam armazenados, recolheu-os e os organizou, fazendo a separação de ofícios expedidos e recebidos, livros de atas, balancetes mensais e outras classificações. Atualmente a Câmara Municipal possui prédio próprio e as reuniões acontecem semanalmente.

Cartório

Os cartórios de registro civil são responsáveis pelos atos de registro de nascimento, de casamento e de óbito, entre outros, além de averbações, anotações e fornecimento de certidões desses atos. O Cartório de Registro Civil da Queimada foi fundado em 12 de janeiro de 1956, tendo como tabelião o Sr. Raul Ivo Filho.

No ano de 1965, já como município de Marmelópolis, o tabelião passou a ser o Sr. Benedito Bebiano Ribeiro. Em 1970 a Sra. Ana Antônia de Sousa passou a exercer a função como substituta, assumindo em 1983 o cargo oficial de tabeliã, por ato do governador de Minas Gerais, Tancredo Neves.

Em 1997 o Sr. Benedito Mauro de Sousa foi admitido como substituto e em 2004 passou a ser o tabelião oficial, função que exerce até os dias atuais, sendo sua filha, Daniela Cristina de Sousa Leite, nomeada substituta desde o ano de 2018.

Biblioteca Municipal

A palavra biblioteca vem do grego “biblion” e “theca” que respectivamente significam livro e depósito, ou seja, local onde são guardados

livros, documentos e demais publicações para que os visitantes possam consultar, ler e estudar.

A biblioteca pública municipal de Marmelópolis começou a funcionar no ano de 1971. Em 2010 recebeu o nome de Biblioteca Dona Dulce, em homenagem à professora Dulce de Souza Ribeiro Coura, que dedicou 25 anos de sua vida à alfabetização e se destacava pela habilidade de contar histórias.

A biblioteca municipal funcionou em diversos pontos, desde a sua criação: no prédio do Banco Sicoob, no salão da Cooperativa, no atual prédio do Conselho Tutelar e atualmente está organizada em um dos salões da Prefeitura Municipal. A biblioteca contou com inesquecíveis funcionárias: Wânia Celina Nascimento, Maria Ribeiro da Conceição, Ondina Maria Venerando e Maria das Graças Fonseca. Atualmente a responsável pelo estabelecimento é a St^a Silvana Maria Cândida, que cumpre suas atribuições com dedicação e responsabilidade desde 1989.

Sindicato dos Trabalhadores Rurais

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marmelópolis foi fundado no ano de 1975, sendo um órgão representativo da FETAEMG (Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Estado de Minas Gerais), com o objetivo de defender os interesses dos trabalhadores do campo. Sua implantação se deu por um grupo formado por Sebastião Ribeiro Dos Santos (Tião Boiadeiro), Francisco Lemes Simões (Chico Galo), José Felipe Barbeiro, Silvestre Lourenço, Luiz de Assis Ribeiro entre outros. Tião Boiadeiro costumava ouvir um programa de rádio aos domingos, o “FETAEMG no campo”. Percebendo a importância dos projetos desenvolvidos por essa federação, incentivou seus amigos a implantar no município uma sede para o sindicato.

O primeiro presidente do Sindicato foi o Sr. Luiz de Assis Ribeiro. Em seguida vieram outros presidentes: Luiz Pinto de Marins, Lázaro Galvão, José Benedito Coura, Clementino Donizete Pinto, Lorival Alves Ribeiro entre outros.

O primeiro funcionário foi o Sr. Benedicto Ribeiro Neto, que trabalhava em uma sala da atual Escola Municipal Professor Francisco Bruno Ribeiro. Depois o cargo passou ao Sr. Antônio José Ribeiro Alves (Loirinho) que, com destreza, exerce a função há 35 anos

Agência bancária

A primeira instituição financeira do município foi um posto de serviços do Credi Real, que funcionava em uma das salas onde hoje está o Destacamento da Polícia Militar. O funcionário responsável era Cláudio do Sebastião Bruno.

A primeira agência bancária foi a do Banco do Estado de Minas Gerais (BEMGE), que funcionou no prédio onde hoje está o Banco SICOOB. O BEMGE foi inaugurado em 13 de outubro de 1980, sob gerência do Sr. Rosalbo. Vários funcionários passaram pela instituição, dentre os quais alguns foram lembrados pelos entrevistados: Sebastião (funcionário responsável pelo crédito rural), Júlio César (contador), José Augusto (Chefe de serviço), Osmar, Reinaldo, Daniel de Sales Machado, Jairo Ribeiro da Silva e Benedito Coura.

No período em que a agência se manteve no município, muitos foram os benefícios oferecidos à população: empréstimos para financiamento de lavoura (crédito rural), empréstimos para pessoas físicas e jurídicas, poupança e outras linhas de aplicação, folha de pagamento do funcionalismo estadual e municipal entre outros. A agência do BEMGE encerrou o atendimento no município devido a resultados insatisfatórios. No ano de 1998 a instituição estadual foi privatizada pelo então governador Eduardo Azeredo.



BEMGE - Banco do Estado de Minas Gerais (foi privatizado em 1998)



Atualmente o município conta com uma instituição financeira cooperativa, o Banco Sicoob, além de postos do Banco Bradesco e uma Casa Lotérica (Caixa Econômica Federal).

Correios

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) é uma empresa pública federal, responsável pela execução do sistema de envio e entrega de correspondências e mercadorias no Brasil. Os Correios tiveram sua origem no Brasil em 1663, com a criação do Correio-Mor no Rio de Janeiro e, desde então, vêm se modernizando, prestando serviços de qualidade que visem atender às expectativas de seus clientes. (Pesquisado em Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org) em 25/08/2022).

Maria Auxiliadora Diniz, conhecida popularmente como Lola, começou a trabalhar na agência dos Correios em Marmelópolis em 1975, durante o mandato do então prefeito Francisco de Sales Machado (Chiquito). A agência ficava no prédio onde hoje funciona o banco Sicoob. Posteriormente passou a funcionar no local onde atualmente está a Loja da Márcia. Na sequência passou a funcionar em uma sala da Prefeitura Municipal, onde permaneceu até 1989.

O trabalho nas agências dos Correios consistia em prestar atendimento ao público no primeiro período do dia e, no segundo período, percorrer

todo o perímetro urbano do município, entregando as correspondências, a pé. Lola relata “(...) era cansativo, eu fazia o trabalho com eficiência e alegria, afinal com isso, me tornei amiga e conhecida na cidade toda”.

As correspondências da zona rural eram retiradas na agência, pelo próprio destinatário.

Em 1990 a agência foi fechada e o município passou a contar com um posto dos correios em uma das salas da Prefeitura Municipal. Em 11 de junho de 2010 a agência dos Correios foi reaberta, funcionando até os dias atuais na Rua Deputado Manoel Costa.

Destacamento da Polícia Militar

No distrito de Queimada o representante da lei e da ordem, designado para a função, precisava ser um cidadão do local, de boa reputação e ter elevado respeito da população. Entre suas responsabilidades estavam as de manter a ordem e atuar em posição de liderança, o que demandava elevado senso de justiça, coragem e autocontrole. Precisava ainda ter capacidade de análise, comunicação e criticidade, visto que as brigas e outras divergências eram constantes.

Antes mesmo de existir o cargo de delegado no lugar, essa responsabilidade ficava a cargo do “Inspetor de Quarteirão”. Por alguns anos essa função foi exercida pelo Sr. Sebastião Ribeiro Coura (Tião Lemes).

Mais tarde o cargo de delegado passou a ser indicado pelo prefeito



Prefeito Luiz de Assis Ribeiro (Sr. Luiz Chagas) entrega as chaves da primeira viatura à PM

e foi ocupado por outros respeitados senhores, entre os quais o Sr. Isaac, Sr. Mateus Campos, Sr. João Pereira da Silva, Sr. Irênio, Sr. Francisco Simões entre outros. As pessoas que praticavam delitos, faziam arruaças ou se envolviam em brigas ficavam presas, por algum tempo, no porão do prédio, onde atualmente funciona o Banco Sicoob.

Atualmente o município conta com um Destacamento da Polícia Militar. O termo destacamento é usado para designar parte de uma determinada força, que fica separada de sua organização principal. Seu objetivo é cumprir uma missão em outra área, normalmente com um grupo reduzido, de acordo com a necessidade local. A primeira viatura da Polícia Militar foi adquirida durante a gestão do prefeito Luiz de Assis Ribeiro.

Praça 1º de Março

A palavra praça vem do latim “platea” que designa qualquer espaço público que propicie convivência ou recreação para os visitantes. Em Marmelópolis, em frente à igreja matriz, encontra-se a “Praça 1º de Março”, que recebeu esse nome em homenagem à emancipação política do município, ocorrida em 01 de março de 1963.

Nessa praça havia um coreto, ainda na época da Queimada, onde a banda local se apresentava. Também ali eram construídas barracas provisórias para as festas e leilões. O Pe. Arlindo Giacomelli, em seus primeiros anos de assistência ao local, trouxe de sua cidade natal (Descalvado-SP) algumas mudas de uma árvore denominada resedá, e plantou-as em frente à igreja. Uma planta de fácil adaptação às regiões frias, com raízes superficiais que não danificam as calçadas, de porte pequeno e florada intensa em toda a primavera. Durante muitos anos essas árvores contribuíram para embelezar a praça, mas foram cortadas há alguns anos e substituídas por outras espécies.

A praça principal é denominada “Praça Cica” e recebeu esse nome no mandato do prefeito Francisco Ribeiro da Mota, em 1970. Em seu centro, um monumento simbolizava as patas de um elefante, o símbolo da Cica. No mesmo local havia mastros, que eram usados nos hasteamentos das bandeiras, nas comemorações cívicas. Recentemente



Árvores de Resedá na praça

a praça foi ampliada, passando a ocupar o espaço de um dos barracões da antiga Cica. O local é apropriado para encontros e entretenimentos, tanto para os marmelopenses quanto para os turistas. Em seu centro



foi plantada uma árvore de marmelo, o marmeleiro, como formas de se preservar a cultura e manifestar a valorização da origem do lugar, considerando que Marmelópolis chegou a ter, em certa época, 600 mil marmeleiros plantados. Nessa praça há também um coreto e uma sala de artesanato, onde são vendidas peças produzidas pelos artesãos da cidade. Nesse espaço ocorre ainda uma feira, aos domingos, em que são comercializados produtos da região.

Em dezembro a praça é decorada com muitas luzes para a comemoração do natal, exaltando a beleza e o aconchego do lugar.

Cemitério

O cemitério local foi construído no ano de 1962. O Pe. Arlindo Giacomelli, vigário na época, se empenhou demasiadamente para a sua criação pois, até então, as pessoas falecidas no município precisavam ser sepultadas em Delfim Moreira. Quando falecia alguém na Queimada, o Sr. José Santana Ribeiro fabricava um caixão de tábuas e alguns moradores levavam o corpo até a cidade vizinha para o sepultamento. Antes da abertura da estrada os cortejos fúnebres eram realizados pela força humana, por pessoas de boa vontade, porém o empenho era bastante árduo e por demais exaustivo.

De acordo com alguns relatos, o Padre Arlindo organizou um mutirão para a construção do cemitério, porém ninguém queria ser o primeiro a tocar a enxada no solo, pois segundo a crendice da época, aquele que ousasse fazê-lo, seria o primeiro a morrer e ser sepultado no local. Então o próprio Padre o fez, mostrando a todos que aquela ideia nada mais era

que superstição. Ele só veio a falecer muitos anos depois, aos 91 anos de idade, no ano de 2011.

O terreno foi doado pelo Sr. Quincas Bruno e o pedreiro responsável foi o Sr. Benedito Camargo. Os tijolos e os latões de água foram levados em cargueiros de muares. Em 22 de novembro de 1962 foi celebrada a primeira missa no local, com a benção da cruz e da pedra fundamental. O acesso ao cemitério se dava pela estrada a caminho do Bengalal e, em certo ponto, atravessava-se pelo terreno do Sr. Sebastião Coura, por uma trilha. Muitos anos depois foi construída uma rua dando acesso ao cemitério, hoje denominada Rua Padre Arlindo Giacomelli.

Sociedade São Vicente de Paulo

São Vicente de Paulo foi um sacerdote católico francês, declarado santo pelo Papa Clemente XII, em 1737. É considerado o padroeiro das obras de caridade. A Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP) foi fundada por Antoine Frederic Ozanam, beatificado pelo Papa João Paulo II em 1997. É um movimento católico de leigos que se dedica à realização de iniciativas destinadas a aliviar o sofrimento do próximo. No Brasil existem cerca de 20 mil Conferências, que reúnem aproximadamente 153 mil voluntários.

Em Marmelópolis o Conselho Particular da SSVP foi fundado em 20 de março de 1983, com dezoito membros voluntários e sendo eleito como presidente o Sr. José Benedito Coura. A presidência é renovada a cada quatro anos, mediante votação entre os membros.

Hoje a SSVP de Marmelópolis conta com espaço próprio, abrangendo um salão, três casas prontas e outra em construção. Possui também um veículo para atender os assistidos. Com apenas cinco membros atualmente, o Conselho presta auxílio aos necessitados, oferecendo moradia e distribuindo cestas básicas arrecadadas, de acordo com a necessidade.

Ampara Marmelópolis

A Ampara Marmelópolis foi uma associação criada pela professora Arlete Freitas, com o objetivo de cuidar dos cães que viviam pelas ruas da cidade, sofrendo maus tratos. Arlete se comovia ao ver a situação dos animais abandonados. Construiu um canil na chácara onde morava, no

bairro Ponte Alta, e aos poucos foi levando os animais vulneráveis para esse local, cuidando deles sempre com muita atenção e carinho. Conseguiu resgatar 48 cães e, após o seu falecimento, sua família e amigos deram continuidade ao trabalho. Foi criado um bazar visando a arrecadação de fundos para a manutenção do canil, o “Bazar do Ampara”. Aos poucos as pessoas foram se sensibilizando com a causa, os cães foram sendo adotados e atualmente restam apenas 8 animais disponíveis para adoção.

Arlete foi uma pessoa especial, sempre prestativa, sentia prazer em auxiliar e aliviar a dor do outro. Costumava chamar a todos carinhosamente de “tesouro” e repetia incansavelmente a seguinte frase: “O bem é o melhor caminho”.

Associação Marmelopense Caminho do Bem

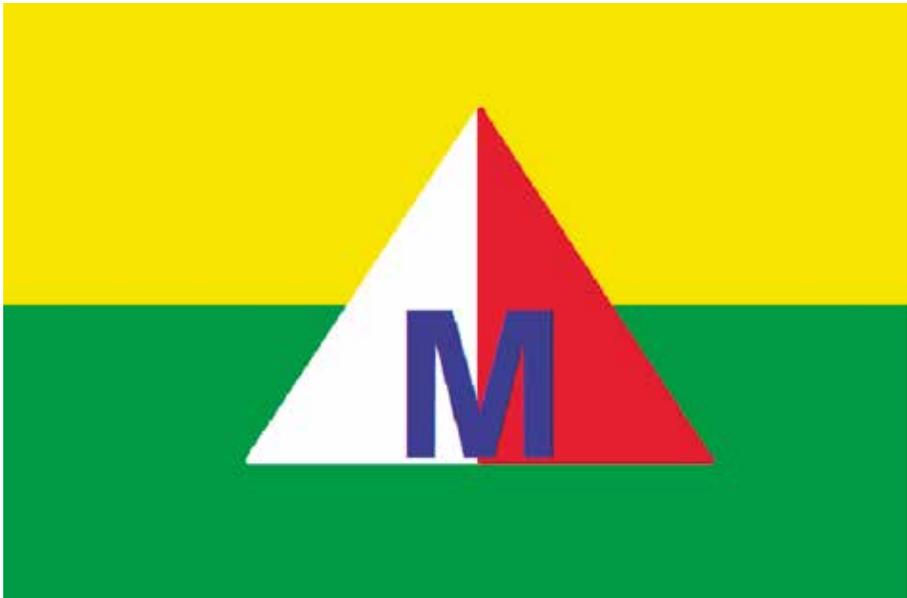
A Associação Marmelopense Caminho do Bem (AMCB) foi fundada no dia 25 de fevereiro de 2016, por um grupo de pessoas empenhadas no desenvolvimento sustentável do município. Teve seu nome inspirado nas atividades de Arlete Freitas, professora e animadora de boas obras no lugar. A entidade trabalha para o desenvolvimento cultural, promovendo eventos com temas reflexivos.

A AMCB é uma entidade civil, de natureza artística, social e ambiental, que tem por missão orientar, estimular, integrar e atuar na edificação do desenvolvimento sustentável da comunidade, no tangente à construção cultural, ao fomento artístico, educacional e turístico. Para tal, utiliza-se de oficinas de capacitação, ações de sensibilização e mobilização, promoção de eventos e comercialização de produtos e serviços. Procura atuar com todos os grupos ou pessoas de boa vontade, que estejam abertas ao desenvolvimento de ideias e projetos e à realização de ações que deem suporte para a construção cultural do município de Marmelópolis.

As instituições, as associações e os espaços públicos de Marmelópolis foram, desde a sua criação, de grande utilidade para os munícipes. Em seu âmbito, cada um contribuiu para a melhoria da qualidade de vida da população. Sua existência permitiu que inúmeras situações fossem solucionadas na própria cidade, sem a necessidade de deslocamento.

Capítulo 11

Símbolos Municipais



Criação da Bandeira Municipal

Em 1970 houve um movimento, divulgado pelas escolas, para a criação da bandeira do município. Centenas de bandeiras foram desenhadas por alunos e professores, sendo escolhida a bandeira criada pela professora de matemática Arminda das Neves Monteiro. Consta de um retângulo verde e amarelo representando o Brasil, dentro do qual um triângulo branco e vermelho representando Minas Gerais. No centro do triângulo a letra M em azul, representando Marmelópolis.

No dia 7 de setembro de 1972 a Bandeira do Município de Marmelópolis foi levada em desfile, pela primeira vez, pelas ruas de Marmelópolis. Ao lado dela estavam a bandeira do Brasil e a do estado de Minas Gerais. Ao som de fanfarras os alunos das escolas Municipais e da escola Estadual desfilaram, em homenagem ao Dia da Independência do Brasil. Os desfiles do dia 7 de setembro sempre foram eventos marcantes na cidade.

Criação do Hino Municipal

No dia 4 de dezembro de 1987 a Câmara Municipal aprovou a letra e a música de um hino, escrito pela professora Dulce de Souza Ribeiro Coura e pelo Padre Geraldo Barbosa de Mendonça com o título “Hino do Município de Marmelópolis”. Isso se deu no governo do prefeito Luiz Assis Ribeiro.

Nas colinas da verde Mantiqueira
Surgiste da coragem e da esperança
A Queimada foi teu negro berço
E o marmelo conquistou-te a aliança.

És pequena, porém varonil
Pois és grande em amor ao meu Brasil

Em teu solo há riquezas colossais
Terra fértil, boas águas e florestas
Frutas típicas, campinas e o minério
Que nos levam a viver sempre em festa

És pequena, porém varonil
Pois és grande em amor ao meu Brasil

Gente unida, hospitaleira, povo irmão
Tens uns um clima que dá gosto desfrutar

E o Pico dos Marins é o símbolo
Da fé no Deus que entre nós veio habitar

És pequena, porém varonil
Pois és grande em amor ao meu Brasil

Em 1989, no mandato de Antonio Carlos Lacerda Ribeiro, um novo hino foi criado, através da Lei Municipal 278 de 12/07/89. A letra e a música são de Sebastião Lima, 2º tenente da Aeronáutica.

Foi aqui numa história arrojada
Que pioneiros de intenso labor
Penetrando na mata fechada
Descobriram este sonho de amor
Visionários de esplêndida aurora
Cujos feitos ficaram na história
Construíram esta joia que agora
Marcha firme no rumo da glória

Marmelópolis que eu amo tanto
Esta terra tão querida
Protegida pelo manto-santo
Da Senhora Aparecida
Eu te amo e com meus braços
Num trabalho nobre e audaz
Hei de abrir para os teus passos
Um soberbo caminho de paz

Tens as cores da alegria
E o fascínio de um poema
Todo viço e harmonia
Da saúde como emblema

Tu nasceste eis a verdade
Sob o azul de um céu tão belo
Que te trouxe a felicidade
Marmelópolis capital do marmelo
Marmelópolis tu és predestinada
Protegida pelo criador
Marmelópolis tu és abençoada
És seara de paz e esplendor
O espigão da Mantiqueira altaneiro
Irradiando beleza sem par
Pra mostrar que no solo mineiro
O teu nome é destaque invulgar

Criação do Brasão Municipal

No ano de 2013 foi realizado um concurso, nas escolas de Marmelópolis, para que fosse criado o brasão municipal. O desenho escolhido foi criado pelo aluno Diogo Augusto Alves Pinto, que cursava o 4º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Professor Francisco Bruno Ribeiro.



O brasão traz estampadas nossas belezas naturais: montanhas, pedras e cachoeiras, além das atividades econômicas que sustentam ou sustentaram a população local como a agricultura, a pecuária, o cultivo do marmelo e das araucárias. Integram-se ao quadro o triângulo vermelho e branco (o mesmo da bandeira do município) com a letra M azul no centro e o mapa de Marmelópolis contendo em seu interior a inscrição 2013, ano em que o brasão foi criado. Logo abaixo, uma faixa dourada com o nome do município e o ano de sua emancipação.

Capítulo 12

Acontecimentos Marcantes



Durante a realização das entrevistas para registro nesta obra, os fatos relembrados e relatados suscitaram intensas emoções: nostalgia, alegria, tristeza, saudade, admiração, honradez, surpresa e até mesmo divertimento. A memória dos habitantes da antiga Queimada está envolta em profundas lembranças. Embora no passado a vida exigisse tamanho esforço e determinação, principalmente no tocante ao trabalho, o saudosismo sobrevém quando se busca recordar os tempos de outrora.

As humildes casas de pau a pique, iluminadas por lamparinas; os longos dias de trabalho nas lavouras, que terminavam em casa com um “banho de bacia”; as noites de serão, que desafiavam a resistência física, essas e tantas outras dificuldades são lembradas com a expressão “Que tempo bão!”

Na infância, a simplicidade das brincadeiras como esconde-esconde, malha, cabra cega, pião, tento, amarelinha, bilboquê. As bonecas de sabugo de milho ou, para quem tivesse um pouco mais de sorte, bonecas de pano com olhos de botão, os banhos de chuva que terminavam em resfriados...

A labuta de lavar roupa no rio, de acender o fogão à lenha todas as manhãs, as estradas tomadas pelo barro. Os móveis feitos de tábuas e os colchões de palha de milho. O costume de se cobrir com um véu para ir à igreja e as longas procissões carregando andores, adornados com flores e fitas.

O cavalo como único meio de transporte, os remédios caseiros que curavam quase tudo. A falta de médicos e de policiamento. As epidemias de sarampo, varíola, catapora e caxumba, que amedrontavam tanta gente.

As festas nas casas ao som das sanfonas, as incontáveis histórias de assombração. As danças, as amizades e os encontros. As brigas constantes entre homens valentes, motivos de alvoroço e tristes recordações.

A rigidez da educação por pais e professores. As “lambadas” de vara de marmelo nas crianças desobedientes. A obrigação de pedir bênçãos às pessoas mais velhas, com as mãos estendidas. O dever de decorar a tabuada, as regras de gramática e os algarismos romanos.

Os sons das tropas, anunciando sua passagem com os sinos em badalos, o aroma de marmelo cozido que exalava das fábricas e o apito longo avisando que era a hora do descanso.

A fatura de carne, que após temperada e frita, era mergulhada na gordura de porco, garantindo a sua longa conservação e atribuindo-lhe um paladar ímpar. A canjiquinha com feijão e quibebe, as broas de fubá e o toucinho suspenso sobre o fogão a lenha para a defumação.

Tantas e muitas lembranças. A emoção dos entrevistados tornava-se mais cristalina a cada relato. Quer seja pela saudade, alegria ou sofrimento, a sensibilidade emergia, para provar que a história foi construída não apenas com muito trabalho, mas também com incontáveis sentimentos.

As recordações das experiências vividas são tocantes, muitas vezes. Neste capítulo serão descritos alguns fatos que marcaram a história da cidade.

A chegada da Energia Elétrica

Até a primeira metade da década de 60, o que iluminava as casas à noite era a luz de lamparina. As fábricas possuíam o seu próprio gerador, indispensável nas noites de serão. O Sr. Roberto Musa Costa também tinha um gerador em sua venda. Exceto isto, pelos caminhos somente a luz do luar. Mas quando a lua não surgia, a escuridão era completa.



Foto: arquivo da prefeitura

Instalação de postes de energia elétrica

Algumas crianças gostavam de brincar de pique à noite, mas, às vezes, ficava tão escuro, que na correria umas trombavam com as outras. Elas também brincavam de caçar vagalumes, já que suas luzinhas amenizavam aquela opacidade.

Após a emancipação política, o prefeito Dalmo Wilson Ribeiro conseguiu para Marmelópolis a tão ansiada energia elétrica. Os postes foram transportados por boiadas. Muitos homens trabalharam na sua instalação. A claridade da luz elétrica já começava a transformar a vida das pessoas. As lamparinas foram substituídas por lâmpadas em cada cômodo das casas e os primeiros televisores levavam entretenimento e informação para as famílias.

“Minha casa tinha luz de lamparina. Vivi na Queimada quando era criança e sempre morei aqui (...) A maior alegria de que me lembro foi quando instalaram a luz elétrica aqui. Foi uma festa de alegria!” (Sílvio Beraldo Ribeiro para o livro *Memórias do Nosso Povo*, página 34)

No início era cobrada, pela prefeitura, uma taxa única de todas as famílias. Anos depois a Cemig instalou um padrão em cada residência, cobrando de acordo com o consumo.

Televisão

A chegada da energia elétrica mexeu com o modo de vida da população da cidade. A primeira antena de TV foi instalada no terreno do Sr. Mário Bruno, depois foi transferida para o morro Alto do Chiqueiro. Os primeiros aparelhos de TV eram revestidos de madeira. Dezenas de pessoas se reuniam à noite, nas casas daqueles que possuíam os televisores, para assistir ao único canal alcançado no lugar, sendo o programa preferido “Família Trapo”.

Ronaldo Silva Ribeiro acompanhou e contribuiu para a evolução da transmissão dos canais de TV em Marmelópolis. Ele conta que até o ano de 1978 só se alcançava o sinal da TV Tupi, canal 6, do Rio de Janeiro. Nesse ano a Tupi saiu do ar e o município ficou sem sinal de TV até 1981. Assim, quem quisesse ter o aparelho funcionando, precisava instalar uma antena “escama de peixe” em um local alto e ligar fios de alumínio da antena até o televisor, para ter acesso à Rede Globo, o único canal disponível. Em 1983 um técnico da cidade de São Lourenço instalou uma antena mais potente na serra do bairro São José da Mantiqueira, e assim a transmissão melhorou.

Ronaldo conta ainda que quando a torre transmissora ficava no morro Alto do Chiqueiro, caso a TV saísse do ar, ele logo era chamado para sintonizá-la novamente. Então, ele subia a pé até a torre deixando alguém na cidade responsável por soltar um foguete, avisando-o de que o sinal estava restabelecido. Nessa época os canais acessíveis eram apenas a Globo e a Record.

Em 1987 Ronaldo instalou a primeira antena parabólica na torre do Alto do Chiqueiro, passando receber também os canais SBT e Manchete, via satélite. Apesar de ser um equipamento relativamente caro para muitas famílias, várias delas o adquiriram. Com o tempo, o equipamento foi se tornando mais acessível e grande parte das residências do município passou a ter a antena parabólica. Atualmente, com os avanços tecnológicos, as TVs por assinatura e os streamings estão se popularizando na cidade, proporcionando novas opções de entretenimento às famílias.

A construção da estrada

Com o crescimento da produção de marmelo na Queimada tornou-se imprescindível a construção de uma estrada para a escoação das toneladas da fruta, pois os caminhos existentes eram estreitos e difíceis de

serem percorridos pelas tropas. As latas de massa produzidas nas fábricas também eram transportadas em lombos de burros até Delfim Moreira, a quilômetros de distância, por essas passagens tão precárias.

Para facilitar a circulação das latas, a fábrica Colombo tomou a iniciativa de construir uma estrada, com a ajuda dos produtores de marmelo, que deveriam contribuir com 40% da despesa, enquanto a fábrica cobriria o restante. A estrada foi construída utilizando-se de bois de arado e da força braçal. O arado deixava o “risco” e os homens iam escavando com enxadas e enxadas.

As pedras maiores eram furadas por brocas, para a introdução de dinamites. Tais brocas eram feitas pelo Sr. José Santana Ribeiro, que aprendeu a moldá-las com um ferreiro chamado Joaquim Campos, do município de Virgínia.

A estrada foi construída até o bairro Brumado, pois desse local até a cidade de Delfim Moreira ela já havia sido aberta. A construção se deu entre os anos de 1944 a 1946. Seu traçado foi idealizado por Manoel da Cunha e Manoel Ribeiro da Fonseca, com 22 Km de extensão, ligando Queimada à Delfim Moreira. O prefeito de Delfim Moreira, Sr. Joaquim Honório de Melo, também ajudou na construção.

O primeiro caminhão a chegar na Queimada pertencia aos senhores José Santana Ribeiro, Manoel Ribeiro da Cunha e João Batista Ribeiro, que o compraram em sociedade. O veículo foi arrastado pela boiada de Manoel Paiva, do bairro Rosário até a entrada de Queimada. Porém, na chegada, o motorista o conduziu até o centro do distrito, causando admiração e alegria à população.

No livro Memórias do nosso povo, na página 13, temos as memórias de Maria Sebastiana Alves “(...) Eu ainda era criança quando o primeiro caminhão chegou à Queimada. Lembro-me como se fosse hoje. Já era de tardezinha, o céu começando a escurecer. Meus pais, minhas irmãs e eu estávamos no alpendre da nossa casa quando, de repente, ouvimos um barulho assustador e dois faróis acesos apontando no caminho. Pensamos que o mundo estava acabando! Nós começamos a chorar de medo, menos o meu pai que já conhecia aquela novidade. Ele nos acalmou e em seguida fomos todos correndo ver o caminhão (...).”

De início o caminhão era usado para transportar os operários que trabalhavam na abertura da nova estrada. Quando esta ficou pronta, o veí-

culo passou a levar as latas de massa até Delfim Moreira, cerca de 200 latas de polpa de marmelo por viagem.

O primeiro acidente ocorrido no município foi com esse caminhão, por volta de 1946, que tombou em uma curva, no bairro Sapé.

A partir do ano de 2003 o governo do estado de Minas Gerais implantou o programa ProAcesso visando a melhoria da infraestrutura de transporte por meio da pavimentação de rodovias estaduais e municipais, com o objetivo de aumentar a acessibilidade dos municípios e, com isso, colaborar com o seu crescimento econômico. O município de Marmelópolis foi contemplado com a pavimentação da estrada ligando Marmelópolis a Delfim Moreira. A obra teve início no ano de 2009 no mandato do então prefeito José Valmir Alves e concluída em 2013 no mandato de Antonio Carlos Lacerda Ribeiro.

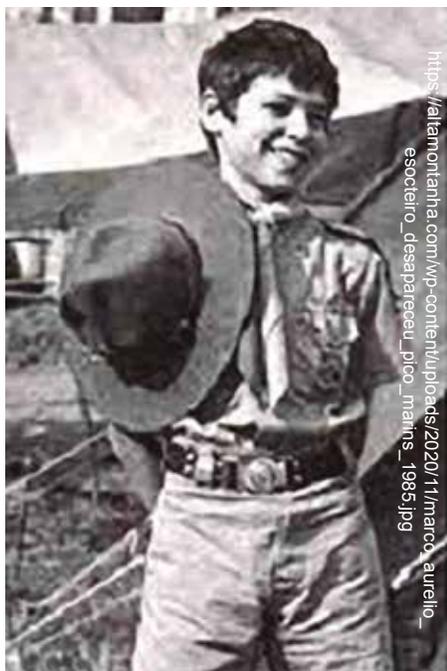


Pintura feita por Otávio Ribeiro Cunha, a partir de uma foto do primeiro caminhão

O escoteiro desaparecido

Um dos acontecimentos mais presentes na memória da população de Marmelópolis, e um mistério até os dias atuais, é o caso de escoteiro Marco Aurélio Simon. O menino desapareceu no dia 08 de junho de 1985, durante uma excursão ao Pico dos Marins na divisa entre Marmelópolis e Piquete. O caso foi tratado como um dos dez maiores desaparecimentos do mundo, mobilizando uma das maiores equipes de buscas do Brasil, sem resultado algum. Participaram das buscas agentes do Exército, das polícias, do Corpo de Bombeiros, além de mateiros, montanhistas, aviões, helicópteros e vários voluntários que permaneceram na região durante semanas, sem encontrar vestígios de Marco Aurélio.

O jornalista Rodrigo Nunes, investigador desse desaparecimento,



O escoteiro Marco Aurélio

escreveu três livros sobre o acontecimento. Segundo ele, o chefe dos escoteiros Juan Bernabeu levou cinco escoteiros para uma excursão no Pico dos Marins, na passagem para a tropa sênior. Durante a subida em direção ao pico, um dos escoteiros se feriu e o grupo decidiu voltar ao acampamento, na base. Marco Aurélio se adiantou aos demais, partindo sozinho para buscar ajuda. Ele nunca mais foi visto.

Diversas hipóteses foram levantadas a respeito do desaparecimento: fuga, sequestro, abdução por extraterrestes, assassinato e morte por animais selvagens. Uma vidente chamada Neila Alkmin sustentou que o escoteiro ha-

via sido morto e que seu corpo estaria escondido em um forno a carvão, em Marmelópolis. Várias buscas foram realizadas na cidade, sem sucesso algum. O caso jamais foi solucionado e o mistério ainda causa apreensão, principalmente entre as pessoas que presenciaram as movimentações de buscas, infelizmente inconclusivas.

Muitos entrevistados, ao relembrem o fato, relatam cenas com detalhes impressionantes: os muitos dias de busca, a mobilização da comunidade e o imenso sofrimento dos pais. No ano de 2021 o processo foi reaberto, na tentativa de solucionar o caso.

Acidente aéreo

Um fato que impressionou os habitantes de Queimada, em 1948, foi a queda de um avião em uma das montanhas do bairro Padres.

O Sr. Sebastião Ribeiro conta que o dia amanheceu chuvoso e nublado. Devido ao mau tempo seu pai lhe disse para não ir para a roça, pois seria difícil para ele, ainda criança, continuar fazendo a cerca sozi-

nho, com tanta neblina. Ordenou que ele ficasse nas proximidades da casa onde moravam, para colher um balaio de batatas. E assim o fez. Em certo momento ele ouviu um barulho assustador. Há cerca de 150 metros de onde estava, viu um avião caindo “de bico na cabeceira do pasto”. Sentiu medo, imaginou que muita gente tivesse morrido, mas não teve coragem de subir o pequeno trecho que o distanciava do avião, pois estava sozinho. Em pouco tempo outras pessoas chegaram e juntos foram tentar ajudar os acidentados. Para sua triste surpresa, ao se aproximarem do local constataram que não havia sobreviventes. Encontraram apenas destroços da aeronave e corpos humanos fragmentados.

Seu pai, que também havia chegado para ajudar, pediu a todos que amarrassem seus cachorros, pois estes já estavam pegando partes dos corpos das vítimas. Em seguida trouxeram vários sacos e recolheram os restos humanos que conseguiram encontrar. O Sr. Sebastião Ribeiro (Tião Miguel) descreve esta como a cena mais triste que já viu nos seus 89 anos. Depois fizeram uma vala, próximo a uma igreja que havia por lá e enterraram os sacos. No dia seguinte vieram algumas pessoas de longe, para fazer o reconhecimento dos corpos. Ele conta que após os sacos serem desenterrados, essas pessoas os abriam, pegavam as partes (mão, perna, braço), lavavam-nas e tentavam identificar. Segundo ele, foram quatro mortos. Os familiares das vítimas compraram alguns balaios de seu pai, para levarem os restos mortais, em cargueiro animal, até a fazenda São Bento, onde estavam os carros. Dali seguiram para São Lourenço e de lá ele não sabe para onde foram.

A aeronave ficou destroçada. Em seu redor, espalhados pelo pasto, havia livros, fotos e papéis. Os familiares das vítimas pediram-lhes que se desfizessem dos destroços. Segundo Sr. Sebastião, um comerciante de Queimada chamado Antônio Teixeira, recolheu o que restou para vender. Dessa forma quase todas as partes do avião foram retiradas do local.

Grande parte das peças foi levada para a oficina do Sr. José Santana Ribeiro (Zé do Manequinho). Seu Antônio, filho de José Santana, lembra-se de seu pai recebendo os cargueiros com aqueles destroços: partes da asa, equipamentos, rolimãs, peças grandes e pequenas, algumas sujas de restos humanos e de graxa. Sua mãe se incomodava muito com aquilo, dizia que tinha medo. Mesmo assim seu pai lavava todas as peças e as guardava. As menores ficavam na despensa da casa, embaixo de uma prateleira.

Certa vez ele ganhou de um amigo uma garrafa de garapa, tampada com uma rolha de palha de milho. Guardou-a na prateleira mais alta da despensa e acabou se esquecendo dela. Algum tempo depois, durante a noite, escutaram um barulho estranho, vindo da despensa, parecendo rolimã. Sua mãe ficou apavorada dizendo que eram os espíritos dos homens do avião. Seu pai disse que não era nada. Pouco depois ouviram novamente o barulho. Sua mãe entrou em pânico. Seu pai foi até a despensa, verificou tudo, mas nada encontrou. Quando estava saindo ouviu o ruído outra vez. Então percebeu que o som vinha da garrafa de garapa, pois o caldo de cana havia fermentado e estava escapando pela tampa de palha. Então ele levou a garrafa até o quarto e mostrou para a esposa. E eles acabaram rindo muito da situação.

Santo Cruzeiro

O primeiro Santo Cruzeiro da Queimada foi construído de madeira e ficava em um morro atrás da igreja, nas proximidades da casa de Francisco Bruno Ribeiro. Perto da igreja também havia uma grande cruz. Quando alguém bebia demais e ficava incomodando as pessoas, querendo provocar brigas, era amarrado nessa cruz e deixado assim, até que se acalmasse.



Foto: arquivo de Alzília Alves



Foto: arquivo de Alzília Alves

Depois foi construído um Santo Cruzeiro de cimento, bem no alto do Morro do Chiqueiro, que desmoronou com o tempo. Em 1987 foi feito um outro, de madeira, que foi colocado no terreno do Sr. Sebastião Crispim, também no Morro do Chiqueiro, um pouco abaixo do anterior.

Em 2013 o Sr. Manoel Caio doou o terreno onde está o atual Santo Cruzeiro. Os homens se organizaram em mutirão para construí-lo, na época em que o Padre Michel dos Santos era o vigário.

Na entrada do cemitério também há uma grande cruz, que foi construída pelos irmãos Camargo

O altar da igreja

Atualmente a Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida possui em seu altar um belo tronco de madeira, que abriga o Sacrário e a Santa Eucaristia. No passado era diferente. Maria Rezeck Uebe, aos 99 anos, recorda-se do primeiro altar da igreja, que seu pai Assad Uebe ajudou a construir: uma grade de madeira, bem esculpida e lapidada, separava o altar do restante da igreja.

No início da década de 1970, o Padre Arlindo Giacomelli, obedecendo ao Concílio do Vaticano II (1962 a 1965), precisou realizar algumas



Foro: arquivo de Natalice Bezerra

Crianças no altar, em 1955, na despedida do Padre Martinho e chegada do Padre Arlindo

modificações na estrutura da igreja, entre elas a remoção da grade. Nessa época as missas deixaram de ser celebradas em latim.

Anos depois o Padre Arlindo optou por um tronco de madeira para esculpir o Sacrário. O Sr. Joaquim Rosa possuía um terreno no bairro Ponte Alta, onde havia grande quantidade de uma espécie chamada pinho bravo. Ele doou uma dessas árvores para



Chegada do tronco na cidade

a construção do Sacrário da igreja. O Padre escolheu a árvore no terreno, levou uma motosserra à gasolina (a primeira a ser usada em Queimada) e organizou um mutirão. De acordo com as palavras de Sr. Manoel Caio “... fizemos então um mutirão para cortar o tronco, porque era num lugar de difícil acesso, colocamos uma fileira de paus e viemos revezando para carregar o tronco até o ponto, para o caminhão pegar e trazer até a igreja onde o Sr. Zé do Manequinho deu o acabamento ao sacrário”.

O Sr. Sebastião Vieira auxiliou no transporte do tronco, utilizando sua tropa de doze mulas. Foram várias horas de trabalho pesado, até conseguirem, com muito cuidado, levar o tronco ao local onde o Adilson Ribeiro Sales esperava com seu caminhão. Com enorme esforço os mais de 30 homens que participaram do mutirão colocaram o tronco na carroceria. Entre eles foram lembrados os senhores José Miguel da Silva, Joaquim Bebiano, Tião Miguel, João Ribeiro Pereira, João Bias, José Pedro Bias, Noé Corrêa, Joaquim Rosa, Sebastião Coura, Dito Camargo, Chico Camargo, Manoel Caio e o motorista do caminhão, Adilson.

O tronco foi descarregado ao lado da igreja. Foi um momento de alegria e comemoração. O padre agradecia a todos e sua felicidade era contagiante.

Sr. José Santana recebeu a missão de lapidar o tronco. Levou vários dias para concluir o serviço e o resultado foi espetacular. Novamente o Padre reuniu os homens para colocarem o tronco no altar da igreja, onde se encontra até os dias atuais.

Conhecer ou relembraer alguns dos acontecimentos que marcaram os moradores de Marmelópolis, desde a sua fundação, permite-nos transitar por diferentes períodos da história local. Os fatos aqui relatados, assim como tantos outros, têm grande valia para a construção da memória da comunidade. As reminiscências, quando transmitidas através das gerações, criam preciosos vínculos com o passado de um lugar e de um povo.



Foto: José Renato Ribeiro

Tronco esculpido, abrigando o Sacrário

Capítulo 13

Esportes



Foto: arquivo de Ana Flávia Coura

Alcebíades, Quinca Bruno, Zé Bebiano, Joaquim Padeiro, Delfim do Abel, Chaguinha, Tião Lúcio, Tião Neco, Luiz Alves, Joaquim Bebiano, Teixeira, Zezinho do Bruno (1965)

Futebol

O futebol é considerado o esporte mais popular do mundo. Foi criado na Inglaterra com a formação da The Football Association, cujas regras de 1863 são a base do esporte na atualidade. O órgão regente do futebol é a Federação Internacional de Futebol (em francês: Federation Internationale de Football Association), mais conhecida como FIFA. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol>). O futebol sempre esteve presente na história de Marmelópolis, sendo o esporte mais citado pelos entrevistados.

O Senhor Luiz Veremos, grande empreendedor da indústria do marmelo no Distrito de Queimada, construiu um barracão para abrigar os trabalhadores da fábrica. O local ficou conhecido como “A turma do Luiz Vere-



Abel do Bruno, Chiquito, Nelsão, Nico, Raimundo do Jorge, Jó do Zé Mané, Zico farmacêutico (treinador), Zé Cunha, Nego Padeiro, Zé Alvinho, Dito Fonseca, Delfim do Abel, Antônio da Adonária, Tião Pedro, Jarbas e Chico Lourenço

mos”. Aos poucos foram surgindo algumas casas ao redor e o lugar passou a ser chamado de “Turma” e assim é conhecido até a atualidade. Nesse local foi construído um campo de futebol para o lazer dos moradores. É o mesmo campo existente nos dias atuais, porém com várias reformas. O campo tem o nome “Estádio Municipal Francisco Rodrigues da Costa – Tiarra” de acordo com a lei municipal nº 710 de 22 de maio de 2007.

A prática do futebol sempre foi muito comum nos bairros de Marmelópolis. De acordo com alguns entrevistados, antigamente havia muitos jogadores bons e os times locais competiam com os dos bairros e cidades vizinhas, tornando as tardes de domingo bastantes animadas.

Os moradores da Queimada apreciavam o futebol. Havia vários times e realizavam animados campeonatos. Vários dos jogadores dos primeiros times são lembrados, entre eles Luiz Alves, Carmelo, Bebiano, Francisco Camargo, Chiquito, Dito Chica, Chico Valério, Dito Fonseca, Tião do Bruno, Ildefonso, Zé do Bruno e Dito do Isaac.

Um atleta mencionado com frequência é o Sr. Luiz Gonzaga Costa, conhecido como Luiz Queijeiro, que dedicava suas horas vagas à prática e ao treino do futebol. Ele dizia que um grande prazer de sua vida era

brincar com a bola. Em 1959 fundou o Atlético Futebol Clube, em Queimada, time que participou de vários torneios recebendo o apelido de “Verdinho”, pois os jogadores usavam camisa verde, com uma faixa vermelha e outra branca. Dentre os vários jogadores dessa época, alguns foram descritos pelo Sr Luiz Gonzaga, de acordo com estes fragmentos retirados de uma carta escrita por ele em 1959:

“Joaquim, o garoto que voava por todo o canto do gol fazendo as maiores defesas; Antônio Chico que roubava a bola de seus adversários e mandava pra frente de qualquer forma; João Chaguinha, um jogador duro de ser dominado; Antônio Soares, duro na marcação, não dava tempo para os adversários; Luiz Gonzaga, que comandava a turma dizendo “Vamos meus filhos, força, bola pra frente”; José Lobinho, que jogava rindo do começo ao fim; João Bezerra, um jogador cujo chute era a morte para o goleiro adversário; José Ribeiro, que bailava até a sua própria sombra; José do Quinca, que dava o sangue do começo ao fim; João Ídio, que pegava a bola e ia de qualquer forma; Benedito, a bola em seus pés era devolvida logo para a frente, queria a vitória de qualquer forma; José Raimundo, sua bola era invisível para o goleiro.”

O entrevistado Otávio Ribeiro Diniz, conhecido como Zaru, conta que aprendeu a jogar futebol na Queimada, com o Sr. Luiz Queijeiro. Quando estava com 15 anos de idade, em 1964, foi convidado por João Bezerra para integrar um time de Marmelópolis, do qual faziam parte José Bia, José Juca, Dito do Tião, José do Virgílio, Jorge do João do Santos, Joaquim (Lagarto), Eli do Manezinho e o goleiro Luiz Macota entre outros. Em 1970 passou a fazer parte de outro time, cujos jogadores eram Nego do José Bebiano (lateral esquerdo), João Tatu (ponta esquerda), Gueca (centro avançado), Zé do Abel Delfim (meio campo), Ídio (zagueiro), Tadeu do Joaquim Lourenço (goleiro), Carlos do Quincas (beque central), Tonho do



*Nico (Antônio Alves de Moraes),
Waldomiro Ribeiro Lemes
e Job Acelino da Silva.*

Foto: arquivo da prefeitura



Francisco (Professor), Roberto Costa, José Coura, Amado, José, Luiz Chagas, Silvestre, Miguel Mendes, Chico Lourenço, Paulo Lemes, Juvenal, Noé.

João Manequinho (meia esquerda), Eli do Manezinho (ponta direita), Zé do Sr. Luiz (meia direita), Otávio do Joaquim Pedro (Zaru) (lateral direita) e Luiz Carlos do Sr. Luiz, que era o único jogador reserva do time. Segundo Zaru, os jogadores que se destacavam nas jogadas eram Osvaldo Bia e Otávio do Bruno.

Os jogadores tinham que comprar o próprio uniforme pois não havia patrocínio. Quando o time saía para jogar em outras cidades, os jogadores tinham que pagar pelo transporte. O campo de Marmelópolis, no passado, não era cercado de muro. Quando chovia, e naquele tempo chovia muito, ficava alagado, por ser próximo ao rio, e quando secava ficava cheio de areia, dificultando os treinamentos.

Naquela época o futebol em Marmelópolis era uma atração, especialmente na época dos campeonatos. Todos os bairros tinham times e alguns jogadores foram lembrados: no time do Sertão estavam Itúbio, João Vicente, Sebastião Nogueira, José Gaspar, Benedito Fonseca, Sebastião Fonseca, João Fonseca. No da Ponte Alta lembraram-se de Acácio do Pedro Crispim, "Gabé" e Jarbas, o goleiro. As mulheres e crianças ficavam no entorno do campo, para torcer pelos times.



Em pé, da esquerda para a direita: Orestes Avelino dos Santos, Luiz Catarino (Lico), Nelson Lemes, José Francisco da Mota Filho (Zezinho do Zé Lúcio, goleiro), Acácio da Mota Santos, Sebastião Delfim de Souza (Delfim do Abel)

Abaixados, da esquerda para a direita: Lucas Benedito Ribeiro (Luquinha), Abel Alves Ribeiro (Abel do Bruno), José Benedito, Lázaro Galvão, Antonio Alves de Moraes (Nico) e José Afonso da Silva (Zé Afonso)

Na história mais recente destaca-se o “Berinjela Futebol Clube”, criado pelo Carlinhos do Zé Afonso (Carlos Alberto da Silva). O time é um encontro de gerações e joga nas manhãs de domingo, no campo da cidade. Anualmente acontece um campeonato intermunicipal no qual os times de Marmelópolis e dos bairros recebem times dos municípios vizinhos como Delfim Moreira e Virgínia.

Por volta de 1986 houve a criação de um time de futebol feminino, cujo nome era ECFM - Esporte Clube Feminino de Marmelópolis. Entre as jogadoras estavam Ana Lúcia de Oliveira (goleira), Cláudia Dilneia Galvão de Oliveira, Silvana Vieira dos Santos, Marcianita Fortes Simões de Moraes, Domingas Leuza de Souza, Angelita Vânia Fortes Oliveira, Fátima Aparecida Soares, Cleuza Maria Alves da Silva, Regiane Cristina Alves, Vanusa Ferreira, Andrea Regina Lemes, Marilda Vieira de Oliveira, Rosana Apa-



recida Ribeiro e Rosilene Ribeiro entre outras. Elas receberam auxílio de alguns jogadores para os treinos, entre os quais Carlinhos Lemes, Carlinhos Soares, José Reinaldo (Pepi) e Manoel Toyota. Esse time nunca perdeu um jogo, mesmo tendo disputado nos municípios de Delfim Moreira, Virgínia e outros. A viagem para as cidades vizinhas era realizada no basculante da prefeitura. Porém, com o passar do tempo, as integrantes foram seguindo outros caminhos e o time se desfez.

Atualmente Flávio Augusto Ribeiro (Tigrão), desenvolve excelente trabalho com crianças e adolescentes nas modalidades Futebol e Futsal. Os participantes são divididos de acordo com a faixa etária e realizam treinamentos diariamente. O objetivo é o desenvolvimento das habilidades esportivas, além da saúde física e mental. Alguns dos times infantis e juvenis participam de jogos em municípios vizinhos e vêm obtendo grande destaque.

Ciclismo

O grupo “Marmelobike” foi formado em 2020, no intuito de estimular o ciclismo e atrair turistas para conhecer as belezas naturais do lugar. Foi idealizado por Vitor Hugo, de Santa Rita do Sapucaí, que incentivou e apoiou alguns amigos de Marmelópolis na organização dos



Foto: arquivo de Valdélia Alves

passaios, entre eles Marcos Coura, Valdélia Alves e Glayds Alves . Inicialmente planejaram um passeio do centro da cidade até a base do Pico dos Marins. No primeiro evento, em maio de 2021, houve duzentos e vinte inscritos. Em setembro do mesmo ano foi realizado o segundo circuito, saindo da cidade, passando pelos bairros Correias, Veremos, Cachoeira, Cubatão, Quatis e retornando ao centro. Desta vez com duzentos e cinquenta participantes. Em março de 2022 aconteceu o terceiro movimento, saindo também da praça, em sentido à São José da Mantiqueira, Marques, Morangal e retornando à cidade, com um total de trezentos e trinta inscritos. O quarto passeio aconteceu em setembro de 2022.

Muitas pessoas se oferecem para apoiar e ajudar nos dias de eventos, ficando nos pontos de apoio e na recepção dos ciclistas. É servido um farto café da manhã com bolos, quitandas, sucos, café, leite e frutas, além de água mineral em quantidade para o passeio.

Durante as três ações Ti-grão fez a locução, oferecendo importante suporte a sua realização. A empresa de ciclismo Alphaciclo, de Itajubá, também apoiou todos os passeios ciclísticos realizados até o momento. Alguns comerciantes



Foto: arquivo de Valdélia Alves

locais ajudaram no patrocínio dos eventos.

A cidade se movimentou para esses acontecimentos. Houve lotação nas pousadas e restaurantes e a divulgação dos pontos turísticos do município.

Encontro de Jipeiros e Motocross

O Jipe é um tipo de automóvel que possui altura elevada e tração nas quatro rodas. O veículo foi largamente empregado na Segunda Guerra Mundial pelos militares norte-americanos. Após a guerra foram criadas versões civis do “Jeep”, inaugurando esse segmento.

O motocross começou a ser difundido no Brasil nas décadas de 40 e 50 do século passado, porém não havia pistas e motos adequadas para competições. No início de 1970 iniciaram as corridas, saltos e manobras. Atualmente o esporte mistura a técnica de pilotagem com o desempenho da moto.

O encontro de jipeiros e o motocross, em Marmelópolis, tiveram início em 1994, organizado por um grupo formado por Antonio Carlos Lacerda Ribeiro, Daniel Romualdo Ribeiro, Amarildo dos Santos Souza,

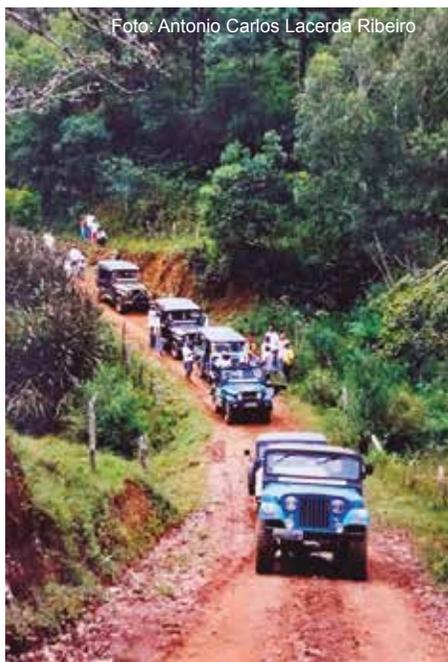


Foto: Antonio Carlos Lacerda Ribeiro



Foto: Antonio Carlos Lacerda Ribeiro

Amauri Acelino da Silva e Arildo Ribeiro da Mota.

Os participantes percorriam locais com ou sem estradas, unidos pelo espírito de aventura e companheirismo, além de desfrutar da natureza privilegiada.

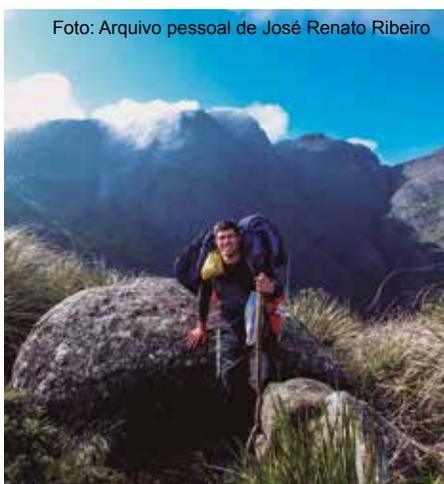
Montanhismo

O montanhismo caracteriza-se por ser uma prática esportiva e de lazer, com subida de montanhas e elevações rochosas, por meio de escadas ou de caminhadas por trilhas. As atividades relacionadas ao montanhismo possuem diferentes graus de dificuldade e por isso torna-se necessária a presença de um guia experiente.

A região de Marmelópolis é frequentemente procurada por montanhistas, devido à proximidade com picos da Serra da Mantiqueira, localizados na divisa dos estados de Minas Gerais e São Paulo. De acordo com o jornalista Rodrigo Nunes, a primeira trilha de subida ao Pico dos Marins foi traçada em 1952, pelo Sr. Carlos Vieira Soares, natural de Piquete-SP, sendo esta utilizada até os dias de hoje.

Em época mais antiga os guias eram chamados de mateiros. Eram procurados para auxiliar na subida e nas trilhas. Entre eles os senhores Afonso do Egídio, Afonso do Domingos, Djalma Ramos, Amauri Ramos e João Batista. Um importante e experiente montanhista lembrado por alguns de nossos entrevistados foi Elias Romualdo.

O Sr. Maeda foi personagem importante na história do montanhismo local. Nasceu em Nagasaki em 1941, cidade japonesa arrasada por uma bomba atômica, na segunda guerra mundial. Veio para o Brasil aos 20 anos de idade e se apaixonou pela natureza de Marmelópolis, onde construiu uma pousada. Dizia ele: “A montanha me chama!” Abriu várias trilhas e sinalizou-as, como a do Pico do Itaguaré, Pico dos Marins, Marinzinho, entre outras, além de



fazer a manutenção das mesmas durante toda a sua vida.

Em 05 de janeiro de 2021, de acordo com o decreto 65.475/2021, a região do Marins foi oficializada como Monumento Natural Estadual Mantiqueira Paulista (MONAMP), e a partir de então o corpo de bombeiros, comandado pelo Capitão Reis, vem fixando placas em algumas rochas na trilha do Pico dos Marins, contendo letras, números e QR-Code, de forma que o montanhista possa identificar sua localização e, em caso de perda ou acidente, possam informar as coordenadas para o resgate.

Atualmente o trabalho tem a facilidade da comunicação via rádio e pelo celular. No entanto, as dificuldades do trajeto são as mesmas, pois as trilhas são perigosas e as condições climáticas interferem bastante no desempenho da travessia e do acampamento.

Ismael Carlos de Oliveira trabalha como guia desde 2009. Os seus principais roteiros são os picos Itaguaré, Marins e Marinzinho, a Pedra Redonda, as cachoeiras do Cubatão, dos Padres e Santa Bárbara. Segundo ele, para ser um bom guia é necessário ter vasto conhecimento do local, incluindo a fauna e flora, ter bom condicionamento físico e ser comunicativo. Sua motivação, assim como a dos outros guias, é ver o crescimento do turismo local.

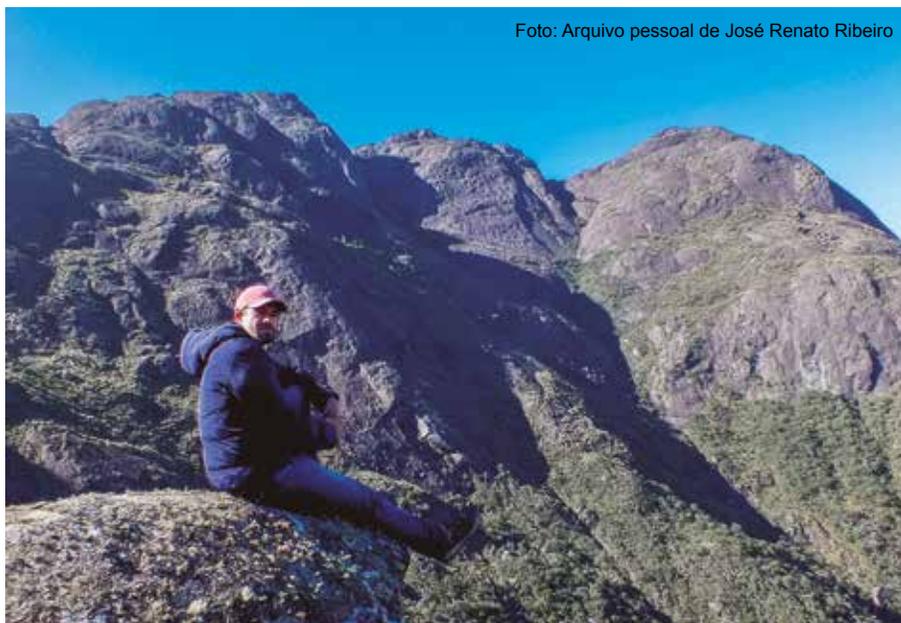


Foto: Arquivo pessoal de José Renato Ribeiro

Capítulo 14

Festas



Luiz Alves Ribeiro (Luiz do Bruno), Benedito Pascoal Ribeiro (Dito do Quinca), Benedito Ribeiro da Mota (Dito do Isaac), Milton Alves Ribeiro (Miltinho Bruno), José Rosa (Zezinho do Raul), Almiro Alves Ribeiro, Manoel Raimundo Ribeiro, Abel Alves Ribeiro (Abel do Bruno), José Ribeiro da Fonseca (Zé Fonseca), Vivalde Ribeiro da Fonseca (Vivalde Satiro), Benedito Ribeiro da Cunha (Dito do Chico Camargo), José Ribeiro de Carvalho (Zé do Quinca), José Afonso da Silva (Zé Afonso), Benedito Ribeiro Mendes (Nego Padeiro), José Pereira Ribeiro (Zé Fiico), Noé Correa, Joaquim Ribeiro Mendes (Joaquim Padeiro), Silvestre Ribeiro da Mota (Silvestre Lourenço), Francisco Alves Ribeiro (Chiquinho do Bruno), Maestro Juvêncio, Acácio da Mota Santos, Joaquim Rosa.



Benedito Ribeiro Mendes (Nego Padeiro), Joaquim Ribeiro Mendes (Joaquim Padeiro), José Afonso da Silva (Zé Afonso), Almiro Alves Ribeiro, Joaquim Ribeiro de Carvalho (Quinzinho do Quinca), José Sérgio da Cunha (Zequinha Camargo), Luiz Catarino (Lico), Otávio Alves Ribeiro, José Pereira Ribeiro (Zé Fiico)

As festas realizadas na Queimada eram animadas pelas bandas das localidades próximas. Em 1950 começou a se formar uma banda local. Joaquim Ferreira, maestro do município de Virgínia, percorria o estreito caminho de sua residência até o distrito de Queimada, a cavalo, para dar aulas de música aos integrantes da banda recém formada. Iniciou as aulas ensinando as notas musicais, depois os integrantes passaram a tocar os instrumentos de sopro.

A prefeitura de Delfim Moreira, responsável pelo distrito de Queimada, forneceu os instrumentos para a banda, composta por 32 integrantes a princípio. Os músicos tocaram em diversas cidades, inclusive em Aparecida-SP. As viagens eram realizadas de caminhão, com algumas tábuas na carroceria que serviam de bancos.

A banda formada pelos músicos da Queimada era um grupo muito organizado e responsável, que animava as festas anuais e demais eventos comemorativos do local.



*Apresentação do Conjunto de Cordas de Marmelópolis,
em Aparecida-SP, em 20/03/1976*

Ao lado da igreja, no centro do distrito, havia um coreto onde a banda se apresentava. Nas festas os músicos tocavam na barraca principal. Com o passar dos anos a banda foi se desintegrando e outro grupo foi formado, com um maestro da cidade de Lorena, mas este teve pouco tempo de atividade. Porém os amantes da música não desistiram e formaram um conjunto composto por José Afonso da Silva, Wantuil Antonio da Mora (Tuí), Almiro Alves Ribeiro, José Alves Filho (Zé Grande), Jair Ribeiro da Silva, Luiz Catarino (Lico), Otávio Alves Ribeiro, Cláudio Ribeiro da Fonseca, Acácio da Mota Santos, José Raimundo Silva, João Pereira da Silva, entre outros. Otávio, um dos integrantes, conta com orgulho e saudade, que tocou duas vezes na Basílica de Nossa Aparecida e em Cachoeira Paulista, com o Padre Jonas. Também tocou com um conjunto de Wenceslau Braz, incentivado pelo Padre Geraldo Barbosa de Mendonça. A banda animou as noites de carnaval em Marmelópolis por vários anos.

A Cidade teve ainda um Conjunto de Cordas, que tocava em festas locais e em municípios vizinhos.

Foto: arquivo da Escola Estadual Albano de Oliveira



A Fanfarrã Águia Dourada também foi importante para o município. Criada em 1989, pelo Sr. José Elito de Oliveira, que a coordenou voluntariamente durante muitos anos, possuía estatuto e excelente organização. Um dos seus objetivos era combater a evasão escolar, visto que a participação dos membros estava condicionada à frequência e ao rendimento escolar. Houve um concurso para escolher o nome e a bandeira da fanfarrã. O vencedor foi José Maurício da Silva. Para a produção da bandeira, uma águia foi desenhada pelo professor Geraldo Sérgio Coura e a confecção foi feita pela professora Dulce de Souza Ribeiro Coura.

Foto: arquivo da Escola Estadual Albano de Oliveira



A Fanfarra Águia Dourada desfilava com 44 a 52 componentes e tocava oito marchas diferentes. Realizava coreografias como o caracol, ordem unida, formação da letra M, entre outras. Desfilou nas cidades vizinhas de Maria da Fé, Wenceslau Brás e Virgínia. Em Marmelópolis marcou presença nos desfiles de comemoração de 7 de setembro e 1º de março, durante muitos anos. O professor de Educação Física Alexandre Magno de Faria Junho também teve importante papel na coordenação da fanfarra durante vários anos.

Desde 2014, Flávio Augusto Ribeiro, conhecido como Tigrão, coordena os membros da fanfarra, preparando-os para os desfiles em datas comemorativas, mantendo as mesmas marchas do grupo iniciado por José Elito e inovando com outras.

Carnaval

O Carnaval foi trazido ao Brasil pelos colonizadores portugueses entre os séculos XVI e XVII. Inicialmente manifestou-se por meio do “entrudo”, uma brincadeira popular realizada de diversas maneiras. Uma delas era a molhadela, que consistia em molhar ou sujar as pessoas que passavam pela rua com líquidos aromatizados ou água com farinha.

Com o passar do tempo o Carnaval foi adquirindo outras formas, como o baile de máscaras. A partir do século XX a popularização da festa



Foto: arquivo pessoal de Claudia Mara Bezerra Ribeiro

Silvio Chagas



Foto: arquivo da prefeitura

Dona Geralda

contribuiu para o surgimento do samba e do desfile das escolas de samba, evento que acabou sendo oficializado com apoio governamental. O Carnaval assumiu a sua posição de maior festa popular do Brasil.

Em Marmelópolis o carnaval foi comemorado pela primeira vez em 1984, no mandato do Sr. Manoel Ribeiro da Fonseca e do Sr. Luiz de Assis Ribeiro. No primeiro ano da realização da festa, o bloco “Pé de Cana” saiu das proximidades da residência do Sr. Sílvio Chagas e desfilou pela Rua Tancredo Neves, até ao salão da antiga Fábrica Cooperativa, onde se realizaram os bailes nos dias de três a seis de março, animados pela banda local. Participaram dessa banda os músicos José Afonso da Silva, Acácio da Mota Santos, Wantuil Antonio Ribeiro da Mota, Antônio José, José Francisco Alves, José Ribeiro Alves, Otávio Alves Ribeiro e João Benjamin.

O Sr. Sílvio Beraldo Ribeiro (Sílvio Chagas), criador do Bloco Pé de Cana, esteve à frente das festas de carnaval em Marmelópolis durante mais de três décadas, esbanjando alegria e surpreendendo a todos com suas fantasias. A cada ano o grupo liderado por ele aprimorava as comemorações. Algo que se tornou característico do bloco foi a “Vaca”, fantasia vestida por dois integrantes que desfilavam a frente dos foliões, correndo atrás das crianças e divertindo a todos.

Dona Geralda Ferreira foi a primeira baiana do carnaval de Marmelópolis, incentivada pelas amigas Nilcéia e Cíntia. Depois teve a companhia das baianas Dona Elza Vieira dos Santos e Dona Fia Galvão (Maria Lazarina Campos). Amante do carnaval, Dona Geralda criou o bloco “Unidos da Gegê”, que participa do desfile todos os anos. Ela guarda com carinho os vários troféus que recebeu pelas participações.

Festa de Nossa Senhora Aparecida

O Dia de Nossa Senhora Aparecida é comemorado todos os anos em 12 de outubro e é considerado feriado nacional, no Brasil. Esta data homenageia a Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, símbolo de uma devoção genuinamente brasileira, sendo sua festa principal, na cidade de Aparecida-SP, uma das maiores festas católicas do país.

Em Queimada as festas em homenagem a Nossa Senhora Aparecida costumavam acontecer no mês julho e duravam dez dias, com barracas de doces e assados, além dos bailes. Os leilões, animados pelo Sr.

Juvenal Lúcio da Mota (Vená Lúcio), tornaram-se grande atração. Antes da formação da banda local, uma banda do município de Virgínia animava as festas.

Os festeiros construía uma grande barraca de madeira, na rua próxima à igreja, toda ornamentada com bandeirinhas. Nessa barraca aconteciam bailes todas as noites, incluindo concurso de dança.

Algo que se tornou tradição nessa festa é o encontro com a imagem de Nossa Senhora no Alto da Serra, na divisa com o município de Delfim Moreira. Inicialmente a imagem era trazida de Aparecida-SP e as pessoas enfeitavam as ruas com arcos de bambu e bandeirinhas coloridas para esperar a carreata, conduzida pelo Padre Arlindo, em seu jipe. Enquanto a carreata passava, ouvia-se, pelo alto falante da igreja, a Consagração a Nossa Senhora e o repicar dos sinos. Muitos fiéis soltavam fogos para comemorar a chegada da imagem.

Atualmente essa festa acontece no mês de outubro, ainda com o tradicional encontro da imagem no Alto da Serra. Há também animados bingos e leilões, além de belíssimas celebrações com a coroação da imagem de Nossa Senhora.

Festa junina

As festas juninas são realizadas no Brasil desde o século XVII, sendo associadas aos santos católicos Antônio (13/06), João (24/06) e Pedro (29/06). Foi trazida pelos portugueses e se mesclou com elementos próprios do interior do país e das tradições sertanejas. As comidas típicas, as danças e os enfeites utilizados nas festas atuais são uma junção de partes da cultura africana, europeia e indígena.

Em Queimada as primeiras festas juninas contaram com a participação do sanfoneiro João Bruno e do animador de quadrilha José Bertolino. Os participantes faziam a encenação do casamento caipira e desafios. As comidas e bebidas, típicas dessa festa, eram doadas ao povo. Após a quadrilha era realizado um animado forró que durava a noite toda.

Em Marmelópolis as festas juninas fazem parte da tradição de vários bairros, onde os habitantes costumam se reunir nas casas para dançar quadrilha e forró, ao som de sanfonas. Geralmente são servidos vinho quente e quentão, além de pipoca, maçã do amor e outros sabo-

res que enriquecem a noite, iluminada por uma grande fogueira. Algumas famílias cultivam ritos como caminhar sobre as brasas, tradição milenar praticada em várias partes do mundo como demonstração de força. A realização de algumas simpatias também é comum nesse período, especialmente aquelas relacionadas a Santo Antônio, conhecido como o santo casamenteiro.

As escolas também realizam festas juninas todos os anos, preservando a tradição, com confecção de bandeirinhas, preparo de comidas típicas, dança de quadrilha e forró.

Festa de Santa Cruz

Na região onde se encontra o município de Marmelópolis existe um costume secular: construir cruzes às margens das estradas, para sinalizar o local onde pessoas faleceram. Na maioria das vezes estas mortes aconteceram em circunstâncias trágicas, por desastre natural, assassinato ou acidente. Em alguns desses locais, onde as cruzes eram fixadas, construíram-se capelinhas. Nessas pequenas capelas os fiéis dos povoados mais próximos se reuniam para rezar e até mesmo para festejar, no dia de Santa Cruz, que era comemorado no dia três de maio. Esta data foi transferida para o dia 14 de setembro com a reforma do calendário litúrgico depois do Concílio Vaticano II (1962-1965).

É comum que os locais das cruzes sejam associados a mistérios e histórias de assombrações, contudo são locais de respeito. Ao passar por eles, os caminhantes tiram o chapéu, benzem-se ou fazem uma pequena oração. Há ainda o costume de se depositar preces, figuras de santos, imagens quebradas ou objetos que simbolizem uma graça alcançada. Mesmo sendo considerada uma tradição muito antiga, o hábito ainda permanece.

É relatado que havia uma Santa Cruz no bairro Ponte Alta, onde os fiéis se reuniam para rezar o terço. No bairro Sertão dos Lemes a Santa Cruz permanece preservada. A cada ano eram realizadas festas nesses locais, com leilões de prendas doadas pelas famílias. Estas festas deixaram de ser realizadas há anos, porém, no passado, fizeram parte da identidade local.

Desfile de 7 de Setembro

A data de 07 de setembro de 1822 marca oficialmente a Independên-



Desfile de 07/09/1970

cia do Brasil, que deixou de ser Colônia de Portugal para se tornar um Império. Mas foi somente a partir da década de 1920 que os desfiles em comemoração à independência ganharam força. Nas escolas tais desfiles são tidos como mais uma oportunidade de se trabalhar questões como patriotismo e cidadania, além dos símbolos da pátria.

Os primeiros desfiles em Queimada foram realizados pela Escola Albano de Oliveira. Eram muito bem organizados e os alunos desfilavam pelas principais ruas da cidade, marchando. Alguns entrevistados lembram-se de que nos primeiros desfiles as ruas ainda não eram calçadas, as crianças tropeçavam nas pedras, mas marchavam todo o tempo e com muito respeito. Eram formados vários pelotões de alunos uniformizados, alguns caracterizados como personagens importantes da história do Brasil.

Posteriormente uma fanfarra foi preparada para conduzir os desfiles em Marmelópolis. Os alunos partiam da escola e seguiam marchando até a praça, onde era realizado o hasteamento das bandeiras. Todos os presentes cantavam o hino nacional. Em seguida os estudantes retornavam à escola para receber o lanche: o inesquecível pão com mortadela e um caçulinha, que tinham um sabor único.

Festa do peão

Em Marmelópolis a primeira festa do peão aconteceu no final da década de 1980, no mandato do então prefeito Antonio Carlos Lacerda Ribeiro, no terreno da antiga CICA. Foi contratada uma companhia de rodeio profissional e a realização do evento foi tão contagiante que algumas pessoas do município criaram uma companhia de rodeio própria, a “Marca da Ferradura”, liderada pelo saudoso Miguel dos Santos, conhecido



como Miguel da Dora. O grupo costumava se apresentar principalmente nas festas dos bairros.

A partir de então a Festa do Peão de Marmelópolis passou a ser realizada todos os anos, sempre no final do mês de julho, em pleno inverno, fazendo com que o frio intenso, típico dessa estação na região, permita o uso dos charmosos trajes típicos do evento. São quatro dias de animação, que atraem muitos visitantes. Em alguns anos acontece o concurso da rainha e da princesa do rodeio, que irão abrilhantar a abertura das atrações nos demais dias. Também, em alguns anos, houve a realização do torneio leiteiro, uma competição destinada a produtores de leite do município, que visa divulgar o potencial produtivo dos animais e demonstrar para a população a origem do leite que chega a sua mesa. Durante todas as noites de festa acontecem shows de música sertaneja.

Festa do marmelo e do pinhão

A festa do marmelo é um evento que visa promover a divulgação da cidade e incentivar a produção e comercialização do marmelo e seus derivados, além de oferecer entretenimento à população e aos turistas.

Acontece geralmente em março, mês do aniversário de Marmelópo-

lis, e tem duração de três dias, período em que a cidade recebe um grande número de visitantes, que vêm prestigiar as atrações musicais, o artesanato e a culinária preparada com marmelo como a marmelada, a sopa de marmelo, o licor, a geleia, o suco e o brigadeiro, além da deliciosa farofa de pinhão.

Festival de inverno

Marmelópolis possui um inverno bastante rigoroso, com geadas constantes, devido a sua elevada altitude. No mês de junho, um dos mais frios do ano, o município realiza o FESTINMAR – Festival de Inverno de Marmelópolis, com duração de três dias. O evento oferece diversas atrações como o desfile “Vitrine de Inverno”, realizado em parceria com os lojistas da cidade, exposição de artesanato, shows de artistas da região e a apreciada culinária local.

O evento é organizado pela AMCB – Associação Marmelopolense Caminhos do Bem, com o apoio da Prefeitura Municipal, tendo sua primeira realização ocorrida no ano de 2018.

Concurso de Miss Marmelópolis

Durante as festas realizadas no distrito de Queimada era comum o concurso de Rainha da Festa. A vencedora seria a jovem que conseguisse arrecadar mais recursos para a igreja. As moças se animavam, as famílias se envolviam e todos eram contagiados pela competição, cujo resultado era esperado com ansiedade.

Em Marmelópolis, por

*À direita, Vania Acelino Silva,
Miss Marmelópolis em 1974*



Foto: arquivo da prefeitura



Foto: arquivo pessoal de Dalva Pereira

alguns anos houve a realização do Concurso de Miss Marmelópolis. As concorrentes desfilavam com trajes típicos e sociais, diante de um grupo de jurados, além da população. A vencedora recebia o título de Miss Marmelópolis e representava o município nos desfiles e festas das cidades vizinhas. Entre elas estão Vânia Acelino, Vera Lígia Coura, Dalva Pereira, Cátia Martins Pereira, Valquíria Castro, Tamires Fortes, Hele Nice Oliveira, Leonice Assis, entre outras.

Nas festas de rodeio

Acima, Dalva Pereira, Miss Marmelópolis em 1985

À direita, Kely Pereira (Miss Estudante), Valquíria Castro (Miss Marmelópolis) e Cátia Pereira (Miss Marmelópolis), foto de 1990.

geralmente se realiza o concurso de Rainha do Rodeio, no qual as candidatas desfilam com trajes no estilo country. A Escola Estadual Albano de Oliveira também realizou o desfile de Miss Estudante durante alguns anos.

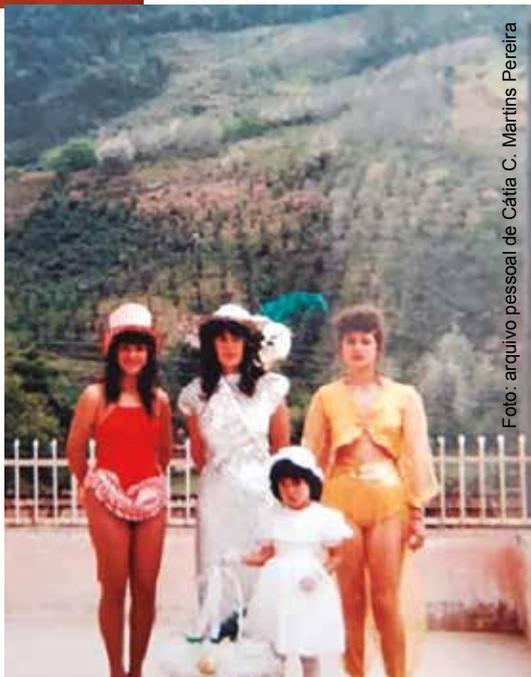


Foto: arquivo pessoal de Cátia C. Martins Pereira

Capítulo 15

Causos e lendas



A lenda da Mantiqueira

O jornalista e historiador Rodrigo Nunes, entrevistado para este registro, relatou a “Lenda da Mantiqueira”, que retrata a paixão de uma índia pelo Sol. Esta mesma lenda foi encontrada em uma publicação de um trecho da peça A Fantástica Lenda de Algures, cujo site foi visitado em 10/07/2022 (www.cidadeecultura.com/lenda-da-mantiqueira-amantikir):

“Conta a lenda que havia uma princesa encantada na brava tribo guerreira tupi. Seu nome o tempo esqueceu, seu rosto a lembrança perdeu, só se sabe que era linda.

Era tão linda que todos a queriam, mas ela não queria ninguém. Assistia a homens se matarem para vê-la. Tacapes velozes triturando ossos, setas certeiras cortando carnes. Como poderiam amá-la se não se amavam a si próprios?

A bela princesa se apaixonou pelo Sol, o guerreiro de cocar de fogo e carcás de ouro, que vivia lá em cima, no céu, caçando para Tupã. Mas o Sol, ao contrário de tantos príncipes, não queria saber dela. Não via sua beleza, não escutava suas palavras, nem se detinha para tê-la. Mal passava, cáldido, por sua pele morena, sua tez cheirando a flor. Mal acariciava seus pelos negros, suas pernas esguias, e, fugaz, seguia impávido a senda das horas e das sombras.

Mas ela era tão bonita que (...) acabou também encantando o Sol. E o guerreiro de cocar de fogo fazia horas de meio-dia sobre o Itaguaré...

A Lua mal surgia sobre a serra, já sumia acolá. Logo não havia noite. O Sol não se punha mais e não havia sonho, não havia sono. E tão perto vinha o Sol beijar a amada que os pastos se incendiavam, a capoeira secava e ferviam os lamaçais... De tênues penugens de prata, plumas alvas de cegonhaçu, a Lua viu que estava ameaçada por uma simples mulher. O Sol, que na Oca do Infinito já lhe dera tantas madrugadas de prazer, tantas auroras de puro gosto, apaixonara-se por uma mulher...

E foi contar tudo para Tupã. E tanto, que Tupã quis saber o que era que a Lua, cheia de ódio crescente de ciúme, minguando de dor, fez-se um novo ser de noite sem lua. Como uma simples mulher ousou amar o Sol? Como o Sol ousou ter tempo para amar alguém? Que ele nunca mais a visse! Mas o Sol tudo vê!...

Tupã ergueu a maior montanha que existia lá e dentro dela encerrou a princesa encantada da brava tribo guerreira do povo tupi. O Sol, de dor, sangrou poentes e quis se afogar no mar. A Lua, com a dor de seu amado, chorou miríades de estrelas, constelações e prantos de luz. Mas nenhum choro foi tão chorado como o da princesinha, tão bela, que nunca mais pôde ver o dia, que nunca mais sentiria o Sol...

Ela chorou rios de lágrimas: rio Verde, rio Passa Quatro, rio Quilombo, rios de águas límpidas, minas, fontes, grotas, enchentes, corredeiras, bicas, mananciais. Seu povo esqueceu seu nome, mas chamou de Amanतिकir, Mantiqueira, a 'serra que chora', a montanha que a cobriu... Conta a lenda que foi assim".

Uma morte trágica

Lucinda Aparecida Alves relatou o seguinte fato, acontecido em Marmelópolis e presenciado por ela:

“Em 1974 eu estava com 13 anos de idade e presenciei a morte trágica da minha avó materna, a Sra. Maria Aparecida Ribeiro, conhecida como Fia do João Bruno. Era por volta de 11 horas da manhã, do dia 7 de outubro, minha avó estava almoçando quando o noivo da minha tia, um policial que morava em Marmelópolis há pouco tempo, chegou da rua bêbado, pegou o revólver e começou a brincar com a arma, dizendo que não estava carregada. Ele atirou duas vezes do lado da porta e minha avó disse:

— Pare com isso, meu filho! Com arma de fogo não se brinca!

Ele respondeu:

— Não se preocupe, não tem munição.

Então atirou mais uma vez, em direção a minha avó. Nesse momento a arma disparou de verdade acertando minha avó, que deu um grito e caiu ao lado do fogão. Quando percebeu o que havia feito, o policial ficou desesperado. Eu comecei a gritar, achando que minha vó havia apenas desmaiado, pois não vi sangue algum. Minha mãe veio correndo para ver o que estava acontecendo, enquanto isso o policial entrou no quarto, recarregou o revólver, saiu para o quintal transtornado, dizendo:

— Eu não acredito que matei nossa mãe!

Ele tinha realmente uma grande consideração por ela, inclusive a chamava de mãe, o que aconteceu foi uma fatalidade. No quintal ele apontou a arma para a própria cabeça e atirou, caindo ali mesmo, na minha frente.

Minha avó morreu no local, enquanto o policial foi socorrido e levado para o hospital, mas também não resistiu.

Esse foi um fato que abalou toda a população, pois minha avó era uma pessoa muito querida na cidade”.

Incêndio

José Carlos Moraes contou, em entrevista, uma história que marcou muito a sua vida. Aos 4 anos de idade ele e suas irmãs, Teresa e Maria, estavam sozinhos em casa. O pai estava trabalhando na lavoura e a mãe estava tirando leite das vacas, para fazer os queijos que vendia em casa.

Foi então que as irmãs começaram a brincar com caixas de fósforos, riscavam os palitos e jogavam para cima, dizendo que eram foguetes. Ele queria muito brincar também, mas elas não deixavam, pois ele ainda era pequeno para brincar com fogo. Então ele esperou que elas guardassem as caixas de fósforos, subiu no forno do fogão à lenha, pegou uma das caixas e saiu para o quintal. Quando riscou o primeiro palito e jogou para cima, este caiu sobre o telhado da casa, que era feita de pau a pique e coberta com capim sapé. Como estavam no mês de agosto, há tempos não chovia e o ar estava muito seco. Então o fogo se espalhou facilmente.

Maria, a irmã mais velha, saiu correndo para chamar a mãe, mas o mangueiro onde ela tirava leite ficava longe da casa. Enquanto isso Teresa, a outra irmã, foi tirando os colchões de palha das camas e jogando no quintal. Arrastou também a canastra, um baú onde eram guardadas as roupas, e foi jogando o que pode no quintal, para não queimar. Por fim ela tirou o irmão Ditinho, que era bebê e estava dormindo na rede. Quando saiu com ele nos braços, todo o madeiramento da casa desabou em chamas, queimando tudo, inclusive as prateleiras cheias de queijos curados, feitos pela mãe.

Os vizinhos correram para ajudar. Chegaram ao mesmo tempo do pai e da mãe, mas já não podiam fazer nada. José Carlos sentiu tanto medo, que se escondeu embaixo do paiol de milho, em um espaço tão apertado que mal dava para entrar, e ficou lá até o cair da noite. Ouvia a mãe chamando seu nome, em desespero, mas não respondia. Quando começou a escurecer, ficou com medo e saiu do esconderijo. Sua mãe o abraçou aliviada e não deixou que o pai batesse nele.

A família teve que se mudar para uma casinha bem velha, que ficava perto do mangueiro, até que a casa fosse reconstruída.

Fogão à lenha

Sebastião Coura contava um fato que marcou sua infância, no bairro Sertão, nos tempos da Queimada:

Naquele distrito todas as casas tinham fogão à lenha. Além de servir para cozinhar, aquecia o ambiente nos dias mais frios. Naquela época a maioria das famílias era numerosa, os casais tinham muitos filhos e eram as mães que costuravam as vestimentas das crianças, pois era difícil comprar roupas prontas para todos. Para facilitar, confeccionavam roupinhas,

parecidas com vestidos, para todas as crianças pequenas, meninos e meninas. Somente os meninos maiores usavam calças.

Em um dia muito frio uma mãe acordou bem cedinho, para preparar o café. Acendeu o fogão à lenha e foi cuidar dos afazeres, pois tinha que preparar as coisas que o marido levaria para a roça. Um dos filhos pequenos se levantou e sozinho conseguiu subir no fogão. Para se aquecer ficou bem pertinho do fogo. Quando a mãe voltou para a cozinha viu uma cena horrível: a roupa da criança estava pegando fogo. Desesperada tentou apagar as chamas, mas não houve tempo de salvá-la. O pequeno menino faleceu devido às gravíssimas queimaduras.

Essa situação comoveu a todos e fez com que outras famílias ficassem alertas em relação às crianças pequenas.

O tesouro

No bairro hoje chamado de Cata dos Marins houve, no passado, extração de ouro. Os escravos trabalhavam o dia inteiro no garimpo e o ouro encontrado era colocado em barris, para depois ser levado por tropas até o rio Grande do Sul. Alguns escravos tentavam esconder algumas pedrinhas de ouro, mas era quase impossível, pois eram constantemente vigiados

Certa noite um escravo decidiu voltar ao lugar onde os barris com o ouro estavam guardados. Seu objetivo era pegar um dos barris e fugir. E assim ele fez. Fugiu da senzala, em Queimada, e caminhou, sozinho, até a Cata. Pegou o barril mais pesado que conseguiu carregar, entrou na mata e o escondeu. Depois voltou para a estrada, mas um capataz o encontrou e, como ele não quis revelar o esconderijo do barril, foi morto ali mesmo.

Procuraram o barril por vários dias, mas este nunca foi encontrado. Dizem que a alma do escravo aparece em certas noites, na beira da estrada, com a proposta de revelar o esconderijo do ouro. Porém, para fazer a revelação, ele precisaria da presença de duas pessoas: uma delas sairia livre para pegar o tesouro enquanto a outra teria a sua alma eternamente presa, junto ao escravo, no local onde ele foi assassinado.

Colchão de palha

No início, as casas de Queimada eram muito simples, construídas de pau a pique, com móveis feitos de madeira rústica pelos próprios mo-

radores. As camas consistiam em pedaços de pau fixados ao chão (chamados de tarimbas) e, sobre eles, colchões feitos com palhas de milho.

Havia um casal com dois filhos pequenos. Na casa havia duas camas: uma para o casal e outra para meninos. O menino menor fazia xixi na cama, quando dormia à noite. Por isso todos os dias a mãe colocava o colchão ao sol, para secar. No quintal havia um grande amontoado de lenha para abastecer o fogão. A mãe colocava o colchão em cima dessa lenha, de manhã, e o recolhia à tarde, antes do pôr do sol.

Certa noite os meninos começaram a reclamar que um estava beliscando o outro. O pai, cansado do trabalho e precisando dormir, irritou-se com a reclamação das crianças, pegou um cinto e deu-lhes uma surra. Então os dois ficaram quietos.

No dia seguinte, como as crianças estavam demorando para acordar, a mãe foi ver o que estava acontecendo e encontrou os meninos sem vida. No canto do colchão avistou uma cobra, um urutu, todo enrolado. Foi quando percebeu que os meninos não estavam se beliscando, mas foram picados pela cobra. Os pais ficaram desconsolados. Essa tragédia alertou as famílias que tinham o hábito de colocar colchões e outros objetos sobre montes de lenha.

O caso do pilão

Na casa do Sr. João Bruno Ribeiro havia um pilão de madeira, bem grande e pesado, que pertenceu ao seu avô, o Capitão Neco, e fora usado pelos escravos, para socar café.

Certo dia um compadre seu brincou, dizendo:

— Qualquer noite dessas vou vir aqui para roubar o seu pilão!”

E ele respondeu:

— “Se você conseguir carregá-lo, pode levar”.

Passados poucos dias o compadre, que era sonâmbulo, levantou-se



no meio da noite e foi até a casa do amigo. Colocou o pilão nas costas e foi caminhando, em retorno a sua casa. Ao atravessar o córrego que havia no caminho, escorregou e caiu na água, acordando imediatamente.

No dia seguinte foi bem cedo chamar o Sr. João para ajudá-lo a levar o pilão de volta pois, estando acordado, não conseguia sequer levantar a peça do chão.

Este pilão existe até hoje (foto na página anterior).

Sabão de cinzas

Um hábito comum entre os moradores da Queimada era a fabricação do sabão de cinzas, utilizando toucinho de porco. Esse sabão era bastante usado na época, inclusive para lavar os cabelos. Em sua composição não havia soda, apenas a gordura de porco, um pouco de cinzas e carqueja (uma planta medicinal de sabor amargo). Conta-se que essa produção era bem delicada, pois se chegasse alguma visita ou se alguém falasse algum palavrão durante o processo, a receita desandava e seriam necessárias muitas rezas para se conseguir o ponto novamente. Dona Benedita Célia Coura de Castro, moradora do bairro Cubatão de Cima, conta que quando isso acontecia, costumava colocar uma cruz, feita de palha de milho, na alça do tacho. Então ia rezando e apurando a mistura bem devagar, até conseguir o ponto desejado: uma massa consistente, que era dividida em porções arredondadas, chamadas “pães de sabão”.

Hoje a fabricação desse sabão não é muito comum, mas algumas pessoas ainda o fazem, como Maria do Carmo de Jesus, moradora do bairro Ponte Alta. Além dos ingredientes da receita original, ela acrescenta uma planta chamada Mato Chimango, que contribui para que o sabão adquira algumas propriedades curativas.

Duc-duc

Contam que há muito tempo um rapaz muito aventureiro e mal educado vivia em um sítio, com sua mãe. Moravam apenas os dois no lugar. Ele costumava sair para as festas, a cavalo, e só voltava altas horas da noite.

Em uma de suas aventuras aconteceu que, ao chegar em casa, estando embriagado, deixou o cavalo amarrado e arreado, sem água ou alimento, e foi dormir.

Sua mãe, com pena do animal, saiu da casa, tirou-lhe o arreio e o soltou, para que pudesse pastar e beber água. Quando o jovem acordou, querendo sair novamente com seu cavalo, ficou furioso ao saber que ela o havia soltado. Então começou a xingar e a gritar, dizendo que colocaria o arreio em sua própria mãe, mas que voltaria para festa de qualquer jeito. E muito enraivecido, saiu de casa novamente.

Nesse momento ouviu-se um grande estrondo e o rapaz se transformou em uma criatura horrenda. Daí em diante essa criatura passou a andar pelas redondezas, à noite, assombrando as pessoas. Dizem que quando ele chegava em frente às casas, dava um coice na porta e dizia: “Eduque, eduque seus filhos, porque minha mãe não soube me educar!”

Desde então, sempre que uma criança da época desobedecia aos pais, alguém logo dizia: “Cuidado com o DUC-DUC!”

O cavaleiro fantasma

Conta-se que em Marmelópolis existia um cavaleiro fantasma, que percorria o centro da cidade, nas noites de sexta-feira.

Ouvia-se o tilintar das ferraduras do cavalo, percorrendo as principais ruas da cidade. As poucas pessoas que conseguiram vê-lo, disseram que se tratava de um cavalo imenso e que não conseguiram identificar o cavaleiro, pois seu aspecto não parecia humano.

Assombração

Uma história local diz que um homem chamado José se casou com Joaquina e juntos construíram uma casa de pau a pique, no bairro Encosto, onde foram morar. Nessa casa começaram a ouvir estranhos barulhos à noite. Muitos outros acontecimentos inexplicáveis começaram a assustar o casal: colocavam o alimento para cozinhar e, ao destampar as panelas, havia estrume de cavalo sobre a comida; deitavam-se à noite para dormir e pedras cheias de lodo caíam, do telhado, sobre eles. Por fim o casal decidiu se mudar do lugar.

Capítulo 16

Da escassez à produção atual



Foto: José Renato Ribeiro

Plantação de marmeleiros dos irmãos Sebastião Carlos da Mota e João Batista da Mota, no bairro Veremos

Em Marmelópolis, nas décadas de 40 a 70 do século XX, a produção de marmelo era colossal. No entanto essa produção entrou em declínio na década de 1980. No início dos anos 90 já não havia nenhuma fábrica em funcionamento no município.

Muitos foram os fatores que contribuíram para essa queda tão repentina, entre eles o período de descanso necessário entre as safras e também as mudanças climáticas. No início do plantio e das grandes safras, as estações do ano eram bem definidas em relação à distribuição de chuvas

e, com o passar dos anos, o índice pluviométrico foi diminuindo. O frio também era mais intenso e o aquecimento, embora pequeno, prejudicou as plantações.

As fábricas não ofereciam estímulo aos produtores que, por sua vez, não procuravam aprimorar as técnicas de produção. A falta de incentivo e de assistência do governo aos fruticultores, para que a região mantivesse o nível de produção, bem como a criação de cooperativas locais que realmente levassem em conta os interesses dos lavradores, foram motivações importantes para a queda da produtividade.

Outro fator relevante para a queda da produção foi a economia predatória, colocada por algumas indústrias a vários produtores. Estes recebiam sulfato de cobre e cal das fábricas, no início do cultivo. Ao findar a colheita o preço desses defensivos, estipulado pelas fábricas, era descontado já no peso das frutas. Essa prática desestimulou os produtores, pois seu lucro se tornava muito baixo. Quanto aos operários das fábricas e dos marmelais, a situação foi descrita da seguinte maneira por um dos entrevistados: “Meu pai trabalhou para ele (dono de fábrica e produtor de marmelo) a vida toda, recebia por dia trabalhado. Naquele tempo era assim, ninguém tinha carteira assinada, nem férias, nem décimo terceiro salário, nada disso. O patrão era muito bom para nós, pagava direitinho, nunca deu prejuízo a ninguém”.

Com a transformação da economia e a hiper inflação, no fim da década de 70 e início dos anos 80, as fábricas passaram a importar frutas de outros países. Com isso a produção da região de Marmelópolis foi ficando estocada, ocasionando prejuízos e dívidas.

Associada a esses fatores, houve a introdução de variedades de doces (compotas de abacaxi, figo, pêsego entre outras) que começaram a ganhar espaço no mercado, fazendo o consumo da marmelada diminuir significativamente.

Produção atual

Entre os produtores atuais está o Sr. Darci Donizete Pereira. Para ele o cultivo do marmelo é uma tradição de família, que teve início com seu avô, José Francisco Pereira. Em seguida seu pai, Geraldo Torres Pereira, ampliou a plantação e nela trabalhou por muitos anos, chegando a 37 mil quilos da fruta por ano. Vendia a produção para a Colombo, Cica, Peixe e

demais fábricas de Queimada/Marmelópolis. Atualmente Darci colhe em média 6 mil quilos da fruta por safra. Com parte desse volume fabrica a marmelada caseira e a pinga com marmelo. O restante é vendido para a Fábrica Marmelópolis. Ele também produz mudas para comercializar. Os cuidados com a plantação são os mesmos de seus antepassados: pulverizar as árvores com sulfato de cobre e cal.

O Sr. Itúbio Vitoriano, hoje com 75 anos, também insiste no cultivo de marmelo e conta que trabalha com a fruta há mais de 60 anos. Atualmente sua lavoura fica no Bairro Sertão. Sempre trabalhou por conta própria, em seu sítio chamado “Sítio do Ipê Amarelo”. No início havia em seu pomar 1.200 marmeleiros e chegou a produzir 20 mil quilos em um ano. Atualmente são apenas 700 pés, que produzem de 8 a 10 mil quilos por safra. Na época em que a produção era grande ele pagava os tropeiros para levarem o marmelo, da lavoura até a fábrica Sertaneja. Com o fechamento das fábricas do município, passou a vender sua produção em outros lugares como Brasília, São Paulo e São Gonçalo do Pará-MG. Diz ele: “O que me motiva a manter a produção é o amor pelo trabalho, por isso cuido muito bem da lavoura, adubando-a quatro vezes por ano. Porém, a safra de 2022 foi toda perdida por falta de comprador.”

Outro produtor de marmelo da atualidade é César Lourenço Ribeiro Júnior, que colheu 3 mil quilos na última safra, sendo que suas plantações estão ainda em fase de formação. Sua meta é chegar a 10 mil quilos anuais. Quanto ao escoamento, as frutas selecionadas são vendidas no varejo, enquanto as demais são utilizadas para fazer a polpa, com a qual é produzida a conhecida “Marmelada do Ruy”. Seu tio Ruy vende o doce no comércio local e nas cidades circunvizinhas. César Júnior, o Juninho, tem parceria com a Universidade Federal de Lavras - UFLA, que fornece assistência técnica em poda, curativo, manejo e mudas. Em troca, a fazenda se torna um laboratório de pesquisa para os alunos da instituição. Segundo o produtor, sua maior motivação para persistir no cultivo do marmelo é a tradição de família, além da oportunidade de geração de renda pela fruta e derivados.

Paulo César Ribeiro deu continuidade à lavoura de seu pai, Jarbas, a partir de 2011. O que o motiva é a manutenção da tradição no município e principalmente a tradição familiar, pois foi criado com a lavoura de marmelo e a industrialização da fruta. No último ano produziu 3600kg, porém já teve produção de até 6500kg. As frutas são vendidas para a fábrica do

bairro Marques. Paulo César também fabrica a polpa com uma parte de sua produção e a vende no varejo.

Dentre as dificuldades citadas pelos produtores atuais, para manter o cultivo, destacam-se o elevado preço dos insumos, como o sulfato e o calcário e a dificuldade de escoamento da produção, pois nem sempre conseguem vender tudo o que é produzido e, quando conseguem, o lucro é muito baixo.



Capítulo 17

Natureza



Uma das quedas da Cachoeira dos Padres

O município de Marmelópolis possui forte potencial para o ecoturismo. Entre suas belezas naturais destacam-se as belas e imponentes cachoeiras, que com seu borbulhar incessante, formam alguns lagos, após magníficas cascatas. As principais cachoeiras do lugar são: Cachoeira dos Padres, Cachoeira de Santo Isidoro, Cachoeira dos Martins, Cachoeira do Cubatão, Cachoeira do Jacu, Cachoeira de São Bento e Cachoeira de Santa Bárbara.

O clima de Marmelópolis está entre os mais frios do Brasil. Nos meses de inverno as geadas cobrem boa parte da vegetação, compondo um belo cenário. Entretanto, na época das floradas de marmelo, pêsse-

go e ameixa, os vales se enchem de flores, oferecendo um espetáculo ímpar. A criação de trutas também é favorecida pelo frio e pela pureza das águas.

O município é bastante procurado por turistas, pois oferece várias opções de escalada em picos da Mantiqueira. Diversas trilhas, abertas em meio à vasta vegetação, seduzem as pessoas que apreciam tais passeios. A contemplação da belíssima paisagem e a observação da flora e da fauna encantam a todos. As montanhas são muito procuradas por montanhistas de todo o Brasil, principalmente nos meses de pouca chuva, quando as condições são ideais para a realização de travessias e acampamentos. Os principais picos são o Pico dos Marins (divisa entre SP e MG), o Marinzinho e o Itaguaré. Também são desafios para os amantes de aventura a Pedra Redonda e a Pedra Montada.



Cachoeira do Cubatão

A paisagem local tem sido fonte de inspiração para escritores e poetas. Marco Antonio Ribeiro Coura, em seu livro “Fragmentos de mim – divagações e experiências em tom de poesia”, nas páginas 70 e 71, descreve:

*“Escondido entre as montanhas
No sul de Minas Gerais
Há um refúgio sereno
Que transmite tanta paz.*

*Como pode essa cidade
Na Serra da Mantiqueira
Apesar de pequenina
Ser tão gentil e hospitaleira?*

*Repleta de lindos montes,
Com riachos, cachoeiras...
E a harmonia da passarada
Em suas matas preservadas.*

*Pecuária, frutos, vegetais,
Trutas, queijos variados...
Produtos artesanais...
Cardápios bem temperados.*

*Por mais que o inquieto progresso
Ali já tenha aportado
Sua gente ainda conserva
Os costumes do passado.*

*Por lá são apreciados
Botinas, chapéus de palha,
Cavaleiros, bois de arado,
Converseios despreocupados.*



Alto da Cata dos Marins

*O frio de altitude
E o calor de sua gente
São o maior tesouro
De um povo tão envolvente.*

*Lá a vida se desenha
Sentado no banco da praça
Ou tomando um café
Junto ao fogão à lenha.*

*Essa amada cidade
Tal qual moda de viola
Irradia simplicidade
E transborda serenidade.*

*Marmelópolis, querida!
Que orgulho ser teu filho!
Filho teu, por toda a vida..."*

Não encontrando palavras para descrever as belezas de tal natureza, este capítulo será dedicado às imagens, que possibilitam contemplar locais tão belos que parecem ter sido esculpidos, primorosamente, pelo próprio Criador.

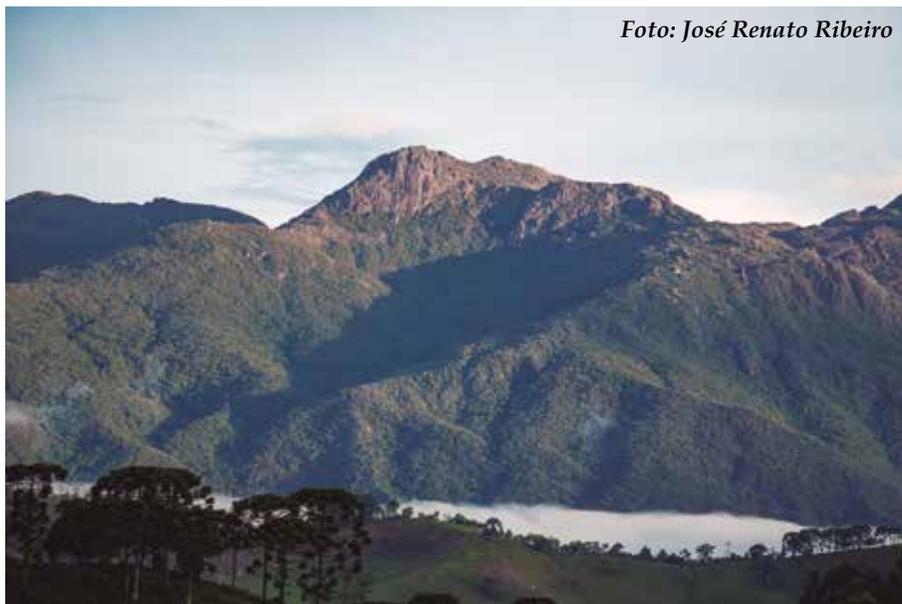


Foto: José Renato Ribeiro

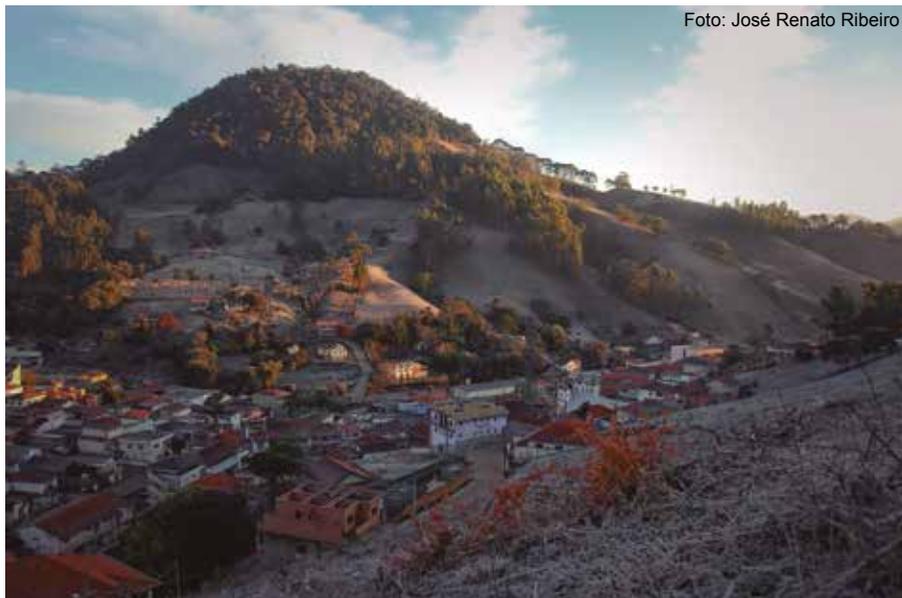
Pico do Marinzinho 2.432m de altitude

Foto: José Renato Ribeiro



Manhã de Geadas no bairro Cata dos Marins (maio/2020)

Foto: José Renato Ribeiro



Geadas no Centro de Marmelópolis (Julho/2021)

Foto: José Renato Ribeiro



*Acima, Pedra Montada
Abaixo, Cachoeira Água Branca, na Serra dos Ramos*



Foto: José Renato Ribeiro

CAPÍTULO 18

Entrevistados e colaboradores

Pessoas entrevistadas

A história de um lugar tem relação direta com seus habitantes atuais. Sendo a História uma ciência que estuda a vida do ser humano através do tempo, ela investiga o que as pessoas idealizaram, o que realizaram e o que sentiram enquanto seres sociais.

A história é construída não somente por líderes, mas por todas as pessoas comuns, que de alguma forma marcaram a vida de uma comunidade. Ela é feita não só de heroísmos ou atrocidades, mas também de pequenos atos e de grandes realizações. A história é viva! Constrói-se por cada pessoa e todas são responsáveis por sua composição.

Cada cidadã, cada cidadão, que viveu, ou vive em Marmelópolis, foi importante para a construção da história do lugar e, de algum modo, contribuiu para que o município tenha se tornado o que é atualmente.

As entrevistas realizadas para a construção deste memorial foram indispensáveis para retratar as vivências e o modo de vida dos habitantes de Queimada, bem como o desenvolvimento local. A memória, como fonte histórica, permitiu o conhecimento dos anseios, das crenças, dos sonhos e das lembranças dos habitantes de Queimada e da emancipada Marmelópolis.

Vale ressaltar que memória e lembrança não têm o mesmo sentido. A lembrança remete a uma experiência individual de qualquer acontecimento. A memória, por sua vez, não é necessariamente uma experiência pessoal, pois pode reproduzir uma visão compartilhada do passado e, mesmo quem não vivenciou, pode ter conhecimento dos fatos de outrora.

A todos aqueles que doaram parte do seu tempo e sua atenção, para a concretização deste projeto, todos os agradecimentos, respeito e admiração.

ração em nosso simples “muito obrigado” ou, melhor ainda, nosso “Deus lhe pague”:

- ✎ Amauri Ramos, colecionador de objetos antigos no bairro Capelinha dos Marins.
- ✎ Ana Lúcia de Oliveira, professora, integrante do 1º time de futebol feminino de Marmelópolis.
- ✎ Ana Maria da Silva Alves, 72 anos, produtora de xaropes caseiros.
- ✎ Ana Maria Martins de Oliveira, 69 anos, professora aposentada, filha de José Camargo (importante pedreiro na construção de Queimada).
- ✎ Ana Paula Ribeiro Mota, membro da Associação Marmelopense “Caminhos do bem”.
- ✎ Antônio Carlos Lacerda Ribeiro, ex-prefeito de Marmelópolis, filho de Joaquim Lourenço (primeiro intendente do município).
- ✎ Antonio Frederico Ribeiro, 76 anos, bisneto de Capitão Neco.
- ✎ Antônio José de Castro, 74 anos, agricultor do bairro Cubatão de Cima.
- ✎ Antônio José Ribeiro Alves (Loirinho), funcionário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marmelópolis há 35 anos.
- ✎ Antônio Raimundo Ramos, 72 anos, produtor de cangalhas no bairro Capelinha dos Marins.
- ✎ Áurea Maria de Sene, 71 anos, ex-moradora do bairro Serra dos Alves, coordenadora da capela Sagrada Família por muitos anos.
- ✎ Bendito Mauro de Souza, 71 anos, funcionário da CICA por 10 anos, tabelião do Cartório de Registro Civil Tabelionato e Notas de Marmelópolis.
- ✎ Benedicto Ribeiro Neto, 80 anos, primeiro funcionário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marmelópolis.
- ✎ Benedita Célia Coura de Castro, 72 anos, moradora do bairro Cubatão de Cima.
- ✎ Benedito José Coura, ex funcionário dos bancos BEMGE e do Sicoob.
- ✎ Benedito Ribeiro da Fonseca (Dito do Tião), 77 anos, comerciante, neto de Francisco Bruno Ribeiro.
- ✎ Benedito Ribeiro Fortes, 93 anos, grande produtor de marmelo e pecuarista, filho de José Ovídio Ribeiro e neto de Manoel Fortes, patriarca do

bairro Cubatão.

- ✿ Catarina Zélia Coura Martins, moradora do bairro Ponte Alta, 71 anos.
- ✿ Celia Ribeiro, filha do Dr. Fuad Seraphin (primeiro médico a atender em Queimada) e Dona Lia (filha do Luiz Veremos).
- ✿ César Augusto Machado, 58 anos, filho do ex-prefeito Francisco de Sales Machado e neto de Genaro Machado (“farmacêutico”).
- ✿ César Lourenço Ribeiro Júnior, produtor rural, graduado em Sistema de Informação (FEPI), Pós graduado em Gestão de Segurança da Informação (ITA).
- ✿ Clementino Donizetti Pinto, 67 anos, morador do bairro Ponte Alta, filho do doador do terreno para construção da Capela de Santana.
- ✿ Cleusa Maria Alves da Silva, 60 anos, integrante dos primeiros times de Vôlei e Futebol Feminino de Marmelópolis.
- ✿ Conceição Maria da Fonseca (Araceli), 86 anos, ex-moradora do bairro Porteira da Vargem.
- ✿ Crimério José da Silva, comerciante, professor de datilografia, filho do ex-prefeito Carlos Acelino da Silva.
- ✿ Daniel de Sales Machado, 60 anos, neto de Genaro Gonçalves Machado e filho do ex-prefeito Francisco de Sales Machado.
- ✿ Daniela Cristina de Sousa Leite, advogada, funcionária do Cartório de Registro Civil, Tabelionato e Notas de Marmelópolis.
- ✿ Darci Donizeti Pereira, atual produtor de marmelo.
- ✿ Dr. Luiz Martinho Gomes, Médico Ginecologista e Cirurgião Geral, filho de Evaristo Gomes, proprietário da Fábrica Santa Rita.
- ✿ Ederson D’avila Barcellos de Souza, 43 anos, Ancião da Congregação Cristã do Brasil em Marmelópolis.
- ✿ Edna Joana Andriotti Dolfini, criadora da ACAM (Associação de crocheiteiras de Marmelópolis - 1986/2004)
- ✿ Expedito Magalhães Ribeiro, 88 anos, médico e farmacêutico, foi professor na Faculdade de Enfermagem Wenceslau Braz, diretor da Faculdade de Medicina e do Hospital de Itajubá, proprietário e gestor da Industrializadora de Frutas Cubatão.
- ✿ Felomena Gonçalves da Fonseca, 84 anos, trabalhadora rural, descendente de indígenas.

- ✎ Flávio Augusto Ribeiro, treinador de futebol e coordenador da fanfarra.
- ✎ Francisca Ribeiro Martins, 86 anos, primeira pessoa a ser batizada na Igreja Assembleia de Deus de Marmelópolis.
- ✎ Francisco de Paula Ribeiro, 89 anos, neto de Antônio Wenceslau, filho de Joaquim Veremos.
- ✎ Francisco de Paula Rodrigues Batista, 59 anos, neto do Sr. Chiquinho Lemes.
- ✎ Francisco Lemes Simões (Chico Galo), 80 anos, padeiro há 55 anos, comerciante mais antigo de Marmelópolis.
- ✎ Francisco Lourenço Ribeiro de Carvalho (Kiko), 63 anos, morador do bairro Correias de Baixo, coordenador da capela São Lourenço.
- ✎ Francisco Sérgio Ribeiro, artesão em couro.
- ✎ Genil do Espírito Santo, 73 anos, moradora do bairro Mingü.
- ✎ Geralda Ferreira, 78 anos, auxiliar de Enfermagem aposentada, primeira baiana do Carnaval de Marmelópolis.
- ✎ Gustavo Uchôas Guimarães, professor de História, pesquisador em História Indígena e escritor. Graduado em Normal Superior, História e Sociologia. Pós-graduado em Metodologia do Ensino de História e Geografia e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Cursando mestrado em Ciências da Educação (Assunção/Paraguai).
- ✎ Horlando Ribeiro Alves, 65 anos, filho de Antônio Teixeira (primeiro açougueiro de Queimada)
- ✎ Ismael Carlos de Oliveira, guia turístico da Mantiqueira credenciado pelo ICMBio/USP, capacitado em Condução de Turista em Áreas Remotas, Primeiros-socorros e Resgate em Áreas Remotas, Brigadista Florestal.
- ✎ Itubio Vitorino, 75 anos, produtor de marmelos há 60 anos.
- ✎ Jairo Ribeiro da Silva, 64 anos, auxiliar administrativo aposentado da Prefeitura Municipal, ex-funcionário do antigo Banco BEMGE.
- ✎ João Ribeiro de Sene, 96 anos, proprietário da Fábrica Ribeiro Sene, comerciante, juiz de Paz, auxiliou no processo de emancipação do município e foi vereador.
- ✎ Joaquim Alves de Sene, 84 anos, ex-morador do bairro Serra dos Alves, pecuarista e produtor de balaios e jacás.
- ✎ Joaquim Martins de Oliveira, ex-vereador, produtor rural, morador do bairro Ponte Alta, 76 anos.

- ✦ Jonas Geraldo dos Santos, 68 anos, morador do bairro Porto Velho.
- ✦ José Alves Filho (Zé Grande), 73 anos, integrante da antiga banda da cidade.
- ✦ José Carlos de Moraes, 66 anos, ex-morador do bairro Serra dos Ramos, descendente de indígenas.
- ✦ José Carlos Ribeiro, 55 anos, morador do bairro Sertão, auxiliar administrativo da Prefeitura Municipal na área da Educação.
- ✦ José Francisco da Mota Filho (Zezinho Lúcio), 83 anos, morador do bairro Correias de Cima, produtor de balaio e jacás.
- ✦ José Francisco Fernandes, Engenheiro Elétrico, neto de Francisco de Paula Rodrigues (Chiquinho Lemes).
- ✦ José Gaspar da Silva, 82 anos, morador do bairro Sertão, gerente da fábrica Sertaneja por 10 anos.
- ✦ José Raimundo Ribeiro da Mota, comerciante em Marmelópolis há 52 anos.
- ✦ Josias Fonseca Simões, Pastor da Igreja Assembleia de Deus.
- ✦ Lucas Rodrigues, 80 anos, bisneto do Capitão Neco, neto de José Bertolino Ribeiro, proprietário de um museu no Bairro dos Marins, Piquete-SP.
- ✦ Luciene Aparecida Ribeiro, 63 anos, bisneta de Capitão Neco, proprietária de diversos documentos e objetos relacionados a história de Queimada.
- ✦ Lucinda Aparecida Alves Américo, 61 anos, bisneta de Francisco Bruno Ribeiro.
- ✦ Luiz Antônio Ribeiro de Assis, Consultor Agrícola, neto do ex-prefeiro Luiz de Assis Ribeiro
- ✦ Luzia Aparecida Fortes, 70 anos, crocheteira e merendeira aposentada da Escola Estadual Albano de Oliveira.
- ✦ Manoel Caio da Silva, 88 anos, pedreiro responsável pela construção de várias obras na cidade.
- ✦ Manoelina Ribeiro de Oliveira, 90 anos, trabalhou em lavouras e fábricas, além de quebrar pedras na margem do rio para fornecer aos vendedores de material de construção.
- ✦ Marcelo Miranda, artesão em couro.
- ✦ Marco Coura, pedreiro, construtor da Capela Nossa Senhora de Fátima no bairro Sertão.
- ✦ Margarida Ribeiro (Margarida Alípio), 90 anos, ex tropeira.

- ✿ Maria Alice de Freitas, 53 anos, moradora do bairro Bengalal.
- ✿ Maria Aparecida de Freitas Silva, 62 anos, ex-moradora do bairro Bengalal.
- ✿ Maria Aparecida Ribeiro, 76 anos, bisneta de Capitão Neco, costureira e artesã, especialista em bordados.
- ✿ Maria Aparecida Silva Nunes, 68 anos, ex-funcionária da Agência dos Correios.
- ✿ Maria Auxiliadora Diniz, 72 anos, funcionária aposentada da agência dos Correios.
- ✿ Maria Benedita Ribeiro, 70 anos, integrante do primeiro coral da Igreja Católica de Marmelópolis.
- ✿ Maria da Glória Ribeiro Swetlishoff, filha de João Chagas.
- ✿ Maria das Graças Ferreira Evangelista, 58 anos, sócia do Laticínio Ferreira e Silva Ltda, no bairro Capelinha dos Marins.
- ✿ Maria das Graças Lima, 70 anos, membro da Conferência São Vicente de Paulo.
- ✿ Maria do Carmo de Jesus Pinto, 63 anos, coordenadora da capela de Santana no bairro Ponte Alta.
- ✿ Maria Goretti Ribeiro, 64 anos, filha de Joaquim Bebiano Ribeiro, irmã do ex-prefeito Benedito Bebiano.
- ✿ Maria José de Oliveira, 72 anos, trabalhadora nas lavouras e fábricas de marmelo, filha de João Crisóstomo, descendente de Francisco Bruno Ribeiro.
- ✿ Maria José Nazareth, 72 anos, artesã de crochê e bordados.
- ✿ Maria Nazareth de Freitas, 88 anos, funcionária das fábricas de polpa de marmelo (Colombo, Cica e Cooperativa).
- ✿ Maria Rezeck Uebe, 99 anos, filha de Assad Uebe (primeiro comerciante de Queimada) e mãe de Rubens e Saliman Rezeck (proprietários da Fábrica Santa Rita)
- ✿ Marlene Diniz Gonçalves, 46 anos, moradora do bairro Retiro.
- ✿ Marta Diniz Gonçalves, 73 anos, ex-moradora do bairro Retiro.
- ✿ Mauro Ribeiro da Mota, 72 anos, funcionário da Câmara de Vereadores de Marmelópolis.

- ✦ Moisés Ribeiro Cunha, produtor de marmelada e sócio da Fábrica Marmelópolis.
- ✦ Monsenhor José Catarino Umbelino, 86 anos.
- ✦ Natalice Bezerra, 77 anos, primeira Secretária da Prefeitura de Marmelópolis, comerciante, filha de Joaquim Lourenço, proprietário e gestor da Indústrias de Polpa Delfim, primeiro vereador de Queimada e primeiro intendente de Marmelópolis
- ✦ Osmar Cosme dos Santos, 63 anos, artesão em madeira.
- ✦ Osvaldo Amâncio de Oliveira, 84 anos, produtor de balaios e jacás, descendente de Francisco Bruno Ribeiro.
- ✦ Otávio Alves Ribeiro, 77 anos, produtor rural, neto de Francisco Bruno Ribeiro.
- ✦ Otávio Ribeiro Cunha, 68 anos, neto de Manoel Frederico Ribeiro.
- ✦ Padre Geraldo Barbosa de Mendonça.
- ✦ Padre Nelson Ribeiro de Andrade.
- ✦ Paulo César Ribeiro, contador, atual produtor de marmelo.
- ✦ Rafael Rezeck, filho de Rubens Rezeck e sobrinho se Saliman Rezeck, sócios da Fábrica Santa Rita
- ✦ Ramon José Cardoso Ribeiro, graduado em Engenharia Civil – UNIFEI e em Economia – FEA/USP, Master Off Business Administration- Universidade de Dallas.
- ✦ Reinaldo Assis dos Santos, 43 anos, comerciante e artesão em couro.
- ✦ Renildes Souza, ex-funcionária aposentada do IMA (Instituto Mineiro de Agropecuária), produtora de marmelada caseira.
- ✦ Rodrigo Nunes, historiador e jornalista, escritor da trilogia Operação Marins.
- ✦ Ronaldo Silva Ribeiro, 62 anos, técnico em instalação de antenas de TV.
- ✦ Rosa Aparecida Vitorino de Marins, 77 anos, artesã especialista em flores de palha e de papel.
- ✦ Sebastião Ribeiro (Tião Miguel), 89 anos, grande produtor de marmelo nas décadas de 1960 à 1980.
- ✦ Sebastião Valdieres da Fonseca, artesão em couro.
- ✦ Sérgio Roberto Costa, professor de Língua Portuguesa e Linguística,

possui mestrado em Linguística – UNICAMP, doutorado em Linguística Aplicada – PUC/SP, pós-doutorado – Université Paris-Nanterre.

- ✦ Terezinha Ribeiro Borges, 80 anos, trabalhadora rural, provável descendente de indígenas.
- ✦ Vera Aparecida Sales Ribeiro, professora e supervisora, habilitada em Pedagogia – FEPI.
- ✦ Wânia Celina Nascimento, 63 anos, ex-funcionária da Biblioteca Municipal.

Colaboradores

A realização deste livro só foi possível graças às pessoas que confiaram no projeto e colaboraram com seus executores, compartilhando informações, documentos e imagens. A todas estas pessoas, muita gratidão:

- ✦ Adailma Maria Fortes
- ✦ Ana Lúcia Ribeiro da Silva
- ✦ Antonio Marcos Coura de Castro
- ✦ Cátia Cilene Martins Pereira Ribeiro
- ✦ Cláudia Mara Bezerra Ribeiro
- ✦ Cleber Júlio Ribeiro
- ✦ Cléber Oliveira
- ✦ Dalva Aparecida dos Santos Pereira Ribeiro
- ✦ Daniele Aparecida Leite Sobrinho
- ✦ Denise Bezerra
- ✦ Diogo Ferreira Santolia Cancela
- ✦ Eliana Aparecida Ribeiro
- ✦ Ivete Maria José Coura
- ✦ Janaína Simone de Oliveira Paes
- ✦ Jardel Luiz Ribeiro da Mota
- ✦ João Ribeiro de Sene Filho (Seninho)
- ✦ José Corrêa Sobrinho

- ✿ José Domingos da Fonseca
- ✿ José Lourenço Santana Ribeiro
- ✿ José Miguel Mendes
- ✿ Lúcia Maria de Jesus Pinto
- ✿ Marcianita Fortes Simões de Moraes
- ✿ Márcio André Ribeiro
- ✿ Márcio Aurélio Ribeiro Coura
- ✿ Marcos Vinícius Coura
- ✿ Maria Genilda Costa
- ✿ Michelle Thaís Ribeiro da Fonseca
- ✿ Ricardo Mendes Penido
- ✿ Ronaldo Francisco da Silva Alves
- ✿ Ronaldo Júnior Campos
- ✿ Valdélia Cristina Alves
- ✿ Vânia Lúcia Ribeiro Coura
- ✿ Zé Boladão (pseudônimo de um colaborador anônimo)

Colaboradora Textual: Vera Lúcia Coura Marins

Fotografia: José Renato Ribeiro

Apoio - Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Cultura e Turismo:

Bianca Alves Pereira

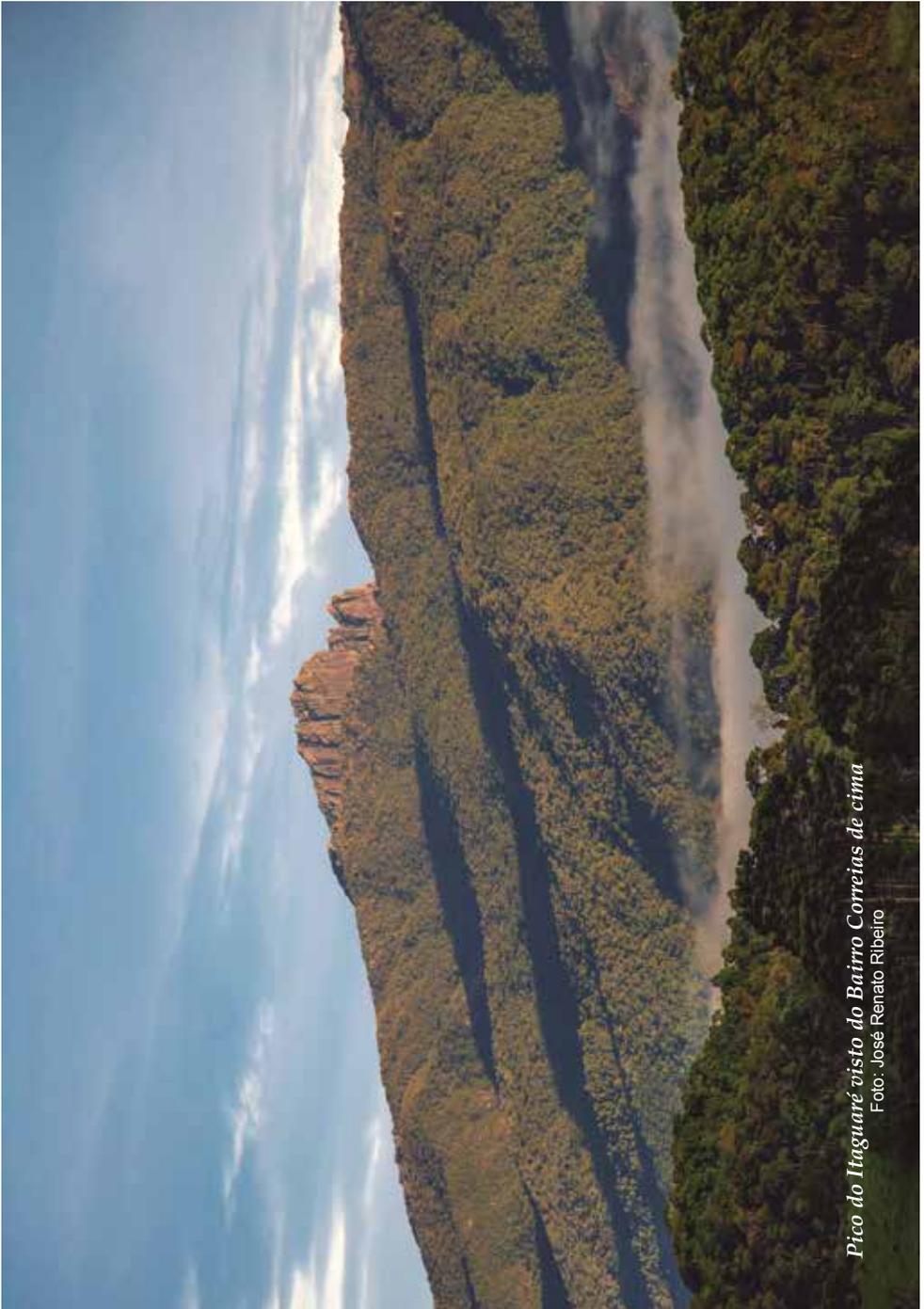
Juliano José da Silva

Samara Ribeiro de Carvalho Fernandes

Seja você também uma colaboradora ou um colaborador. Entre em contato conosco para prepararmos a próxima edição:

Email: historiamarmelopolis@gmail.com ou

Secretaria municipal de cultura e turismo - Rua José Acelino Silva,
18, centro - Telefone (35) 3625-1233



Pico do Itaguare visto do Bairro Corretas de cima

Foto: José Renato Ribeiro

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Augusto José – Trem de manobra – Editora Artes Gráfica Irmã Gino, 1ª edição, 1982.
- COSTA, Sérgio Roberto - De bar em bar – 2021 – Editora Lucel. Homenagens Póstumas – 2021 – Editora Lucel. Tempos idos e vividos- 2022 – Editora Beccalete.
- COURA, Marco Antonio Ribeiro – Fragmentos de mim. Divagações e experiências em tom de poesia - Editora Giostri - 1ª edição - 2021.
- GUIMARÃES, Gustavo Uchoas - Presença de indígenas no município de Virgínia - Um resgate da história indígena sul-mineira. XXIX Simpósio nacional de história, 2017 – publicado em https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502750574_arquivo_presencadeindigenasnomunicipiodevirginia.pdf
- MELO, Marcos A - A lenda do gigante adormecido - 2018, publicado em <https://nativo-puri.blogspot.com/2018/03/a-lenda-do-gigante-adormecido.html>
- MIZUKAWA, Maria Rita Ribeiro - Nosso Elo... do ouro ao marmelo - Editora do Brasil, 1ª Edição, 2002.
- SILVA, Marcos. PORTO, Amélia. FORTES, Ricardo - Minas Gerais, Arte, Cultura, História E Geografia - Editora do Brasil, 1ª Edição, 2014.
- SOUZA, Heitor Antunes. Esboço histórico dos municípios de Itanhandu e Itamonte. Gráfica São José, 1950.
- Acervo da Câmara Municipal de Marmelópolis - Galeria de Prefeitos, Vice Prefeitos e Vereadores e Livro de Atas.
- Arquivo pessoal de Alzília Antonia Alves Pinto: trabalho de pesquisa “Capelinha dos Marins, caminhando pela história...” 2008.
- Arquivos pessoais de Ana Flávia Ribeiro Coura: Trabalho de pesquisa de Introdução aos Estudos Históricos “Marmelo, o ouro de Marmelópolis” - FEPI, 1998. Trabalho do “Projeto Memórias” prêmio Victor Civita “Memórias do Nosso Povo”, 2006. Anotações particulares de Dulce de Souza Ribeiro Coura.
- BARROS, Arthur Victor. VILELA, Márcio Ananias Ferreira. NUNES, Fernanda Silva. Marmelada de tomate: as relações de trabalho a partir do

“sistema de parceria” na Fábrica Peixe (Pesqueira/Pe). (PDF) Marmelada de tomate: as relações de trabalho a partir do “sistema de parceria” na Fábrica Peixe (Pesqueira/Pe) | Arthur V Barros - (https://www.academia.edu/50326985/Marmelada_de_tomate_as_rela%C3%A7%C3%B5es_de_trabalho_a_partir_do_sistema_de_parceria_na_F%C3%A1brica_Peixe_Pesqueira_Pe)

Marmelada Branca (Peixe) - 1949 - Propagandas Históricas | Propagandas Antigas (<https://www.propagandashistoricas.com.br/2021/09/marmelada-branca-peixe-1949.html> - pesquisa realizada em 10 de junho de 2022 as 22:34)

Construtores de Nossa História, Secretaria Municipal de Educação de Delfim Moreira, 2012, Editora Diarrarte, 1ª Edição

Histórico do Município De Marmelópolis - Deac - Prefeitura Municipal De Marmelópolis, 1995

Livro de Atas da Escola Estadual Albano de Oliveira.

Memórias, nos rastros da Mantiqueira, Unipac Delfim Moreira, 2005.

Regimento Escolar das escolas da Rede Municipal de Educação de Marmelópolis.

Revista do Instituto histórico e geográfico de São Paulo, 1914, página 22, publicado em www.brasilbook.com.br/r.asp?r=20127

Revista Panorama Rural, A Revista do Agronegócio maio de 2001, Página 42 “A cidade onde o marmelo foi rei”.

Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração, “As crocheteiras de Marmelópolis”, abril 1999, nº 4, ano LXII.

Vídeo “Sr. Cesar Lourenço e Histórias de Marmelópolis - MG - Serra da Mantiqueira!” Por Mateus C. Ribeiro, publicado em <https://youtu.be/FyoZVQNoVcY>, janeiro de 2021.

<https://www.congregacaocristanobrasil.org.br/>

Assembleias de Deus no Brasil – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

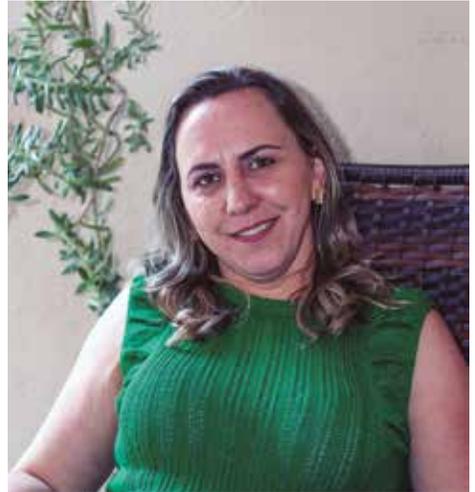
Alzília Antônia Alves Pinto

Graduada em Normal Superior

UNIPAC - 2008

Pós graduada em Psicopedagogia e Supervisão Escolar - 2016

Professora na Escola Municipal Professor Francisco Bruno Ribeiro



Ana Flávia Ribeiro Coura

Graduada em História pela FEPI -2000

Graduada em Pedagogia pela UNIMES - 2014

Pós Graduada em Educação Inclusiva - 2009

Pós Graduada em Supervisão Escolar - 2012

Pós Graduada em Biblioteconomia – 2021

Professora na Escola Municipal Professor Francisco Bruno Ribeiro

Supervisora na Escola Estadual Albano de Oliveira



Memorial em comemoração aos 60 anos de emancipação política

DISTRIBUIÇÃO

GRATUITA

VENDA PROIBIDA

ISBN: 978-65-84606-06-7

